



REVISTA DA

UNIFEBE



edição

# Saúde & Bem-Estar

Revista de Divulgação Científica do Centro Universitário de Brusque | Número 26 - 2022 | ISSN 1679-8708

Rua Dorval Luz, nº 123 - Bairro Santa Terezinha - 88352-400  
Brusque/ SC - Telefone (47) 3211 7000 | [unifebe.edu.br](http://unifebe.edu.br)

**Reitora**

Rosemari Glatz

**Vice-Reitor e****Pró-Reitor de Administração**

Sergio Rubens Fantini

**Pró-Reitor de Graduação**

Sidnei Gripa

**Pró-Reitora de****Pós-graduação, Pesquisa,  
Extensão e Cultura**

Edinéia Pereira da Silva

**Coordenação Editorial**Rafaela Bohaczuk Venturelli Knop  
Rosemari Glatz**Mantenedora**Fundação Educacional  
de Brusque (FEBE)**Mantida**Centro Universitário  
de Brusque (UNIFEBE)**Endereço**Rua Dorval Luz, 123 | Bairro  
Santa Terezinha Brusque - SC |  
CEP: 88352-400

+55 (47) 3211 7000

unifebe.edu.br

editora@unifebe.edu.br

**Conselho Editorial da Revista  
UNIFEBE**

Angela Sikorski Santos;

Rafaela Bohaczuk Venturelli Knop;

Anna Lúcia Martins Mattoso

Eliane Kormann Tomazoni

Günther Lothar Pertschy

Jamaica de Sousa

Jeisa Benevenuti

João Derli de Souza Santos

Josely Cristiane Rosa

Julia Wakiuchi

Leilane Marcos

Marcelius Oliveira de Aguiar

Roberto Carlos Klann

Roberto Heinze

Rosana Paza

Thiago dos Santos

Wallace Nobrega Lopo

Vivian Siffert Wildner

Aline Mara Novack

**Produção Editorial**

Equipe Editora da UNIFEBE

**Projeto Gráfico e Diagramação**

Jamaica de Sousa

Peterson Paulo Vanzuita

**Revisão**

Rosana Paza





## APRESENTAÇÃO



### **Prof. Me. Ademir Bernardino da Silva**

Professor e Coordenador do Curso de Psicologia do Centro Universitário de Brusque - Unifebe, Psicólogo autônomo na área (atualmente). Mestrado em Psicologia Forense pela Universidade Tuiuti do Paraná - UTP (2014). Pós-Graduação em Recursos Humanos pela Universidade do Vale do Itajaí - UNIVALI ( ).

Nossos acadêmicos se dedicam ao longo de dez semestres para obterem conhecimentos específicos da Psicologia como Ciência e desenvolverem competências e habilidades para o exercício da prática profissional. Muitas são as disciplinas que permeiam por diferentes abordagens teóricas e tantas outras permitem o exercício da prática supervisionada.

Esta revista tem como objetivo disseminar os conhecimentos adquiridos tanto pela teoria quanto pela prática no período em que passam pela academia.

Para esta primeira edição da revista os acadêmicos das primeiras fases A e B desenvolveram temas relacionados ao transtorno de ansiedade, de depressão e à dependência da bebida alcoólica. Os acadêmicos da terceira fase discorreram sobre transtornos mentais e o sofrimento por eles causados. Temos ainda o desafio da inclusão no mercado de trabalho vivida por quem apresenta alguma forma desses transtornos, tema este apresentado pelos acadêmicos da quinta fase do Curso de Psicologia. Os acadêmicos foram orientados pelos professores das respectivas fases. Todos – acadêmicos e Professores estão apresentados nas páginas que seguem às reportagens.

É com grata satisfação que ao colher os resultados do processo de aprendizado dos nossos acadêmicos os colocamos à disposição da comunidade para que possam usufruir de tais conhecimentos e informações.

Registro aqui o profundo agradecimento a toda a equipe do corpo docente e discente e CAPS e desejo a todos uma boa leitura e aprendizado.

Desejo a todos uma excelente leitura!

## A ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO COMO ACOMPANHANTE TERAPÊUTICO SOB A ÓTICA DA TERAPIA COGNITIVO COMPORTAMENTAL

### *THE PERFORMANCE OF THE PSYCHOLOGIST AS A THERAPEUTIC COMPANION FROM THE PERSPECTIVE OF COGNITIVE BEHAVIORAL THERAPY*

Larissa Venancio<sup>1</sup>

Jeisa Benevenuti<sup>2</sup>

**RESUMO:** O acompanhamento terapêutico se apresenta como uma modalidade contemporânea de atuação do psicólogo no Brasil, cuja prática se encontra em crescente demanda de acordo com a literatura. Considerando isso, o objetivo geral dessa pesquisa, foi de caracterizar a atuação profissional do psicólogo como Acompanhante Terapêutico sob a ótica da Terapia Cognitivo Comportamental. Para a análise de dados, utilizou-se a pesquisa qualitativa e bibliográfica de fonte documental, nas quais foram selecionados quatro artigos científicos. Os resultados evidenciaram que este profissional proporciona escuta qualificada, promove autonomia e reinserção social daqueles que são acompanhados, por meio da vinculação terapêutica, intervenções e uso de técnicas promotoras de autoconhecimento. De modo geral, pode-se afirmar que por meio dessa prática especializada e humanizada, em diferentes contextos e locais, o psicólogo AT caracteriza-se por um profissional que atua diretamente na promoção de saúde mental e qualidade de vida em sociedade.

**Palavras-chave:** acompanhante terapêutico; psicologia; terapia cognitivo comportamental; acompanhamento terapêutico.

**ABSTRACT:** *Therapeutic Accompaniment presents itself as a contemporary modality of the psychologist's performance in Brazil, whose practice is in increasing demand according to the literature. In this way, the aim was to characterize the professional performance of the psychologist as Therapeutic*

---

<sup>1</sup> Acadêmica do curso de Psicologia da UNIFE. E-mail: larilarissa20108@unifebe.edu.br

<sup>2</sup> Professora orientadora. Doutorado pela UFSC (2012). E-mail: jeisa@unifebe.edu.br



A atuação do psicólogo como acompanhante terapêutico sob a ótica da terapia cognitivo comportamental

*Companion from the perspective of Cognitive Behavioral Therapy. For data analysis, through qualitative, bibliographic research from documental sources, four scientific articles were selected. The results showed that this professional provides qualified listening, and promotes autonomy and social reintegration of those who are accompanied, through therapeutic bonding, interventions, and the use of techniques. In general, it can be said that through this specialized and humanized practice, in different contexts and places, the AT psychologist is characterized as a professional who works directly in the promotion of mental health and quality of life in society.*

**Keywords:** *therapeutic companion; psychology; cognitive behavioral therapy; therapeutic accompaniment.*

## 1 INTRODUÇÃO

A Psicologia no Brasil é reconhecida pela Lei 4.119, de 1962, que regulamenta a profissão no país. São psicólogos, habilitados ao exercício profissional, aqueles que completam o curso de graduação em Psicologia e se registram no órgão profissional competente (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 1999). Inicialmente, a prática do psicólogo se dividia e restringia em três grandes áreas, sendo elas: a clínica, a organizacional e a escolar (AZEVEDO; PARDO, 2014). Atualmente, de acordo com a Resolução nº 013 (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2007), ao psicólogo é possível o título de especialista nas seguintes áreas de atuação: Psicologia Escolar/Educacional; Psicologia Organizacional e do Trabalho; Psicologia de Trânsito; Psicologia Jurídica; Psicologia do Esporte; Psicologia Clínica; Psicologia Hospitalar; Psicopedagogia; Psicomotricidade; Psicologia Social e Neuropsicologia.

Em decorrência da evolução e mudanças na profissão, surge a necessidade de refletir acerca das possibilidades de intervenção diante dos diversos fenômenos e demandas sociais que o profissional psicólogo pode se deparar em sua atuação. Nesse sentido, o psicólogo deve ampliar seu repertório profissional, para além da clínica tradicional (TRAVASSOS; MOURÃO, 2018).





A atuação do psicólogo como acompanhante terapêutico sob a ótica da terapia cognitivo comportamental

Dentre as áreas contemporâneas de atuação do psicólogo no Brasil, encontra-se o Acompanhante Terapêutico.

Em 2020, Walter Casagrande, ex-futebolista e atualmente comentarista de futebol, em entrevista para a UOL Esportes revelou que sua psicóloga, Acompanhante Terapêutica, foi imprescindível e o ajudou em sua luta contra o vício em álcool e drogas. Segundo Londero e Pacheco (2006), no Brasil, há uma crescente procura por serviços de acompanhante terapêutico. Dessa perspectiva, surge o tema central da pesquisa, um estudo acerca da atuação do psicólogo como Acompanhante Terapêutico.

O acompanhamento terapêutico possui como finalidade a superação das dificuldades da pessoa acompanhada no que se refere ao ambiente social. Ou seja, auxiliar a pessoa acompanhada a superar os obstáculos que impedem ou dificultam no estabelecimento de laços sociais, romper o isolamento e a exclusão do convívio social, possibilitando que o acompanhado consiga desenvolver suas atividades cotidianas (PITIÁ, 2005). É importante destacar ainda que o acompanhamento terapêutico em seus 29 anos de existência no Brasil, surgiu com os movimentos de reforma psiquiátrica (SIMÕES; KIRSCHBAUM, 2005).

O acompanhamento terapêutico é definido como uma modalidade destinada a pessoas que apresentam dificuldade de relacionamento e convívio social, decorrente de limitações e de comportamentos disfuncionais. Dessa forma, é uma intervenção que visa atender às necessidades da pessoa acompanhada, permitindo o desenvolvimento de novos repertórios sociais e a reinserção na sociedade. Compreende-se então o acompanhante como um agente na promoção de saúde mental (SILVA, 2013).

A partir do exposto, essa pesquisa possuiu como objetivo geral: caracterizar a atuação profissional do psicólogo como Acompanhante Terapêutico, sob a ótica da Terapia Cognitivo Comportamental. De acordo com essa teoria, os indivíduos atribuem significado aos acontecimentos, pessoas, sentimentos e demais aspectos de sua vida. Com base nisso, comportam-se de determinada maneira e constroem diferentes hipóteses sobre o futuro e sobre sua própria identidade. Assim sendo, tem como objeto de estudo principal a natureza e a função dos aspectos cognitivos, ou seja, o processamento de



A atuação do psicólogo como acompanhante terapêutico sob a ótica da terapia cognitivo comportamental

informação que é o ato de atribuir significado a algo (BECK, 2013).

Os objetivos específicos são: a) descrever a função da atuação do profissional psicólogo como Acompanhante Terapêutico com base na Terapia Cognitivo Comportamental; b) identificar as etapas do processo de atuação profissional como Acompanhante Terapêutico com enfoque na formação do vínculo terapêutico; c) verificar as principais técnicas, instrumentos e ferramentas utilizadas pelos profissionais psicólogos para intervenção como Acompanhante Terapêutico. Do ponto de vista metodológico, caracterizou-se como uma pesquisa bibliográfica de fonte documental, cuja coleta de dados ocorreu entre os meses de fevereiro e abril/2022. O total de arquivos selecionados e analisados foram quatro (4), retirados das bases de dados OASIS, ScIELO BRASIL e BVS.

## **2 REFERENCIAL TEÓRICO**

### **2.1 TERAPIA COGNITIVO-COMPORTAMENTAL**

A terapia cognitivo-comportamental é uma forma de psicoterapia que foi desenvolvida por Aaron Beck no ano de 1960, sendo um formato estruturado, de curta duração, voltada para o presente, direcionada para a solução de problemas atuais e modificação de pensamentos e comportamentos disfuncionais (BECK, 2013). A TCC tem como base um conjunto de teorias bem desenvolvidas, que são utilizadas para formular planos de tratamento e para orientar as ações do terapeuta (WRIGHT; BASCO; THASE, 2008).

A teoria cognitiva-comportamental é uma abordagem que se baseia em dois princípios centrais: o primeiro, as cognições têm influência controladora sobre nossas emoções e comportamento. E o segundo, o modo como se age ou se comporta pode afetar profundamente nossos padrões de pensamentos e de emoções (WRIGHT; BASCO; THASE, 2008). Com base nisso, Beck (2013) indica que, quando as pessoas aprendem a avaliar seus pensamentos de forma mais realista e adaptativa, elas obtêm uma melhora em seu estado emocional e no comportamento.



## A atuação do psicólogo como acompanhante terapêutico sob a ótica da terapia cognitivo comportamental

De acordo com a terapia cognitiva, os indivíduos atribuem significado aos acontecimentos, pessoas, sentimentos e demais aspectos de sua vida, dessa forma, comportam-se de determinada maneira e constroem diferentes hipóteses sobre o futuro e sobre sua própria identidade. As pessoas reagem de formas variadas a uma situação específica, podendo chegar às conclusões também variadas (BECK, 2013). Para Beck e Alford (2000), o objetivo da teoria cognitiva, é descrever a natureza de conceitos (resultados de processos cognitivos) de maneira que quando ativados dentro de contextos específicos, podem caracterizar-se como mal adaptativos ou disfuncionais.

Assim sendo, a situação em si não é o que determina como a pessoa sente ou se comporta, mas sim a percepção que ela tem diante do evento e a partir disso surge a resposta emocional. A TCC foca então na correção das percepções, pensamentos e crenças disfuncionais, visando uma melhora emocional e comportamental (MARTINS; NOBRE; MARTINS, 2020). Nesse sentido, o tratamento por meio da TCC tem como objetivo, modificar pensamentos desadaptativos por meio da reestruturação cognitiva (PETERSEN *et al.*, 2019).

Segundo Lima e Wielenska (1993), no processo de psicoterapia cognitiva, ocorre algo semelhante a testagem empírica das teorias científicas, ou seja, os sistemas de crenças pessoais são testados com relação às suas consequências e funcionalidade para a vida do paciente dentro de contextos específicos. Para Beck e Alford (2000), esse processo de testagem ocorre a partir da aplicação de técnicas e conceitos desenvolvidos na teoria cognitiva. Assim sendo, é de extrema importância, para a realização de uma terapia com bases verdadeiramente científicas, que o terapeuta tenha um embasamento teórico sólido, bem como um domínio das técnicas e uma boa interação terapeuta-paciente.

### 2.2 ACOMPANHANTE TERAPÊUTICO

O trabalho do acompanhante terapêutico tem sua origem na Argentina, na década de 1960 e, posteriormente, surgem no Brasil as primeiras





A atuação do psicólogo como acompanhante terapêutico sob a ótica da terapia cognitivo comportamental

comunidades terapêuticas, inicialmente no Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre. Os grupos eram constituídos por jovens universitários da área da saúde e eram chamados de “amigos qualificados” (LONDERO; PACHECO, 2006). Segundo os autores, o trabalho do acompanhante terapêutico surge a partir das necessidades de pacientes cujas terapêuticas clássicas não estavam sendo suficientes.

De acordo com Tosta e Silva (2016), a prática do AT iniciou no contexto da desinstitucionalização, com a reinserção social de internos de hospitais psiquiátricos. Ou seja, a princípio essa modalidade esteve associada a casos de pacientes graves de saúde mental. Atualmente, estudos mostram a prática do AT em diversos âmbitos, com aumento progressivo na demanda desse serviço (GODINHO; PEIXOTO JUNIOR, 2019).

O acompanhamento terapêutico constitui-se por um formato de atendimento clínico que atua fora dos espaços tradicionais, ou seja, de forma nômade, que ocorre em movimento e não fixa em um espaço físico (REIS NETO; PINTO; OLIVEIRA, 2011). O objetivo do acompanhante terapêutico é auxiliar o acompanhado na superação de dificuldades, sejam elas sociais ou psíquicas. Nesse sentido, o AT busca contribuir para que o cliente supere barreiras relacionadas aos estabelecimentos de laços sociais e consiga executar suas atividades cotidianas, possibilitando então a ressocialização e autonomia do acompanhado (LONDERO; PACHECO, 2006). A prática de acompanhante terapêutico

Trata-se de uma clínica que atua junto à experiência cotidiana do paciente, sustentada nas redes de relações psicossociais. É um recurso utilizado para o cuidado de pessoas cujas possibilidades de circulação social encontram-se comprometidas, e a subjetividade ameaçada pela impossibilidade de estabelecer vínculos afetivos e sustentar uma vida produtiva no ambiente familiar, social e profissional (BRANDALISE; ROSA, 2009, p. 4).

De acordo com Varella, Lacerda e Madeira (2006), o acompanhante terapêutico pode fazer parte de uma equipe multidisciplinar, dessa forma, podendo atuar em conjunto com psiquiatras, fisioterapeutas, psicoterapeutas, entre outros. A atuação dentro de uma equipe pode proporcionar intervenções e tratamentos mais eficazes, visto que são baseadas no entendimento e



A atuação do psicólogo como acompanhante terapêutico sob a ótica da terapia cognitivo comportamental

percepção de cada profissional envolvido no processo, considerando as possibilidades e necessidades de cada acompanhado.

Assim como outros profissionais da Psicologia, o acompanhante terapêutico norteia sua atuação a partir das necessidades e objetivos de cada caso e cada cliente. A formação teórica, ética, técnicas, capacidade de interação, boa comunicação e comportamento assertivo são elementos e habilidades fundamentais e necessárias para um bom desempenho e desenvolvimento do trabalho terapêutico (ZAMIGNANI; KOVAC; VERMES, 2007).

Barreto (2005) afirma que o profissional AT é indicado em casos de sofrimento psíquico intenso, pessoas com deficiências físicas ou intelectuais, pessoas que sofreram interdição judicial, em situações de disputa de guarda, dependentes químicos, crianças com dificuldades de sociabilização, idosos, entre outros. Sereno (2006) descreve também a prática relacionada aos pacientes depressivos, pacientes com risco de suicídio, no contexto de educação inclusiva e alta-assistida após internação hospitalar.

Inicialmente, a base teórica do AT era psicanalítica, entretanto, estudos recentes abordam a prática sob a ótica da terapia comportamental e demais teorias (LONDERO; PACHECO, 2006). A teoria cognitiva-comportamental entende o acompanhamento terapêutico como

O Acompanhamento terapêutico (AT) é uma modalidade de intervenção psicossocial realizada em uma situação clínica, cujo objetivo é o desenvolvimento de habilidades comportamentais básicas em pessoas que possuem prejuízos em uma ou demais áreas do comportamento humano decorrentes da presença de transtornos mentais, orgânicos e em situação de vulnerabilidade (LONDERO *et al.*, 2010, p. 3).

Segundo Silva (2013), o trabalho do acompanhamento terapêutico proporciona uma amplitude maior de possibilidades na atuação profissional, resultando em benefícios para o acompanhado e proporcionando espaço de atuação na sociedade contemporânea. Para a autora, o AT cumpre o papel de ouvir aqueles que ninguém ouve e oferecer possibilidades de reinseri-los na sociedade.

Para Chauí-Berlinck (2011), o acompanhamento terapêutico apresenta-se como uma alternativa à internação, sendo então um recurso no tratamento



A atuação do psicólogo como acompanhante terapêutico sob a ótica da terapia cognitivo comportamental

psíquico. Hoje a prática do AT não mantém seu foco apenas às questões relacionadas aos transtornos e psicose, mas também às questões relacionadas a vulnerabilidades sociais e ao adoecimento. O AT está inserido tanto em espaços públicos como o CAPS, por exemplo, quanto na esfera privada, como psicólogo clínico (SIMÕES; KIRSCHBAUM, 2005).

Para Zamignani, Kovac e Vermes (2007), uma boa relação terapêutica entre acompanhante e acompanhado torna-se fundamental para a qualidade do tratamento e procedimentos. Para os autores, o comportamento do acompanhante afeta diretamente o comportamento do acompanhado. Nesse sentido, a vinculação torna-se elemento de reforço, motivação e estímulo. Assim, a própria relação estabelecida torna-se uma ferramenta de intervenção terapêutica. A intervenção no cotidiano promove uma proximidade na relação entre profissional e paciente (GONÇALVES, 2012). De acordo com o autor, a família, o ambiente e o repertório do acompanhado serão ferramentas intermediárias na formação do vínculo terapêutico, formação da rede de apoio e estabelecimento de laços sociais.

### 3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa caracterizou-se como uma abordagem qualitativa. Essa abordagem busca aprofundar-se na compreensão dos fenômenos que estuda, interpretando-os, sem se preocupar com a representatividade numérica (GUERRA, 2014). Quanto ao objetivo de pesquisa, classificou-se como uma pesquisa exploratória. De acordo com Gil (2008), as pesquisas exploratórias possuem como finalidade o desenvolvimento e esclarecimento de conceitos e ideias, com formulação de hipóteses pesquisáveis em estudos posteriores. Segundo o autor, esse tipo de pesquisa pode envolver levantamento bibliográfico e documental, entrevistas não padronizadas e estudos de caso ou de campo.

Desse modo, a pesquisa consiste em responder aos objetivos que a norteiam. A análise do conteúdo encontrado possui três etapas. A pré-análise que busca realizar e avaliar o conteúdo, sistematizando os materiais utilizados. A exploração, na qual é realizada a leitura e uma maior análise do conteúdo





A atuação do psicólogo como acompanhante terapêutico sob a ótica da terapia cognitivo comportamental

selecionado para análise, e também há a realização do agrupamento dos materiais escolhidos para realizar a análise dos resultados (MINAYO, 2012).

Nesse sentido, o procedimento técnico utilizado identifica-se por pesquisa bibliográfica de fonte documental. De acordo com Gil (2008), a pesquisa bibliográfica é realizada a partir de buscas e análises de material já elaborado, como artigos científicos e livros. A busca foi realizada por meio das seguintes bases de dados: ScIELO Brasil, CAPES Periódicos, OASIS, BVS e EBSCO HOST.

Para a busca dos artigos as palavras-chave utilizadas foram: acompanhante terapêutico, acompanhamento terapêutico, acompanhante terapêutico *AND* terapia cognitivo-comportamental, acompanhante terapêutico *AND* psicologia, acompanhante terapêutico *AND* atuação profissional. Os filtros utilizados nas pesquisas foram: artigos científicos em língua portuguesa, publicados entre os anos de 2017 a 2021.

A etapa da coleta de dados e seleção ocorreu entre os meses de fevereiro e abril/2022, e foi registrada por meio de quadros elaborados pela autora. Inicialmente ocorreu a leitura dos títulos e resumos, e as informações foram registradas na primeira tabela. O total de artigos encontrados nas cinco bases de dados foram 211. A Tabela 1 apresentou as palavras-chave, o total de artigos encontrados na busca e o total de artigos selecionados após a leitura do título e resumo.

A segunda seleção ocorreu por meio da leitura completa dos artigos, descartando aqueles que não correspondiam à temática e selecionando aqueles que adequaram as variáveis definidas: a função da atuação do acompanhante terapêutico, a etapa de estabelecimento de vínculo entre acompanhante e acompanhado e as técnicas e ferramentas utilizadas na atuação. O total de artigos selecionados foram 4. No Quadro 1, chamado Matriz de análise, registrou-se os aspectos relevantes de cada publicação, essas selecionadas para análise.



A atuação do psicólogo como acompanhante terapêutico sob a ótica da terapia cognitivo comportamental

Tabela 1 - Seleção dos artigos científicos

PALAVRAS-CHAVE	TOTAL ENCONTRADOS BANCO DE DADOS:	TOTAL SELECIONADOS (LEITURA DE TÍTULO E RESUMO)	ARTIGOS SELECIONADOS (LEITURA COMPLETA)
Acompanhante terapêutico			
Acompanhamento terapêutico			
Acompanhante terapêutico AND psicologia			
Acompanhante terapêutico AND Terapia Cognitivo Comportamental			
Acompanhante terapêutico AND atuação profissional			
<b>TOTAL:</b>			

Fonte: elaborado pela autora (2022).

Quadro 1 - Matriz de análise

BASE DE DADOS	ANO PUBLICAÇÃO	TÍTULO	FUNÇÃO / ATUAÇÃO	ETAPAS / VÍNCULO	TÉCNICAS / FERRAMENTAS

Fonte: elaborado pela autora (2022).

#### 4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

O processo de busca pelos artigos ocorreu entre os meses de fevereiro a março de 2022. Ao total foram encontrados duzentos e onze (211) artigos. Desses, quarenta (40) são da base de dados ScIELO Brasil, trinta e oito (38) da CAPES Periódicos, oitenta e seis (86) da OASIS, trinta e sete (37) da BVS e dez (10) da EBSCO HOST. Após a leitura dos títulos e resumos foram selecionados o total de dezoito (18) artigos. Posteriormente à leitura completa foram selecionados quatro (4) no total. Desses quatro (4), dois (2) artigos são da base de dados OASIS, dois (2) da ScIELO Brasil e um (1) da BVS.

A atuação do psicólogo como acompanhante terapêutico sob a ótica da terapia cognitivo comportamental

Quadro 2 - Informações acerca das variáveis Atuação, Vínculo e Técnicas/Ferramentas retiradas dos dois artigos da base de dados OASIS. Nome do Artigo: A experiência do Acompanhante Terapêutico a partir de narrativas de usuários (2020)

ATUAÇÃO	VÍNCULO	TÉCNICAS/FERRAMENTAS
<p>[...] a intervenção se dá sobre o discurso, comportamento e visão do sujeito sobre sua vida.</p> <p>[...] alguém que lhe auxilia, dá suporte e mostra como fazer as coisas (como atravessar a rua com segurança), o que sozinha, teria dificuldades em alcançar ou simplesmente não conseguiria.</p> <p>[...] participante relatou ficar surpresa ao ver que seu AT lhe ajudou a arrumar o armário de roupas quando ela falou que tinha dificuldade de fazer isso, pois não sabia que se disporia a ajudá-la a fazer isso.</p>	<p>Características pessoais de quem acompanha podem auxiliar ou atrapalhar a relação vincular.</p> <p>[...] afinidades têm grande potencial para o estabelecimento do vínculo entre acompanhante e acompanhado.</p> <p>[...] os participantes sugeriram que, diferente de outras pessoas próximas, a(o) AT teria maior possibilidade de “entender melhor a pessoa por estar de fora da situação”.</p> <p>[...] no AT é possível se sentir como alguém, é possível ter uma relação que poderíamos chamar de humanizada.</p>	<p>Existem muitas formas de fazer AT. É possível ir na casa da pessoa ou ela vir até um serviço; marcar um local diferente a cada encontro ou estar sempre no mesmo local. É possível ter outras pessoas junto no encontro ou procurar evitar que familiares sejam intrusivos.</p> <p>Em termos da prática do trabalho, são poucas as formas que são definidas invariáveis e independentemente da situação que encontremos, a maioria dessas formas são contingentes, ou seja, dependem das questões a serem trabalhadas.</p> <p>[..] a postura e condução que o acompanhante terapêutico oferece para as situações é parte crucial do enquadre.</p> <p>[...] no trabalho de AT, é importante sustentar o diálogo, propondo assuntos e perguntas.</p>
<p>Outra participante declarou que o principal efeito na sua vida, tendo um acompanhante terapêutico, foi diminuir seu sentimento de solidão.</p>		
	<p>[...] a(o) AT pode ajudar a pensar sobre os problemas de suas vidas e como são pessoas com as quais se pode falar (desabafar) sem medo de que falem para</p>	



A atuação do psicólogo como acompanhante terapêutico sob a ótica da terapia cognitivo comportamental

	outras pessoas ou que façam fofoca.	
<p>[...] argumenta que, diferente das outras pessoas em geral (que não escutam), o AT escuta.</p> <p>[...] o AT também se constitui como um meio de acesso a direitos sociais básicos.</p> <p>[...] poder auxiliar os acompanhados a construir sua autonomia, além de possibilitar acessos aos serviços, projetos e buscar condições para garantir direitos sociais</p> <p>[...] Um espaço/momento para “falar dos problemas, de como está a vida, poder desabafar, poder conhecer lugares novos”.</p>	<p>[...] relata que tem uma relação de confiança a partir do AT e que está construindo seu caminho, em busca de maior autonomia.</p> <p>[...] pessoas acompanhadas valorizam o AT e têm apreço pela pessoa que as acompanha.</p> <p>[...] as(os) participantes referiram momentos marcantes que viveram com seus acompanhantes terapêuticos.</p> <p>[...] relatam momentos difíceis que passaram, em que a(o) AT lhes auxiliou.</p>	
Segundo os participantes, no AT as acompanhantes terapêuticas “lhes ensinam a andar sozinhos e a como interagir com as pessoas”.		



A atuação do psicólogo como acompanhante terapêutico sob a ótica da terapia cognitivo comportamental

<p>[...] relataram que o AT seria uma tentativa de ligação do acompanhado com a sociedade, especialmente, quando esse contato se encontra rompido.</p> <p>[...] para os participantes, a retomada de funções do cotidiano, é uma característica encontrada no AT.</p> <p>[...] que o acompanhante, nesse caso, encontra-se com ela para realizar as atividades em que se encontrava impossibilitado de realizar.</p> <p>[...] relaciona-se à necessidade de acompanhar o paciente em seus vários espaços de vida, especialmente nos momentos de crise.</p>	<p>[...] momentos dentro de casa também foram importantes, como receber um presente da AT quando essa volta de uma viagem, colorir desenhos na companhia da AT ou ter o AT auxiliando a arrumar a casa.</p> <p>[...] podemos pensar sobre a importância da criação de um vínculo entre acompanhante e acompanhado, que se dá a partir da presença e que se soma a uma escuta qualificada.</p>	
<p>[...] objetiva desenvolver ou aperfeiçoar repertórios e habilidades de comportamentos básicos em</p> <p>indivíduos que sofrem por apresentar algum tipo de prejuízo emocional,</p>		



A atuação do psicólogo como acompanhante terapêutico sob a ótica da terapia cognitivo comportamental

cognitivo comportamental.	ou		
------------------------------	----	--	--

Fonte: elaborado pela autora (2022).

Quadro 3 - Informações acerca das variáveis Atuação, Vínculo e Técnicas/Ferramentas retiradas dos dois artigos da base de dados OASIS. Nome do Artigo: A importância do Acompanhamento Terapêutico como estratégia e intervenção auxiliar à clínica tradicional (2019)

ATUAÇÃO	VÍNCULO	TÉCNICAS/FERRAMENTAS
<p>Os participantes relataram que o AT produziu transformações no cotidiano dos acompanhados em relação à retomada de atividades, como ir a lugares que não frequentavam.</p> <p>[...] conforme os resultados refletem uma melhoria na qualidade de vida dos acompanhados e na ampliação do cuidado consigo mesmo.</p> <p>Uma questão presente nos resultados se refere à possibilidade de desenvolver, a partir do AT, a capacidade de o acompanhado começar a realizar interações sociais por si só e de lidar com algumas dificuldades.</p>		<p>É imprescindível que o AT esteja sensível às contingências presentes na própria relação com o cliente e tenha domínio sobre os conceitos comportamentais e faça uso de procedimentos para alcançar os objetivos pretendidos.</p> <p>Quando se fala nas funções e nas etapas do processo do acompanhamento terapêutico, ressalta-se que deve partir primeiro da principal ferramenta de análise, realizando uma avaliação funcional do caso para: (1) identificar condições mantenedoras dos comportamentos-alvo; (2) planejar a intervenção – a partir de hierarquização de características do cliente em princípios comportamentais a fim de promover mudança nas relações funcionais relacionadas à queixa; (3) observar efeitos da intervenção e (4) avaliar eficácia da intervenção.</p> <p>Desempenham funções, tais como: o terapeuta que atende em clínica fechada, fazendo contrato inicial, observação, avaliação, planejamento terapêutico e aplicando técnicas. As características</p>



A atuação do psicólogo como acompanhante terapêutico sob a ótica da terapia cognitivo comportamental

		<p>personais que o profissional apresenta são traquejo social, agilidade e improvisação.</p> <p>O profissional irá definir a sua atuação, usando o seu referencial de escolha, atendendo tanto dentro de instituições quanto fora delas, intervindo, usando métodos e técnicas clínicas para promover saúde e qualidade de vida para os seus acompanhados.</p>
--	--	--

Fonte: elaborado pela autora (2022).

Com relação à atuação do acompanhante terapêutico, conforme destacou o Quadro 2 e Quadro 3, observou-se que se caracteriza por um profissional que proporciona escuta qualificada, promove autonomia e reinserção social daqueles que são acompanhados. Por meio de sua prática, busca auxiliar e desenvolver repertórios e habilidades, visando uma melhor qualidade de vida para os pacientes. Mauer e Resnizky (2003) destacam as principais funções do acompanhante terapêutico, sendo elas: acompanhar e amparar o paciente, operar como um organizador psíquico, promover, reforçar e desenvolver a capacidade criativa do paciente, atuar como agente ressocializador e atenuar as interferências nas relações familiares.

As intervenções do profissional AT contribuem desde a garantia dos direitos, estabelecimento e aperfeiçoamento de relações sociais, até o enfrentamento de dificuldades do cotidiano. Além disso, atua e lida diretamente em momentos de crises. De acordo com Barreto (2005), em casos de pacientes com quadros mais graves, os benefícios e vantagens dessa prática terapêutica são amplamente reconhecidos.

Importante ressaltar que os enfoques utilizados nos dois artigos se referem principalmente às contribuições e aos resultados positivos produzidos a partir da atuação do AT, não enfatizando especificamente as etapas da atuação. No que diz respeito ao psicólogo no papel de AT, ambos estudos focam na prática realizada por psicoterapeutas. Carniel (2008) afirma que com o passar



A atuação do psicólogo como acompanhante terapêutico sob a ótica da terapia cognitivo comportamental

do tempo, o acompanhamento terapêutico deixa de ser realizado por leigos e estudantes, passando a ser realizado por profissionais. Nesse mesmo sentido, Carvalho (2004) complementa afirmando que atualmente no Brasil, a prática é majoritariamente exercida por profissionais de Psicologia.

No que se refere à abordagem teórica, a partir da leitura dos resumos dos dezoito (18) artigos encontrados na coleta de dados, observou-se uma predominância da teoria psicanalítica, dessa forma, não corroborando com o critério de busca do sistema teórico que embasa esta pesquisa que é a terapia comportamental e por esse motivo, quatorze (14) foram descartados. No que diz respeito aos dois artigos selecionados da base de dados OASIS, esses não possuem um pressuposto teórico definido. Entretanto, a autora constatou a utilização de uma linguagem cognitivo-comportamental em determinados fragmentos das produções.

Referente ao aspecto vinculação terapêutica, verificou-se a importância da criação do vínculo entre acompanhante e acompanhado, revelando que as características pessoais e gostos em comum, podem contribuir para o estabelecimento da relação. Caracteriza-se, portanto, como uma relação de confiança e presença. Sereno (2006) destaca que a presença ativa do profissional é parte essencial da construção da relação com o paciente, concomitante, Barreto (2005) pontua que a relação construída entre acompanhante e acompanhado é, por si só, terapêutica.

Sobre as técnicas e ferramentas voltadas à atuação do AT, os artigos salientaram que serão definidas com base na demanda a ser trabalhada, sendo possível a prática em diversos e variados contextos, inclusive na casa do próprio paciente. Sugerem o diálogo como uma ferramenta e destacam a importância acerca do domínio de conceitos comportamentais para alcançar os objetivos definidos. Para uma maior eficácia em sua prática, recomenda-se um planejamento a partir da análise do caso, com base no referencial teórico que sustenta seu trabalho.

Constatou-se que as publicações não especificaram técnicas relacionadas a teorias, mas sim descreveram características e ações relevantes para uma boa atuação, citando o uso de técnicas, assim como na clínica



A atuação do psicólogo como acompanhante terapêutico sob a ótica da terapia cognitivo comportamental

tradicional. Segundo Vasconcelos, Naves e Ávila (2010), as técnicas devem ser empregadas com base nas características de cada cliente. Segundo Vasconcelos e Gimenes (2004) é de suma importância o embasamento teórico para fornecer suporte às técnicas utilizadas na intervenção e manejo do acompanhado.

Quadro 4 - Informações acerca das variáveis Atuação, Vínculo e Técnicas/Ferramentas retiradas do artigo da base de dados ScELO Brasil. Nome do Artigo: Acompanhamento Terapêutico: concepções e possibilidades em serviços de saúde mental (2017)

ATUAÇÃO	VÍNCULO	TÉCNICAS/FERRAMENTAS
<p>[...] AT como intervenção no contexto da pessoa, considerando suas necessidades e subjetividade.</p> <p>[...] o AT é o profissional mais próximo do paciente, considerando o vínculo, o perfil e a necessidade de capacitação.</p> <p>[...] o AT é indicado para pacientes com limitações psíquicas e sociais.</p> <p>[...] o objetivo do AT é despertar habilidades e promover autonomia.</p>	<p>Momentos de recreação e de estar em sociedade com o paciente, os quais também consistem em possibilidades de se obter mais informações sobre ele e o seu processo terapêutico.</p> <p>As visitas domiciliares são trazidas como uma forma de se aproximar do paciente e de sua família, sendo também um espaço para colher mais informações sobre sua história e dinâmica familiar.</p>	<p>O estar com o paciente em diferentes espaços possibilita ao profissional uma ampliação do olhar e a observação de outras necessidades de saúde, visto que os atendimentos na rua implicam uma diversidade e proximidade maior de relações e intercorrências.</p> <p>Colocam a necessidade do envolvimento de outros dispositivos de cuidado, visto que ao considerar as diferentes necessidades de saúde, são necessários também o diálogo e a articulação com outros setores e serviços.</p> <p>[...] os critérios e o planejamento do AT (número de encontros e duração dos mesmos) deverão considerar tanto as limitações quanto os</p>



A atuação do psicólogo como acompanhante terapêutico sob a ótica da terapia cognitivo comportamental

		<p>recursos do paciente, assim como o objetivo terapêutico, o qual é planejado de forma singular para cada caso e norteará as ações tanto dentro do espaço institucional como nos espaços sociais onde o AT circulará com o paciente.</p> <p>[...] ao acompanhar o paciente em seus espaços sociais, o AT o auxilia a entrar em contato com suas questões internas e a elaborar novos projetos de vida, a partir do reconhecimento de suas dificuldades e recursos, de intervenções <i>in loco</i>, fornecendo sustentação desse processo com a sua presença, enquanto for necessária.</p>
--	--	--

Fonte: elaborado pela autora (2022).

No que concerne ao vínculo terapêutico, por meio do Quadro 4 foi possível verificar que o artigo destaca a prática em movimento, característica da atuação do AT, como uma possibilidade de construção da vinculação. Dessa forma, por meio da atuação, além de construir a relação com o paciente, também permite conhecer melhor seu funcionamento e a sua dinâmica familiar. Para Silva (2013), a qualidade do vínculo afetivo entre acompanhante e acompanhado é fundamental. Nesse sentido, a autora afirma que vínculos afetivos de qualidade, promovem para o paciente maiores possibilidades de socialização.

Com relação às ferramentas e técnicas, a publicação ressaltou que atendimentos no contexto de rua, possibilita uma abertura no repertório de



A atuação do psicólogo como acompanhante terapêutico sob a ótica da terapia cognitivo comportamental

atuação do profissional, visto que é um contexto que lida diretamente com imprevistos e intercorrências. Dessa forma, exige autenticidade como instrumento de trabalho. Por se tratar de uma prática com acontecimentos imprevisíveis, Cauchick (2001) afirma que situações inusitadas e variadas, requerem do AT intervenções em constante modificação e reinvenção.

Outro ponto relevante destacado, refere-se à articulação com outras práticas e profissionais, discutindo a importância de uma abordagem multidisciplinar. A atuação do AT junto a uma equipe proporciona, segundo Varella, Lacerda e Madeira (2006), uma atuação mais ampla e intervenções mais efetivas, visando promover o bem-estar biopsicossocial do acompanhado.

Por meio da análise de dados desse artigo, constatou-se acerca do aspecto atuação profissional, a importância de uma prática pautada nas necessidades e subjetividade do paciente. Os autores reforçam um dos objetivos principais do trabalho do AT, que é promover a autonomia do acompanhado. Além disso, ainda referente à prática, abordam a questão da capacitação do profissional. Reis Neto, Pinto e Oliveira (2011) afirmam que o acompanhamento terapêutico possui uma trajetória de evolução ao longo dos anos, quando houve o abandono de uma prática leiga para uma formação especializada. Como resposta a essa evolução, as instituições desenvolveram e passaram a oferecer cursos de formação, que abordam os aspectos importantes e necessários para a atuação profissional como AT (CARVALHO, 2004).

Ainda no que se refere à promoção de autonomia ao acompanhado, sob a ótica da terapia cognitivo comportamental, é possível citar a psicoeducação como ferramenta para alcançar esse objetivo. A TCC desenvolve a possibilidade de os pacientes aprenderem habilidades para modificar cognições, controlar o humor e ter mudanças significativas no comportamento. Nesse sentido, busca educar os pacientes a continuarem utilizando os métodos após a conclusão do processo psicoterapêutico (WRIGHT; BASCO; THASE, 2008).

Importante ressaltar que o artigo cita a indicação do acompanhamento em casos de pacientes com limitações sociais. Nesse ponto de vista, o suporte em situações corriqueiras do dia a dia, como uma ida ao supermercado ou ao banco, torna-se um recurso de intervenção, proporcionando evolução e inserção



A atuação do psicólogo como acompanhante terapêutico sob a ótica da terapia cognitivo comportamental

do acompanhado na sociedade. Chauí-Berlink (2011) afirma que o acompanhante atua no papel de mediador de novos lugares a serem explorados, novas relações sociais e no resgate da autonomia, liberdade e cidadania.

Quadro 5 - Informações acerca das variáveis Atuação, Vínculo e Técnicas/Ferramentas retiradas dos artigos da base de dados BVS. Nome do Artigo: Acompanhamento Terapêutico: concepções sobre a prática e *setting* terapêutico (2017).

ATUAÇÃO	VÍNCULO	TÉCNICAS/FERRAMENTAS
<p>Possibilitar a reinserção social caracteriza-se como um dos pontos marcantes do AT.</p> <p>[...] o AT produziu transformações no cotidiano dos acompanhados em relação à retomada de atividades, como ir a lugares que não frequentavam.</p> <p>[...] os resultados refletem uma melhoria na qualidade de vida dos acompanhados e na ampliação do cuidado consigo mesmo.</p> <p>[...] refere-se à possibilidade de desenvolver, a partir do AT, a capacidade de o acompanhado começar a realizar interações sociais por si só e de lidar com algumas dificuldades.</p> <p>Faz a função de mediação com a sociedade, em especial, quando essa relação se encontra prejudicada.</p>	<p>[...] o <i>setting</i> terapêutico se refere não somente a um lugar de trabalho, mas à relação estabelecida entre os envolvidos.</p>	<p>Os relatos indicam para uma possibilidade de intervenção nos diferentes contextos do cotidiano.</p> <p>[...] pode proporcionar maior eficácia quando realizado no contexto em que o indivíduo se insere, em consonância com suas necessidades e história de vida.</p> <p>[...] tratamento de forma diferente, saindo da perspectiva de medicalização e internação.</p>



A atuação do psicólogo como acompanhante terapêutico sob a ótica da terapia cognitivo comportamental

<p>O AT contribui significativamente para a construção de autonomia, tendo em vista a possibilidade dos acompanhados de realizar interações e atividades sozinhos, bem como aprender a lidar com as questões do cotidiano, com mediação do acompanhante.</p> <p>A inserção na cultura e cotidiano dos pacientes fez com que os acompanhantes pudessem confrontar a questão da saúde mental e do cuidado integral em sua prática profissional.</p>		
---	--	--

Fonte: elaborado pela autora (2022).

O artigo encontrado na base de dados BVS trouxe reflexões acerca da atuação do AT, conforme observou-se no Quadro 5. Os autores reforçaram os resultados positivos proporcionados pela atuação, como promover a reinserção social e a retomada de atividades e afazeres do cotidiano, com auxílio e suporte do acompanhante. Também abordaram acerca das contribuições para o desenvolvimento da autonomia e do cuidado consigo. De acordo com Neto e Dimenstein (2016), a prática do AT caracteriza-se por encontros no cotidiano, em espaços de circulação pública, onde o paciente pode experimentar novos caminhos, construir novas possibilidades em relação ao contexto social, exercendo sua autonomia. A terapia cognitiva comportamental reforça a importância do desenvolvimento da autonomia do cliente ao treiná-lo para novas habilidades. O método da TCC envolve colaboração, participação e autonomia por parte do cliente, sendo o mesmo atuante em seu processo de mudança (ABREU; GUILHARDI, 2004).



## A atuação do psicólogo como acompanhante terapêutico sob a ótica da terapia cognitivo comportamental

Com base no Quadro 5, foi possível compreender que o *setting* terapêutico não diz respeito especificamente ao local onde ocorrem os atendimentos, mas sim, refere-se também à própria relação estabelecida entre acompanhante e acompanhado. Tristão e Avellar (2014) afirmam que o *setting* utilizado pelo AT se difere da atuação clássica, visto que foge da ideia de que a prática estaria ligada somente ao espaço físico. Nesse sentido, o *setting* terapêutico é construído na interação entre profissional e paciente (LANCETTI, 2008). Uma das características da terapia cognitivo-comportamental (TCC) é um estilo de relação terapêutica colaborativa, simples e voltada para a ação, conhecido como empirismo colaborativo. Assim sendo, o autor afirma que uma boa aliança de trabalho é parte do tratamento, onde a qualidade da relação influencia nos resultados (WRIGHT; BASCO; THASE, 2008).

O artigo não se dedica à temática ferramentas e técnicas, detalhando instrumentos que fazem parte da prática do AT. Entretanto, cita acerca da possibilidade de atuação em diversos contextos, podendo esta acontecer na casa do paciente ou em espaços públicos, sendo mais eficaz quando realizado em ambientes que estejam ligados às necessidades do paciente. Isso pode oferecer recursos para a própria intervenção. Por meio da participação no cotidiano do paciente, proporcionam-se condições e potencialidades de transformação (RIBEIRO, 2002).

Em concordância com os aspectos levantados por meio dessa análise, a autora Figueiredo (2009) realizou uma pesquisa por meio de uma entrevista semiestruturada com cinco acompanhantes terapêuticos. O objetivo geral do estudo foi de avaliar a percepção dos acompanhantes terapêuticos acerca da relação entre as intervenções realizadas por eles durante o acompanhamento terapêutico e a promoção de autonomia da pessoa acompanhada. No que se refere aos objetivos específicos, são eles: a) caracterizar o que o acompanhante terapêutico entende por autonomia; b) caracterizar os instrumentos e técnicas utilizadas pelo acompanhante terapêutico; c) verificar quais as intervenções realizadas auxiliam na promoção de autonomia do acompanhado; d) caracterizar os critérios utilizados pelo acompanhante terapêutico para identificar a autonomia na pessoa acompanhada.



A atuação do psicólogo como acompanhante terapêutico sob a ótica da terapia cognitivo comportamental

Os resultados obtidos após a análise dos dados, de acordo com os objetivos específicos estabelecidos foram: com relação ao que o acompanhante terapêutico entende por autonomia, o conceito de autonomia mencionado pelos acompanhantes está vinculado à qualidade das relações que os acompanhados estabelecem e a capacidade em ampliar essa rede. Sobre os instrumentos e técnicas utilizadas em geral, os acompanhantes terapêuticos utilizam alguns recursos de intervenção com diferentes objetivos. Os recursos de intervenção descritos pelos acompanhantes são: conversa, desenho, fotografia e mosaico. Quanto às intervenções realizadas que auxiliam na promoção da autonomia do acompanhado, as intervenções mencionadas são estabelecer vínculo, o fazer clínico, realizar treinos e mediar o relacionamento com outras pessoas. Por fim, os critérios utilizados pelo acompanhante terapêutico para identificar a autonomia na pessoa acompanhada são ganhar um espaço subjetivo, mudança subjetiva, realizar atividades que antes não conseguia e avaliação do poder de negociação.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O foco da pesquisa foi de contribuir para a elucidação e conhecimento acerca da ampliação do campo profissional no contexto prático da Psicologia durante sua evolução. Dentre essas possibilidades de atuação no país, apresenta-se o acompanhamento terapêutico. Outro aspecto discutido diz respeito às competências e habilidades necessárias para uma atuação ética e eficiente. Com base no objetivo geral definido, caracterizar a atuação profissional do psicólogo como acompanhante terapêutico sob a ótica da terapia cognitivo comportamental, pode-se concluir que a prática do AT no Brasil é predominantemente exercida por profissionais de Psicologia e que o embasamento teórico é de extrema importância para sustentar a atuação.

Nessa perspectiva, verificou-se que por meio da prática especializada, humanizada e a escuta qualificada, é possível o desenvolvimento de repertórios e habilidades, a promoção de autonomia e cuidado, visando bem-estar e qualidade de vida para aqueles que são acompanhados. Importante destacar





A atuação do psicólogo como acompanhante terapêutico sob a ótica da terapia cognitivo comportamental

que o principal aspecto que difere essa atuação das demais, principalmente da clínica tradicional, é justamente a possibilidade de atuar em diferentes contextos e locais, sendo esse definido a partir da necessidade do acompanhado. Assim sendo, o psicólogo no papel de AT, corresponde a uma figura importante na contribuição e promoção da qualidade de vida e bem-estar para a população atendida.

Com relação ao objetivo de **descrever a função da atuação do profissional psicólogo como acompanhante terapêutico com base na terapia cognitivo-comportamental**, verificou-se que os enfoques dos artigos analisados se referiam aos resultados positivos e às contribuições proporcionadas pela atuação. Apesar de não possuírem um pressuposto teórico definido, constatou-se a utilização de uma linguagem cognitivo comportamental. No que diz respeito à função da atuação, é possível caracterizar como um profissional que visa promover autonomia, reinserção social, auxiliar no desenvolvimento de habilidades e manejo de crises dos acompanhados.

Quanto ao objetivo de **identificar as etapas do processo de atuação profissional como acompanhante terapêutico com enfoque na formação do vínculo terapêutico**, observou-se a importância do vínculo para o tratamento e que a construção da vinculação ocorre por meio da presença ativa, escuta qualificada e da confiança, além disso, características e gostos em comum podem contribuir para o estabelecimento da relação entre acompanhante e acompanhado. Vale destacar que a própria prática em movimento, característica da atuação do AT, é um aspecto relevante nesse processo de interação.

No que se refere ao objetivo **verificar as principais técnicas, instrumentos e ferramentas utilizadas pelos profissionais psicólogos para intervenção como acompanhante terapêutico**, constatou-se que os artigos citam o uso de técnicas durante a atuação, sendo definidas com base na demanda a ser trabalhada. Observou-se o diálogo como a principal ferramenta destacada. Entretanto, o foco dos estudos analisados foi descrever as características e ações necessárias para uma boa atuação, como: planejamento, definição de objetivos e análise do caso com base no referencial teórico que sustenta o trabalho. Outro ponto importante abordado, reforça a autenticidade



A atuação do psicólogo como acompanhante terapêutico sob a ótica da terapia cognitivo comportamental

na atuação, visto que a prática ocorre em diversos contextos que lidam diretamente com imprevistos e intercorrências.

Cabe ressaltar que a temática permite um amplo espaço para pesquisas e estudos acerca do fenômeno AT. Sugere-se a realização de novas investigações, como a prática do acompanhante terapêutico em relação aos outros enfoques teóricos, ou ainda um aprofundamento acerca das diversas possibilidades de contextos, públicos, demandas e necessidades, tais como: as contribuições em casos de pacientes com quadros depressivos ou com diagnóstico de fobia social.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Cristiano Nabuco de; GUILHARDI, Hélio José. **Terapia comportamental e cognitivo comportamental: práticas clínicas**. Roca. São Paulo, 2004.

AZEVEDO, Adriano Valério dos Santos; PARDO, Maria Benedita Lima. Formação e atuação em psicologia social comunitária. **Psicol. Pesq.**, Juiz de Fora, v. 8, n. 2, dez. 2014. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1982-12472014000200009](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1982-12472014000200009). Acesso em: 15 maio 2022.

BARRETO, Kleber Duarte. **Ética e técnica no acompanhamento terapêutico: andanças com Dom Quixote e Sancho Pança**. 3. ed. São Paulo, 2005.

BECK, Aaron T.; ALFORD, Brad A. **O poder integrador da terapia cognitiva**. São Paulo: Artes Médicas, 2000.

BECK, Judith S. **Terapia cognitivo-comportamental: teoria e prática**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2013.



A atuação do psicólogo como acompanhante terapêutico sob a ótica da terapia cognitivo comportamental

BOCK, Ana Mercês Bahia; FURTADO, Odair; TEXEIRA, Maria de Lourdes Trassi. **Psicologias**: uma introdução ao estudo da psicologia. 13. ed., refor., ampl. São Paulo: Saraiva, 1999.

BRANDALISE, Fernando; ROSA, Gabriela L. Velhas estradas: caminho novo – acompanhamento terapêutico no contexto da reforma psiquiátrica. **Cadernos Brasileiros de Saúde Mental**, 2009. Disponível em:

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/cbsm/article/view/68429>. Acesso em: 15 maio 2022.

BRONDANI, Ana Carolina. **A experiência do acompanhamento terapêutico a partir das narrativas de usuárias(os)**. 2020. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social e Institucional) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Psicologia, Porto Alegre, 2020. Disponível em:

<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/220375>. Acesso em: 10 abr. 2022.

CARNIEL, Aline Cristina Dadalte. **O acompanhamento terapêutico na assistência e reabilitação psicossocial do portador de transtorno mental**. 2008. Dissertação (Mestrado em Enfermagem Psiquiátrica) – Programa de Pós-Graduação em Enfermagem Psiquiátrica, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2008. Disponível em:

<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/22/22131/tde-06082008-143012/pt-br.php> Acesso em: 15 maio 2022.

CARVALHO, Sandra. S. **Acompanhamento terapêutico: que clínica é essa?** São Paulo: Annablume, 2004. Disponível em:

<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psyche/v10n18/v10n18a18.pdf>. Acesso em: 15 maio 2022.

CASAGRANDE, Walter. Casagrande agradece ajuda de psicóloga após luta contra a dependência química. **UOL Esporte**, São Paulo, 12 fev., 2020.

Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas->





A atuação do psicólogo como acompanhante terapêutico sob a ótica da terapia cognitivo comportamental

noticias/2020/02/12/casagrande-agradece-ajuda-de-psicologa-apos-luta-contradependencia-quimica.htm. Acesso em: 17 mar. 2022.

CAUCHICK, Maria Paula. **Sorrisos Inocentes, gargalhadas horripilantes: Intervenções no acompanhamento terapêutico.** São Paulo: Annablume, 2001.

CHAUÍ-BERLINCK, Luciana. **Novos andarilhos do bem: caminhos do acompanhamento terapêutico.** 2011. Tese Doutorado (Psicologia) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. Disponível em: [https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-19072011-085235/publico/berlinck\\_do.pdf](https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-19072011-085235/publico/berlinck_do.pdf). Acesso em: 15 maio 2022.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (CFP). **Consolidação das resoluções relativas ao título profissional de especialista em psicologia e dispõe sobre normas e procedimentos para seu registro.** RESOLUÇÃO n.º 013/2007. Brasília, 2007. Disponível em: [https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2008/08/Resolucao\\_CFP\\_nx\\_013-2007.pd](https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2008/08/Resolucao_CFP_nx_013-2007.pd). Acesso em: 17 mar. 2022.

CUNHA, Amanda Candeloro; PIO, Danielle Abdel Massih; RACCIONI, Thaís Munholi. Acompanhamento terapêutico: concepções e possibilidades em serviços de saúde mental. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 37, p. 638-651, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/45VS7XkkJQWGhYmpX69BDLy/?lang=pt>. Acesso em: 10 mar. 2022.

FIGUEREDO, Carolina Drumond. **Intervenções realizadas por acompanhantes terapêuticos e a promoção de autonomia na pessoa acompanhada.** 2009. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Psicologia) – Universidade do Sul de Santa Catarina, Palhoça, 2009. Disponível em: <https://repositorio.animaeducacao.com.br/handle/ANIMA/10367>. Acesso em: 15 maio 2022.



A atuação do psicólogo como acompanhante terapêutico sob a ótica da terapia cognitivo comportamental

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GODINHO, Danilo Marques; PEIXOTO JUNIOR, Carlos Augusto. Clínica em movimento: a cidade como cenário do acompanhamento terapêutico. **Fractal: Revista de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 31, n. 3, p. 320-327, 2019.

Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/fractal/a/YJDXGzqPqvwtqDvtcfDDBjv/abstract/?lang=pt>.

Acesso em: 10 mar. 2022.

GONCALVES, Carla Alessandra Barbosa. **A contratransferência na clínica contemporânea: abertura para o inédito**. 2012. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47133/tde-04102012-163223/pt-br.ph>. Acesso em: 15 maio 2022.

GUERRA, Elaine Linhares de Assis. **Manual de pesquisa qualitativa**. Belo Horizonte: Grupo Anima Educação, 2014.

LANCETTI, Antônio. **Clínica peripatética**. São Paulo: Hucitec, 2008.

LIMA, Myrian Vallias de Oliveira.; WIELENSKA, Regina Cristina. Terapia comportamental-cognitiva. In: CORDIOLI, Aristides Volpato. **Psicoterapias: abordagens atuais**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993. p. 192- 209.

LONDERO, Igor; PACHECO, Janaína Thais Barbosa. Porque encaminhar ao acompanhamento terapêutico? Uma discussão considerando a perspectiva de psicólogos e psiquiatras. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 11, n. 2, p. 259-267, 2006. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/psi-49540>. Acesso em: 15 maio 2022.



A atuação do psicólogo como acompanhante terapêutico sob a ótica da terapia cognitivo comportamental

LONDERO, Igor *et al.* Contextualizando o acompanhamento terapêutico nas terapias cognitivas e comportamentais. *In*: LONDERO, Igor *et al.*

**Acompanhamento terapêutico:** teoria e técnica na terapia comportamental e cognitivo-comportamental. São Paulo, 2010, p. 03-11.

MARTINS, Grasiela Borges; NOBRE, Natalia Kelle da Silva; MARTINS, Maria das Graças Teles. **A violência doméstica contra mulheres:** contribuição da terapia cognitivo-comportamental na intervenção. *Rev. Mult. Psic.*, v. 14, n. 54, p. 104-116, 2020. Disponível em:

<https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/view/2951>. Acesso em: 23 mar. 2022.

MAUER, Susana Kuras de; RESNIZKI, Silvia. **Acompanhantes terapêuticos e pacientes psicóticos:** manual introdutório a uma estratégia clínica. Campinas: Papyrus, 2003.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 17, p. 621-626, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/39YW8sMQhNzG5NmpGBtNMFf/?lang=pt>. Acesso em: 15 maio 2022.

NETO, Mauricio; DIMENSTEIN, Magda. Experiência de acompanhamento terapêutico: do hospital à cidade. **Revista Pesquisas e Práticas Psicossociais**, v. 11, n. 2, p. 489-498, 2016. Disponível em: [http://www.seer.ufsj.edu.br/index.php/revista\\_ppp/article/view/1762/1249](http://www.seer.ufsj.edu.br/index.php/revista_ppp/article/view/1762/1249). Acesso em: dia 28 mar. 2022.

PELÚCIO, Lyvya Mendes; SILVA, Janne Cristina de Araújo; SOUZA, Ricardo Ângelo de Andrade. A importância do acompanhamento terapêutico como estratégia de intervenção auxiliar à clínica tradicional. *In*: FARIAS, Gilmar Alves *et al.* **Uma gota de conhecimento**. Campinas: Pontes Editores, 2019. p. 265-





A atuação do psicólogo como acompanhante terapêutico sob a ótica da terapia cognitivo comportamental

287. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/48257>. Acesso em: 15 maio 2022.

PETERSEN, Mariana Gomes Ferreira *et al.* Psicoterapia cognitivo comportamental para mulheres em situação de violência doméstica: revisão sistemática. **Psicol. Clin.**, Rio de Janeiro, v. 31, n. 1, p. 145-165, abr. 2019.

Disponível

em:[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-56652019000100008](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652019000100008). Acesso em: 23 mar. 2022.

PITIÁ, Ana Celeste de Araújo. O resgate da cidadania: o acompanhamento terapêutico e o aspecto da reabilitação psicossocial. **Saúde em Debate**, Rio de Janeiro, v. 29, n. 70, p. 179-185, 2005. Disponível em:

<https://www.redalyc.org/pdf/4063/406345255008.pdf>. Acesso em: 15 maio 2022.

REIS NETO, Raymundo de Oliveira; PINTO, Ana Carolina Teixeira; OLIVEIRA, Luiz Gustavo Azevedo. Acompanhamento terapêutico: história, clínica e saber.

**Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 31, n. 1, p. 30-39, 2011. Disponível

em:<https://www.scielo.br/j/pcp/a/fV3QxFnS7Pn9BnrcJ997FsQ/abstract/?lang=pt>

Acesso em: 17 mar. 2022.

RIBEIRO, Thais da Cruz Carneiro. Acompanhar é uma barra: considerações teóricas e clínicas sobre o acompanhamento psicoterapêutico. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 22, p. 78-87, 2002. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/pcp/a/BK9jSgw8ykhKpCqNk9zrzSr/?lang=pt>. Acesso em:

15 maio 2022.

SERENO, Deborah. Acompanhamento terapêutico e educação inclusiva.

**Psychê**, São Paulo, v. 10, n. 18, p. 167-179, 2006. Disponível em:



A atuação do psicólogo como acompanhante terapêutico sob a ótica da terapia cognitivo comportamental

[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-11382006000200016](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-11382006000200016). Acesso em: 1º maio 2022.

SILVA, Célia Leme de Camargo. **Uma revisão da literatura brasileira acerca do acompanhante terapêutico em uma abordagem analítico-comportamental**. 2013. Monografia (Especialista em Terapia Analítico-Comportamental Infantil) - Instituto Brasiliense de Análise do Comportamento, Brasília, 2013. Disponível em: <https://ibac.com.br/wp-content/uploads/2017/08/Monografia-Celia-Leme-de-Camargo-Silva.pdf>. Acesso em: 15 maio 2022.

SIMÕES, Cristiane Helena Dias; KIRSCHBAUM, Débora Isane Ratner. Produção científica sobre o acompanhamento terapêutico no Brasil de 1960 a 2003: uma análise crítica. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, 2005. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/porta1/resource/pt/bde-16708>. Acesso em: 15 maio 2022.

TOSTA, Luana Rodrigues de Oliveira; SILVA, Thaysa Brinck Fernandes. Duas nômades e inúmeras rotas: cartografias de um processo em acompanhamento terapêutico. **Revista da SPAGESP**, 2016. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S1677-29702016000100008](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1677-29702016000100008). Acesso em: 15 maio 2022.

TRAVASSOS, Rômulo; MOURÃO, Luciana. Lacunas de competências de egressos do Curso Psicologia na visão dos docentes. **Psicol. Cienc. Prof**, Brasília, v. 38, n. 2, p. 233-248, jun. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/cQ64yTxQpbdGTyjxnHxWshH/?lang=pt>. Acesso em: 11 jun. 2022.

TRISTÃO, Kelly Guimarães; AVELLAR, Luziane Zacché; RIBEIRO NETO, Pedro Machado. Acompanhamento terapêutico: concepções sobre a prática e setting terapêutico. **Revista Pesquisas e Práticas Psicossociais**, v. 12, n. 3,



A atuação do psicólogo como acompanhante terapêutico sob a ótica da terapia cognitivo comportamental

p. 15, 2017. Disponível em:

[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-89082017000300012](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-89082017000300012). Acesso em: 1º maio 2022.

TRISTÃO, Kelly Guimarães; AVELLAR, Luziane Zacché. Acompanhantes terapêuticos na Grande Vitória, Espírito Santo, Brasil: quem são e o que fazem? **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, v. 18, p. 533-544, 2014.

Disponível

em:<https://www.scielo.br/j/icse/a/WBQTvttq8LVC4PJNSJMsVTM/?lang=pt>.

Acesso em: 28 maio 2022.

VARELLA, Maria do Rosário Dias; LACERDA, Fernanda; MADEIRA, Michelângela. Acompanhamento terapêutico: da construção da rede à reconstrução do social. **Psyche**, v. 10, n. 18, p. 129-140, 2006. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psyche/v10n18/v10n18a13.pdf>. Acesso em: 9 abr. 2022.

VASCONCELOS, Laércia Abreu; GIMENES, Lincoln da Silva. Princípio de Premack. *In*: ABREU, Cristiano Nabuco de; GUILHARDI, Hélio José. **Terapia comportamental e cognitivo comportamental: práticas clínicas**. São Paulo: Editora Roca, 2004. p. 238.

VASCONCELOS, Laércia Abreu; NAVES, Ana Rita Coutinho Xavier; ÁVILA, Raquel Ramos. Uma abordagem analítico-comportamental do desenvolvimento. *In*: TOURINHO, Emmanuel Zagury; LUNA, Sergio Vasconcelos de. **Investigações históricas, conceituais e aplicadas em análise do comportamento**. São Paulo: Roca, 2010. p. 125.

WRIGHT, Jesse H; BASCO, Monica R. THASE, Michael E. **Aprendendo a terapia cognitivo-comportamental: um guia ilustrado**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.





A atuação do psicólogo como acompanhante terapêutico sob a ótica da terapia cognitivo comportamental

ZAMIGNANI, Denis Roberto; KOVAC, Roberta; VERMES, Joana Singer. **A clínica de portas abertas: experiências e fundamentação do acompanhamento terapêutico e da prática clínica em ambientes extra consultórios.** São Paulo: Paradigma, 2007.



**UM ESTUDO DA CONTRATRANSFERÊNCIA NO AMBIENTE  
HOSPITALAR: A ESCUTA PSICANALÍTICA A PARTIR DA SÉRIE *THE  
GOOD DOCTOR***

*A STUDY OF CONTRACT TRANSFER IN THE HOSPITAL  
ENVIRONMENT: PSYCHOANALYTIC LISTENING FROM THE GOOD  
DOCTOR SERIES*

Thais Kerolin Mafra<sup>1</sup>

Gustavo Angeli<sup>2</sup>

Jeisa Benevenuti<sup>3</sup>

**RESUMO:** Este artigo analisa as relações transferenciais existentes no ambiente hospitalar, com ênfase na contratransferência a partir da série ‘*The Good Doctor*’. A pesquisa é sustentada pelo método psicanalítico, utilizando referenciais teóricos freudianos e pós-freudianos. Após uma escuta da série, realizou-se uma análise de recortes das cenas, identificando os impasses da contratransferência nos ambientes hospitalares e a importância em o analista escutar suas próprias contratransferências para o manejo e condução do tratamento dos pacientes.

**Palavras-chaves:** contratransferência; hospital; psicanálise.

**ABSTRACT:** *This article aimed to analyze transference relationships existing in the hospital environment, with an emphasis on countertransference from the ‘The Good Doctor’ series. The research is supported under the psychoanalytic method, using theoretical Freudian and post-Freudian references. After listening, an analysis of the series’ clippings was performed, identifying the impasses of the countertransference in the hospital environments, and the*

---

<sup>1</sup> Psicóloga pelo Centro Universitário de Brusque. *E-mail:* kerolin.mafra@gmail.com.

<sup>2</sup> Psicólogo pela Universidade Regional de Blumenau. Doutorando em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina. Mestre em Psicologia pela Universidade Estadual de Maringá. Docente do curso de Psicologia do Centro Universitário de Brusque *E-mail:* gustavooangeli@gmail.com.

<sup>3</sup> Psicóloga pela Universidade do Vale do Itajaí. Doutora e Mestre pela Universidade Federal de Santa Catarina. Docente do curso de Psicologia do Centro Universitário de Brusque. *E-mail:* jeisa@unifebe.edu.br.



Um estudo da contratransferência no ambiente hospitalar: a escuta psicanalítica a partir da série *the good doctor*

*important thing for the analyst to listen to his own countertransference.*

**Keywords:** *countertransference; hospital; psychoanalysis.*

## 1 INTRODUÇÃO

Este artigo tem por objetivo analisar a contratransferência diante da atuação do profissional da saúde, especificamente médicos. Essa análise ocorrerá partir de articulações com a série *'The Good Doctor'*. A série televisiva, lançada no ano de 2017, nos Estados Unidos, relata a história de Dr. Shaun Murphy, um jovem cirurgião diagnosticado com autismo, que se muda de uma cidade do interior para *San Jose*, a fim de trabalhar em um hospital. Além de enfrentar os desafios profissionais, ele precisa provar aos colegas e superiores que é competente o bastante para atuar como cirurgião médico.

O que mais chama a atenção ao assistir à série, é que ela nos revela o dia a dia de um hospital, incluindo os desafios de médicos e da sua equipe, e explicita como é difícil lidar com pacientes nas mais diversas situações. Com base nessas discussões, neste trabalho, será retratada e analisada a relação dos médicos perante a contratransferência com seus pacientes. Apoiando-se em uma pesquisa psicanalítica, o artigo possibilitará não apenas agregar à formação acadêmica, mas construir conhecimentos dentro do campo psicanalítico.

A contratransferência pode ser definida como um tipo de conjunto de emoções e sentimentos despertados no analista (ZAMBELLI *et al.*, 2013) ou, no caso deste estudo, nos profissionais da saúde, por meio da relação transferencial com o paciente. Como consequência, Palhares (2008) aponta que a relação transferencial induz o analista a uma resposta emocional diante do analisando, ou seja, os afetos do analista se tornam presentes na sessão, constituindo a contratransferência. Portanto, o manejo da contratransferência tem grande importância para a continuidade e direcionamento do tratamento.

Todo profissional, no exercício de sua função, está submetido aos efeitos





**Um estudo da contratransferência no ambiente hospitalar: a escuta psicanalítica a partir da série *the good doctor***

do encontro com seu paciente. Esse tipo de relação transferencial é definida como uma espécie de resistência, que se manifesta no psicanalista em relação ao seu paciente. Essa resistência é causada por conflitos inconscientes, que, por meio de falas dos pacientes, representam alguma emoção para o analista. Entretanto, tais reações emocionais são consideradas por Freud (1909/2010), obstáculos ao tratamento e, como tais, devem ser reconhecidas para que possam ser diferenciadas das emoções do paciente. Em outras palavras, o manejo da contratransferência dentro e fora da análise tem importância crucial para a continuidade do tratamento. Nas palavras de Freud (1909/2010, p. 88), "nenhum psicanalista avança além do quanto permitem seus próprios complexos e resistências internas".

A contratransferência se refere às resistências que cada profissional possui e que se tornam produto da relação entre paciente e analista, sendo, muitas vezes, incompreendida. Este encontro produz um campo de afetação, ou seja, não prejudicadamente o analista, mas o paciente, do qual nem o analista nem analisando podem escapar. Destaca-se que a transferência acontece em qualquer tipo de relação.

Na psicologia, a transferência é a relação com o analista, esquecendo-se de que o analista é, e ao mesmo tempo não é, a pessoa com quem o paciente se relaciona (MINERBO, 2016). Transferências são reedições das reações e fantasias que, durante o avanço da análise, costumam despertar-se e tornarem-se conscientes, com a característica de substituírem uma pessoa anterior pelo analista (FREUD, 1909/2010). Ou seja, toda experiência psíquica, tanto do paciente quanto do analista, é revivida, não como algo do passado, mas como um vínculo atual com o analista. Assim sendo, é muito mais que uma recondução de sentimentos do passado na relação com o analista.

Em relação à escolha do tema desta pesquisa, esta ocorreu baseada na experiência de estágio, realizado em um hospital situado em Brusque - Santa Catarina. A proposta inicial desse estágio seria de apenas realizar acolhimentos com as pessoas que se encontravam internadas e com sofrimento psicológico diante da situação que vivenciavam naquele momento. Por meio da escuta, foi



## Um estudo da contratransferência no ambiente hospitalar: a escuta psicanalítica a partir da série *the good doctor*

analisado que determinados profissionais lidavam com pacientes de maneiras diferentes, mesmo que estivessem no mesmo quarto. Ao escutar os pacientes, ocorriam relatos de que estes sentiam diferença entre os tratamentos médicos oferecidos pelo hospital, ou seja, entre o modo de comunicação entre profissionais e pacientes. Outro aspecto desta vez mencionado pelos profissionais da saúde, seria o de que não conseguiam prestar serviços a certos pacientes, porém não sabiam explicar o motivo exato.

A presente pesquisa se sustenta no método psicanalítico e utiliza definições freudianas e pós-freudianas para compreender e interpretar a contratransferência dos profissionais de saúde no contexto hospitalar. Dessa forma, propomos um percurso teórico nos conceitos freudianos de transferência e contratransferência, um debate sobre a psicanálise em âmbito hospitalar, uma discussão sobre a estratégia de produção de conhecimento, a pesquisa psicanalítica, que utilizando a psicanálise extramuros, torna-se possível a construção de um saber psicanalítico para além dos consultórios particulares, e por fim, a análise de cenas que indicam a contratransferência na série 'The Good Doctor'

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 OS DESDOBRAMENTOS DA TRANSFERÊNCIA: O AMBIENTE HOSPITALAR

Iniciaremos a discussão acerca da transferência com uma revisão do conceito na obra de Sigmund Freud (1909/2010). Salieta-se que, no início da psicanálise, os estudos de Freud eram quase exclusivamente voltados à histeria. Assim sendo, o Caso Dora é um dos eventos centrais capaz entrelaçar e explicitar uma contratransferência. A partir desse caso, escrito por volta dos anos 1900 e publicado no ano de 1905, deu-se início aos estudos da transferência e contratransferências. Conforme afirma Isolan (2005), o conceito de transferência é um dos pilares da psicanálise, sendo muito mais que um



**Um estudo da contratransferência no ambiente hospitalar: a escuta psicanalítica a partir da série *the good doctor***

simples sentimento do passado na relação entre o paciente e o analista.

Só é viável pensar em um trabalho psicanalítico a partir da transferência. O laço transferencial se estabelece entre paciente e analista durante o processo de análise, quando o analisando transfere e substitui uma pessoa do passado para a pessoa do analista (PIMENTEL; BARROS, 2009). Dessa forma, percebemos e vivenciamos a importância da transferência no tratamento do paciente e o quanto ela é indispensável, não havendo a possibilidade de evitá-la.

O conceito de transferência, para a psicanálise, é de grande importância quando se fala em abordar a relação entre pacientes e profissionais (NETO; BELO, 2019). Podemos dizer que a transferência é uma relação de confiança que poderá ou não se consolidar, marcando significativamente os rumos do próprio tratamento. Lacan (1966) afirma que é no campo da transferência que o analista deverá produzir respostas, considerando casos em que não há correspondência direta entre o que é demandado e o que é desejado pelo paciente. Para Simonetti (2018), a transferência não é para ser interpretada, ela é um dispositivo analítico, um instrumento a ser utilizado, independentemente do contexto.

No artigo 'Observações sobre o amor transferencial', Freud (1911/2010) retoma a ideia de transferência como resistência e aborda duas dificuldades sobre seu manejo, sendo ela a transferência e a resistência. A transferência utilizada pelo paciente, ou seja, utilizada como resistência durante o processo de análise, o que pode comprometer a associação livre. A transferência funciona tanto como força impulsora do tratamento quanto como resistência e limite (MAURANO, 2006).

Nesse sentido, emerge o seguinte questionamento: em qual momento da análise surge a resistência do paciente? Uma das formas de analisar se a resistência está ocorrendo se dá pela percepção do momento em que o paciente para de fazer a associação livre. De acordo com Macedo (2005), a associação livre é um método em que o paciente fala e o terapeuta escuta, não





**Um estudo da contratransferência no ambiente hospitalar: a escuta psicanalítica a partir da série *the good doctor***

é recomendado interromper a fala consciente desse paciente. Mesmo assim, é necessário que o analista faça pontuações e intervenções durante a fala do paciente, que ele se dê conta que há muito mais na sua fala do que ele pode perceber. Entretanto, no texto 'Recordar, repetir e elaborar', Freud (1911/2010) afirma que o sujeito se encontra sob resistência quando paralisa suas associações, pois seus pensamentos estão direcionados para a figura do analista. Essa resistência, geralmente, surge no momento de recordar alguma situação de angústia, podendo tornar-se recalcada. O paciente, incapaz de recordar o que reprimiu, reproduz em ação em vez de lembranças e se expressa por meio de atuação, ao colocar em cena seus conteúdos psíquicos. Nesse sentido, a resistência usa a transferência.

Fica-se com impressão que a resistência está agindo como um agente provocável, ela intensifica o estado amoroso do paciente e exagera sua disposição a rendição sexual, a fim de justificar mais intensificada mente o funcionamento do recalque (FREUD, 1914/1996, p. 180).

Cesário (2012) define o conceito de resistência para se referir aos obstáculos que se impõem ao tratamento psicanalítico. Dessa forma, percebemos como a transferência é importante nesta relação e ganha tal importância durante as entrevistas preliminares para o estabelecimento do tratamento psicanalítico (MAURANO, 2006). Os traços da transferência poderiam ser caracterizados como um sentimento de afeto por uma pessoa importante na vida do sujeito, substituída pela figura do analista, que receberá todo esse sentimento. Assim, neste momento, o analista deverá ter manejo para diferenciar o que é seu e do seu paciente, ou seja, distinguir a posição do analista e do paciente, trabalhando as resistências identificadas.

Quando a resistência está em seu auge é que pode o analista, trabalhando em comum com o paciente, descobrir os impulsos recalcados que estão alimentando a resistência; e é este tipo de experiência que convence o paciente da existência e do poder de tais impulsos. O médico nada mais tem a fazer senão esperar e deixar as coisas seguirem seu curso, que não pode ser evitado nem continuamente apressado (FREUD, 1914/1996, p. 202).



**Um estudo da contratransferência no ambiente hospitalar: a escuta psicanalítica a partir da série *the good doctor***

A resistência é um obstáculo que se apresenta ao tratamento e que pode ser erguido tanto pelo sujeito como pelo analista. Tudo isso ocorre por meio de uma relação transferencial. Portanto, o papel do analista, de certa forma, é de possibilitar ao sujeito a elaboração de suas questões e, com base na construção das suas narrativas, que comecem a surgir interpretações do sofrimento por parte do paciente (FREUD, 1914/1996). Já Lacan (1954/1955), ao dizer que a resistência é sempre do analista, radicalizará essa problemática, localizando-a no próprio centro da formação do psicanalista. Ou seja, mesmo que as resistências se expressem por meio dos adversários da psicanálise, ou, ainda, por meio dos pacientes, no âmbito da clínica, o fator determinante será, sempre, a habilidade do analista em manejar as forças que procuram arrastá-lo para abaixo do nível analítico.

Com tal intensidade, no consultório, ou em outro contexto, o profissional da saúde precisa entender que, a qualquer momento, haverá uma resistência e/ou transferência. A partir disso, Macedo (2005) afirma que é fundamental para o pensamento clínico destacar a escuta. Escutar-se, de fato, em sua análise pessoal, permite a instrumentalização do analista e oferece, conseqüentemente, a possibilidade de utilização de todos esses fatores como recursos que incrementam sua capacidade de escuta e de verdadeira sustentação do seu lugar (MACEDO, 2005, p.74). O mesmo autor afirma que devemos dar devida importância à escuta na psicanálise; pois, durante o processo de análise, vai se evidenciando o autoconhecimento. Entretanto, isso nem sempre é alcançado de maneira rápida, sem dificuldades/resistências, o que o impede de escutar o que está sendo (re)vivido na análise.



## Um estudo da contratransferência no ambiente hospitalar: a escuta psicanalítica a partir da série *the good doctor*

### 2.1 A CONTRATRANSFERÊNCIA E SEUS IMPASSES: O DESEJO DO ANALISTA NO CONTEXTO HOSPITALAR

No ano de 1910, Freud criou o conceito de contratransferência, que está relacionado às reações emocionais inconscientes despertadas no analista pelo paciente. Freud (1909/2010) considerava que a contratransferência se formava por meio de sentimentos e reações neuróticas inconscientes do analista e a julgou prejudicial ao tratamento, considerando, portanto, que deveria ser evitada. No ano de 1909, Freud define que a contratransferência estaria ligada ao que denominou de “pontos cegos” do analista. Ao passar do tempo, com suas pesquisas, analisou que o desejo do analista pode interferir no manejo durante o atendimento e em como a transferência com o paciente será conduzida. De acordo com Maurano (2006), se o desejo do analista não estiver afinado com o trabalho, a resistência surgirá também do seu lado, por meio de uma transferência mal colocada por parte dele.

Com o fim da Segunda Guerra Mundial, os analistas começaram a atender pacientes com diversos traumas psicológicos, devido ao que vivenciaram em campo de guerra. A vivência com os soldados possibilitou a experiência de diversas emoções. Assim sendo, alguns analistas começaram a relatar fenômenos de contratransferência (WOLFF; FALCKE, 2011). Muitos relatavam como era difícil lidar com determinados sentimentos que o paciente lhes apresentava e acabavam despertando no analista. Dessa maneira, o analista se coloca como objeto, em vez de ser instrumento e conduzir a sessão. Essa é a resistência que melhor configura um obstáculo para a análise (MAURANO, 2006). O analista deve reconhecer que a fala do paciente é induzida pela situação analítica e não deve ser atribuído aos encantos de sua própria pessoa. Para o paciente, contudo, há duas alternativas: abandonar o tratamento psicanalítico ou aceitar e continuar com o tratamento, desde que o analista procure cuidar de suas contratransferências. É essencial que o profissional de saúde escute suas contratransferências também, para que





**Um estudo da contratransferência no ambiente hospitalar: a escuta psicanalítica a partir da série *the good doctor***

consiga auxiliar no processo de análise do paciente que está em sofrimento. Freud (1909/2010) ressalta que é necessário que o analista reconheça a contratransferência e trabalhe para dar continuidade ao tratamento de seu paciente.

Em 1949, Winnicott escreve 'Ódio na Contratransferência', não se atendo apenas a descrever a contratransferência, mas refletindo sobre como lidar com determinados sentimentos que o paciente desperta no analista. De acordo com Winnicott (1983), o significado da palavra contratransferência só pode ser o de aspectos neuróticos que estragam a atitude profissional e perturbam o curso do processo analítico determinado pelo paciente.

Em muitas das literaturas psicanalistas, nos deparamos com distintas definições para a contratransferência, comparando muitos dos autores citados neste artigo, a exemplo de Freud, Lacan, Winnicott, Minerbo e Maurano. Apesar de o termo contratransferência ter muitas definições, seu objetivo central é o mesmo, ou seja, alguns termos são clássicos entre os psicanalistas, como:

- 1) Todos os sentimentos e atitudes do analista em relação ao paciente são considerados contratransferência; 2) A chamada concepção clássica como reação inconsciente do analista às transferências do paciente (neuróticas e não neuróticas por parte do analista); 3) A transferência de sentimentos infantis do analista ao paciente (MOELLER, 1977, p. 1).

Ao pensar na contratransferência e na experiência de estágio, surge a questão: Como trabalha um psicanalista no contexto hospitalar? Conforme Nali (2002), o relacionamento transferencial é de suma importância para a psicanálise. Porém, quando se trabalha em psicanálise num outro contexto, que não o consultório privado, algumas particularidades se fazem presentes, principalmente no que diz respeito ao próprio fenômeno transferencial. A psicanálise como campo de investigação vem se desenvolvendo ao longo do tempo, questionando e oferecendo propostas para novos espaços de atuação, como a psicologia hospitalar (NETO; BELO, 2019). A seguir trataremos como é a atuação do psicanalista dentro de um ambiente hospitalar.



## Um estudo da contratransferência no ambiente hospitalar: a escuta psicanalítica a partir da série *the good doctor*

### 2.2 O PSICANALISTA E O HOSPITAL

Diante da função do analista, Freud (1918/1996) afirma que, na análise, o paciente é dirigido a resgatar experiências reprimidas, sendo de responsabilidade do analista construir, a partir dos traços captados na fala do sujeito, vínculo entre as duas partes. No âmbito hospitalar, entendemos que as práticas se sustentam na teoria psicanalítica, entretanto, tais atividades não são consideradas uma análise, mas uma possibilidade de utilização do método freudiano e efeitos de uma análise em outros contextos. No hospital, os pacientes chegam a narrar suas histórias sem tempo determinado ou preestabelecido. Nesse sentido, é possível pensar a psicanálise e seus efeitos na instituição hospitalar.

A psicologia hospitalar oferece escuta ao sujeito adoecido a fim de, entre outros objetos, favorecer a elaboração simbólica do adoecimento (SIMONETTI, 2011). No ano de 2015, a autora afirma que a psicologia hospitalar é um campo de atendimento e tratamento de aspectos psicológicos em torno do adoecimento. A rotatividade de pacientes internados possibilita o contato com uma diversidade de pessoas, cada uma com seus traumas, patologias, subjetividade, cultura, profissão, idade e, até mesmo, nacionalidade. Nessa perspectiva, uma das funções dos psicólogos dentro do hospital

[...] é o atendimento psicológico a pacientes e familiares e/ou responsáveis pelo paciente tendo como principal tarefa avaliar e acompanhar intercorrência psíquicas dos usuários dos serviços de saúde que estão ou serão submetidos a procedimentos médicos clínicos ou cirúrgicos, nas diferentes especialidades médicas (CFP, 2007, s.p. *apud* NETO; BELO, 2019, p. 123).

Vale ressaltar que a psicanálise só acontece quando o paciente apresenta transferência. Entretanto, pode-se destacar especificidades das demandas no ambiente hospitalar. Normalmente, é o paciente que procura o analista, porém, no hospital, há um movimento inverso, ou seja, o analista



**Um estudo da contratransferência no ambiente hospitalar: a escuta psicanalítica a partir da série *the good doctor***

procura os pacientes em seus leitos. Em alguns momentos, os membros da equipe hospitalar solicitam o acompanhamento e a escuta de pacientes, muitas vezes de uma maneira exploratória, dito de outro modo, um ambiente que instiga a escuta do singular e do inesperado.

O psicanalista, no hospital, não atua sozinho. Diferentemente do consultório particular, ele faz parte de uma equipe. “O analista em um hospital, não é mais nem menos do que ele pode ser em qualquer lugar. Ele deve se aproximar bastante daquilo que é a sua função dentro deste ambiente” (MORETTO, 2011, p. 207 *apud* MACHADO; CHATELARD, 2013, p. 147). Geralmente, a atitude que os médicos e outros funcionários costumam tomar é a de encaminhar os pacientes para o consultório particular e não chamar o psicanalista para verificar o quarto do paciente. Para Simonetti (2015), o propósito do psicanalista no hospital é de focar na subjetividade do paciente, ou seja, de favorecer a travessia pelo adoecimento por parte do sujeito, levando-o a enfrentar seus sofrimentos físicos e psicológicos. Assim, respeitando a subjetividade dos pacientes, ouvir todo paciente que se prontifica a falar de sofrimento ou história, independentemente da qualidade da fala de cada um, pois muitas vezes a fala encontra-se desorganizada, por causa de medicamentos usados durante os procedimentos hospitalares. De certa forma, possibilitamos por meio das relações transferenciais, que o sujeito elabore a partir da construção de narrativas e interpretações seus sofrimentos físicos e psicológicos (FREUD, 1914/1996).

### **3 ESTRATÉGIAS DE PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO**

Baseado em uma revisão dos temas ‘transferência’ e ‘contratransferência’, da obra de Sigmund Freud e de outros autores pós-freudianos, foi possível sustentar argumentações e delimitações conceituais. Para tanto, foram selecionados textos de obras que fazem menções à transferência e à contratransferência dentro do contexto histórico e das intervenções hospitalares.





**Um estudo da contratransferência no ambiente hospitalar: a escuta psicanalítica a partir da série *the good doctor***

Um dos métodos utilizados durante a elaboração desta pesquisa foi a psicanálise como estratégia de produção de conhecimento. Iribarry (2003) afirma que ao desenvolver uma pesquisa em psicanálise, o pesquisador coloca-se como sujeito da investigação, buscando ideias sobre a prática clínica, o que possibilita um intermédio da articulação entre a teoria e o caso a ser analisado. Esse processo tem como resultado a produção de um saber. A pesquisa psicanalítica, segundo Kobori (2013), tem como condição metodológica o uso do método psicanalítico, criado por Freud, com o objetivo de construir um novo conhecimento a respeito do ser humano, da sociedade e da cultura. Além de o campo clínico, a psicanálise pode ter vários outros campos de atuações e pesquisa. A psicanálise, fora do contexto da clínica, é controversa e recebeu diferentes denominações. Em Freud, ela é chamada de psicanálise aplicada, em Laplanche, de psicanálise extramuros e em Lacan, de psicanálise em extensão (ROSA, 2010). Compreende-se que a psicanálise extramuros alinha-se aos preceitos da pesquisa psicanalítica, assim como segue a rigor os conceitos da mesma. Herrmann (2001) defende que, baseado na interpretação, é possível dar um novo sentido à obra analisada. O mesmo autor ainda afirma que, a partir desse método, é possível analisar e adequar conteúdos, sejam eles esculturas, obras literárias, poemas, músicas, filmes e séries.

Em um segundo momento, por meio de uma escuta da série *'The Good Doctor'*, construiremos e analisaremos a série como um caso clínico e a pesquisa proporcionou a associação da teoria com o caso, permitindo estabelecer e produzir saberes diante da teoria psicanalítica. No decorrer dos episódios, algumas situações provocaram emoções e interpretações autores, optando por dar destaque a cenas e dar início à análise e resultados. Assim sendo, por meio da associação livre e da escuta, o trabalho se organiza em regularidades, como o Inquietante e o complexo de Édipo, a partir de teoria psicanalítica.



**Um estudo da contratransferência no ambiente hospitalar: a escuta psicanalítica a partir da série *the good doctor***

## **4 ANÁLISE**

### **4.1 A ESCUTA NO AMBIENTE HOSPITALAR: O INFAMILIAR E A CONTRATRANSFÊNCIA EM CENA**

A série de televisão utilizada neste trabalho como caso clínico, '*The Good Doctor*', foi lançada em 2017, pela *American Broadcasting Company* (ABC), nos Estados Unidos. Atualmente, a série possui três temporadas e, no Brasil, é transmitida pela Globo Play. Criada por Daniel Dae Kim, inspirado em uma série da Coreia do Sul, baseada em um drama médico, a série começou a ser adaptada para os fãs dos Estados Unidos. Após a série ser recusada como um plágio, Kim se juntou com o criador de *Dr. House* (David Shore), fazendo com que outras redes tivessem interesse em reproduzir a série em seus canais. Na série, nos deparamos com Shaun Murphy (Freddie Highmore), um jovem médico diagnosticado com autismo de Síndrome de Savant, ou seja, a pessoa com esse diagnóstico apresenta habilidades muito desenvolvidas em determinada área (RODRIGUES *et al.*, 2020). Na medida em que é diagnosticado com autismo, Shaun precisa ser aprovado pela diretoria do Hospital *San Jose St. Bonaventure*, para ser considerado residente de cirurgia.

Considerando essas informações, a partir deste momento, serão descritos apontamentos e recortes de cenas da série sob a perspectiva psicanalítica, possibilitando analisar a contratransferência na relação entre médico e paciente.

Para dar início à análise, destaca-se a primeira cena que ocorre em um dos primeiros episódios da série. Shaun precisa atender um paciente com fratura no braço esquerdo e diagnóstico de câncer. Ao entrar no quarto, ele se depara com um menino com aparência semelhante a de seu falecido irmão, como corte de cabelo, sinais de nascença no rosto, olhos e fisionomia. Isso lhe desperta lembranças de quando brincavam, de quando aprendeu a ler, de como seu irmão o protegia de violências e lembranças afetuosas,



**Um estudo da contratransferência no ambiente hospitalar: a escuta psicanalítica a partir da série *the good doctor***

consideradas familiares para Shaun.

Sobre a temática do (in)familiar, Freud (1919/2019) afirma que 'familiar' [heimlich] é uma palavra que se desenvolveu segundo a ambivalência, até se fundir, enfim, com seu oposto, o infamiliar [unheimlich]. Podemos traduzir o conceito freudiano de várias formas: o *Unheimlich* se apresenta como o estranho, o infamiliar, o inquietante e o duplo. Todos esses termos com o mesmo significado, algo familiar para o sujeito. Apesar de vários termos, para a análise deste trabalho, adotamos a tradução de Infamiliar.

Para Freud (1919/2019), o infamiliar existe quando o infantil recalcado é revivido por meio de impressões ou quando crenças do passado, consideradas superadas, aparecem novamente, mobilizando um estranhamento. O conceito remete ao velho conhecido, representando tudo o que deveria permanecer em segredo, oculto, mas que veio à tona (FREUD, 1919/2019). Esse movimento, de lembrar algo que estaria recalcado, é de forte valor afetivo, parcial ou totalmente inconsciente. O infamiliar constitui-se a partir das relações interpessoais da história infantil e pode estruturar todos os níveis psicológicos, sejam eles as emoções ou atitudes (PONTALIS; LAPLANCHE, 2001).

A partir da primeira cena, foi possível analisar como o médico ficou inquieto ao perceber que o paciente era parecido com seu irmão. Durante os procedimentos, não sabia como dar continuidade a não ser tratando o paciente como se fosse o seu próprio irmão e, de certa forma, surpreso por revê-lo após alguns anos. Mesmo em se tratando de uma representação em outra pessoa, o que lhe trouxe aparente satisfação, por outro lado, o médico vivenciou apresentou indícios de angústia, por não poder cuidar do irmão, da forma como fazia com o paciente. À medida que aparece o (in)familiar, podemos destacar a aflição e a inquietação de cuidar de um paciente que desperta lembranças do familiar.

De acordo com Freud (1919/2019), o infamiliar abriga tanto um sentido positivo de algo que conhecemos e reconhecemos, quanto o sentido negativo de algo que desconhecemos. Ao decorrer dos procedimentos médicos, é





**Um estudo da contratransferência no ambiente hospitalar: a escuta psicanalítica a partir da série *the good doctor***

perceptível a existência de uma relação (in)familiar com o paciente, que precisa ser escutada.

A partir do movimento que Shaun faz diante da percepção e identificação do quanto o paciente é parecido com o irmão, a relação entre médico e paciente fica complicada ao tratar/atender, neste momento os autores escutam a contratransferência no caso. Por esse motivo, é necessário que o médico escute suas contratransferências e entenda que, naquele momento, ele está tratando de um paciente do hospital e não de seu irmão. Nesse processo, Dr. Shaun consegue identificar o que é seu e o que é do paciente, dando continuidade ao tratamento. O importante em diferenciar o que é seu e o que não é, para dar sequência em um tratamento/atendimento.

Sobre a contratransferência, Freud (1909/1969) relata que é como um obstáculo ao tratamento analítico e, como tal, devem ser reconhecidas, ou seja, diferenciadas das emoções do paciente. Assim, Freud (1911/20110) afirma ser a análise pessoal essencial para a escuta da contratransferência dentro do processo analítico, pois parte do trabalho do analista envolve tomar conhecimento desses sentimentos contratransferências e manejá-los adequadamente, para manter a postura analista perante a transferência do paciente.

Neste momento destacamos segunda cena a ser analisada a partir da série, na qual a personagem principal é Dra. Browne (Antonia Thomas), solteira, reside com a mãe e é responsável por ela desde sua adolescência, quando a mãe da doutora tinha crises alcoólicas, saía durante à noite e deixava toda a responsabilidade da casa com Browne. No episódio em análise, a médica é chamada para atender um caso clínico de uma menina de 16 anos, que precisa urgente de uma cirurgia na vesícula biliar. Ao entrar na sala de cirurgia, Dra. Browne observa que há marcas de cortes nas pernas e braços da paciente e questiona sobre o ocorrido e descobre que a paciente se automutila.

Neste momento, a médica realiza um acolhimento da paciente, para saber o motivo da automutilação, e a paciente fala que a mãe geralmente não



**Um estudo da contratransferência no ambiente hospitalar: a escuta psicanalítica a partir da série *the good doctor***

está em casa, não dá atenção aos filhos e a menina fica na obrigação de cuidar dos irmãos menores, lavar roupa, lavar louça e se nomeia como mãe da casa. Durante o relato da paciente, Dra. Browne fica em silêncio, escutando todo o relato da paciente. Logo mais tarde, após o expediente, Browne agenda uma consulta imediata com a sua psicóloga, e a principal demanda da sessão seria a respeito dela estar brava e inconformada com a mãe da paciente, por não dar atenção aos filhos, deixando toda a responsabilidade com a filha mais velha. Ou seja, Browne não está angustiada/inquietante com a mãe da paciente, e sim com a sua própria mãe, que deixava ela sozinha em sua casa, e solicitava que Browne tomasse conta da casa, precisando fazer comida, arrumar a casa e fazer compras no supermercado, delegando uma responsabilidade de mãe à criança.

Apenas quando Dra. Browne compreende suas contratransferências e volta ao caso da paciente, conseguindo entender o que é seu e o que seria a história da paciente, se colocando no lugar de médica e não de filha. “Quanto mais uma pessoa se orienta por aquilo que se encontra na sua volta, menos é atingida pela impressão de infamiliaridade quando às coisas ou acontecimentos” (FREUD, 1919/2019, p. 33).

Para finalizar a análise, a terceira cena que chamou atenção dos autores, trata-se do personagem Dr. Park (Will Yun Lee) que passa por certos conflitos familiares. Atualmente divorciado e possui um filho, cujo nome é Kellan. Após a separação Park seguiu sua vida e decidiu cursar medicina. Na maior parte do tempo, dedicou-se aos estudos e à sua profissão, ocasionando o abandono do filho, evitando visitas e contatos diários.

No mesmo episódio, Kellan visita o pai no hospital, com intenção de passar um tempo com ele. Porém, Dr. Park está em plantão e seu filho precisa passar todo o final de semana com o pai dentro do hospital. Durante um diálogo entre pai e filho, é possível identificar como Kellan está desanimado com a presença do pai, pelo abandono, por não ter sido presente em seus treinos e campeonatos de futebol e durante seus estudos. Ao longo da conversa, Dr. Park é chamado para a sala de emergência e deixa o menino sem respostas.



**Um estudo da contratransferência no ambiente hospitalar: a escuta psicanalítica a partir da série *the good doctor***

Ao chegar à emergência do hospital, Dr. Park se depara com um paciente do sexo masculino, diagnosticado com leucemia, que precisa fazer um transplante de medula urgente. Dr. Park comenta com seu paciente que a melhor solução seria a doação de medula óssea, que viria do pai. Ao escutar essa fala, o paciente solicita que não nomeie esse homem como pai, pois esse homem abandonou a família quando ele tinha apenas quatro anos. Desde então, não tiveram mais nenhum contato. Com base no relato do paciente sobre o abandono do pai, escutamos as mobilizações contratransferências em Park e uma semelhança sobre a conversar que estava tendo com seu filho momentos antes de ser chamado para a emergência.

Neste momento é identificada a contratransferência no caso clínico, quando o médico/analista identifica algo da sua história no seu paciente e essa relação fica conflituosa. A contratransferência engloba os conflitos não resolvidos do analista, suas experiências e sua personalidade, bem como suas reações racionais, objetivas (ETCHEGOYEN, 2003, p. 173). Nessa representação de médico e paciente, Dr. Park assume a figura de pai, não de médico e começa a pensar que, algum dia, poderia ser o Kellan relatando que “não nomeiem esse homem como pai, pois me abandonou”, ou seja, trazendo sua história para o atendimento.

Conforme Wolff e Falcke (2011, s.p. *apud* RACKER, 1986, s.p.), a contratransferência seria o resultado das identificações que o analista faz com o paciente, podendo se tornar um obstáculo para a continuidade do tratamento, caso não esteja bem resolvido para o médico/analista. Afirmando isso, Etchegoyen (2003) diz que a contratransferência estaria ligada ao fato de surgir um estranhamento para o terapeuta ao se ver e se reconhecer no paciente que trata.

Dr. Park ficou comovido com a relação da sua história com a do paciente e, para dar continuidade ao tratamento, sentou com seu filho e esclareceu a situação do divórcio e por não conseguir demonstrar seus sentimentos, pois durante a sua infância, o pai de Park ensinou que homem não poderia chorar e repetia inúmeras vezes a frase: “Seja como pedra, não





**Um estudo da contratransferência no ambiente hospitalar: a escuta psicanalítica a partir da série *the good doctor***

chore”, por meio de um conflito edípico, Park guardou todas as suas emoções por medo do pai, pois um homem não poderia demonstrar suas emoções. O pai de Park aparece, aqui, como aquele que intervém no desejo do filho, o que impede de demonstrar suas emoções. De acordo com Freud (1914/1996), durante a infância, o pai proíbe o filho de desejar a mãe, sob a ameaça da castração. Proibindo algo do desejo e prazer do filho, o pai faz surgir a frustração no filho em não demonstrar nenhuma emoção, abrindo caminho para uma identificação, em nosso caso clínico, de ser um homem semelhante a uma pedra.

Apesar de Park ser um homem adulto, este pai que escolheu negar suas emoções diante de situações afetuosas, continua tendo influência sobre ele e fazendo despertar conflitos em suas relações atuais, ou seja, o Édipo atualiza-se e a frustração e a identificação continuam presentes nas mais diversas condutas e dinâmicas da vida cotidiana. Após a conversa com o filho, Park ainda afirma que, aos poucos, vai silenciar a voz do pai, que irá tentar demonstrar mais emoções afetuosas e se declarar para o filho, dizendo que jamais deixará de amá-lo. Esclarecendo toda a situação com o filho, Park escutou suas contratransferências e deu continuidade ao tratamento do paciente.

Dessa forma, destacamos uma psicanálise em que o analista não é aquele que não é mobilizado ou indiferente às histórias de seus pacientes, mas é analista aquele que pode escutar suas contratransferências e colocá-las a serviço da análise. Um analista passa uma formação que exige estudo teórico, análise e supervisão. Caminhos que permitem construir destinos às mobilizações contratransferências e o surgimento de uma posição de analista diante da escuta do (in)familiar que nos habita.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Nesta investigação, visamos compreender a principal diferença entre transferência e contratransferência e como ambas relações transferenciais podem inibir o atendimento, pois a contratransferência coloca o desejo do



**Um estudo da contratransferência no ambiente hospitalar: a escuta psicanalítica a partir da série *the good doctor***

analista frente ao atendimento, interferindo no manejo e condução do caso clínico. Quanto à escolha dos casos clínicos da análise, utilizou-se uma série lançada recentemente, no ano de 2019, que possui um cenário hospitalar. Evidencia-se pensar na psicanálise no contexto hospitalar e qual o espaço que a abordagem psicanalítica ocupa em um ambiente diferente da clínica particular. A respeito das relações transferenciais, concluiu-se que é necessário que o analista escute suas contratransferências, procurando outro profissional, assim, resultando ao início de uma análise, para dar continuidade ao atendimento do seu paciente e à condução de uma análise e escuta clínica.

Ao decorrer do artigo, vale destacar uma problematização, “é possível praticar a psicanálise no ambiente hospitalar?”. Sim, é possível, conforme outras abordagens, a psicanálise possui seu espaço diferenciado da clínica atual, ou seja, neste contexto seu *setting* analítico é diferenciado. “No hospital, a abordagem e *setting* são modificados, afinal o leito se transforma em divã, permitindo a fundamentação da psicanálise, ou seja, a escuta do paciente ou profissional do hospital que estejam em sofrimento” (NETO; BELO, 2019, p. 127). A psicanálise consegue ultrapassar fronteiras de um consultório bem mobiliado, para descobrir que o inconsciente está onde o sujeito fala, onde ocorre a associação livre e as relações transferenciais, desde que o analista seja capaz de escutar e manejar a contratransferência.

## REFERÊNCIAS

- CESÁRIO, CG de C. **O conceito de resistência na obra de Freud e sua função na psicanálise**. Tese de Doutorado. Tese de mestrado. São João del Rei PPGPSI– UFSJ, 2012.
- ETCHEGOYEN, R. Horácio. **Fundamentos da técnica psicanalítica**. Grupo A Educação, ed. 2, 2003.
- FREUD, Sigmund. **Cinco lições de psicanálise, Leonardo da Vinci e outros**



Um estudo da contratransferência no ambiente hospitalar: a escuta psicanalítica a partir da série *the good doctor*

**trabalhos Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud** (1909). Rio de Janeiro: Imago, 2010

FREUD, Sigmund. Recordar, repetir e elaborar (1914). *In: Obras completas. Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia (“O caso de Schreber”): artigos sobre técnica e outros textos* (1911/1913). São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. Observações sobre o amor de transferência (1915). *In: Obras completas. Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia (“O caso de Schreber”): artigos sobre técnica e outros textos* (1911/1913). São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, S. História de uma neurose infantil. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud** (1918). Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. O infamiliar [Das Unheimliche]. **Edição comemorativa bilíngue (1919-2019)**: Seguido de O Homem da Areia de ETA Hoffmann. Autêntica, 2019.

FREUD, S. A dissolução do complexo de Édipo. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud** (1914). Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. As perspectivas futuras da terapêutica psicanalítica. *In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago; 1909/1969.

HERRMANN, Fábio. **Introdução à teoria dos campos**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.





Um estudo da contratransferência no ambiente hospitalar: a escuta psicanalítica a partir da série *the good doctor*

IRIBARRY, Isac Nikos. O que é pesquisa psicanalítica? **Ágora: Estudos em teoria psicanalítica**, v. 6, n. 1, p. 115 -138, 2003.

KOBORI, Eduardo Toshio. Algumas considerações sobre o termo psicanálise aplicada e o método psicanalítico na análise da cultura. **Revista de Psicologia da UNESP**, v. 12, n. 2, p. 73-81, 2013.

ISOLAN, Luciano Rassier. Transferência erótica: uma breve revisão. **Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul**, v. 27, n. 2, p. 188-195, 2005.

LACAN, Jacques. **O Seminário Livro 2 - O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise (1954-1955)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

MACEDO, Mônica Medeiros Kother; DE BARROS FALCÃO, Carolina Neumann. A escuta na psicanálise e a psicanálise da escuta. **Psychê**, v. 9, n. 15, p. 65-76, 2005.

MACHADO, Maíla Do Val; CHATELARD, Daniela Sheinkman. A psicanálise no hospital: dos impasses às condições de possibilidades. **Ágora: Estudos Em Teoria Psicanalítica**, v. 16, n. 1, p. 135-150, 2013.

MAURANO, Denise. **A transferência: uma viagem rumo ao continente negro**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2006.

MINERBO, Marion. **Diálogos sobre a clínica psicanalítica**. Editora Blucher, 2016.

NETO, Orestes Diniz; BELO, Fábio Roberto Rodrigues. **Psicologia hospitalar e psicanálise: escuta e cuidado ao idoso**. Belo Horizonte: Atesã, 2019.



**Um estudo da contratransferência no ambiente hospitalar: a escuta psicanalítica a partir da série *the good doctor***

MOELLER, Michael, Lukas. Self and object in countertransference.

**International Journal of Psychoanalysis**, v. 58, p. 365-374, 1977. Disponível em: <https://www.pep-web.org/document.php?id=ijp.058.0365a>. Acesso em: 13 nov. 2020.

NALI, Maria Cristiane. A sutileza da transferência no contexto hospitalar.

**Estilos da Clínica**, v. 7, n. 13, p. 32-41, 2002.

PALHARES, Maria do Carmo Andrade. Transferência e contratransferência: A clínica viva. **Revista Brasileira de Psicanálise**, v. 42, 2008.

PIMENTEL, Claudia Bonfily; BARROS, Izabella Paiva Monteiro de.

Transferência e desfecho terapêutico em psicoterapia psicodinâmica breve.

**Psicologia: Teoria e prática**, v. 11, n. 1, p. 142-152, 2009.

PONTALIS, Jean-Baptiste; LAPLANCHE, J. Vocabulário da psicanálise. **São Paulo: MartinsFontes**, 2001. Disponível em:

[http://estacio.webaula.com.br/BiBlioTECA/Acervo/Complementar/Complementar\\_458\\_1.pdf](http://estacio.webaula.com.br/BiBlioTECA/Acervo/Complementar/Complementar_458_1.pdf). Acesso em: 17 out. 2020.

RODRIGUES, Vânia; NASCIMENTO, Sofia; MAIA, Luis. Transtorno do espectro autista: o Síndrome de Savant. **Psicologia, Saúde & Doenças**, v. 21, n. 2, p. 387- 394, 2020.

ROSA, Miriam Debieux; DOMINGUES, Eliane. O método na pesquisa psicanalítica de fenômenos sociais e políticos: a utilização da entrevista e da observação. **Psicologia & Sociedade**, v. 22, 2010.

SIMONETTI Alfredo. Manual de psicologia hospitalar: **o mapa da doença**. Ed. 06. Casa do psicólogo, São Paulo, 2011.



Um estudo da contratransferência no ambiente hospitalar: a escuta psicanalítica a partir da série *the good doctor*

SIMONETTI Alfredo. **A cena hospitalar**: psicologia médica e psicanálise. Ed. Artesã- Belo Horizonte, 2018.

SIMONETTI, Alfredo. **Psicologia hospitalar e psicanálise**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2015.

WINNICOTT, Donald Woods. **O ambiente e os processos de maturação**: estudo sobre a teoria do desenvolvimento emocional. 1983.

WOLFF, Cíntia; FALCKE, Denise. A contratransferência na clínica psicanalítica contemporânea. **Análise Psicológica**, v. 29, n. 2, p. 201-214, 2011.

ZAMBELLI, Cássio Koshevnikoff et al. Sobre o conceito de contratransferência em Freud, Ferenczi e Heimann. **Psicologia Clínica**, v. 25, n. 1, p. 179-195, 2011.





## **CONTRIBUIÇÕES DO PROFISSIONAL DA PSICOLOGIA NO CONTEXTO DO SERVIÇO DE ATENDIMENTO MÓVEL DE URGÊNCIA (SAMU): UMA REVISÃO SISTEMÁTICA**

*CONTRIBUTIONS OF THE PSYCHOLOGY PROFESSIONAL IN THE CONTEXT OF MOBILE EMERGENCY SERVICE (SAMU): A REVIEW SYSTEM*

Cristiani Quinelato de Oliveira<sup>1</sup>

Andreia Martins<sup>2</sup>

**RESUMO:** Este trabalho tem como objetivo analisar os artigos brasileiros que contextualizam as atividades da Psicologia perante o SAMU. Trata-se de uma revisão sistemática de literatura, realizada entre junho e novembro de 2020, utilizando as seguintes bases de dados: Scielo, Pepsic, Capes/MEC (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior da Fundação do Ministério da Educação) e BVS (Biblioteca Virtual em Saúde). Foi possível identificar que as produções, em sua maioria, estão voltadas aos profissionais do SAMU, especificamente pesquisas e atividades relacionadas ao processo de saúde/doença desses(as) trabalhadores(as), e em sua minoria, às atividades da Psicologia na comunidade. Como principais resultados, citam-se: a existência de estudos direcionados às preocupações relacionadas à saúde do(a) trabalhador(a) e à atuação do profissional da Psicologia no contexto de emergências e desastres. Conclui-se, nesse sentido, que embora haja escassez de estudos realizados pela área de conhecimento da Psicologia no âmbito do SAMU, inúmeras são as contribuições que esta atuação tem a oferecer a profissionais e usuários do referido serviço. Essa inserção pode ser justificada pela recente atuação da Psicologia no contexto do SAMU, ressalta-se, assim, a necessidade e a importância da continuidade de novas pesquisas, de cunho teórico e prático, relacionadas às contribuições do profissional da Psicologia no contexto do Serviço de Atendimento Móvel de Urgência.

<sup>1</sup> Acadêmica de Psicologia pela UNIFE.

<sup>2</sup> Professora do Curso de Psicologia da UNIFE, orientadora deste estudo. Graduada em Psicologia pela UNIVALI. Doutora em Psicologia pela UFSC. Mestre em Gestão de Políticas Públicas pela UNIVALI. Especialista em Avaliação Psicológica pela UNISUL.



**Palavras-chave:** SAMU; psicologia; saúde do(a) trabalhador(a); emergências e desastres.

**ABSTRACT:** *This work aims to analyze the Brazilian articles that contextualize the activities of Psychology in front of SAMU. It is a systematic literature review, conducted between June and November 2020, using the following databases: Scielo, Pepsic, Capes/MEC (Coordination of the Foundation of the Ministry of Education and Culture Education), and VHL (Virtual Health Library). It was possible to identify that Most productions are aimed at SAMU professionals, specifically research and activities related to the health/disease process of these workers, and in their minority, to the activities of Psychology with the community. The main results are: the existence of studies focused on worker health concerns and the performance of the Psychology professional in the context of emergencies and disasters. In this sense, it is concluded that, although there is a scarcity of studies carried out in the area of knowledge of Psychology within the SAMU, numerous contributions that this performance has to offer to the professionals and users of the mentioned service. This insertion can be justified by the recent work of Psychology in the context of SAMU, the need and importance of continuity of new research, both theoretical and practical, related to the contributions of the Psychology professional in the context of the Care Service Emergency Mobile.*

**Keywords:** SAMU; psychology; health of the worker; emergencies and disasters;

## 1 INTRODUÇÃO

O trabalho em questão trata-se de uma revisão sistemática de estudos brasileiros que contextualizam as atividades da Psicologia perante o SAMU. Esta revisão foi realizada entre os meses de junho a novembro de 2020, utilizando as seguintes bases de dados: Scielo, Pepsic, Capes/MEC e BVS. Dessa forma, o objetivo geral do presente estudo foi analisar os artigos brasileiros que contextualizam as atividades da Psicologia diante do SAMU. Quanto aos objetivos específicos, tratam-se de: a) identificar os estudos brasileiros que



descrevem a atividades da Psicologia perante o SAMU; b) verificar os objetivos dos referidos estudos e c) averiguar os resultados, especialmente, as orientações de novas temáticas e pesquisas na interface da Psicologia no contexto do SAMU.

Implantado no país no início dos anos 2000, o SAMU foi o primeiro componente da Política Nacional de Atenção às Urgências a ser instituído, pois neste momento, a atenção às urgências tornou-se prioridade federal no Brasil, consequência do desgaste encontrado em ambientes hospitalares e de urgência (O'DWYER *et al.*, 2017). Diante desse cenário, o SAMU foi planejado para prestar atendimentos 24 horas por dia, de acesso gratuito para toda a população. Assim, o processo de trabalho do SAMU é iniciado por meio de uma ligação telefônica, na qual uma pessoa comunica uma emergência. Após a realização de uma triagem, essa emergência é avaliada por um médico (a) da equipe. Posteriormente, o médico (a) irá verificar a gravidade da emergência e acionará uma ambulância que encaminhará o socorrido ao ponto de referência mais adequado. Este trabalho é desenvolvido por uma equipe multiprofissional: médicos(as), enfermeiros(as), técnicos(as) de enfermagem e motoristas socorristas (SERRA, 2014).

Nesse sentido, justifica-se a importância de realizar trabalhos voltados aos profissionais do SAMU, pois esses profissionais lidam diariamente com situações de perdas, luto e estresse, o que demanda olhares de cuidado e atenção. Esses profissionais, muitas vezes, necessitam tomar rápidas decisões, exigindo BASES assim, um elevado nível emocional, podendo gerar situações de estresse e ansiedade, o que possivelmente repercutirá na vida laborativa, social e familiar desse indivíduo, conseqüentemente, interferindo negativamente na sua qualidade de vida e na condução do seu trabalho (ALMONDES; SALES, 2016).

Ainda no campo da atuação da Psicologia, no âmbito da saúde do (a) trabalhador(a), Almondes e Sales (2016) discorrem que é de fundamental importância a inserção do serviço de Psicologia em Atendimentos de Unidades Móveis, partindo do contexto de que as intervenções realizadas pela Psicologia podem facilitar a reabilitação dos profissionais do SAMU, proporcionando condições adaptativas de lidar com cada situação presenciada nos





atendimentos, visto que o ambiente em que estes trabalhadores(as) atuam, por vezes é permeado por situações difíceis, acarretando situações de estresse, doenças cardiovasculares e distúrbios do sono.

A Psicologia no contexto das emergências se preocupa em auxiliar os sujeitos envolvidos a encontrar formas de reorganização social e psíquica, possibilitando que os agravos decorrentes do evento sejam minimizados, para que esses sujeitos se tornem capazes de utilizar suas habilidades e condições de superar de forma positiva determinado acontecimento (PARANHOS; WERLANG, 2015).

O Conselho Federal de Psicologia (CFP), uma vez por semana, publica textos de assuntos diversos em seu site e nas redes sociais. No ano de 2016, um dos textos publicados tratou da atuação do Psicólogo no SAMU. A assessoria de comunicação entrevistou, na época, uma das autoras do artigo, Katie Moraes de Almondes, que destacou o reconhecimento da Psicologia ao longo da intervenção, assim como o indispensável atendimento a vítimas que se encontram em situação de sofrimento (ALMONDES, 2016).

Em 2018, por meio do Jornal Bom dia DF, foi possível conhecer um pouco sobre o trabalho do Núcleo de Saúde Mental existente dentro do SAMU de Brasília, que somente no ano de 2018, contabilizou cerca de 5 mil atendimentos. O serviço atua desde o ano de 2016, realizando atendimentos com demandas pertinentes à saúde mental. A psicóloga Andreia Chaves tripula a ambulância sempre que a ocorrência se trata de uma demanda psicológica, tais como surtos psicóticos e uso de substâncias. A iniciativa surgiu após um médico do serviço passar por uma formação em psiquiatria em Portugal. O médico ressalta a importância da implementação do serviço devido ao elevado número de ocorrências como estas, assim como a alta prevalência de tentativas de suicídios existente nos dias de hoje entre jovens e adultos jovens (NÚCLEO, 2018).

Diante do contexto supracitado, a pergunta que norteou a elaboração deste trabalho foi: Quais os artigos brasileiros que contextualizam as atividades da Psicologia perante o SAMU?



## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 O SERVIÇO DE ATENDIMENTO MÓVEL DE URGÊNCIA (SAMU)

De acordo com Brasil (2014), uma emergência trata-se de determinado processo capaz de acarretar risco iminente à vida de determinada pessoa, necessitando que os primeiros atendimentos ocorram de forma precoce. Já a urgência, é mencionada como um processo sem risco iminente de morte, mesmo que haja possibilidade de complicações graves, necessitando também, que a assistência médica seja prestada de forma imediata.

Nesse sentido, o SAMU é um programa que possui a finalidade de prestar socorro à população em caso de emergência. Com a implantação do serviço, o governo federal tem reduzido de forma significativa o número de óbitos, o tempo de internação nos hospitais e as sequelas que podem se originar advindas de um atendimento que não ocorra de forma rápida e precoce. O SAMU é considerado como o principal componente da Política Nacional de Atenção às Urgências, criado em 2003. Possui como principal finalidade proteger a vida das pessoas e garantir a qualidade no atendimento no SUS (SAMU, 2020). O Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (SAMU) realiza atendimentos onde houver a necessidade, podendo ser residências, vias públicas ou ambientes laborais, atuando em regime de plantão 24 horas por dia (ALMONDES; SALES, 2016).

O SAMU mostra-se de extrema importância em atendimentos rápidos e de transporte de vítimas que estejam intoxicadas, queimadas, vítimas de maus-tratos, suicídios, traumas/acidentes, casos de choque-elétrico, alagamentos, problemas cardiorrespiratórios, trabalho de parto, bem como as transferências inter-hospitalares dessas pessoas (BRASIL, 2013).

Em relação ao despacho das viaturas, identificando, assim, quais serão os atendimentos que serão realizados, existem as centrais de regulação médica de urgências, parte integrante do SAMU, compostas por profissionais médicos, telefonistas auxiliares de regulação médica e rádio operadores. Esses profissionais são responsáveis pelos atendimentos e orientações, classificando e priorizando as necessidades de assistência em urgência (BRASIL, 2013).

O SAMU, por sua vez, tem como objetivo prestar atendimentos pré-

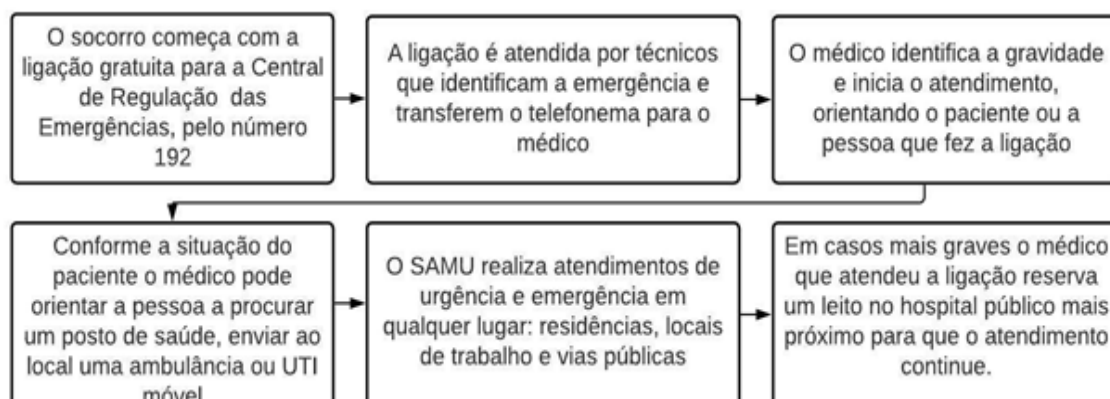


hospitalares à população de forma rápida e precoce, acolhendo pedidos médicos de pessoas que estejam vivenciando agravos agudos à saúde, por meio de profissionais especializados que conduzem e tripulam uma viatura (ambulância) (ALMONDES; SALES, 2016).

Tendo seu surgimento datado no ano de 1792, o Atendimento Pré-Hospitalar (APH) nasceu durante a Revolução Francesa, mediante a necessidade de transportar as pessoas feridas do campo de batalha de forma rápida para um local apropriado de atendimento. Mesmo esse modelo de atendimento tendo seu surgimento no século XIX, o modelo de atendimento móvel de urgência teve seu desenvolvimento no Brasil apenas por volta da década de 1980. Esse tipo de atendimento pode se consolidar a partir do momento em que o Ministério da Saúde nacionalizou o programa, devido à grande incidência de acidentes por causas externas, pois houve inúmeras mudanças relacionados à morbimortalidade da população em níveis mundiais o que, conseqüentemente, causou impactos na saúde pública. A partir de então, estes serviços começaram a ser inseridos em estados e municípios, tendo como diretrizes a universalidade, integralidade e a descentralização, contando com a participação social, ao lado da humanização (ALMONDES; SALES, 2016).

Abaixo, demonstra-se o fluxograma referente ao processo de acionamento do SAMU:

Figura 1 - Fluxograma sobre o processo de acionamento do SAMU



Fonte: Autora, adaptado de SAMU (2020).

A Figura 1 demonstra o funcionamento do processo de acionamento do serviço. Esse processo é iniciado com a ligação de uma pessoa (solicitante) para



a Central de Regulação. Após a ligação ser atendida por técnicos que trabalham nessa central, a ligação é transferida ao médico que dá as orientações a essa pessoa, verificando, assim, a necessidade de envio ou não de uma viatura até o local da ocorrência.

## 2.2 A ATUAÇÃO DA PSICOLOGIA EM CONTEXTOS DE EMERGÊNCIAS E DESASTRES

No Brasil, tem-se como primeiro registro da inserção da Psicologia em estudos, pesquisas e intervenções relacionados a desastres e emergências, apenas no ano de 1987, com o acidente Césio-137, em Goiânia. Em 2008, o Conselho Regional de Psicologia da 12ª região, sendo esta em Santa Catarina, assinou o Termo com a Secretaria Executiva de Justiça e Cidadania, propondo ações juntamente a Defesa Civil do Estado, objetivando firmar o compromisso relacionado ao desenvolvimento de referências técnicas em situações de desastres e emergências (CARVALHO; BORGES, 2009).

Nos últimos anos, tem sido possível observar o grande aumento de ocorrências de desastres naturais e não naturais em nível mundial e a percepção de que estes vêm se tornando cada vez mais devastadores e frequentes. Muitos foram os acontecimentos, entre eles o terremoto que ocorreu no Haiti e no Chile, no ano de 2010, assim como o furacão Katrina nos EUA, em 2005. Há de comum nesses eventos o grau de destruição que causaram, demonstrando a vulnerabilidade diante de todo o sofrimento humano que foi ocasionado (PARANHOS; WERLANG, 2015).

De acordo com Paranhos e Werlang (2015), o Brasil apesar de não ser considerado um país que possua grande potencial para o acontecimento de desastres como os citados anteriormente, vem se mostrando como um país que não possui planos de prevenção quando se trata de situações de emergência, como foi o caso das enchentes e deslizamentos que ocorreram no estado de Santa Catarina, no ano de 2008, e no Rio de Janeiro em 2009 e 2011. No entanto, outros acontecimentos se fazem muito presentes, tais como: sequestros, tráfico de drogas, acidentes de transporte, enchentes, deslizamentos, entre outros.



Todos esses acontecimentos ocasionaram diversas mortes, desaparecidos e desabrigados. Eventos como esses podem propiciar situações de estresse em todos os envolvidos, por se tratar de situações que normalmente ocorrem de forma inesperada, que representam perigo à integridade física e emocional, necessitando, assim, de ações imediatas, o que justifica a inserção da Psicologia nesse contexto (PARANHOS; WERLANG, 2015).

Conforme mencionam Diniz Neto e Belo (2015), no ano de 2006 ocorreu o I Seminário Nacional de Psicologia das Emergências e Desastres, que contou com a colaboração do Conselho Federal de Psicologia (CFP) com a Secretaria Nacional de Defesa Civil. Nesse ano, ocorreu também a primeira reunião internacional para Formação Especializada em Psicologia das Emergências e Desastres, que possuía o objetivo de sintetizar elementos curriculares na formação de futuros Psicólogos que poderiam trabalhar em conjunto com a Defesa Civil. A partir disso, diversas outras ações passaram a ser voltadas ao Cenário de emergências. O psicólogo poderá contribuir na mudança e na melhoria dos atendimentos com os pacientes e seus familiares, possibilitando e contribuindo para a satisfação de ambos, assim como da própria equipe. Atuará ainda, como intermediador, tornando-se porta-voz das necessidades mencionadas, evitando, assim, desencontros de informações (VIEIRA, 2010).

### 2.3 SAÚDE DO(A) TRABALHADOR(A)

A prática da Psicologia em ambientes de trabalho teve seu desenvolvimento marcado no início do século XIX. A atuação era voltada “à aplicação dos conhecimentos no comportamento humano para a solução dos problemas no contexto industrial” (CAMPOS *et al.*, p. 704). A partir disso, a prática da Psicologia em ambientes laborais vem se ampliando cada vez mais, pois nos dias de hoje, esse profissional tem ganhado cada vez mais espaço, consolidando seu espaço em áreas distintas e variadas.

De acordo com Ferreira (2013), as repercussões na saúde do trabalhador podem depender de inúmeros fatores, tais como sua personalidade, experiências adquiridas e expectativas em relação a atividade exercida. Ferreira (2013) menciona que, quando este trabalho apresenta altos níveis de requisitos



psicológicos, somados ao baixo nível de poder de decisão e apoio social, são grandes as chances de repercussões negativas na saúde deste trabalhador(a). Segundo Coutinho, Oliveira e Sato (2016), as áreas da Antropologia e Sociologia muito têm se dedicado aos estudos voltados ao cotidiano no ambiente de trabalho. No Brasil, a Psicologia Social, por sua vez, tem se aproximado dessas duas áreas, desenvolvendo trabalhos também voltados à importância do estudo no cotidiano laboral.

De acordo com Bernardes *et al.* (2014), no que se refere à saúde do trabalhador, monitorar os agravos decorrentes das atividades do trabalho possibilita aos profissionais da saúde ocupacional detectar de forma precoce as doenças relacionadas à saúde desses profissionais, tais como os riscos, acidentes e doenças. Conhecimentos como estes, facilitam na caracterização do perfil do adoecimento, possibilitando a implementação de programas de segurança e saúde.

Jacques (2013) destaca que mortes e acidentes de trabalho estão presentes nos ambientes laborais brasileiros, assim como sequelas e inúmeras doenças decorrentes do fazer laboral. As estatísticas não mentem: em 2014, foram registrados 458.956 acidentes de trabalho, totalizando o número de 2.801 mortes, gerando gastos de em torno de 20 bilhões de reais. Um estudo realizado entre o mês de novembro de 2001 a agosto de 2003, sobre a caracterização de atendimentos realizados em hospitais gaúchos, demonstrou que “21% são acidentes de trabalho típicos, seguindo-se acidentes domésticos com 19,9%, acidentes de trânsito com 18,7% e delitos e agressões com 12,8%, o que demonstra a prevalência dos acidentes de trabalho” (JACQUES, 2013, p. 239), apesar de que, acidentes relacionados ao trânsito, ganhem mais espaço na mídia, assim como no imaginário da sociedade. Há registros de que as primeiras leis associadas aos danos decorrentes de acidentes e doenças ocupacionais datam na Europa no final do século XIX, e início do século XX, no Brasil.

As psicopatologias do trabalho, tais como a fadiga e Síndrome de Burnout, estão crescendo cada vez mais dentro das organizações, podendo influenciar significativamente a vida pessoal do colaborador, como também sua vida organizacional. Essas patologias causam sérios prejuízos ao indivíduo, tal como o afastamento, a aposentadoria e os gastos adicionais com a saúde,





afetando principalmente a qualidade dos produtos e a produtividade do sujeito (SILVA; SANCHES; FORESTO, 2013). As más condições oferecidas nos ambientes laborais são capazes de manifestar a violação e o não respeito aos direitos trabalhistas, propiciando insegurança e aumento das exigências (pressão), que interferem na saúde dos colaboradores e também no modo de sentir, pensar e na subjetividade desse sujeito (LOURENÇO; BERTANI, 2007).

Em relação à síndrome de Burnout, esta que é mencionada especialmente quando se trata de estresse no ambiente de trabalho, seu conceito foi desenvolvido em meados do ano de 1970 e traz consigo alguns aspectos básicos que a caracterizam, sendo estes a exaustão emocional, a despersonalização e a redução da realização pessoal e profissional (FRANÇA, 2005), conforme apresentado na Figura 2. As áreas mais afetadas são as dos profissionais que lidam cotidianamente com a saúde, educação e serviços que envolvam seres humanos, tais como: policiais, contadores e executivos de empresas. Um estudo realizado com médicos da família, atuantes em (APS), Atenção Primária à Saúde, demonstraram que percentuais de 4,1% a 32,4% dos participantes apresentavam a Síndrome de Burnout (SILVA *et al.*, 2015).

Figura 2 - Aspectos básicos que caracterizam a síndrome de Burnout



Fonte: França (2005, p. 53).

A exaustão emocional poderá ser decorrente da carga emocional imposta pelas pessoas que o cercam, fazendo com que este colaborador se sinta sem forças para a realização das atividades laborais. Já a despersonalização, torna o sujeito indiferente às necessidades alheias, muitas vezes, tornando-o

inflexível e rígido. A redução da realização pessoal e profissional faz com que haja a diminuição na qualidade das atividades desenvolvidas, acarretando sentimentos de desapontamento e insatisfação (FRANÇA, 2005).

De acordo com França (2005), alguns fatores podem ser desencadeantes do estresse, conforme apresentado na Figura 3. A combinação desses fatores caracteriza a resposta individual que deve ser avaliada para o gerenciamento do estresse (FRANÇA, 2005, p. 49).

Figura 3 - Fatores desencadeantes do estresse



Fonte: França (2005, p. 49).

França (2005) destaca que existem indicadores capazes de detectar se determinado indivíduo está sob o efeito de agentes estressores, prejudicando, assim, a execução de suas ocupações. Estão entre eles “a queda da eficiência, ausências repetidas, insegurança nas decisões e protelação na tomada de decisão” (FRANÇA, 2005, p. 50).

### 3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para a construção desse trabalho se utilizou como referência básica o artigo de Martins, Trindade e Coutinho (2019). Dessa forma, foi realizada uma pesquisa de revisão sistemática, que possui como objetivo “identificar os estudos sobre um tema em questão, aplicando métodos explícitos e sistematizados de busca; avaliar a qualidade e validade desses estudos, assim como sua aplicabilidade” (De-La-Torre-Ugarte-Guanilo; Takahashi; Bertolozzi, 2011, P. 1261).

Quanto à pesquisa dos trabalhos, foi realizada uma busca eletrônica nas bases de dados do Portal de Periódicos do Scielo ([www.scielo.br](http://www.scielo.br)), Pepsic (<http://pepsic.bvsalud.org/>), Capes/MEC (<https://www.periodicos.capes.gov.br/>) e BVS (<https://pesquisa.bvsalud.org/portal/advanced/>) por meio do cruzamento entre os seguintes descritores: SAMU e Psicologia, Atendimento pré-hospitalar e Psicologia, Atendimento de emergência pré-hospitalar e Psicologia, Centros de emergência e Psicologia, Pronto-socorro e Psicologia, Serviços de atendimento de emergência e Psicologia e, Serviços de saúde de emergência e Psicologia, realizada entre junho a novembro de 2020, no idioma português.

Este estudo apresentou os seguintes critérios de inclusão adotados: 1) cadastrados e publicados nas bases selecionadas: Portal de Periódicos do Scielo, Pepsic, Capes/MEC e BVS; 2) estudos brasileiros; 3) estudos com interface entre a Psicologia e o SAMU; 4) estudos publicados e baixados na íntegra e 5) trabalhos produzidos no período de 2010 a 2020. Os critérios de exclusão adotados foram os seguintes: 1) estudos que não envolvessem a área de conhecimento da Psicologia; 2) estudos realizados fora do período especificado; 3) trabalhos como teses, dissertações e livros; 4) trabalhos que não estivessem publicados na íntegra e 5) trabalhos repetidos.

Abaixo, demonstra-se quadro referente aos descritores utilizados na busca de artigos para a realização do trabalho:





Quadro 1 - Descritores e bases de dados utilizados

Descritores	Scielo	Pepsic	CAPES/MEC	BVS	Estudos selecionados após a utilização dos critérios
Atendimento pré-hospitalar/Psicologia	6	0	26	3014	0
Atendimento de emergência pré-hospitalar/Psicologia	1	0	9	2.132	0
Centros de emergência/Psicologia	1	0	826	3.947	0
Pronto-socorro/Psicologia	5	1	99	1.945	0
SAMU/Psicologia	4	1	62	1.901	5
Serviços de atendimento de emergência/Psicologia	2	0	238	9.014	0
Serviços de saúde de emergência/Psicologia	9	0	619	10.553	0

Fonte: Autora (2020).

Conforme é possível visualizar no quadro 1, a busca realizada na plataforma BVS não encontrou artigos que se enquadraram com os critérios de inclusão estabelecidos. Por outro lado, a base de dados Scielo, Pepsic e CAPES/MEC localizou, ao todo, 5 artigos que se enquadraram nos critérios elencados, todos estes a partir da combinação entre os descritores SAMU e Psicologia. Vale lembrar que a busca nas bases de dados ocorreu respectivamente nesta ordem: Scielo, Pepsic, CAPES/MEC e BVS.

#### 4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Com a finalidade de sistematizar os estudos selecionados para a catalogação e análise, foi desenvolvido um formulário estruturado (descrito no Quadro 2), a partir dos respectivos itens: autores/ano, título do artigo e foco de estudo. Com base nos critérios especificados no capítulo de procedimentos metodológicos, a realização da pesquisa apontou para a existência de 5 artigos, sendo 2 deles da Scielo, 1 da PEPSIC e 2 do portal CAPES/MEC.

Quadro 2 - Descrição dos artigos selecionados na revisão sistemática

<b>Autores/ ano</b>	<b>Título do artigo</b>	<b>Foco do estudo</b>
Araújo e Oliveira (2019)	Mapeamento dos Riscos Psicossociais no SAMU/DF	Compreender a dinâmica de trabalho dos profissionais do SAMU e as consequências dessas atividades laborais.
Almondes e Sales (2016)	Serviço de Psicologia no SAMU: Campo de Atuação em Desenvolvimento	Foco nas atividades da psicologia no SAMU junto à comunidade.
Martins e Gonçalves (2019)	Estresse Ocupacional em Profissionais do Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (SAMU)	Compreender a dinâmica de trabalho dos profissionais do SAMU e as consequências dessas atividades laborais.

Fonte: Autora (2020).

Araújo e Oliveira (2019) realizaram um estudo com 100 colaboradores do SAMU, sendo estes enfermeiros, condutores, técnicos administrativos, auxiliares de enfermagem e médicos. Destes, 54% do sexo masculino e 46% do sexo feminino. Este estudo foi elaborado por meio de uma abordagem qualitativa e quantitativa, sendo realizados levantamentos documentais, observações, aplicação do Protocolo de Avaliação dos Riscos Psicossociais (PRO-ART) e entrevistas semiestruturadas. Este trabalho possuía o objetivo de “mapear os riscos psicossociais no Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (SAMU) do Distrito Federal” (ARAÚJO; OLIVEIRA, 2019, p. 01). Assim sendo, foi possível alcançar o objetivo proposto, identificando como os principais riscos: local de trabalho escasso em recursos para a realização das atividades, local considerado como inadequado e equipe considerada insuficiente. Havia também, sentimento de injustiça relacionada à divisão de tarefas, excessivo controle de regras, valorização da hierarquia, exaustão emocional, falta de autonomia, esforço físico nos atendimentos, cansaço e excesso de horas trabalhadas. Os autores mencionam que alguns desafios foram observados durante a realização do estudo, tal como o descrédito por parte dos servidores em relação à pesquisa. Destacam que um dos motivos se deve à falta de devolutivas por parte de alguns pesquisadores que realizam pesquisas no SAMU. Outro fator apontado é a dificuldade em reunir os colaboradores e que

comumente ocorrem interrupções durante a pesquisa, pois eles necessitam sair para atender às ocorrências, somado ao fato de as jornadas serem distintas e a equipe estar reduzida.

De acordo com Jacinto e Tolfo (2017) tem crescido nos últimos anos o interesse voltado às questões relacionadas ao vínculo entre saúde e doença no ambiente de trabalho. Esse interesse se deve ao aumento significativo de transtornos mentais e de comportamentos associados ao trabalho. De acordo com Ferreira (2013), a maioria das doenças psíquicas relacionadas ao trabalho podem apresentar severos danos à saúde e integridade dos trabalhadores, sejam psicológicos e/ou físicos, acarretando danos não somente ao trabalhador, mas também ao seu ambiente laboral.

A saúde do(a) trabalhador(a) em ambientes laborais é de extrema importância, pois além de garantir o bem-estar desses profissionais, é capaz de contribuir de forma significativa na produtividade deles, na motivação e melhoria na qualidade de vida (ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE, 2020). Segundo Silva, Sanches e Foresto (2013), as pessoas nascem e morrem dentro das organizações, possibilitando, assim, que a sociedade se estruture a partir do trabalho, promovendo o sentido da existência dos homens. Deve-se, portanto, torná-lo o mais prazeroso possível.

Almondes e Sales (2016) desenvolveram um estudo com condutores socorristas, técnicos de enfermagem, enfermeiros e médicos, que realizavam os atendimentos Pré-Hospitalares (APH), como também realizaram este trabalho com as vítimas/pacientes e seus familiares. Foram realizadas palestras com temáticas relacionadas aos aspectos psicossociais voltados à prática de APH, plantão psicológico, rodas de conversa e primeiros socorros psicológicos a pacientes e familiares (*Debriefing e Defusing*), que são intervenções realizadas logo após o trauma, com o intuito de minimizar patologias em longo prazo (DEVILLY; WRIGHT; GIST, 2003). Este estudo possuía o objetivo de “relatar a experiência da inserção do Serviço de Psicologia no SAMU 192 RN (Rio Grande do Norte)” (ALMONDES; SALES, 2016, p. 449), no qual foi possível demonstrar a importância da inserção da Psicologia no serviço, diante da percepção de colaboradores e da coordenação, pois foi possível constatar que esta inserção é capaz de atuar de forma a facilitar a interação entre equipe e comunidade, atuar





nas demandas voltadas ao trabalho e no atendimento às vítimas e familiares (ALMONDES; SALES, 2016, p. 449). Nesse sentido, o objetivo proposto foi alcançado. Os autores destacam que no momento em que as equipes foram estruturadas, a presença do profissional da Psicologia não foi mencionada, o que justifica que apesar de muitos avanços na área das emergências, ainda existem muitas fragilidades no Sistema Único de Saúde.

Paranhos e Werlang (2015) destacam a importância de incluir ações de cunho psicológico às vítimas envolvidas nessas situações, assim como, para os trabalhadores e voluntários que atuam nesses eventos. Esses fatores fizeram com que a Psicologia voltasse seu olhar para as necessidades dos envolvidos nesses desastres, possibilitando, assim, um novo campo de atuação, este que convida os profissionais da psicologia a familiarizarem-se de seu papel em contextos críticos, o que de certa forma demanda melhor capacitação do profissional que se propõe a trabalhar nesta área.

Martins e Gonçalves (2019) realizaram uma pesquisa de abordagem qualitativa, na qual participaram quatro trabalhadores do SAMU: um médico, um enfermeiro, um técnico de enfermagem e um condutor, sendo três do sexo masculino e um do sexo feminino, utilizando como instrumento o inventário de Sintomas de Stress para Adultos de Lipp – ISSL (Lipp, 2005). Este estudo possuía o “objetivo de identificar o estresse de trabalhadores do Serviço Móvel de Urgência (SAMU), investigar o conhecimento acerca do fenômeno e conhecer suas vivências de trabalho” (MARTINS; GONÇALVES, 2019, p. 3). O estudo demonstrou que os participantes consideram que o serviço possui boa gestão, apesar de mencionarem a demora em serem atendidos em suas solicitações. Apenas uma participante (sexo feminino) demonstrou sintomas de estresse, os demais não apresentaram sintomas, apesar de considerarem suas atividades geradoras de ansiedade. Diante dos relatos, evidencia-se que o nível de saúde mental desses colaboradores é aparentemente saudável. Nesse sentido, o objetivo proposto foi alcançado.

A aparente saúde mental pode ser justificada pelas estratégias voltadas à boa convivência da equipe, habituação, a prática de exercícios, convivência familiar e o prazer pelo trabalho. Martins e Gonçalves (2019) destacam que, apesar de as evidências relacionadas à relação entre estresse e gênero, novas



pesquisas precisam ser realizadas. Outra lacuna mencionada é sobre a possível diferenciação do estresse entre as categorias de profissionais que pertencem a um mesmo serviço. Assim, as autoras mencionam que novos estudos voltados ao estresse precisam ser realizados por ser um tema amplo e que possui múltiplas variáveis, assim como a possibilidade de realizar com um número de amostra de sujeitos maior. Por fim, destacam a importância da realização de trabalhos voltados a esse público, para que a comunidade como um todo também seja beneficiada, e que existe grande escassez de trabalhos realizados pela área da Psicologia, visto que a maior parte de trabalhos voltados ao estresse é realizado pela área da enfermagem.

Mendes, Ferreira e Martino (2011) mencionam que o estresse ocupacional, além de gerar repercussões no ambiente de trabalho, pode acarretar, também, danos à saúde física e psicológica desse colaborador. Alguns fatores geradores de estresse podem ser mencionados, estando entre eles: a carga psicológica excessiva, o descaso com o ambiente de trabalho, além de os riscos que este profissional pode estar exposto diariamente. Ainda, cabe pontuar que fatores tais como: a maior demanda de produtividade, pressão relacionada ao tempo, complexidade das tarefas realizadas, ambientes precários e sem estrutura, podem se constituir como fatores resultantes a situações de estresse relacionadas ao trabalho (BRASIL, 2001).

Arnemann e Winter (2012) realizaram uma pesquisa com 10 sujeitos, utilizando a metodologia da psicodinâmica do trabalho criada por Dejours e na escuta psicanalítica. Quanto aos participantes, sete eram do sexo masculino e três do sexo feminino. Destes, cinco eram técnicos em enfermagem e cinco condutores da unidade móvel. A abordagem utilizada teve um enfoque qualitativo. Este estudo possuía o “objetivo de compreender como o prazer e o reconhecimento se articulam no processo de ressignificação do sofrimento no trabalho, favorecendo a saúde e a emancipação do trabalhador” (ARNEMANN; WINTER, 2012, p. 681). Destacam como principais resultados a importância dada ao reconhecimento pelos participantes, assim como, que permanecem em estado de alerta mesmo quando não estão trabalhando, que muitas vezes não é possível seguir o protocolo e que consideram a cooperação entre a equipe como fator essencial. Nesse sentido, os objetivos propostos foram alcançados, pois foi



evidenciado que o processo de reconhecimento é fundamental para ressignificar o sofrimento e transformá-lo em prazer. Destacam, por fim, a importância do espaço de escuta e fala para esses trabalhadores e que novos estudos com trabalhadores (as) de saúde precisam ser realizados, pois são um universo rico para possíveis novas investigações.

De acordo com Jacinto e Tolfo (2017), o trabalho possui importante significado, tornando-se fundamental na vida do sujeito, e que as condições favoráveis, o uso dessas habilidades, assim como o controle delas, possui significativos requisitos para que o trabalho seja fonte de saúde, bem-estar e prazer. Quando o contrário acontece e o trabalho passa a não mais possuir significado, não gerando prazer, suporte social, sem reconhecimento, tornando-se fonte de ameaças físicas ou psicológicas, o trabalho pode acarretar sofrimentos psíquicos prejudiciais.

Cavalcanti *et al.* (2018) realizaram um estudo de cunho descritivo-exploratório e de natureza qualitativa, utilizando como ferramentas entrevistas semiestruturadas, na qual participaram dois enfermeiros (um do sexo masculino e um feminino) e um médico (sexo masculino). Destacam no estudo que possuía o objetivo de “investigar as redes de relações entre trabalhadores do SAMU-Ceará, no Nordeste do Brasil” (CAVALCANTI, *et al.*, 2018, p. 158), que as redes construídas demonstram a existência de conflitos, estes que, conseqüentemente, acarretam problemas na realização das atividades, assim como atuam como geradores de sofrimentos advindos do trabalho, evidenciando pouca colaboração entre os membros da equipe, uns para com os outros, desta forma, alcançando o objetivo proposto do trabalho. Os autores destacam que estas redes sociais na quais esses indivíduos estão inseridos, apesar de respeitar a individualidade de seus membros, apresentam conflitos e que existe, portanto, a necessidade de fortalecer essas redes de forma a garantir recursos que acarretem bem-estar e promoção de comportamentos saudáveis e que trabalhos como estes, podem beneficiar colaboradores e comunidade como um todo.

Segundo Juliano e Yunes (2014), o ser humano está cercado de distintas redes de relações, estando entre elas a sua família, a escola, o trabalho, a comunidade, dentre outras. Essas relações são capazes de fornecer suporte e





apoio em momentos difíceis ou de mudanças, possibilitando que este indivíduo mantenha relações de suporte e afeto. Este apoio social influencia em seu desenvolvimento, assim como no desenvolvimento de sua personalidade. A existência de vínculos e relações e o desempenho de diferentes papéis permitem que o indivíduo “se desenvolva emocional e socialmente e obtenha mais recursos para sua satisfação e saúde mental” (BRITO; KOLLER 1999 *apud* JULIANO; YUNES, 2014, p. 136).

Nesse sentido, após verificar todas as informações destacadas nos objetivos gerais e específicos dos trabalhos encontrados, destaca-se que as contribuições do profissional da Psicologia no contexto do Serviço de Atendimento Móvel de Urgência estão voltadas a compreender a dinâmica de trabalho dos profissionais do SAMU e a investigar quais são as consequências dessas atividades laborais.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Objetivando verificar as contribuições do profissional da Psicologia no contexto do SAMU, com este trabalho, foi possível destacar que os estudos encontrados na revisão de literatura demonstraram efeitos promissores e significativos quanto à atuação do(a) psicólogo(a) no serviço. Os estudos, em sua maioria, foram destinados aos(as) trabalhadores(as); e dos cinco artigos apresentados, apenas um deles está voltado ao trabalho da Psicologia com a comunidade, o que demonstra uma carência de estudos destinados à população usuária do serviço em questão. A carência, no entanto, não está direcionada apenas a esse público, mas também aos profissionais, o que justifica a dificuldade de encontrar artigos produzidos pela área da Psicologia que sejam voltados ao SAMU.

Com relação aos estudos brasileiros identificados que descrevem as atividades da Psicologia perante o SAMU, observou-se que os trabalhos estão voltados às preocupações relacionadas à saúde do(a) trabalhador(a), assim como a atuação do profissional da Psicologia no contexto de emergências e desastres. Quanto ao objetivo de verificar os objetivos dos referidos estudos, é possível destacar que os estudos, em sua maioria, são voltados aos



colaboradores do serviço, sendo apenas um, também voltado às demandas da comunidade atendida. No último objetivo proposto, de averiguar os resultados, especialmente, as orientações de novas temáticas e pesquisas na interface da Psicologia no contexto do SAMU, ressalta-se a importância das devolutivas por parte dos pesquisadores, estas que, por vezes, não ocorrem e, de certa forma, contribuem para o descrédito e desinteresse da população em participar de pesquisas como estas, assim como a importância de que novas pesquisas sejam realizadas, especialmente se houver a possibilidade de realização com uma amostra maior de sujeitos.

Nesse sentido, ao término desse trabalho, foi possível constatar a existência de mais investigações voltadas à dinâmica dos profissionais que compõem o SAMU e quais as consequências da realização de suas atividades, demonstrando a carência de estudos voltados a *práxis* da psicologia, ou seja, atividades realizadas e voltadas ao usuário do serviço do SAMU. Assim, vale ressaltar a importância da Psicologia na realização de atividades voltadas ao SAMU, pois foi possível identificar que os profissionais do serviço estão diariamente expostos a riscos ocupacionais que de certa forma podem interferir no desempenho de suas atividades.

Quanto à escassez de estudos realizados por profissionais da Psicologia, tal fato pode ser justificado pela recente inserção do(a) psicólogo(a) na área do Serviço de Atendimento Móvel de Urgência, pela recente regulamentação da profissão, assim como, pela falta de interesse em investigar tal fenômeno. Ressalta-se, portanto, como sugestão, a continuidade de novas pesquisas voltadas ao tema, objetivando contribuir com os profissionais e com a comunidade usuária do serviço do SAMU.

## REFERÊNCIAS

ALMONDES, Katie Moraes de; SALES, Eleni de Araújo; MEIRA, Maísa de Oliveira. Serviço de Psicologia no SAMU: campo de atuação em desenvolvimento. **Psicol. Cienc. Prof.**, Brasília, v. 36, n. 2, p. 449-457, jun. 2016. DOI: <https://doi.org/10.1590/1982-3703000992014>. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pcp/v36n2/1982-3703-pcp-36-2-0449.pdf>. Acesso em:



13 set. 2020.

ALMONDES, Katie Moraes de. **Serviço de psicologia no Samu: campo de atuação em desenvolvimento.** [Entrevista cedida a] Assessoria de Comunicação do CFP - Conselho Federal de Psicologia. 27 out. 2016. Disponível em: [https://site.cfp.org.br/servico-de-psicologia-no-samu-e-o-artigo-desta-semana-da-ciencia-e-profissao/?fbclid=IwAR3GlegcmP6ZVpJg9RPu4s1IGZ6cWQceLo1yyx5vTCeH7MY8H\\_kWwXiRcUw](https://site.cfp.org.br/servico-de-psicologia-no-samu-e-o-artigo-desta-semana-da-ciencia-e-profissao/?fbclid=IwAR3GlegcmP6ZVpJg9RPu4s1IGZ6cWQceLo1yyx5vTCeH7MY8H_kWwXiRcUw). Acesso em: 17 nov. 2020.

ARAUJO, Luciane Kozicz Reis; OLIVEIRA, Simone Santos. Mapeamento dos Riscos Psicossociais no SAMU/DF. **Psicol. Cienc. Prof.**, Brasília, v. 39, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1590/1982-3703003184126>. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-98932019000100126&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932019000100126&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 13 set. 2020.

ARNEMANN, Cleusa; WINTER, Lilian Ester. Trabalhadores do SAMU: sujeitos que atuam entre o prazer e o sofrimento. **Revista de Psicologia da IMED**, vol.4, n.1, p. 681-690, 2012. DOI: 10.18256/2175-5027/psico-imed.v4n1p681-690. Disponível em: <https://seer.imed.edu.br/index.php/revistapsico/article/view/236>. Acesso em: 13 set. 2020.

BERNARDES, Carolina Luiza; *et al.* Agravos à saúde dos trabalhadores de enfermagem em uma instituição pública de ensino. **Rev. Esc. Enferm.**, 2014. DOI: 10.1590/S0080-623420140000400015. Disponível em: [https://www.scielo.br/pdf/reeusp/v48n4/pt\\_0080-6234-reeusp-48-04-676.pdf](https://www.scielo.br/pdf/reeusp/v48n4/pt_0080-6234-reeusp-48-04-676.pdf). Acesso em: 15 nov. 2020.

BRASIL. Ministério da saúde. **Doenças relacionadas ao trabalho.** Manual de Procedimentos para os Serviços de Saúde, 2001. Disponível em: [http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/doencas\\_relacionadas\\_trabalho\\_manual\\_procedimentos.pdf](http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/doencas_relacionadas_trabalho_manual_procedimentos.pdf). Acesso em: 15 nov. 2020.





BRASIL. Ministério da saúde. **Manual instrutivo da rede de atenção às urgências e Emergências no Sistema Único de Saúde (SUS)**. 2013.

Disponível em:

[https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/manual\\_instrutivo\\_rede\\_atencao\\_urgencias.pdf](https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/manual_instrutivo_rede_atencao_urgencias.pdf). Acesso em: 20 maio 2020.

BRASIL. Ministério da saúde. **Portaria nº 354, de 10 de março de 2014**.

Disponível em:

[http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2014/prt0354\\_10\\_03\\_2014.html](http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2014/prt0354_10_03_2014.html).

Acesso em: 15 nov. 2020.

CAMPOS, Keli Cristina de Lara *et al.* Psicologia organizacional e do trabalho - retrato da produção científica na última década. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 31, n. 4, p. 702-717, 2011. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1414-98932011000400004>. Disponível em

[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932011000400004&lng=pt&nrm=iso)

[98932011000400004&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932011000400004&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 15 nov. 2020.

CARVALHO, Aline Cristina de; BORGES, Ilma. **A trajetória histórica e as possíveis práticas de intervenção do psicólogo frente às emergências e os desastres**. São Paulo, nov. 2009. Universidade do Vale do Itajaí – UNIVALI, Biguaçu, 2009. Disponível em: <https://www.ceped.ufsc.br/wp-content/uploads/2009/01/artigo-29.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2020.

CAVALCANTI, Juliana Brito *et al.* Rede de relações em um serviço de atendimento móvel de urgência: análise de uma equipe de trabalho. **Ver. Bras. Med. do Trabalho**, v. 16, n. 2, 2018. DOI: 10.5327/Z1679443520180208.

Disponível em: <http://www.rbmt.org.br/details/311/pt-BR/rede-de-relacoes-em-um-servico-de-atendimento-movel-de-urgencia--analise-de-uma-equipe-de-trabalho>. Acesso em: 13 set. 2020.

COUTINHO, Maria Chalfin; OLIVEIRA, Fábio de; SATO, Leny. Olhar o



cotidiano: percursos para uma psicologia social do trabalho. **Psicol. USP**, São Paulo, v. 27, n. 2, p. 289-295, ago. 2016. DOI: <https://doi.org/10.1590/0103-656420140053>. Disponível em:

[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-65642016000200289&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642016000200289&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 15 nov. 2020.

DEVILLY, Grant J; WRIGHT, Renée; GIST, Richard. A função do *debriefing* psicológico no tratamento de vítimas de trauma. **Rev. Bras. Psiquiatr.**, São Paulo, v. 25, supl. 1, p. 41-45, jun. 2003. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S1516-44462003000500010>. Disponível em:

[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-44462003000500010&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-44462003000500010&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 8 nov. 2020.

DE-LA-TORRE-UGARTE-GUANILO, Mônica Cecilia; TAKAHASHI, Renata Ferreira; BERTOLOZZI, Maria Rita. Revisão sistemática: noções gerais. **Rev. Esc. Enferm. USP**, São Paulo, v. 45, n. 5, p. 1260-1266, out. 2011. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0080-62342011000500033>. Disponível em:

[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0080-62342011000500033&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342011000500033&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 13 set. 2020.

DINIZ NETO, Orestes; BELO, Fabio Roberto Rodrigues. Psicologia das emergências. **Rev. Interinst. Psicol.**, Juiz de fora, v. 8, p. 284-299, dez. 2015. Disponível em:

[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1983-82202015000200010&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-82202015000200010&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 3 out. 2020.

FERREIRA, Januário Justino (coord.). **Saúde mental no trabalho**: coletânea do fórum de saúde e segurança no trabalho do Estado de Goiás. Goiânia: Cir Gráfica, 2013.

FRANÇA, Ana Cristina Limongi. **Stress e trabalho**: uma abordagem psicossomática. São Paulo: Atlas, 2005. E-book. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788522464517/cfi/0!/4/2@10>



0:0.00. Acesso em: 17 nov. 2020.

JACINTO, Aline; TOLFO, Suzana da Rosa. Fatores psicossociais de risco no trabalho e Transtorno Mental Comum: uma revisão sistemática de estudos que utilizaram os instrumentos JCQ, JSS e SRQ-20. **Rev. Psicol. IMED**, Passo Fundo, v. 9, n. 2, p. 107-124, dez. 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.18256/2175-5027.2017.v9i2.1432>. Disponível em:

[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2175-50272017000200008&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-50272017000200008&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 1º nov. 2020.

JACQUES, Maria da Graça. Acidentes e doenças ocupacionais: implicações psíquicas. *In*: FERREIRA, Januário Justino (coord). **Saúde mental no trabalho**: coletânea do fórum de saúde e segurança no trabalho do Estado de Goiás. Goiânia: Cir Gráfica, 2013.

JULIANO, Maria Cristina Carvalho; YUNES, Maria Angela Mattar. Reflexões sobre rede de apoio social como mecanismo de proteção e promoção de resiliência. **Ambient. Soc.**, São Paulo, v. 17, n. 3, p. 135-154, set. 2014. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-753X2014000300009>. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-753X2014000300009&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-753X2014000300009&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 1º nov. 2020.

LOURENÇO, Edvânia Ângela de Souza; BERTANI, Íris Fenner. Saúde do trabalhador no SUS: desafios e perspectivas frente à precarização do trabalho. **Rev. Bras. Saúde Ocup.**, São Paulo, v. 32, n. 115, p. 121-134, jun. 2007. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0303-76572007000100011>. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0303-76572007000100011&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0303-76572007000100011&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 2 nov. 2020.

MARTINS, Andreia; TRINDADE, Camila; COUTINHO, Maria Chalfin. Estudos brasileiros sobre o cotidiano no contexto da docência: uma revisão sistemática. **Est. Inter. Psicol.**, Londrina, v. 10, n. 1, p. 41-58, abr. 2019. Disponível em [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2236-](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2236-)





64072019000100004&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 3 out. 2020.

MARTINS, Daiane Granada; GONÇALVES, Júlia. Estresse Ocupacional em Profissionais do Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (SAMU). **Rev. Psicol. Saúde**, Campo Grande, v. 11, n. 3, p. 3-17, dez. 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.20435/pssa.v0i0.618>. Disponível em [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2177-093X2019000300001&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2177-093X2019000300001&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 13 set. 2020.

MENDES, Sandra Soares; FERREIRA, Luciane Ruiz Carmona; MARTINO, Milva Maria Figueiredo de. Identificação dos níveis de stress em equipe de atendimento pré-hospitalar móvel. **Revista Estudos de Psicologia**, Campinas, abr./jun. 2011. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-166X2011000200007>. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-166X2011000200007&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2011000200007&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 2 nov. 2020.

NÚCLEO de saúde mental do Samu já fez mais de 5 mil atendimentos este ano. Produção Bom Dia DF. Distrito Federal: Globo Play, 2018. 1 vídeo (3 min.). Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/7080720/>. Acesso em: 17 nov. 2020.

O'DWYER, Gisele *et al.* O processo de implantação do Serviço de Atendimento Móvel de Urgência no Brasil: estratégias de ação e dimensões estruturais. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 33, n. 7, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1590/0102-311x00043716>. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-311X2017000705010&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2017000705010&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 22 set. 2020.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE. **Saúde do trabalhador**. Brasília, 2020. Disponível em: [https://www.paho.org/bra/index.php?option=com\\_content&view=article&id=378:saude-do-trabalhador&Itemid=685](https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=378:saude-do-trabalhador&Itemid=685). Acesso em: 8 nov. 2020.



PARANHOS, Mariana Esteves; WERLANG, Blanca Susana Guevara. Psicologia nas Emergências: uma Nova Prática a Ser Discutida. **Psicol. Cienc. Prof.**, Brasília, v. 35, n. 2, p. 557-571, jun. 2015. DOI:

<https://doi.org/10.1590/1982-370301202012>.

Disponível em: [www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-98932015000200557&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932015000200557&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 3 out. 2020.

SAMU. CONSÓRCIO INTERMUNICIPAL DA REDE DE URGÊNCIA CENTRO SUL (CISRU). **O que é o SAMU 192**. Disponível em:

<http://cisru.saude.mg.gov.br/samu/samu-192/>. Acesso em: 17 set. 2020.

SILVA, Juliana Leles de Freitas; SANCHES, Viviane Lopes Gonçalves; FORESTO, Denise Rossi. O papel do psicólogo na intervenção ergonômica. **Revista Funec Científica - Multidisciplinar**, Santa Fé do Sul, v.2, n.4, jan./dez. 2013. Disponível em: [file:///C:/Users/FISCAL/Downloads/981-Texto%20do%20artigo-1956-1-10-20140527%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/FISCAL/Downloads/981-Texto%20do%20artigo-1956-1-10-20140527%20(1).pdf). Acesso em: 18 nov. 2020.

SILVA, Salvyana Carla Palmeira Sarmento *et al.* A síndrome de Burnout em profissionais da Rede de Atenção Primária à Saúde de Aracaju, Brasil. **Ciênc. Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 10, p. 3011-3020, out. 2015. DOI: <https://doi.org/10.1590/1413-812320152010.19912014>. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-81232015001003011](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232015001003011) &lng=en&nrm=iso. Acesso em: 17 nov. 2020.

SERRA, Rodrigo Aranda. **Dor, qualidade de vida e saúde dos profissionais do SAMU-192**. 2014. Dissertação (Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Psicologia) - Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, 2014. Disponível em: <https://dokumen.tips/documents/dor-qualidade-de-vida-e-saude-dos-profissionais-do-samu-192.html>. Acesso em: 26 abr. 2020.

VIEIRA, Michele Cruz. Atuação da Psicologia hospitalar na Medicina de Urgência e Emergência. **Rev. Bras. Clin. Med.** São Paulo, 2010 nov-dez.



Contribuições Do Profissional Da Psicologia No Contexto Do Serviço De Atendimento Móvel De Urgência (Samu): Uma Revisão Sistemática

Disponível em: <http://files.bvs.br/upload/S/1679-1010/2010/v8n6/a1602.pdf>.

Acesso em: 10 nov. 2020.





## PSICANÁLISE E JOGOS DIGITAIS: UMA PROPOSTA DE ANÁLISE DO MMORPG E SEUS ENLACES COM A REPETIÇÃO FREUDIANA

*PSYCHOANALYSIS AND DIGITAL GAMES: A PROPOSAL FOR ANALYSIS  
OF MMORPG AND ITS CONNECTION WITH THE FREUDIAN REPETITION*

Maurício Marquardt Pereira<sup>1</sup>

Gustavo Angeli<sup>2</sup>

Jeisa Benevenuti<sup>3</sup>

Fernando Luís Merízio<sup>4</sup>

**RESUMO:** O artigo teve como objetivo escutar as possíveis elaborações de jogadores perante os jogos digitais do estilo *Massively Multiplayer Online Role-Playing Game* (MMORPG). Alicerçado na metodologia de pesquisa em psicanálise, como um conjunto de atividades voltadas para a produção de conhecimento e investigação dos processos mentais. A partir das articulações freudianas e de outros autores contemporâneos, a análise foi realizada por meio de uma escuta flutuante dos relatos e no que esses recortes interpelaram os pesquisadores. Foi possível encontrar narrativas dispostas em fóruns na *internet* e tecer interpretações importantes para relacionar com os conceitos de compulsão à repetição (1914/2010) e o recordar, repetir e elaborar (1914/2010) de Sigmund Freud. Os recortes evidenciaram um sentimento nostálgico por parte dos jogadores, que a partir das produções freudianas, relaciona-se com um apego a um objeto perdido. Os jogos dizem de um lugar que já se ocupou e, que a partir de novos elementos torna-se possível revisitá-lo. Ademais, pode ser compreendido como uma tentativa de reproduzir o passado no presente.

<sup>1</sup> Psicólogo pelo Centro Universitário de Brusque. *E-mail:* mauriciomp90@unifebe.edu.br

<sup>2</sup> Psicólogo pela Universidade Regional de Blumenau. Doutorando em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina. Mestre em Psicologia pela Universidade Estadual de Maringá. Docente do curso de Psicologia do Centro Universitário de Brusque *E-mail:* gustavooangeli@gmail.com.

<sup>3</sup> Psicóloga pela Universidade do Vale do Itajaí. Doutora e Mestre pela Universidade Federal de Santa Catarina. Docente do curso de Psicologia do Centro Universitário de Brusque. *E-mail:* jeisa@unifebe.edu.br.

<sup>4</sup> Psicólogo e Designer pela Universidade Regional de Blumenau. Especialista em Educação na Cultura Digital pela Universidade Federal de Santa Catarina. Docente do curso de Jogos Digitais do Centro Universitário de Brusque. *E-mail:* fernandomerizio@gmail.com.



Psicanálise E Jogos Digitais: Uma Proposta De Análise Do Mmorpg E Seus Enlaces Com A  
Repetição Freudiana

Podendo expressar uma compulsão a repetir, realizar sem cessar as mesmas ações, obtendo os mesmos resultados. Entretanto, os pesquisadores apontam para uma leitura da repetição como uma possibilidade de recordar em direção a uma elaboração.

**Palavras-chave:** jogos digitais; MMORPG; psicanálise; repetição.

**ABSTRACT:** The article aimed to listen to the possible elaborations of players in face of the digital games of the style Massively Multiplayer Online Role-Playing Game (MMORPG). Based on the research methodology in psychoanalysis, as a set of activities aimed at the production of knowledge and investigation of mental processes. From the Freudian articulations and other contemporary authors, the analysis was carried out through a fluctuating listening of the reports and in what these clippings questioned the researchers. It was possible to find narratives arranged in forums on the internet and to make important interpretations to relate to the concepts of compulsion to repetition (1914/2010) and to remember, repeat and elaborate (1914/2010) by Sigmund Freud. The cutouts showed a nostalgic feeling on the part of the players, which, from Freudian productions, is related to an attachment to a lost object. The games tell of a place that has already been occupied, and that from new elements it becomes possible to revisit it. Furthermore, it can be understood as an attempt to reproduce the past in the present. Being able to express a compulsion to repeat, and perform the same actions over and over, obtaining the same results. However, the researchers point to a reading of repetition as a possibility to recall an elaboration.

**Keywords:** digital games; MMORPG; psychoanalysis; repetition.

## 1 INTRODUÇÃO

O artigo em questão, pautado pela teoria psicanalítica, possui como objetivo escutar possíveis elaborações inconscientes de jogadores perante os jogos eletrônicos do estilo *Massively Multiplayer Online Role-Playing Game*



Psicanálise E Jogos Digitais: Uma Proposta De Análise Do Mmorpg E Seus Enlaces Com A  
Repetição Freudiana

(MMORPG). Em suas especificidades tem propósito de entender o que sustenta o jogar na vida adulta, como um hábito. Para isso, foram analisados relatos de jogadores — jovens adultos — dispostos em fóruns na *internet*. A relação do autor com o tema, além do público-alvo selecionado, foi utilizada como facilitadora de escuta analítica diante das narrativas. Nos moldes da pesquisa em psicanálise, coube ao acadêmico escutar a transferência e atentar-se à contratransferência, a fim de mover o pesquisador em direção a uma produção teórica (MEZAN, 2006).

Essa qualidade de jogo se apresenta como parte da história do pesquisador, uma vez que esteve presente desde a infância e, sustenta-se como uma atividade diária até os dias atuais. Até mesmo é possível expressar que o MMORPG assumiu um papel significativo no processo de formação em psicologia, que se concretiza na produção deste trabalho. O jogo permitiu e favoreceu elaborações inconscientes, a partir de narrações em análise pessoal e também durante a pesquisa. Pensar no jogo, para o acadêmico, produz efeitos no campo de um saber singular, ou seja, do inconsciente. A intenção dos estudos referentes a esse tema parte de uma conveniência singular em direção a uma construção teórica alicerçada pela psicanálise.

Primeiramente, o MMORPG é uma modalidade de jogo *RPG* — sigla proveniente da língua inglesa e significa jogos de interpretação de papéis — no qual diversos jogadores compartilham de uma experiência em um mundo alternativo. Os jogadores se conectam por meio de servidores da *internet*, interagindo com outras pessoas de todas as partes do mundo. Esse gênero de jogo eletrônico é baseado nos tradicionais RPGs de tabuleiro, no qual os jogadores se encontram em um ambiente físico e interagem enquanto jogadores. No MMORPG o contato é feito a partir de um campo virtual e a interação acontece entre os personagens (SALDANHA; BATISTA, 2009). Diversas são as formas que a atmosfera virtual pode se estabelecer, o tempo e o espaço que se situa a história podem ser variados proporcionando efeitos distintos para cada pessoa.

Os jogos eletrônicos para computador ou consoles se tornaram fonte de diversão para pessoas de todas as idades. De acordo com pesquisa realizada





Psicanálise E Jogos Digitais: Uma Proposta De Análise Do Mmorpg E Seus Enlaces Com A Repetição Freudiana

pelo *Game Brasil* (2016), divulgada pelo *site* de notícias G1 (2016), o Brasil, até a data de publicação, era o terceiro maior país em número de jogadores, sendo a maior parcela dessa população — em torno de 52% — do público feminino. O mercado brasileiro movimentava cerca de US\$ 1,5 bilhão por ano, sendo considerado o 13º maior mercado de *games* do mundo (MENDES, 2019). Isso mostra, que em dados estatísticos, os jogos eletrônicos no país, já fazem parte de um mercado consumido por grande parte da população, sem quaisquer distinções — acessível e acessado por todos os públicos.

Crianças, adolescentes e adultos investem grande parte do seu tempo nos jogos digitais atualmente, isso se refere a um dado importante ao pensar na relevância desta pesquisa. Poucos anos atrás, *The NDP Group* (2015), um grupo de pesquisadores norte-americanos, realizaram um estudo com 7.927 jovens, a partir de 9 anos de idade, para analisar sua rotina em relação aos jogos eletrônicos. Foi constatado que a maioria dos pesquisados passavam cerca de 22 horas por semana jogando. O próprio estudo referenciou que havia uma certa preocupação, por parte da população, com o consumo excessivo desses jogos, afirmando que promoveriam um distanciamento social que afetaria negativamente o desenvolvimento dos jovens. Entretanto, foi observado que 70% dos pesquisados preferiam jogos do estilo *multiplayer*<sup>5</sup>. Isto é, nessas condições o jogo não promoveria um distanciamento, pelo contrário, indicaria a busca de uma aproximação social por meio das identificações com o conteúdo virtual. Há diversas semelhanças se compararmos com outras formas de relacionamento.

É pertinente também destacar que o jogo, seja qual for sua modalidade, possui a finalidade de entreter, não somente a quem joga, mas também aquele que assiste, além de se apresentar como elemento comum entre as culturas. Isto é, segundo Huizinga (2001), pode ser compreendido como elemento fundamental e formador da cultura humana. Esportes olímpicos, brincadeiras infantis, jogos de futebol, entre outras inúmeras variações; fazem parte das atividades sociais há muitos séculos. Nas últimas décadas, o campo virtual surgiu como um novo espaço desenvolvido e utilizado com objetivos análogos. Nesse tempo, as possibilidades de atuação dos sujeitos cresceram,

<sup>5</sup> Modalidade de jogo com interação de múltiplos jogadores.



Psicanálise E Jogos Digitais: Uma Proposta De Análise Do Mmorpg E Seus Enlaces Com A  
Repetição Freudiana

oportunizando novas significações ao ato de jogar. Os jogos eletrônicos ou digitais são capazes de produzir novos sentidos por meio da associação de novos elementos como: conteúdos, mecânicos especiais e diferentes estímulos visuais.

Para sustentar a relação que o jogo possui com o inconsciente e a psicanálise, resgatamos dois textos fundamentais da obra freudiana: “Além do princípio do prazer” e “O escritor e a fantasia”. É possível articular a prática do jogo, com os conceitos que Freud (1908/2010) elucidou em seus textos. As formulações artísticas são, tais como: as brincadeiras infantis, no qual a criança, assim como o artista em suas produções, organiza os elementos de seu mundo em outra ordem, do seu agrado. O jogo, a partir desse entendimento, segue lógica semelhante. Ao possibilitar o jogador interagir com outros elementos e pessoas em ambiente virtual, oportuniza experiências de satisfação, desprazer, etc.

Em 1920, Freud dissertou sobre o *Fort-Da* — conceito psicanalítico fundamental para compreender a dinâmica da constituição do sujeito — que ampliou as possibilidades de interpretação das atividades lúdicas na vida adulta. Em certa oportunidade, Freud (1920/2010) ao observar uma criança<sup>6</sup> brincar enquanto sua mãe se ausentava, formula algumas considerações. A criança, na ocasião, lançava um carretel de linha para baixo de um móvel, fazendo um som semelhante a palavra *Fort*, “ir embora” em alemão. E alegremente puxava o carretel de volta, exprimindo um som equivalente a palavra *Da* (ir). Freud (1920/2010) interpretou esse movimento como um jogo de si mesmo. No qual a criança encenava a partida da mãe como preliminar necessária para obter satisfação no seu retorno, sendo este o verdadeiro propósito.

A partir dessa observação fortuita de Freud (1920/2010), a interpretação do jogar tornou-se mais clara. Se tratava de uma “[...] grande realização cultural da criança, a renúncia instintual (isto é, a renúncia à satisfação instintual) que efetudara ao deixar a mãe ir embora sem protestar.” (FREUD, 1920/2010, p. 10). De modo a ser compensado por meio do jogo (de si mesmo), encenando o

---

<sup>6</sup> Devido às discordâncias entre as traduções para o português brasileiro do texto “Além do princípio do prazer” (1920/2010) não se sabe ao certo se a criança era o neto ou sobrinho de Freud.



Psicanálise E Jogos Digitais: Uma Proposta De Análise Do Mmorpg E Seus Enlaces Com A  
Repetição Freudiana

desaparecimento e o retorno dos objetos ao seu alcance. A separação/morte agora é tomada como possibilidade de ser vivenciada pela criança a partir de outra posição. Logicamente suas interpretações não se limitaram a isso, algo nessa dinâmica também simbolizou um certo instinto de dominação, no qual a criança “vingaria” a ausência da mãe. Vá, não preciso de você! Podendo ser interpretado como uma tentativa de enfrentamento perante o seu mal-estar, que futuramente ocuparia um espaço importante em seu desenvolvimento.

Martinez (2009), em um extenso processo de investigação dos aspectos lúdicos do *videogame* e sua relação com as expressões do inconsciente, apontou algumas considerações extremamente importantes para a temática. Foram analisados diversos jogos eletrônicos e a relação com o desejo do adulto-criança de imortalidade. Resgatando algumas das obras mais importantes de Freud, a autora apresentou o jogo como uma possibilidade de se deparar com a morte e poder sobreviver. Morremos na nossa identificação com o protagonista, mas sobrevivemos à sua morte e estamos dispostos a morrer outra vez, igualmente com outro protagonista. A autora aponta para os aspectos lúdicos, como vias de análise do inconsciente, por onde circulam o desejo, a fantasia e o devaneio de um adulto em direção ao outro, a criança que o habita.

Mas afinal, o que mantém sujeitos de variadas idades jogando rotineiramente? E quais as narrativas inconscientes produzidas por essa relação? Os elementos culturais e estruturantes encontrados nessa dinâmica, viabilizaram uma análise e um olhar psicanalítico sobre eles (KOBORI, 2013). Com os alicerces da teoria psicanalítica é possível compreender a relação entre sujeito e objeto, além de escutar o inconsciente das partes envolvidas — analisado e analista. O percurso se sustentou no entendimento do pesquisador de que o jogar do adulto se apresentaria como repetição do brincar da infância, somando novos elementos propiciados pelo desenvolvimento à fase adulta.

Para dar consistência à experiência de pesquisa, abaixo abordaremos os conceitos fundamentais da temática, a fim de viabilizar a participação do leitor no processo de elaboração e interpretação dos recortes encontrados. A fundamentação percorrerá em torno de três eixos distintos: os jogos digitais; fantasia, virtualidade e realidade psíquica e; o lugar do jogo eletrônico na





Psicanálise E Jogos Digitais: Uma Proposta De Análise Do Mmorpg E Seus Enlaces Com A  
Repetição Freudiana

psicanálise. Iniciando com uma revisão teórica em direção aos enlaces com o que já se tem produzido atualmente.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 2.1 OS JOGOS DIGITAIS

Os jogos eletrônicos, atualmente, estão em expansão contínua que, por se situar dentro de uma lógica de espaço e tempo diferente da realidade cotidiana, agrada seus consumidores em muitos aspectos diferentes. No MMORPG, particularmente abordado nesse artigo, os jogadores são possibilitados a ensaiar e experimentar uma realidade alternativa, interpretando personagens pré-definidos e/ou assumindo protagonismo — fazendo papel de si mesmo, com possíveis amplificações — dentro da história do jogo (MARTINEZ, 2009).

O RPG clássico assume um papel histórico significativo em muitas áreas da psicologia e da pedagogia. Quando utilizado como técnica, possui o objetivo de auxiliar na elaboração de conteúdos reprimidos, solucionar conflitos internos ou familiares. Assim como ocupa um espaço nas salas de aula, ao promover novas técnicas de ensino que favorecem a espontaneidade dos envolvidos. É comumente associado ao teatro, por se tratar de uma espécie de aventura narrada e interpretada por personagens. Difere-se no momento que, no RPG cada personagem define seu próprio roteiro, interagindo com outros personagens principais ou coadjuvantes (SALDANHA; BATISTA, 2009).

Conforme já mencionado, no RPG *on-line* — MMORPG — os figurantes não compartilham um espaço físico comum, entretanto dividem uma experiência dentro de uma esfera virtual construída sob uma lógica coerente. Em um tempo medieval, por exemplo, surgem possibilidades de interpretar guerreiros, magos, bruxas, entre outras diversas figuras próprias das mitologias da época. Já em um ambiente futurista, é possível assumir papéis como: robôs com inteligência artificial, um especialista *hacker* etc. Cria-se um espaço, onde a realidade concreta cede espaço à fantasia e seus infundáveis destinos.



Psicanálise E Jogos Digitais: Uma Proposta De Análise Do Mmorpg E Seus Enlaces Com A  
Repetição Freudiana

Com o advento da tecnologia, o universo dos *games* foi ampliado, ao nível de jogos como *World of Warcraft*, *Tibia*, *Runescape*, entre outras centenas de jogos, gerassem uma espécie de comunidade ativa. Que utiliza tanto o espaço do jogo como fóruns e redes sociais para trocar informações e relacionar-se a partir das identificações propiciadas. Nessa comunidade, os jogadores se ajudam e compartilham experiências dentro e fora do jogo. Entretanto, nem todas histórias são belas e de finais felizes como nas fábulas. Em 2008, por exemplo, na Rússia, uma discussão causada pela morte de um personagem no *Lineage 2*, resultou na morte de um homem de 33 anos, durante uma briga de rua envolvendo diversos jogadores (MONTEIRO, 2013). Aspectos desagradáveis como esse também fazem parte da problemática e aproximam ainda mais o campo virtual da realidade.

A combinação do clássico RPG de mesa e o ambiente virtual foram complementares. Podemos pensar nas especificidades dos vínculos virtuais, proporcionados pelas redes de relacionamento, somadas ao universo lúdico dos jogos eletrônicos. De certa forma, o espaço *on-line* já propiciaria por si, que o sujeito desenvolva personagens, uma vez que as interações se dão por meio de uma imagem transmitida na tela, muitas vezes filtrada com intuito de encobrir nossas falhas. Além de os conteúdos publicados, que podem ser preestabelecidos, na tentativa de inibir possíveis erros. A *internet* promoveria entrada à fantasia, rejeitando aspectos do mundo real, ancorando-se na virtualidade (CASTELLS, 2003).

Nesses espaços, no qual se estabelecem relações para além dos personagens construídos *on-line*, aspectos do inconsciente dessas pessoas são passíveis de escuta. A análise desses, dispostos como fragmentos de um sujeito jogador, se assim pode ser chamado, interpelam o pesquisador a construir elaborações como uma espécie de caso clínico. A relação dialética proporcionado pelo estilo MMORPG, é ponto central na pauta das construções teóricas apresentadas. De maneira aproximada aos ensaios clínicos, o sujeito é protagonista na construção de uma verdade singular, sustentada por suas experiências individuais (FIGUEIREDO, 2004).



## 2.2 FANTASIA, VIRTUALIDADE E REALIDADE PSÍQUICA

As relações, conforme os conceitos psicanalíticos, sustentam-se a partir da fantasia. Isto é, são as construções fantasiosas que dão origem à nossa realidade psíquica e, por isso, elas estruturam as relações. Quinet (2002) cita que a fantasia é uma armadilha do olhar, no qual o sujeito se deixa fascinar, por considerar ela sua janela para mundo. Seria esse o cenário, considerado por autores contemporâneos, que contemplaria o campo virtual. A relação é com a tela e com o que está projetado nela, o que vemos e buscamos ver. Entretanto, essa tela é a da fantasia.

Freud (1893/2016), lá no começo, nos estudos sobre a histeria, já apontava para a dimensão da realidade psíquica, que por muitas vezes diferenciava-se da realidade concreta, mas que de certa forma não se tratava de uma inverdade. Na histeria não se distinguia a verdade e a ficção, que era emitida como afeto. Era observado, que todas histórias que aconteceram, assim como as que foram apenas construções psíquicas do sujeito, ocupavam o mesmo lugar no inconsciente, e dessa forma, produziam os mesmos efeitos. Para Freud (1893/2016), a fantasia protegeria os aspectos traumáticos de uma experiência e, pela via do recalque, essas imagens seriam meio que transformadas ou desconsideradas, para dar espaço a uma realidade — psíquica — a qual pudéssemos suportar.

Em 1908/2010 Freud retoma as elaborações anteriores sobre a fantasia, designando-as como um processo privilegiado para entender a gênese dos sintomas. A escuta analítica se ocuparia das fantasias de seus pacientes, como meio de elaboração dos sintomas. Algo, que até hoje, se mantém como ponto central da teoria psicanalítica. As fantasias na clínica, muitas vezes, aparecem com relatos hesitantes, carregados de culpa e vergonha, mobilizando resistência. Comumente associado a uma cena imprecisa da infância, que teria causado marcas traumáticas naquele sujeito. Os conceitos psicanalíticos de fantasia apontam para uma direção paradoxal, que ao mesmo tempo evidencia prazer e desprazer, por se tratar de algo repulsivo, que não escapa ao recalque,





Psicanálise E Jogos Digitais: Uma Proposta De Análise Do Mmorpg E Seus Enlaces Com A  
Repetição Freudiana

mas que encontra destino na fantasia. Ou seja, toda fantasia é, de certa forma, a realização de um desejo.

A dificuldade em relatar ocorre justamente pela barreira constituída pelo recalque. É por isso que a fantasia não recebe o mesmo tratamento de um devaneio, por exemplo. Ela representa, antes de mais nada, uma tentativa de reconstrução diante do traumático, que cerceia o desejo. Tentativa de conceber uma cadeia de significantes, como uma espécie de passagem que buscará dar sentido *a posteriori* a uma imagem. As pinturas — produções artísticas — se apresentam como expressões dessa tentativa, que muitas vezes não encontram palavras, mas suscitam a arte e transmitem uma mensagem enigmática para o sujeito e para quem a observa. A partir disso, sugere-se que o recalque não afeta a imagem, apenas a linguagem (FREUD, 1901/2016).

Na neurose<sup>7</sup>, a fantasia não encontra lugar para ocupar na estrutura, então o sujeito a vivencia como algo de fora — Freud (1919/2010a) utiliza o termo estrangeiro. Aparenta ser algo estranho, apesar de fazer parte de sua própria constituição. E ela é uma experiência que não pode ser simplesmente relatada, ela necessita ser reconstruída, no que Freud separou em três tempos ou momentos de nossa atividade ideativa. Inicialmente, parte-se de uma ocasião presente, capaz de despertar traços do desejo daquele sujeito. Por conseguinte, retorna a uma lembrança de uma vivência anterior — da infância — no qual aquele desejo era realizado. Proporcionando, assim, uma ligação entre algo do passado com os novos elementos desse presente. Dessa forma, passado, presente e futuro se encontram perfilados na linha do desejo. Surge mais uma característica importante da fantasia: ela realiza, sem realizar, um desejo (FREUD, 1908/2010).

A emergência clínica desse conceito, que o torna fundamental para uma produção psicanalítica, é orientar a direção na travessia da fantasia. Ou como apresenta Lacan (1966-1967/2008), a travessia das identificações. A fantasia

---

<sup>7</sup> Iremos considerar a estrutura da neurose para facilitar a compreensão das conjecturas teóricas a respeito da temática. Para Lacan (1966-1967/2008), na psicose há uma lacuna no local onde deveria haver uma fantasia, produzindo uma espécie de ruptura com a realidade, sendo assim necessário a produção de um delírio/alucinação. Dessa forma, as interpretações podem apresentar diferenças de acordo com a estrutura psíquica do observado. Sejam elas transicionais ou não.



Psicanálise E Jogos Digitais: Uma Proposta De Análise Do Mmorpg E Seus Enlaces Com A  
Repetição Freudiana

seria um lugar que concentra as identificações do sujeito. No qual, todas as formas de relação com o objeto, com seu desejo, estão atribuídas. Ao longo dos tratamentos analíticos várias fantasias se cruzam entre outros vários sintomas e, o resultado disso seria a fantasia fundamental, apresentada por Lacan (1966-1967/2008), como uma espécie de soma de todas fantasias originárias.

Lacan (1966-1967/2008) faz uma adaptação da palavra em alemão “*Fantasie*” — fantasia — concebendo-a para a língua francesa como “*Fantôme*” — fantasma. Nesses aspectos ele desenvolve a lógica do fantasma, apresentada no seminário 14<sup>8</sup>. A teoria concebe as formas com que e como a fantasia organiza a realidade para o sujeito. O fantasma é considerado como organizador da realidade e, as angústias comumente escutadas em clínica ou em narrativas seriam causadas pelo desajuste da lógica do fantasma.

Por assim dizer, fantasiemos para dar conta de uma verdade — insuportável — que insiste e produz sofrimento e/ou satisfação. Como o sujeito lida com seus fantasmas, representa algo singular de cada um. A realidade psíquica é abastecida com fantasias, assume-se a impossibilidade de compreender de imediato. Para além disso, se a fantasia se equivale ao brincar da criança, jogamos e brincamos como adultos, também, para reparar uma realidade insatisfatória (FREUD, 1908/2010). Ressalta-se também a verossimilhança entre virtualidade e realidade psíquica discutida por Freud, e ambas são vivenciadas por meio das lentes da fantasia.

No ato de brincar ou jogar, esses estilhaços fantasmáticos ou fantasiosos são projetados para o mundo exterior. Nesse sentido, as brincadeiras são consideradas práticas tipicamente infantis, mas que não deixam de existir quando nos tornamos adultos. Espera-se que o sujeito, em certo ponto de sua vida, deixe de brincar e atue no mundo real. Freud (1908/2010) assume que o brincar da criança é caracterizado por um único desejo, de ser grande e adulto. Enquanto a criança distingue perfeitamente a realidade da ficção, não se constringendo, o adulto experiencia suas fantasias como algo extremamente

---

<sup>8</sup> Dessa mesma produção literária vem a compreensão supracitada de Quinet (2002), da fantasia como perspectiva de como enxergamos o mundo.



Psicanálise E Jogos Digitais: Uma Proposta De Análise Do Mmorpg E Seus Enlaces Com A  
Repetição Freudiana

particular e considera seus conteúdos vergonhosos por serem infantis e proibidos.

### 2.3 O LUGAR DO JOGO ELETRÔNICO NA PSICANÁLISE

Com os constructos teóricos da psicanálise apresentados, é possível obter uma base da profundidade da temática que o trabalho se destina. Essa breve revisão é fundamental para compreendermos as novas problematizações em torno dos jogos digitais, que agora sim, trazem os jogos e as noções a respeito do ambiente virtual de fato. Para isso, transmitiremos as contribuições desses novos autores, além de considerar que suas elaborações não suscitaram apenas de Freud ou Lacan, mas de vários outros pós-freudianos, que se dedicaram à construção da psicanálise como a conhecemos hoje.

A autora Viviana Martinez (2009), em seu artigo “O brincar e a realidade virtual” faz uma releitura minuciosa das obras de Freud, para posicionar a atividade lúdica — jogos eletrônicos — como “[...] um canal de expressão do inconsciente.” (p. 151). Concebendo suas proposições no fato de que as brincadeiras, em primeiro lugar, exprimem um desejo, de acordo com Freud (1908/2010). A autora aponta para algo que já é sabido nesse ponto do artigo: que o adulto substitui essas atividades tipicamente infantis pelo fantasiar. Reforçando que há um traço desse infantil, que resiste na vida adulta, o desejo de ser grande e o desejo de imortalidade que pode ser facilmente experimentado no jogo.

Os *videogames* foram os pioneiros em associar o lúdico dos jogos com ambientes desenvolvidos virtualmente, tornando as experiências muito mais ricas e satisfatórias. Jogos competitivos clássicos como o tênis de mesa, por exemplo, foram amplificados com o advento tecnológico da década de 1980, quando passaram a ser transmitidos em uma tela, com possibilidades de interação. Diversos fatores sócio-históricos e econômicos contribuíram para o grande sucesso do *videogame*, tais como: a “[...] diversificação dos materiais, os avanços da microeletrônica, a mulher no mercado de trabalho, a redução dos





Psicanálise E Jogos Digitais: Uma Proposta De Análise Do Mmorpg E Seus Enlaces Com A  
Repetição Freudiana

espaços públicos para crianças e o perigo do mundo das ruas.” (MARTINEZ, 2009, p. 152).

Diante das circunstâncias de uma época, que persiste até os dias atuais, era só questão de tempo para que boa parcela da população mundial aderisse ao produto. Se notarmos, é possível expressar que essa tecnologia — a mesma dos *games* — substituiu e transformou as experiências lúdicas no mundo inteiro. Atingindo primeiramente as crianças e as formas de educação, até atingir os adultos e todos moldes de interação social que tínhamos como bases estruturantes da sociedade. Hoje, é imprescindível considerarmos as relações, tanto de contato próximo com as acometidas pela distância, redes sociais e comunidades *gamers*, por exemplo (MARTINEZ, 1994).

Nas aventuras, oportunizadas pelo universo dos jogos eletrônicos, um elemento está comumente integrado: a violência. Que dentro das esferas virtualizadas dos jogos de fantasia, aqui se inclui a modalidade MMORPG, é aceita, por se tratar de um “faz de conta”. Nesses aspectos é possível dizer que o jogo propicia um espaço para fazer circular as paixões, os desejos em todos os níveis, os princípios de satisfação do sujeito. Se é permitido matar o outro, e isso não necessariamente fere nossa realidade concreta, o desejo de realizar o ato é autêntico. Essa agressividade instintiva faz parte da constituição do sujeito e vive latente no inconsciente, Freud (1893/2016) também a relacionou com a realidade psíquica.

Primeiro ponto a se considerar é: o jogo virtual, como conteúdo, faz parte da realidade psíquica daquele que o consome e, de certa forma, a constitui junto dos demais elementos e construções psíquicas adquiridas ao longo do desenvolvimento. Contudo, não há de se considerar que a realidade virtual corresponde exatamente à realidade psíquica. As experiências favorecidas pelos jogos eletrônicos, como a possibilidade de agredir, ocupariam um lugar delimitado entre o inconsciente e essa realidade virtual. Isto é, uma área intermediária ou um espaço de transição, no qual fantasia e realidade se encontram, onde as brincadeiras possuem lugar privilegiado (WINNICOTT, 1975).



Psicanálise E Jogos Digitais: Uma Proposta De Análise Do Mmorpg E Seus Enlaces Com A  
Repetição Freudiana

Em segundo momento, tomemos esses jogos “violentos”, que por muitos são fortemente criticados e diversas vezes boicotados. Conforme visto anteriormente, eles conotam, tal como os sonhos, realizações de desejos. Desejos que estão intimamente ligados às demandas pulsionais, aqui se têm os conceitos desenvolvidos por Freud (1900/2019), como princípio da realidade e princípio do prazer, que fundamentam a satisfação no mundo real. Porém, ainda assim geram desconforto em uma parcela da população. Lembrando os apontamentos de Freud (1900/2019): o que ninguém deseja, não é necessário proibir. Logo, essa premissa demonstra a obscuridade dos desejos humanos, matar o outro, por exemplo, e que, de certa forma, o jogo ocupa um espaço nessa lógica. E refere-se sabiamente ao que nos propomos a considerar nesta produção (MARTINEZ, 2009).

Mas para além do desejo homicida, o jogo também possibilita algo muito notável: o desejo de imortalidade. Também pauta do artigo de Martinez (2009), que fala sobre o desejo de imortalidade do adulto-criança. “No inconsciente todos nós estamos convencidos de nossa imortalidade” (FREUD, 1915/1999 *apud* MARTINEZ, 2009, p. 161). Diante do medo da morte, a pessoa nega sua existência. Essas respostas de negar e recalcar, pode-se dizer da construção de uma neurose. Por esse mesmo motivo, empobrecemos nossas experiências, a fim de evitar a morte, excluindo tudo aquilo que nos representa ameaça. Essa renúncia busca então, destino no campo da fantasia, na ficção e na arte. E na ficção, ou seja, nesse caso nos jogos, é possível deparar-se com a morte com a possibilidade de sobreviver (MARTINEZ, 2009).

É dessa maneira que, com todos os recursos sofisticados da tecnologia, o adulto constrói um universo virtual onde as mesmas regras civilizatórias podem ser transgredidas. E são precisamente esses desejos transgressores da civilização que o adulto comunicaria enigmáticamente à criança (MARTINEZ, 2009, p. 163).

A autora Arlete dos Santos Petry (2011), em seu artigo “*Heavy Rain* ou o que podemos vivenciar com as narrativas dos *games*” trata dos jogos digitais como “possibilitadores de experiências psicológicas profundas, potencialmente criativas e de forte significado para o sujeito e para a cultura em geral.” (PETRY, 2011, p. 1). Nesse sentido, relata sobre a importância de uma análise dos *games*



Psicanálise E Jogos Digitais: Uma Proposta De Análise Do MmorpG E Seus Enlaces Com A  
Repetição Freudiana

e seu potencial terapêutico. Evidencia as narrativas, que segundo a autora, dão contorno e sentido às nossas vidas. Reforça a importância da história contada/vivida nos jogos e sua relevância no que diz respeito às experiências subjetivas que são proporcionadas por ela.

A imersão nos jogos, geradas a partir das tecnologias da época, são experiências liminares. Isto é, são experiências que levam a momentos anteriores, em fases transicionais de nossa constituição. Tal como as brincadeiras faz de conta, que evocam sentimentos nostálgicos, do primeiro ursinho de pelúcia, por exemplo. O computador funciona como uma extensão da experiência humana e de que forma a percebemos e tomamos consciência dela. Por isso, a sutileza de produzir uma narrativa para os jogos digitais, e a importância do *game design*. É necessário desenvolver uma história coerente, crível, com personagens e fatos possíveis, mas ainda assim, dentro de um mundo ficcional (PETRY, 2011).

Ao imergir na narrativa, o jogador vivencia sentimentos com o que ocorre, interage com os elementos virtuais à sua volta, mas ainda assim, ao final é apenas um jogo. O que o sustenta é o princípio da realidade. O exercício de sair de si, interpretar outro, mas retornar ao fim da experiência, no entendimento de Petry (2011), é o que amplia a vida, por dar a possibilidade de ensaiar outras possibilidades. Apesar de podermos experimentar, não muda o fato de estarmos presos a uma determinada realidade particular. Entretanto, essa exploração, traria o benefício do autoconhecimento. “Frequentemente, uma história serve para nos emprestar um sentido que, embora não seja o que exatamente sentimos, nem exista uma correspondência entre uma situação de fato e a narrativa ficcional, dá contorno ao nosso sofrimento, dá-lhe uma cara com a qual podemos começar a lidar.” (PETRY, 2011, p. 9).

As autoras Brandão, Bittencourt e Vilhena (2010) delimitaram um espaço “mágico” no qual o jogador “[...] pode se comunicar e interagir simultaneamente com outros jogadores e personagens virtuais inteligentes, e participar de narrativas “incertas” – sem começo, meio, e fim pré-definidos – nas quais age como colaborador e coautor da experiência.” (p. 838). Para elas, as novas tecnologias podem fornecer uma espécie de interconexão entre o mundo real e





Psicanálise E Jogos Digitais: Uma Proposta De Análise Do Mmorpq E Seus Enlaces Com A  
Repetição Freudiana

o mundo virtual. Os jogos digitais podem processar e simular elementos textuais, gráficos e sonoros de forma interativa, por meio da tecnologia de um computador, algo impossível para os jogos tradicionais. O funcionamento e as regras do jogo são aprendidos ao longo do jogo, não são dados previamente. Faz parte da experiência descobrir como o jogo opera.

A mágica ocorre no decorrer da *gameplay*<sup>9</sup>, quando as habilidades do jogador são desafiadas. Em um limite entre o fácil e o difícil, mas com garantias perceptíveis que é possível realizar a tarefa. Isso segue a lógica de balanceamento entre o prazer e a frustração ou ansiedade e tédio. Experiências fluidas acontecem quando a pessoa utiliza suas habilidades e direciona sua capacidade em superar um desafio possível. Isto é, a atividade ocupa um tempo e um espaço específico, que demanda concentração intencional, sem um esforço excessivo (BRANDÃO; *et al.*, 2010).

Em síntese, o lugar do jogo eletrônico a partir da perspectiva dos autores contemporâneos da psicanálise, está em uma “dimensão” intermediária, entre o inconsciente e a realidade virtual. Nesse espaço, pode-se transgredir as regras, morrer, matar e repetir em variadas ocasiões e circunstâncias.

### 3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O artigo em questão está alicerçado na metodologia de pesquisa em psicanálise. Esse método se articula a partir de Freud, que apresenta a psicanálise, em si, como um procedimento para a investigação de processos mentais. Dá-se o nome de pesquisa em psicanálise, um conjunto de atividades voltadas para a produção de conhecimento, que utiliza de conceitos teóricos desta como instrumento para a investigação e compreensão de variados fenômenos sociais e subjetivos (FIGUEIREDO; MINERBO, 2006).

A psicanálise como um modelo de pesquisa científica, não se limita a duas grandes finalidades: confirmar ou refutar uma hipótese. A pergunta deverá mobilizar o autor ao método (MEZAN, 2006). Apresenta uma aproximação entre

---

<sup>9</sup> Termo utilizado por jogadores, proveniente da língua inglesa e significa jogabilidade. É a soma das experiências durante o jogo, que envolve a narrativa e as habilidades mecânicas do jogador.



Psicanálise E Jogos Digitais: Uma Proposta De Análise Do Mmorpg E Seus Enlaces Com A  
Repetição Freudiana

pesquisador e referencial teórico, esperando que nem um, nem outro permaneçam estáticos ao fim da produção. Uma pesquisa em psicanálise é capaz de trazer novidades à própria teoria (FIGUEIREDO; MINERBO, 2006).

As contribuições do método para o campo da ciência, afastam-se dos princípios de linearidade e imparcialidade, concebendo princípios epistemológicos, éticos e políticos que se estendem a singularidade daquele que produz. São esperadas interpretações a partir da escuta, mas o conhecimento psicanalítico dá-se *a posteriori*, resultando da experiência da pesquisa. A participação ativa do autor, que dará corpo à sua pesquisa. Sustentada teoricamente e autorizada por sua singularidade (MARSILLAC; *et al.*, 2019).

A análise foi realizada por meio de um olhar flutuante dos relatos e no que esses recortes nos interpelam (MARSILLAC; *et al.*, 2019). Têm-se como ética uma escuta por intermédio da atenção flutuante aliada à ausência de julgamento e neutralidade. Isso autorizaria o profissional a escutar palavras endereçadas pelo sujeito analisado; sem impor a ele conteúdo do próprio pesquisador e/ou se atentar apenas sobre aspectos muito específicos, que podem simplificar erroneamente o relato do sujeito (FREUD, 1912/2010).

Cabe resgatar a regra fundamental da associação livre, que permitiu o pesquisador a exercer um furo no discurso consciente, permitindo o acesso às “[...] formações do inconsciente e suas manifestações discursivas por meio do que se repete, o que parece fora de lugar” (MARSILLAC; *et al.*, 2019, p. 794). Nos moldes da pesquisa em psicanálise, tangeu ao acadêmico escutar a transferência e atentar-se à contratransferência, endereçando-a (MEZAN, 2006).

Em primeiro momento, foi realizada uma busca na *internet*, por fóruns específicos de alguns jogos do estilo MMORPG. A fim de encontrar recortes do discurso de jogadores jovens-adultos. Algumas perguntas foram capazes de encaminhar o desenvolvimento desse artigo, tais como: Por que você ainda joga MMORPG? O que mantém os jogadores ativos? Por que ainda jogar determinado jogo? Essas que, conduziram o pesquisador em direção ao público. Tal como em clínica, perguntas e pontuações facilitam a escuta metapsicológica, predizendo melhores interpretações (MARSILLAC; *et al.*, 2019).



Psicanálise E Jogos Digitais: Uma Proposta De Análise Do Mmorpg E Seus Enlaces Com A  
Repetição Freudiana

Apesar de não ser citado na análise, também fez parte da pesquisa, publicações em redes sociais como *Instagram* e *Facebook*. Para isso, uma busca com palavras relacionadas à temática foi realizada, com finalidade de ampliar a dimensão e profundidade da análise. Obtendo maior número de recortes, atingindo um público expressivo, temos a possibilidade de realizar enlaces mais satisfatórios em relação aos objetivos da pesquisa (MEZAN, 2006).

Após esse percurso, uma análise ocorreu, sustentada pelos aportes teóricos da psicanálise e constatações dos autores contemporâneos à psicanálise clássica, referentes aos jogos eletrônicos. Sem desconsiderar, obviamente, as contribuições do fundador referente às relações virtualizadas, discutidas já em meados do século XX. Todavia, conforme apontado por Freud (1921/2011) e reforçado por Lacan (1953/1998), psicanalistas, antes de mais nada, deveriam atentar-se à subjetividade de sua época. Compreendendo a dialética das relações simbólicas referentes ao tempo presente.

Por fim, ressalta-se que a pesquisa ocorreu com as contribuições dos autores referenciados, acrescido das experiências até então vividas pelo acadêmico-pesquisador. Que a partir desse mal-estar que o habita, desejou compreender mais e melhor as questões que permeiam esse público. “O homem, que faz ciência e que é objeto da ciência, é habitado pela incompletude e caracterizado pela divisão psíquica. É sobre esse sujeito que a psicanálise se ocupa, tendo o inconsciente como seu objeto de pesquisa privilegiado.” (MARSILLAC; *et al.*, 2019, p.792).

#### 4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Atualmente, os jogos em ambiente virtual fazem parte do mundo que vivemos, à medida que, somos todos jogadores de algum jogo, seja um simples jogo de celular a jogos mais elaborados, com desafios complexos e narrativas próprias. Podemos dizer que para muitas pessoas essas atividades já não são mais mero passatempo. É parte constitutiva do sujeito e abre possibilidades de atuação no mundo. Com a modernidade chegaram novas oportunidades, na qual brincar e jogar também pode ser atividade de adulto. Não há restrições para





Psicanálise E Jogos Digitais: Uma Proposta De Análise Do Mmorpg E Seus Enlaces Com A  
Repetição Freudiana

aquilo somos e que ainda podemos nos tornar. E o jogo, na concepção dos autores, faz parte dos infundáveis destinos da pulsão. Diante do mal-estar que nos habita, Freud (1930/2010) pontua:

A vida, tal como nos coube, é muito difícil para nós, traz demasiadas dores, decepções, tarefas insolúveis. Para suportá-la, não podemos dispensar paliativos. [...] existem três desses recursos, talvez: poderosas diversões, que nos permitem fazer pouco de nossa miséria, gratificações substitutivas, que a diminuem, e substâncias inebriantes, que nos tornam insensíveis a ela. Algo desse gênero é imprescindível. (p. 19)

Diante de um mal-estar inerente à vida humana, essas atividades ditas lúdicas, ocupam um espaço bem mais importante do que se pensava. Os investimentos nesse setor se justificam à medida que são consumidos e utilizados como formas de existência por várias pessoas. Os jogos digitais por meio de suas narrativas falam de sonhos, realizações e frustrações. Essas aventuras alternativas podem dar contorno as nossas experiências, isto é, amenizar o sofrimento cotidiano (PETRY, 2011). Pessoas, desde cedo, sonham com a possibilidade de se tornar desenvolvedores, jogadores profissionais, *streamers*<sup>10</sup> etc. Vislumbram ser reconhecidos por suas produções *in game*. A realização acontece não apenas em contato com a realidade, mas no campo virtual também, que nos atinge, nos propicia experiência.

Transcendendo o ambiente dos jogos, comunidades são desenvolvidos em fóruns e redes sociais. Experiências ocorridas dentro do jogo emergem e atuam na vida real<sup>11</sup>. Foi assim, que a partir de diversos recortes nesses outros espaços, foi possível escutar jogadores de diversas idades e regiões do Brasil, sem necessariamente interpelar esses sujeitos. Que por algum motivo, buscam compartilhar e socializar suas experiências com outros jogadores ao redor do mundo por meio de plataformas *on-line*.

<sup>10</sup> Profissionais que trabalham em plataformas de *streaming*. Isto é, em plataformas de transmissão *on-line*. Podemos apresentar a plataforma *Twitch* e o *Facebook Gaming* como exemplos.

<sup>11</sup> É possível identificar no discurso dos jogadores a separação entre o universo virtual dos jogos digitais e o mundo externo. Comumente utiliza-se o termo RL ou IRL, determinando esse espaço externo como *Real Life* ou *In Real Life* (expressões da língua inglesa que dizem respeito à Vida Real ou na Vida Real).



#### 4.1 PRIMEIRAS IMPRESSÕES

Diversos foram os relatos escutados e, um que apareceu com maior frequência, provocando indagações, referenciava o motivo pelo qual as pessoas ainda jogavam, depois de tantos anos. Nesse quesito, um jogo chamou bastante atenção, por ter várias publicações com essa mesma questão, o *Tibia*<sup>12</sup>. Que até os dias atuais, conta com um número considerável de jogadores ativos. A razão de sua popularidade pode levar em consideração o fato de ter sido o pioneiro em trazer os clássicos RPGs de mesa para dentro do universo virtual, com gráficos e *designs* atraentes para época. Cabe ressaltar que por ser um jogo mais antigo, grande parte de seu público atualmente é adulto. E que, apesar de ainda sustentar gráficos muito semelhantes aos do seu lançamento, agrada a muitos jogadores.

Em uma publicação no fórum do *fansite* Portal Tibia, em 2015, a jogadora intitulada como Devan Satara, indaga sobre os motivos de ainda jogar *Tibia*. Aponta para diversos defeitos do jogo, inclusive o fato de já existirem jogos mais atuais e acessíveis — em relação ao custo da mensalidade. Entretanto, afirma continuar jogando por vários motivos diferentes e que se percebe pensando nas motivações de outros *players*. Sua publicação obteve 33 respostas.

Em uma das respostas, Davix comentou que conversara com um amigo sobre isso recentemente, e que acha divertido a possibilidade de exploração e a busca por locais misteriosos, proposta comum do RPG. Além disso, cita que por ser seu primeiro jogo dessa espécie — MMORPG — sente-se nostálgico. Relembrando das primeiras experiências *in game*, os sucessos e os fracassos durante suas jornadas, enquanto ainda era uma criança. Diversos outros compartilham do mesmo sentimento nostálgico de Davix. Wuggles, por exemplo, comenta: “Eu continuo porque é um jogo que jogo desde 2003, e faz parte do meu dia-a-dia” (sic).

<sup>12</sup> Jogo do estilo MMORPG, desenvolvido por um grupo de jovens alemães, no ano de 1997. Nesse jogo, pessoas do mundo inteiro se encontram em um *playground* virtual para explorar áreas, resolver enigmas complicados e realizar façanhas heroicas. O jogo favorece a interação com outros jogadores em nível social e diplomático (TIBIA, 2020).



Psicanálise E Jogos Digitais: Uma Proposta De Análise Do Mmorpg E Seus Enlaces Com A  
Repetição Freudiana

O que é percebido em quase todos os comentários é esse sentimento de retorno, muitos apontam para o início, quando ainda eram crianças ou adolescentes e, que hoje, já adultos, continuam jogando por se sentirem bem. Recordam de como era difícil antigamente, enfrentavam problemas de conexão e o pouco poder aquisitivo. Mas também se impressionam em lembrar da força de vontade e a dedicação em enfrentar os desafios propostos — não somente dentro do jogo — e ainda assim, seguirem em frente. O que fica é a saudade de um tempo que passou.

Em um mundo construído virtualmente, com as mais diversas oportunidades, mudar de profissão não seria um grande desafio. Dessa forma, o *Tibia* é um exemplo de jogo, no qual os jogadores podem optar por diferentes profissões/classes: guerreiro, paladino, druida ou feiticeiro. Cada um com suas particularidades, que motivam os jogadores a continuarem suas aventuras, subirem nível variando as mecânicas. Assim como, criar outros personagens em diferentes servidores com outros objetivos, ou simplesmente para começar novamente do zero. Esses *players* repetem diversas vezes, investindo seu tempo criando diversos personagens em servidores diferentes, realizando basicamente as mesmas tarefas.

Em publicação no Reddit (2018), uma pessoa indaga para outros jogadores se ainda vale a pena jogar *World of Warcraft*<sup>13</sup> (WOW). Sua publicação obteve 52 respostas. Dentre os vários aspectos mencionados, também é comum observarmos o relato de antigos jogadores, que ainda mantêm o jogo em suas rotinas. Apesar disso, grande parte destes, não o indicam a novos jogadores. Muitos relatos apontam para o jogo como uma espécie de hábito difícil de manejar. Com um custo elevado e várias experiências desagradáveis. Um dos comentários diz o seguinte: “É mais fácil dizer não agora do que parar depois” (sic).

Também é possível observar, em diversas respostas, a indicação de outros jogos da mesma espécie, que segundo os autores das publicações, dão

---

<sup>13</sup> Jogo MMORPG, que proporciona que o jogador seja interprete um herói, enfrente monstros gigantes, explore masmorras perigosas, defendendo o mundo de Azeroth de todos os perigos (WORLD OF WARCRAFT, 2020).





Psicanálise E Jogos Digitais: Uma Proposta De Análise Do Mmorpg E Seus Enlaces Com A Repetição Freudiana

mais liberdade às experiências. O WOW, por ter um *lore*<sup>14</sup> contínuo, ou seja, uma história a seguir e um papel a interpretar, praticamente inviabiliza outras opções de desenvolvimento do personagem, algo que antigamente não era tão relevante. Versattes comenta que o jogo o faz se sentir como em um *singleplayer*<sup>15</sup> fácil. Segundo ele, os jogadores já não interagem mais como antigamente, só experienciando isso realmente mais para o final do jogo. Apesar disso, outros diversos jogadores dizem que vale a pena. Considerando que a história e as missões possuem narrativas bem elaboradas (REDDIT, 2018).

Os comentários também conotam experiências muito semelhantes às já descritas nos parágrafos anteriores. A sensação de nostalgia, de algo que fez parte da infância e adolescência, dá ao jogo um lugar privilegiado na dinâmica psíquica desses jogadores. É mais difícil experimentar os mesmos efeitos, em jogos que não fizeram parte da vida do sujeito. Há, segundo os recortes, efeitos, mas não se comparam aos vivenciados pelas pessoas que têm o jogo como marca em suas histórias. O WOW e o Tibia são exemplos de jogos que marcaram uma geração e, por isso são carregados de sentido para essas pessoas. Considerando esses aspectos, é possível apontar uma conexão entre esses jogos mais antigos e que ainda possuem um público expressivo, com as expressões do inconsciente. A importância impelida na criação dos personagens, também é referência, se pensarmos que, cada um deles tem suas particularidades, como nome e preferência de como evoluir dentro do jogo. Por isso, é indispensável essas lacunas na narrativa, cujo espaço pode ser habitado pelos personagens, a partir das perspectivas do jogador.

Dito isso, compreende-se essa nostalgia, que é evidenciada nos relatos, a partir das produções freudianas, como uma referência ao apego a um objeto perdido. Isto é, diz de um lugar que já se ocupou, que a partir de novos elementos é possível revisitá-lo, sem necessariamente retornar a um estado anterior. Também pode ser compreendido como uma tentativa de reproduzir o passado no presente. Algo que em muitos aspectos pode ser bastante frustrante se pensarmos em uma compulsão a repetir, realizar sem cessar as mesmas ações,

<sup>14</sup> História, trama, conjunto de elementos do jogo.

<sup>15</sup> Estilo de jogo no qual não há interação com outros jogadores.



Psicanálise E Jogos Digitais: Uma Proposta De Análise Do Mmorpg E Seus Enlaces Com A  
Repetição Freudiana

obtendo os mesmos resultados (OLIVEIRA, 2016). A repetição é muito comentada no corpo teórico psicanalítico e, pode ser implicada em dois caminhos diferentes: a já mencionada compulsão à repetição e o repetir, que visaria a recordação, com um possível destino à elaboração. São esses dois caminhos que os autores se propõem a discutir nesse artigo.

#### 4.2 COMPULSÃO À REPETIÇÃO VERSUS RECORDAR, REPETIR E ELABORAR

Neste tópico, realizaremos enlaces com texto de Freud (1914/2010), recordar, repetir e elaborar; como via de sustentação teórica para os apontamentos destacados na análise. Isto é, com esse resgate, objetivamos construir saberes, somando os referenciais psicanalíticos e as compreensões a respeito dos jogos digitais. Ao trazer os dizeres de Freud (2014/2010), temos que salientar que esses foram escritos como recomendações à prática da psicanálise clínica. Entretanto, as conjecturas favorecem interpretações que ultrapassam essas barreiras. As práticas de análise fora do *setting* clínico são fundamentadas pela psicanálise aplicada, também conhecida como psicanálise extramuros de Laplanche (1981/1992). A base teórica desse método psicanalítico está para além do âmbito clínico tradicional, pois estabelece um novo tipo de exercício analítico. A psicanálise aplicada esteve presente ao longo das obras freudianas, uma vez que ele não se limitou a atender apenas os seus pacientes, direcionando o método psicanalítico para análises da cultura, sociedade e funcionamento psíquico dos sujeitos, por exemplo.

Cabe resgatar, que quando destacamos o hábito de jogar um MMORPG, por exemplo, concluímos que essa atividade está intimamente relacionada com experiências anteriores — de sua infância a princípio. Por esse motivo, podemos compreendê-lo como uma repetição e/ou um desejo de satisfazer-se com algo muito semelhante ao já vivenciado anteriormente. O efeito nostálgico dos jogos digitais, em primazia esses que foram jogados na infância e prevalecem atualmente, diz desses saberes construídos e de certa forma, traz à tona aspectos subjetivos dos sujeitos.

Psicanálise E Jogos Digitais: Uma Proposta De Análise Do Mmorpg E Seus Enlaces Com A  
Repetição Freudiana

Antes de mais nada, é necessário definir o que seria uma compulsão a repetição. Freud (1914/2010) a compreende como um fenômeno clínico, que se expressa no ato, em ações. O sujeito repete, sem saber que o está repetindo. Freud (1920/2010), aborda o *Fort-da* como uma repetição e uma tentativa de controlar suas experiências desprazerosas, obtendo satisfação. Entretanto, a compulsão à repetição se apresentaria muito mais como uma experiência claramente desagradável. Que rememora o passado sem possibilidade alguma de gerar prazer. Em seu texto “O inquietante”, Freud (1919/2010b) comenta:

[...] no inconsciente psíquico nota-se a primazia de uma compulsão de repetição vinda dos impulsos instintuais, provavelmente ligada à íntima natureza dos instintos mesmos, e forte o suficiente para sobrepor-se ao princípio do prazer, que confere a determinados aspectos da psique um caráter demoníaco, manifesta-se claramente ainda nas tendências do bebê e domina parte do transcurso da psicanálise do neurótico. (p. 266).

No que tange à repetição, Freud (2014/2020) a apresenta a partir da função que ocupa nos pressupostos psicanalíticos e sua importância na prática. Dentro dos jogos, relacionamos novamente a repetição com o *Fort-da*, que pode ser encarada, como uma forma de vivenciar seu desprazer ativamente. Isto é, ao jogar, a criança tem a oportunidade de vivenciar de maneira mais completa, exprimindo que a cada repetição, ela conquiste mais controle sobre suas impressões. Insistindo fortemente para que suas impressões sejam iguais. Traço que tende a desaparecer com o tempo. Por exemplo, dificilmente um adulto será induzido a reler de imediato um livro que o agradou bastante. Entretanto, a partir dos recortes escutados, nos jogos, mesmo em adultos, parece que há uma tendência a repetir e insistir nesses jogos, esperando por impressões semelhantes as vivenciadas anteriormente (FREUD, 1918/2010).

Consideremos a repetição como o ato de manter-se jogando na vida adulta, que outrora era uma atividade de sua infância. Sem desconsiderar o repetido esforço em recomeçar o desenvolvimento de novos personagens nos mesmos jogos. Há um movimento, que quando observado somente pela via do jogo, mostra-se como uma compulsão a repetir, como uma espécie de sintoma, no qual e pelo qual o sujeito atua no mundo. Entretanto, a riqueza está em



Psicanálise E Jogos Digitais: Uma Proposta De Análise Do Mmorpg E Seus Enlaces Com A  
Repetição Freudiana

tomarmos essa repetição como possibilidade de uma elaboração no *a posteriori* (FREUD, 1914/2010).

Ao falar sobre isso, seja em clínica ou nos fóruns em questão, os jogadores estão falando de suas angústias, suas fantasias; que pode ser interpretado como uma tentativa de recordar-se de algo. Algo que a consciência desconhece, um saber do inconsciente. Para Freud (1914/2010), a *práxis* clínica consiste em conduzir o paciente ao passado. Isso acontece por meio das pontuações e interpretações a respeito daquilo que se repete no consultório. Isto é, o paciente atua no mundo e na terapia de acordo com suas repressões, que a partir da escuta é possível conduzir o paciente em direção a uma descoberta sobre si.

Em suma, o método psicanalítico escuta as repetições, diz-se que o sujeito repete, insiste em repetir e, em meio à transferência, alcança um outro tempo de análise, um tempo de elaborar. Para Freud (1914/2010), ao atendermos um paciente, poderemos ver um esforço de recordar, a partir do que se repete no seu discurso e em seus atos. A interpretação quando apontada pelo analista, poderia propiciar uma elaboração. Que promoveria uma mudança significativa em relação aos seus sintomas.

Na perspectiva abordada neste trabalho, os jogos são como potenciais ferramentas de recordação, ou seja, ao falar sobre suas experiências *in game*, os jogadores podem estar se deparando com a possibilidade de uma elaboração. Suas repetições, ancoradas em suas próprias experiências subjetivas dizem desse lugar atual que está sendo ocupado, mas também apontam para aspectos do passado. Vive-se no presente, ancorando-se no passado. Nesse sentido, podemos pensar que o jogo faz lembrar, assim como outras atividades cotidianas. Recordando podemos elaborar um tempo no depois (FREUD, 1914/2010).

Além disso, no livro “Os paradoxos da repetição”, organizado pela autora Dominique Fingermann (2014) é abordado a repetição também como uma dimensão de escolha. Ancorando-se na compreensão niilista de que a vida deveria ser vivida como se fosse repetir eternamente. Nesse sentido, a repetição não se apresenta apenas como um eterno retorno, mas sim como uma



Psicanálise E Jogos Digitais: Uma Proposta De Análise Do Mmorpg E Seus Enlaces Com A  
Repetição Freudiana

reapropriação de si. Um movimento de reencontro consigo mesmo. Não “de novo”, mas “atualizando o novo”.

Ao resgatar os recortes anteriores, referentes à sensação nostálgica dos jogos e o espaço que eles ocupam na rotina dos sujeitos pesquisados, podemos pensar nessas atividades como repetições e reedições de eventos passados, mas que somados a outras práticas — clínicas ou quando relatadas em fóruns, por exemplo — potenciais instrumentos de elaboração, não se têm um valor moral, enquanto benéfico ou prejudicial. O importante está em como cada um o utiliza e qual função ocupa na dinâmica psíquica do sujeito.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa pelo viés psicanalítico possibilitou a análise dos recortes e a relação com os constructos teóricos. Foi possível levantar novas compreensões a respeito da relação jogador-jogo MMORPG, escutando as expressões inconscientes propiciadas por essa dinâmica. Algo aparentemente tão simples, conotou complexidade a partir de seus enlaces com a teoria, em particular com o conceito de repetição. O que fica em evidência é: o jogo como muitos outros objetos, por si só, não ocupa uma função definitiva na vida e na subjetividade dos sujeitos, mas sem dúvida, a forma como utilizamos e a leitura individualizada que temos dele, diz de algo muito importante para a construção de um saber singular. Ou seja, ao falar de nossas experiências no jogo — seja em fóruns ou *settings* terapêuticos — podemos evocar possíveis elaborações *a posteriori*.

Os relatos desses jogos foram capazes de tecer inúmeras interpretações, no qual cada uma delas apontam para diversos destinos diferentes. A pesquisa limitou-se apenas aos aspectos que mais chamaram atenção dos pesquisadores, entretanto no decorrer da produção, muitos novos apontamentos surgiram, viabilizando novas produções futuras, a partir de novas perspectivas. Sem dúvida, a psicanálise como ciência — que escuta a cultura e seus pormenores — pode contribuir muito para os jogos digitais, assim como esses jogos e as narrativas produzidas podem trazer novidades à teoria também.



Psicanálise E Jogos Digitais: Uma Proposta De Análise Do Mmorpq E Seus Enlaces Com A  
Repetição Freudiana

Referente às produções que foram citadas no corpo teórico, em torno dos jogos e do lúdico, concebidas por outros estudiosos da área, tem-se fonte de um saber extremamente relevante. A crítica, a partir dos autores dessa pesquisa, apresenta-se para: a quem se destina essas produções e por quem é feita a escuta. Diante de muitos resgates, parece que o jogador está muito distante da produção e discussão acadêmica, como se o jogar fosse desqualificado na universidade. A produção de saberes não estaria pautada justamente na possibilidade de brincar e criar e outros elementos? Imaginar um mundo e ações que ainda não existem? Apostamos que a universidade pode escutar essa potência do jogar.

A proposta deste artigo não se limitou apenas a produzir saberes no campo psicanalítico, mas também na área dos jogos digitais e similares. É necessário reforçar a importância da narrativa dos jogos eletrônicos, já que elas ocupam um papel social tão importante. Pensando também na influência que essas atividades possuem na vida cotidiana, cabe a reflexão: que elementos podemos considerar potencializadores do desenvolvimento social e como essa área do saber pode permitir novas e outras experiências humanas? Lembrando que, somos todos jogadores de algum jogo.

## REFERÊNCIAS

BRANDAO, Roberta Purper; BITTENCOURT, Maria Inês Garcia de Freitas; VILHENA, Junia de. A mágica do jogo e o potencial do brincar. **Rev. Mal-Estar Subj.**, Fortaleza, v. 10, n. 3, p. 835-863, set. 2010. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1518-61482010000300007&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482010000300007&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 5 nov. 2020.

CASTELLS, M. **A galáxia da Internet**: reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

FIGUEIREDO, Ana Cristina. A construção do caso clínico: uma contribuição da psicanálise à psicopatologia e à saúde mental. **Rev. latinoam. psicopatol.**



Psicanálise E Jogos Digitais: Uma Proposta De Análise Do Mmorpg E Seus Enlaces Com A Repetição Freudiana

**fundam.**, São Paulo, v. 7, n. 1, p. 75-86, Mar. 2004. Disponível em:  
[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-47142004000100075&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-47142004000100075&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 5 nov. 2020.

FIGUEIREDO, Luís Claudio; MINERBO, Marion. Pesquisa em psicanálise: algumas idéias e um exemplo. **J. psicanal.**, São Paulo, v. 39, n. 70, p. 257-278, jun. 2006. Disponível em  
[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-58352006000100017&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352006000100017&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 16 jun. 2020.

FINGERMANN, Dominique. **Os Paradoxos da Repetição**. São Paulo: Annablume, 2014.

FREUD, Sigmund. Estudo sobre a histeria. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. São Paulo: Companhia das Letras, original publicado em 1908/2016. (Vol. 2)

\_\_\_\_\_. A interpretação dos sonhos. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. São Paulo: Companhia das Letras, original publicado em 1900/2019. (Vol. 4)

\_\_\_\_\_. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. São Paulo: Companhia das Letras, original publicado em 1901/2016. (Vol. 6)

\_\_\_\_\_. O Escritor e a Fantasia. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. São Paulo: Companhia das Letras, original publicado em 1908/2010. (Vol. 8)

\_\_\_\_\_. Recomendações ao Médico que Pratica a Psicanálise. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund**



Psicanálise E Jogos Digitais: Uma Proposta De Análise Do Mmorpg E Seus Enlaces Com A Repetição Freudiana

**Freud.** São Paulo: Companhia das Letras, original publicado em 1912/2010. (Vol. 10).

\_\_\_\_\_. Recordar, Repetir e Elaborar. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud.** São Paulo: Companhia das Letras, original publicado em 1914/2010. (Vol. 12).

\_\_\_\_\_. História de uma neurose infantil “O homem dos lobos”. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud.** São Paulo: Companhia das Letras, original publicado em 1918/2010. (Vol. 14).

\_\_\_\_\_. Introdução a psicanálise das neuroses de guerra. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud.** São Paulo: Companhia das Letras, original publicado em 1919/2010a. (Vol. 14).

\_\_\_\_\_. O inquietante. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud.** São Paulo: Companhia das Letras, original publicado em 1919/2010b. (Vol. 14).

\_\_\_\_\_. Além do princípio do prazer. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud.** São Paulo: Companhia das Letras, original publicado em 1920/2010. (Vol. 14).

\_\_\_\_\_. Psicologia das massas e análise do Eu. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud.** São Paulo: Companhia das Letras, original publicado em 1921/2011. (Vol. 15).

\_\_\_\_\_. O mal-estar na civilização. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud.** São Paulo: Companhia das Letras, original publicado em 1930/2010. (Vol. 18).



Psicanálise E Jogos Digitais: Uma Proposta De Análise Do Mmorpg E Seus Enlaces Com A  
Repetição Freudiana

FIGUEIREDO, Ana Cristina. A construção do caso clínico: uma contribuição da psicanálise à psicopatologia e à saúde mental. **Rev. latinoam. psicopatol. fundam.**, São Paulo, v. 7, n. 1, p. 75-86, Mar. 2004. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-47142004000100075&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-47142004000100075&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 10 ago. 2020.

G1. **Tecnologia e Games**. Mulheres são 52,6% do público que joga games no Brasil, diz pesquisa. Disponível em: <http://g1.globo.com/tecnologia/games/noticia/2016/03/mulheres-sao-526-do-publico-que-joga-games-no-brasil-diz-pesquisa.html>. Acesso em: 16 jun. 2020.

HUIZINGA, Johan. Homo Ludens: **o jogo como elemento da cultura**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2001.

LACAN, J. Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In **J. Lacan, Escritos**. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 1998. (Trabalho original publicado em 1953).

\_\_\_\_\_. **O seminário 14: a lógica do fantasma**. Edição não comercial exclusiva para os membros do Centro de Estudos Freudianos do Recife, 2008. (Trabalho original publicado em 1966-1967).

KOBORI, Eduardo Toshio. Algumas considerações sobre o termo Psicanálise Aplicada e o Método Psicanalítico na análise da Cultura. **Rev. Psicol. UNESP**, Assis, v. 12, n. 2, p. 73-81, dez. 2013. Disponível em [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1984-90442013000200006&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-90442013000200006&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 16 jun. 2020.

LAPLANCHE, J. **O inconsciente e o id**. São Paulo: Martins Fontes, original publicado em 1981/1992.



Psicanálise E Jogos Digitais: Uma Proposta De Análise Do Mmorpg E Seus Enlaces Com A  
Repetição Freudiana

MARSILLAC, Ana Lúcia Mandelli de; BLOSS, Gerusa Morgana; MATTIAZZI, Thiciara. Da clínica à cultura: desdobramentos da pesquisa entre psicanálise e arte. **Estud. pesqui. psicol.**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 3, p. 787-808, set. 2019.

Disponível em:

[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1808-42812019000300014&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812019000300014&lng=pt&nrm=iso). acessos em 16 jun. 2020.

MARTINEZ, Viviana Carola Velasco. A criança cativa do videogame. **Cadernos de Metodologia e Técnica de Pesquisa**, Maringá, v. 6 n. 5, p. 89-95, 1994.

MARTINEZ, Viviana Carola Velasco. "O brincar e a realidade"... virtual: videogame, assassinatos e imortalidade. **Estilos clin.**, São Paulo, v. 14, n. 26, p. 150-173, 2009. Disponível em

[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-71282009000100010&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282009000100010&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 16 jun. 2020.

MENDES, Jaqueline. Indústria de games cresce e se profissionaliza cada vez mais. **Estado de Minas**. São Paulo, 16 out. Disponível em:

[https://www.em.com.br/app/noticia/economia/2019/10/16/internas\\_economia,1093076/industria-de-games-cresce-e-se-profissionaliza-cada-vez-mais.shtml#:~:text=Estudo%20realizado%20pela%20consultoria%20Newzoo,dobro%20de%20uma%20d%C3%A9cada%20atr%C3%A1s](https://www.em.com.br/app/noticia/economia/2019/10/16/internas_economia,1093076/industria-de-games-cresce-e-se-profissionaliza-cada-vez-mais.shtml#:~:text=Estudo%20realizado%20pela%20consultoria%20Newzoo,dobro%20de%20uma%20d%C3%A9cada%20atr%C3%A1s). Acesso em: 16 jun. 2020.

MEZAN, Renato. Pesquisa em psicanálise: algumas reflexões. **J. psicanal.**, São Paulo, v. 39, n. 70, p. 227-241, jun. 2006. Disponível em

[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-58352006000100015&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352006000100015&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 16 jun. 2020.

MONTEIRO, Rafael. **TECHTUDO**. Jogos. Jogos casuais. 2013. Disponível em:

<https://www.techtudo.com.br/noticias/noticia/2013/01/confira-alguns-crimes-chocantes-cometidos-por-cao-dos-games.html>. Acesso em: 5 abr. 2020.

Psicanálise E Jogos Digitais: Uma Proposta De Análise Do Mmorpg E Seus Enlaces Com A  
Repetição Freudiana

OLIVEIRA, Humberto Moacir de. O "Nostálgico" e o "Contemporâneo": algumas considerações sobre o lugar do psicanalista no século XXI. **Cad. psicanal.**, Rio de Janeiro, v. 38, n. 34, p. 25-45, jun. 2016. Disponível em [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-62952016000100002&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-62952016000100002&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 5 nov. 2020.

PETRY, A. S. Heavy Rain ou o que podemos vivenciar com as narrativas dos games. **Anais Salvador: SBC**, 2011. Disponível em: [http://sbgames.org/sbgames2011/proceedings/sbgames/papers/cult/full/92019\\_1.pdf](http://sbgames.org/sbgames2011/proceedings/sbgames/papers/cult/full/92019_1.pdf). Acesso em: 14 out. 2020.

PINTO, David et al. Novos usos e desafios para os videojogos: streaming, questões de género e assédio online. **Media & Jornalismo**, Lisboa, v. 17, n. 31, p. 165-176, dez. 2017. Disponível em: [http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2183-54622017000200012&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2183-54622017000200012&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 6 nov. 2020.

QUINET, Antônio. **As 4+1 condições da análise**. 9. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.

REDDIT. **Entretenimento e Cultura**. 2018. Disponível em: [https://www.reddit.com/r/brasil/comments/953gic/para\\_quem\\_joga\\_world\\_of\\_warcraft\\_vale\\_a\\_pena/](https://www.reddit.com/r/brasil/comments/953gic/para_quem_joga_world_of_warcraft_vale_a_pena/). Acesso em: 5 nov. 2020.

SALDANHA, Ana Alayde; BATISTA, José Roniere Moraes. A concepção do role-playing game (RPG) em jogadores sistemáticos. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 29, n. 4, p. 700-717, 2009. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-98932009000400005&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932009000400005&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 27 maio 2020.



Psicanálise E Jogos Digitais: Uma Proposta De Análise Do Mmorpg E Seus Enlaces Com A  
Repetição Freudiana

SATARA, Devan. **Tibia Fórum**. Portal Tibia, 2015. Disponível em:  
<https://forum.portaltibia.com.br/topic/31916-porque-voc%C3%AA-ainda-joga-tibia/>. Acesso em: 5 nov. 2020.

TIBIA. **About Tibia**. What Is Tibia. 2020. Disponível em:  
<https://www.tibia.com/abouttibia/?subtopic=whatistibia>. Acesso em: 5 nov. 2020.

THE NDP GROUP. News. **Press Releases**. The NPD Group: 37 Percent Of U.S. Population Age 9 and Older Currently Plays PC Games. Disponível em:  
<<https://www.npd.com/wps/portal/npd/us/news/press-releases/37-percent-of-us-population-age-9-and-older-currently-plays-pc-games/>>. Acesso em: 16 jun. 2020.

WINNICOTT, D. **O brincar & a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

WORLD OF WARCRAFT. **Jogo**. Novo no WOW. 2020. Disponível em:  
<https://worldofwarcraft.com/pt-br/start>. Acesso em: 6 nov. 2020.





## QUARTO DE DESPEJO: UMA ANÁLISE PSICANALÍTICA DA MULHER NEGRA DIANTE DA VIOLÊNCIA E VULNERABILIDADE SOCIAL

*EVICTIION ROOM: A PSYCHOANALYTIC ANALYSIS OF THE BLACK WOMEN  
IN THE FACE OF VIOLENCE AND THE SOCIAL VULNERABILITY*

Evelise Hahne Ribeiro<sup>1</sup>

Gustavo Angeli <sup>2</sup>

Jeisa Benevenuti<sup>3</sup>

**RESUMO:** Este artigo tem como objetivo compreender a leitura psicanalítica da mulher negra diante da violência e vulnerabilidade social, utilizando como instrumento a obra literária “Quarto de Despejo: diário de uma favelada”. A autora, Maria Carolina de Jesus, foi umas das primeiras mulheres negras a publicar um livro que é um conjunto de diário pessoal e denúncia social acerca das desigualdades vivenciadas pela população. Como instrumento metodológico foi utilizada a Psicanálise extramuros que consiste em aplicar o método psicanalítico fora do contexto tradicional da clínica, analisando os efeitos da cultura e da sociedade na psique humana. A análise da obra entrelaça o conceito de ideal de ego como uma metapsicologia do racismo e o movimento de elaboração que autora realiza por meio da escrita. Para a Psicanálise a cultura propõe um ideal do eu branco, neste acordo cultural o negro nunca será reconhecido, tendo em vista que a sua imagem não está inclusa no ideal, o racismo se perpetua com essa inscrição de um ideal do eu Branco. Conclui-se que Carolina, ao escrever sua obra, recusou-se a ocupar um lugar de subalternidade que em sua condição era esperado, requerendo o direito de

---

<sup>1</sup> Psicóloga pelo Centro Universitário de Brusque. *E-mail:* evehahne@gmail.com

<sup>2</sup> Psicólogo pela Universidade Regional de Blumenau. Doutorando em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina. Mestre em Psicologia pela Universidade Estadual de Maringá. Docente do curso de Psicologia do Centro Universitário de Brusque. *E-mail:* gustavoangeli@gmail.com

<sup>3</sup> Psicóloga pela Universidade do Vale do Itajaí. Doutora e Mestre pela Universidade Federal de Santa Catarina. Docente do curso de Psicologia do Centro Universitário de Brusque. *E-mail:* jeisa@unifebe.edu.br



construir a sua própria identidade, o seu diário rompe com o silenciamento imposto às mulheres e aos negros, promovendo reflexões e movendo as estruturas racistas da sociedade.

**Palavras-chave:** psicanálise; feminismo negro; Ideal do Eu; vulnerabilidade; violência.

**ABSTRACT:** *This article aims to understand the psychoanalytic reading of black women in the face of violence and social vulnerability, using as an instrument the literary work "Quarto de Despejo: diário de uma favelada" The author, Maria Carolina de Jesus, was one of the first black women to publish a book that is a set of personal journals and social denunciation about the inequalities experienced by the population. Extramural psychoanalysis was used as a methodological instrument, which consists of applying the psychoanalytic method outside the traditional context of the clinic, analyzing the effects of culture and society on the human psyche. The analysis of the work interweaves the concept of the ideal of ego as a metapsychology of racism and the elaboration movement that the author performs through writing. For Psychoanalysis, culture proposes an ideal of the white i, in this cultural agreement the negro will never be recognized considering that his image is not included in the ideal, racism is perpetuated with this.*

**Keywords:** psychoanalysis; black feminism; racism; vulnerability; violence.

## 1 INTRODUÇÃO

A cada 23 minutos ocorre a morte de um jovem negro no Brasil<sup>4</sup>, a cada 4 minutos uma mulher é agredida<sup>5</sup>. Números que apontam uma violência endereçada,

<sup>4</sup>BRASIL. CPI: Assassinato de Jovens. 2016. p.1-155. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/arquivos/2016/06/08/veja-a-integra-do-relatorio-da-cpi-do-assassinato-de-jovens>. Acesso em: 1º jun. 2020.

<sup>5</sup>CUBAS, Marina Gama; ZAREMBA, Júlia; AMANCIO, Thiago. Brasil Regista 1 caso de agressão contra mulher a cada 4 minutos. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 9 set. 2019, cotidiano, p.1.



ela tem cor e gênero. Esses dados nos levam a questionar, como ficam as mulheres negras diante deste cenário de violência e vulnerabilidade? Elas são duplamente afetadas, ocupando um papel desfavorável na sociedade, não são nem homens, nem brancas.

Além dos números mencionados, que já seriam motivos suficientes para elaborar um artigo pensando no tema feminismo negro, as vivências do cotidiano que demonstram o racismo enraizado, a falta de conhecimento e o desprezo pelas conquistas feministas também nos atingem e produzem questões. Qual o nosso papel na qualidade de acadêmicos na discussão de temas relevantes e sociais? De que maneira podemos contribuir para que o debate ultrapasse os muros das Universidades e seja discutido pela comunidade?

A construção deste artigo é um desejo endereçado à transformação, uma aposta de que a escrita permeia uma abertura de diálogo na academia, e que o conhecimento obtido em nossa formação precisa, urgentemente, quebrar as barreiras de salas de aulas e retornar para a sociedade.

A obra da escritora Maria Carolina de Jesus (1914-1977), intitulada “Quarto de Despejo: diário de uma favelada” (1960) será utilizada no artigo como material de análise. A escolha do livro foi motivada pela necessidade de pôr em destaque o valor da mulher negra no contexto social. A análise da obra tem como sustentação a Psicanálise, considerando seu entendimento como uma estratégia de produção de conhecimento fundamentado na interpretação e uma intersecção com os saberes do feminismo negro.

O livro de Maria Carolina foi traduzido para 29 idiomas e vendeu mais de 100 mil exemplares, sendo ela umas das primeiras mulheres negras a publicar um livro. Todavia, as vendas não garantiram a visibilidade e o sucesso que era merecido. (OLIVEIRA, 2014). Carolina era uma mulher pobre, negra, favelada, mãe solteira de três filhos, que frequentou a escola por somente dois anos; no entanto, ela possuía um poder que a diferenciava dos demais moradores da favela: a escrita. Por meio de seu talento, denunciava as opressões sofridas na comunidade, construindo uma





crítica social que contrastava com as políticas de desenvolvimento do governo para a época. (QUADROS, 2018). Parafrazeando a autora “*Não tenho força física, mas minhas palavras ferem mais do que espada. E as feridas são incictrizáveis*”. (JESUS, 1960, p. 43).

A autora realizou uma caminhada marcada pela invisibilidade, a sua obra tocou em uma ferida muito conhecida até os dias atuais, a falsa democracia racial no Brasil, o “Mito da Democracia Racial.” (OLIVEIRA, 2014). Ainda hoje o silêncio e a invisibilidade marcam a trajetória das escritoras negras, afetando diretamente o alcance das obras, tendo em vista que as suas produções não se destacam nos círculos literários. (QUADROS, 2018).

No ano em que enfrentamos uma pandemia e assistimos a uma ascensão fascista da extrema direita, que tem por objetivo promover um genocídio das minorias, é necessário realizar o resgate de uma obra nacional com conteúdo crítico e atemporal, produzida por uma escritora negra, reconhecendo a sua trajetória e o seu valor, proporcionando a inserção do debate no campo social e dessa maneira, promover a transformação da nossa realidade.

O artigo tem como objetivo compreender a leitura psicanalítica da mulher negra diante da violência e vulnerabilidade social, utilizando como instrumento a obra literária “Quarto de Despejo: diário de uma favelada”. O artigo se fundamenta na problematização sobre a leitura psicanalítica da mulher negra perante a violência e vulnerabilidade. O feminismo negro, diante de uma herança colonial de escravidão, de patriarcado e de classe, tem em suas contribuições teóricas à busca por romper com a invisibilidade da realidade da mulher negra. (RIBEIRO, 2016).

A Psicanálise, por sua vez, é um saber e uma prática que concerne a vivência do inconsciente, sendo a sua estrutura de ordem subversiva, perturbadora e destrutiva. (FIGUEIREDO, 2001). Utilizando esses saberes como base para análise da obra, partilhamos do desejo de que, por meio de discussões, a sociedade elabore novos marcos civilizatórios.



Dessa forma, o desenvolvimento e construção do primeiro tópico deste artigo aponta um recorte histórico acerca do feminismo, o segundo disserta sobre a relevância social do feminismo negro e o terceiro tópico apresenta discussões sobre a Psicanálise extra muros, utilizada como instrumento metodológico de estudo da obra. O último tópico se refere à análise do “Quarto de despejo-diário de uma favelada”, entrelaçando conceitos psicanalíticos com articulações teóricas sobre a subjetividade da mulher negra.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 2.1 UMA BREVE HISTÓRIA DO FEMINISMO E SUAS LUTAS

“Não sou livre enquanto outra mulher for prisioneira, mesmo que as correntes delas sejam diferentes das minhas”  
(LORDE, 2007, p. 132-133).

O feminismo pode ser descrito como o reconhecimento coletivo das mulheres acerca das opressões e explorações provenientes do sistema patriarcal que as mobiliza na luta pela liberdade de seu sexo e de transformações sociais necessárias para tal. O feminismo se articula com a filosofia política e os movimentos sociais. (GARCIA, 2015). A primeira onda do movimento feminista ocorreu no final do século XIX, na Inglaterra, as mulheres se organizaram para lutar pelo direito ao voto. Realizaram manifestações, foram presas inúmeras vezes, fizeram greve de fome, sendo denominadas como as “sufragetes”. Em 1918, finalmente elas conquistaram o direito ao voto no Reino Unido. (PINTO, 2010).

No Brasil, a primeira onda estava do mesmo modo, relacionado ao direito de votar e foi liderado pela feminista Bertha Luz, bióloga e cientista, ela fundou a Federação Brasileira pelo progresso feminino que apresentou em 1927, um abaixo-assinado ao Senado solicitando a aprovação do projeto de lei que dava direito ao



voto feminino. A façanha ocorreu apenas em 1932, quando foi promulgado no novo código eleitoral brasileiro. (PINTO, 2010).

A primeira onda do feminismo era “bem-comportada”, ou seja, não questionava a opressão da mulher e estava fundamentado no conservadorismo. A segunda onda do feminismo, no entanto, era de caráter mais reacionário, reunindo mulheres intelectuais, anarquistas e líderes operárias. Entre as pautas discutidas estavam temas como: educação, sexualidade, divórcio e a dominação dos homens sobre as mulheres. (GARCIA, 2015). A década de 1960 também apresentou ao mundo a pílula anticoncepcional, ampliando a luta do movimento feminista para além de espaço político e social, elas buscam uma nova forma de se relacionar com os homens, desejavam a liberdade para suas vidas e seus corpos. (ALVES, 2013)

Na década de 1970, na Europa e nos EUA, os ventos progressistas sopravam a favor de movimentos libertários da terceira onda do feminismo, em 1975 é declarado o ano Internacional da Mulher pela ONU. No Brasil, o grupo de mulheres lutava em prol do movimento feminista e também contra a ditadura militar. Em 1980, com a redemocratização do Brasil, o movimento feminista se aproxima dos movimentos sociais e passa a agregar temas como: violência, sexualidade, direito a terra, a saúde materno-infantil e a luta contra o racismo. Esse fato permitiu maior adesão das classes populares ao feminismo, que até aquele momento, estava voltado para uma classe média intelectualizada. A década de 1990 foi mobilizada na defesa da mulher contra a violência doméstica, as Organizações Não Governamentais (ONGs) atuavam de forma efetiva no Estado com intuito de aprovar medidas protetoras às mulheres e obter uma participação política mais incisiva. (PINTO, 2010).





## 2.2 A RELEVÂNCIA SOCIAL DO FEMINISMO NEGRO

Acompanhamos um breve resumo sobre as lutas das mulheres na conquista de seus direitos no decorrer dos tempos. O movimento feminista inicialmente era destinado à classe média e intelectual. No Brasil, conforme citado, somente nos anos 80 teve uma aproximação mais enfática junto às camadas populares. O percurso histórico do feminismo nos leva a questionar onde se posicionam as mulheres negras dentro do movimento? O feminismo abrangeu a luta de todas as mulheres em seus momentos históricos? Para a autora Hooks (2019), as mulheres negras foram silenciadas. Esse silêncio era fruto de uma socialização racista e sexista que desvalorizada a feminilidade da mulher negra. Elas acreditavam que o racismo era a única opressão a ser combatida e por meio dessa libertação, finalmente estariam livres.

No século XIX, nos Estados Unidos da América, as mulheres negras se encontram em meio a um grande dilema, os homens negros lutavam pelo direito ao voto do mesmo modo que as mulheres brancas de classe média. Nenhum desses movimentos estava lutando por direitos que representasse também as mulheres negras. Aliando-se aos homens estariam endossando o sistema patriarcal no qual não teriam voz. Caso optassem por se juntar à luta feminina das mulheres brancas, não seriam ouvidas da mesma forma e representaria certa condescendência com o racismo velado da época. (LE MOS, 2016). É importante contextualizar que o período de escravidão Americana resultou na produção de grandes mitos em torna da mulher negra. O primeiro estava relacionado à “masculinização”. (HOOKS, 2019).

O trabalho escravo retirou o conceito de feminilidade das mulheres negras que proporcionalmente sempre trabalharam mais fora de casa do que as brancas. Como escravas elas trabalhavam em períodos integrais para seus donos, não restando tempo suficiente para se dedicarem ao papel de mães, esposas e donas de casa. Levando em consideração que no período do século XIX, a feminilidade



estava associada às mulheres que eram dóceis e se dedicavam aos cuidados da casa e do marido de forma absoluta, as mulheres negras eram vistas como animais. (DAVIS, 2016).

O segundo mito construído pela supremacia branca foi a sexualização da mulher negra. Os estupros eram justificados pelos homens brancos como consequência de uma “sedução” por parte das mulheres. (SANTOS; OLIVEIRA, 2018). Para Hooks (2019) a exploração sexual era o resultado do ódio masculino às mulheres no qual predominava uma política antimulher na América Colonial e patriarcal. Sem leis de proteção ou apoio da opinião pública as mulheres negras se tornavam alvos fáceis.

Elas eram vistas como permissíveis e disponíveis tanto para brancos como para os negros, o mito da mulher negra sexualmente selvagem tem sua origem no sistema escravagista, sendo selvagens, na o eram humanas e poderiam ser violadas. O racismo determinou a escravidão do povo negro, o sexismo selou o destino das mulheres negras de forma mais brutal que os homens escravizados. (HOOKS, 2019). No período pós-abolição o legado do racismo permanência naturalizado e institucionalizado na sociedade, as mulheres negras foram destinadas a serviços domésticos e na lavoura, conseqüentemente, desabrocha o terceiro mito que transforma a mulher negra na figura materna. Na tentativa de retirar o estigma sexual elas tentavam provar seu compromisso com a família e a maternidade. (SANTOS; OLIVEIRA, 2018).

A prova de amor aos filhos era o autossacrifício, ou seja, trabalhar incansavelmente em subempregos para garantir um futuro melhor. Dialogando com a obra de Maria Carolina, encontramos a mulher negra e periférica catando lixo noite e dia para receber as suas moedas e alimentar os seus filhos. É possível compreender que após dois séculos esses mitos ainda fazem parte da constituição subjetiva das mulheres negras. (JESUS, 2019)

Sojourner Truth, ex-escrava, surge no século XIX, representados(?) às mulheres negras e rompendo com anos de silêncio. Em uma assembleia composta



por homens e mulheres brancas mostrou seu seio para provar que, de fato era uma mulher, e proferiu seu emblemático discurso que ficou conhecido como “Eu não sou uma mulher?”:

Aquele homem ali diz que mulheres precisam ser ajudadas a entrar em carruagens e a passar por uma poça de lama e a ter o melhor lugar onde quer que esteja. Ninguém nunca me ajuda a entrar em carruagens, ou a passar por poças de lama, ou me dá qualquer melhor lugar! E não sou eu uma mulher? Olhem para mim! Olhem para o meu braço! Eu lavrei e plantei e ceifei nos celeiros e nenhum homem podia me ajudar! E não sou eu uma mulher? Eu podia trabalhar mais e comer mais do que um homem – quando pudesse ter comida – e suportar o chicote também! E não sou eu uma mulher? Eu pari treze crianças, e vi a maior parte delas ser vendida para a escravidão, e quando eu gritava minha dor de mãe, ninguém me ouvia, a não ser Jesus! E não sou eu uma mulher? (TRUTH, 1851 *apud* VEIGA, 2020, p. 14).

Interessante pensar que o movimento do feminismo negro no Brasil e nos Estados Unidos promoveu esse olhar multidimensional para as muitas realidades sociais vivenciadas pelas mulheres, transformando denúncias em ações concretas e por meio de um diálogo constante com a atualidade tem determinado em sua luta a melhora de vida dessas mulheres. (LEMOS, 2014).

No Brasil existem poucas obras que descrevem o impacto da escravidão na construção histórica da mulher negra. Para compreendermos é necessário beber da fonte americana, dado que demonstra uma falta de lugar e de fala da mulher brasileira. Os historiadores e sociólogos se preocuparam em escrever na literatura o resultado de anos sob um regime escravocrata para o povo negro, como se ele fosse representado apenas pelos homens. A ausência de recortes de gênero e classe em pesquisas sobre violência e vulnerabilidade impossibilita o reconhecimento das desigualdades sociais vivenciados pelas mulheres negras. (CONCEIÇÃO; MORA, 2020).

Para Mendes (2020) ao não falarmos da realidade vivenciada pela mulher negra estamos negando a ela o direito à visibilidade e à existência, solidificando ainda mais o discurso de violência. No Brasil, historicamente os registros de reflexões sobre as particularidades da mulher negra escrita por mulheres negras aparecem entre 1945 e 1964, e já contavam com a convergência entre os temas de





raça, classe e gênero, antecipando reflexões acerca do que, posteriormente, seria nomeado como intersecção. (LEMOS, 2014).

No contexto brasileiro não é possível argumentar sobre um desenvolvimento igualitário e amplo da população negra. Foram séculos de escravidão, e o período pós-abolição não foi acompanhado de políticas públicas de integração social, equidade e acesso aos direitos básicos. A escravidão teve um fim no sentido jurídico, no entanto, a ideologia racista permanece com as desigualdades sociais. (PRESTES; VASCONCELOS, 2013).

Utilizando o recorte de gênero, compreendemos que o Brasil institui as mulheres negras violências e vulnerabilidades concebidas no período da escravidão, por meio da violência sexual, desvalorização social diante de um padrão estético hegemonicamente branco e o estigma da erotização e objetificação sexual que dificulta a carreira profissional e os relacionamentos afetivos. (PRESTES; VASCONCELOS, 2013). Para Schumacher e Vital Brasil (2007) as mulheres negras ocupam a base da pirâmide de poder social no Brasil, estando abaixo dos homens negros, que, por sua vez, são superados pelas mulheres brancas e ocupando o lugar de maior privilégio, está o homem branco.

Foi retirado da mulher negra o direito de contar a sua própria história, de ser dono do seu corpo, de sentir prazer, de ter o seu lugar de fala. Retiraram sua humanidade tratando-as de forma animalésca e sem dúvida, essa é uma das expressões máximas de violência que se pode cometer. (MENDES, 2020). Conhecer a sua história, suas raízes são de suma importância para que as mulheres negras construam as suas identidades como seres humanos, elaborem os mitos em torno de sua história e atinjam uma consciência racial politizada e saudável. (PRESTES; VASCONCELOS, 2013).



### 3. METODOLOGIA

Os textos literários exercem um encantamento sobre a psicanálise, a construção do discurso no contexto clínico coincide com a formação de uma obra literária. (MARZAGÃO; RIBEIRO; BELO, 2012). Freud utilizou o diálogo com a literatura para elaboração de sua obra por meio de autores, tais como: Shakespeare, Dostoievski, Goethe e Sófocles, para além de um campo passível de verificação das hipóteses teóricas, as obras literárias são um modelo de discurso. (MORAES, 2012)

*“As palavras, como as abelhas têm mel e ferrão”.* (PEREIRA, PROCHNO 2018, p. 2). Em todas as demonstrações sociais encontramos marcas da linguagem em razão de que ela é constituinte do homem. (TODOROV, 2006). O precursor da Psicanálise não se deteve na análise somente de seus pacientes, ampliou a utilização do método psicanalítico para analisar obras de arte, a cultura, sociedade e seus efeitos na psique humana. (MEZAN, 1985).

Em seu texto “Psicologia das massas e Análise do eu” (FREUD, 1921/1976, p. 67) afirmou que “a psicologia individual é também, desde o início, psicologia social”. Considerando essas concepções, a obra “Quarto de Despejo: diário de uma favelada” será analisada com base na Psicanálise aplicada, igualmente denominada como extramuros, que consiste em aplicar o método psicanalítico fora do contexto tradicional da clínica. (KOBORI, 2013).

O termo psicanálise aplicado causa divergência de entendimentos entre os analistas pós-freudianos. A problematização ocorre devido à compreensão, que posicionada neste termo, a Psicanálise é um saber pronto que unicamente será aplicada em outros setores de conhecimento humano, desvirtuando-se de sua origem cujo método contém um valor heurístico, que se ampara na descoberta ou investigação dos fatos. (KOBORI, 2013).

Laplanche (1987) substituiu o conceito de Psicanálise aplicada por extramuros, mantêm-se as suposições metodológicas da Psicanálise clínica, seus



métodos e teorias agora aplicados fora do consultório, evitando desse modo, um conceito de ciência. Já para Herrmann (2001), a psicanálise aplicada seria como a clínica extensa, estendendo as especificidades investigativas e metodológicas da clínica para sociedade e cultura. O autor Mezan (1988, p. 62) corrobora com os analistas ao afirmar “ser inadmissível falar-se em Psicanálise aplicada para designar esse tipo de trabalho”.

A cultura é suscetível a investigações de hipóteses conceituais devido ao seu caráter universal que reverbera na psique humana. Freud possuía uma aproximação cultural com obras clássicas e realizou uma análise minuciosa do texto Delírios e sonhos na Gradiva de Jensen (1906-1908/1976), representando o início da Psicanálise aplicada em outros campos para além da clínica. (KOBORI, 2013.). A esse propósito, Mezan (1988, p.61) reitera que “a psicanálise sustenta que tudo o que é humano traz a marca do inconsciente e é, portanto, da sua alçada”.

Os escritos clínicos e teóricos eram acompanhados, na medida do possível, da mitologia, obras literárias e estudos relacionados à antropologia como modelo de exemplificação para facilitar a compreensão dos conceitos e corroborar seus argumentos que enfrentavam a desconfiança e oposição da psicanálise no meio científico da época. Freud pretendia que a psicanálise como ciência atingisse outras instâncias do saber. (MEZAN, 1985). Tanto a análise clínica quanto da cultura ocorre somente por intermédio do método psicanalítico, um dispositivo substancial, uma lente que modifica a percepção do mundo e proporciona desvelar um novo saber sobre o objeto de estudo. (KOBORI, 2013).

Com base na observação investigativa e atenção flutuante o analista procura um sentido latente na obra. O conteúdo presente no objeto de análise repercute de maneira inconsciente no autor e no destinatário, ou seja, com base na emoção do analista ao ler a obra, torna-se plausível a reconstrução do processo criativo. O analista realiza as associações fomentadas pela obra, da forma como ela o atinge emocionalmente, mesmo sem as associações do autor é possível chegar à interpretação do conteúdo. (MEZAN, 1985). O método de associação livre





consiste na expressão de pensamentos que irrompem a mente por meio de um elemento ou de forma espontânea. (FREUD, 1900/1976). O analista associa esses conteúdos elaborando hipóteses que apresentam algum sentido ante a emoção contida nessas representações. Nesse sentido, a obra analisada fornece o material para ser associada pelo analista, à medida que na clínica tradicional o paciente é a própria associação livre. (KOBORI, 2013).

Considerando que a obra analisada neste artigo é a representação da vida de uma mulher negra e periférica, a clínica extramuros tem uma prática psicanalítica clínico política, nas palavras da autora Rosa (*et al.*, 2009, p. 497), “campo epistemológico ético e político que leva em conta as especificidades dos sujeitos e as vicissitudes de seus processos em contextos de exclusão e violência”. Para Braga (2015) não é possível falar de uma clínica sem ser social, tendo em vista que a política concerne à vida subjetiva e à singularidade de cada sujeito experimentada no campo das relações sociais. Nas palavras de Lacan (1966/1967, p. 93), “Não digo a política é o inconsciente, simplesmente: o inconsciente é a política”.

No que diz respeito à obra analisada neste artigo é preciso levar em consideração o Outro sócio-histórico com a colaboração dos saberes da sociologia e do feminismo negro para localizar o sujeito nessa trama, que inclui relações afetivas e hábitos cotidianos. Sendo necessário do mesmo modo, situar o momento histórico que vivenciamos e no qual os nossos antepassados viveram, as memórias produzidas e no caso das mulheres negras, as memórias silenciadas. (BRAGA, 2015). O desejo é resgatar a voz de uma obra tão impactante para que a história não seja contada somente pelos “vencedores”, a memória do passado permite libertar outras possibilidades de atuação em nosso presente que não seja o silêncio ou a invisibilidade da população negra. (GAGNEBIN, 2011).



#### 4. ANÁLISE

A obra de Maria Carolina de Jesus intitulada “Quarto de Despejo” foi lançada em 1960, após ser descoberta por um jornalista, Audálio Dantas, que realizava uma reportagem na favela e ficou intrigado com Carolina discutindo com os demais moradores e argumentando que iria denunciá-los em seu livro. (BACARAT, 2006).

A obra era um conjunto de diário pessoal e denúncia social acerca das desigualdades sociais, democracia racial, surgimento das favelas, a ineficácia das políticas públicas, preconceitos e as consequências subsequentes à escravidão, principalmente para as mulheres negras. (ALMEIDA; ARCANJO, 2015).

O livro teve uma repercussão nacional, pois nesse período se iniciava as discussões sobre a problemática das favelas, no entanto, ironicamente o sucesso internacional foi muito maior, o livro se tornou um *best-seller*, traduzido em mais de 29 idiomas. No Brasil, Carolina vivenciou um reconhecimento temporário, no período da ditadura suas denúncias sociais não eram bem-vistas e logo a autora retornou para o anonimato. Carolina nasceu em 1914, na cidade de Sacramento, em Minas Gerais. Seu pai era um homem boêmio, portanto, sua mãe era quem cuidava dela e provia a família. Estudou por apenas dois anos, constituindo toda a educação formal que possuía, abandonou os estudos para contribuir com o sustento da casa. Anos depois, Carolina migrou para São Paulo e passou a residir na favela do Canindé, trabalhou inicialmente como empregada doméstica e, posteriormente, como catadora de papel, teve três filhos, cada um de um homem diferente, nunca se casou. Adquiriu o hábito de escrever o seu cotidiano nos cadernos que encontrava no lixo. (BACARAT, 2006).

Resgatar a história de Carolina é de extrema importância, o seu texto dá voz e nos permite conhecer a experiência da exclusão por meio do próprio sujeito excluído. A escrita permite às mulheres negras reafirmam suas identidades e



romper com os paradigmas que as marginalizam e as põem em posições subalternas. (SILVA; BARBOSA 2018).

Este artigo pretende analisar a obra sob a ótica psicanalítica, entrelaçando o conceito de ideal do Eu como uma metapsicologia do racismo e o movimento de elaboração que autora realiza por meio da escrita. Cabe ressaltar que o intuito do trabalho é dar voz à Carolina e por respeito à obra suas falas serão reproduzidas fielmente, mantendo a grafia e acentuação nela utilizada, em sua simplicidade e genialidade ela se faz entender.

Para Psicanálise todos nós buscamos um ideal do Eu, a expressão foi utilizada por Freud na inauguração da segunda tópica e diz respeito à instância da psíquica decorrente do encontro entre a identificação com os pais ou cuidadores e os ideais coletivos, em suma, o ideal do Eu cria um modelo à qual o sujeito deve se submeter. (LAPLANCHE, 1988). O Eu realiza um jogo de conciliação entre as exigências instintivas do Isso e o mundo externo, baseado nas leis que nos constituem por meio do supereu. (FREUD, 1925/1976).

Concomitante a isso, ocorre o processo de identificação, internalizamos referências externas, assimilando particularidades do outro e integramos ao Eu, desejando ser como o outro. Como sujeitos precisamos de um modelo de identificação, o Ideal do Eu, que está intrinsecamente vinculado com a lei e a ordem que são estabelecidas pela cultura e percebidas simbolicamente, nos constituindo psiquicamente. (FREUD, 1925/1976). É fácil lembrar as crianças que, por meio de suas brincadeiras, constroem a fantasia do seu Ideal do Eu e demonstram o desejo de ser quem elas acreditam que o outro gostaria que fossem atendendo a imagem que o outro passou como ideal. Dito isso, compreendemos que socialmente o Ideal do Eu é inacessível para todos nós. (SOUZA, 1983).

Entretanto, a cultura propõe um ideal do Eu branco, nesse acordo cultural o negro nunca será reconhecido, tendo em vista que a sua imagem não está inclusa no ideal, logo, se o Eu não é reconhecido não consegue voltar esse reconhecimento para si. (SOUZA, 1983). O racismo se perpetua com essa inscrição de um ideal do





Eu Branco. Culturalmente, o branco é o lugar de referência que todos nós devemos buscar. Nesse ponto, é necessário realizar uma observação, todos os sujeitos não psicóticos se relacionam com o Ideal do Eu, vivendo as tensões e insatisfações entre o Ideal e o Supereu. No entanto, em uma sociedade racista, o negro vivencia de forma mais intensa essa insatisfação. (PEIXOTO, 2017).

As imagens se contrapõem, os brancos carregam a beleza e a inteligência, os negros a feiura e a selvageria. Para Fanon (2008), o negro quer ser reconhecido como humano, mas o humano é branco, então a resposta lógica seria tentar pôr todas as vias se tornar branco. O autor argumenta que para o negro não existe a possibilidade da descoberta da sua história, o homem branco definiu o que é ser negro antes de os próprios negros. E se a definição está em mãos do imaginário branco, a imagem criada é de que o negro não tem valor.

Esse desejo de branqueamento pode ser lido como um sintoma, uma tentativa de integração do negro. (BRAGA, 2015). A escravidão retirou a humanização dos negros os legitimando como objetos e alienou o corpo social, único caminho possível para se constituir como sujeito. No período pós-abolição, a condição de cidadão foi estendida aos negros juridicamente, mas se inscrever nesse lugar social que nunca foi permitido é uma tarefa árdua. (NOGUEIRA, 1999).

No Brasil, as práticas racistas são numerosas e produzidas institucionalmente e cotidianamente. Carolina narra uma situação vivenciada em um elevador quando foi chamada para buscar papéis que iam lhe auxiliar no sustento dos filhos:

No sexto andar o senhor penetrou no elevador e olhou-me com repugnância. Já estou familiarizada com estes olhares. Não me entristeço. Quis saber o que eu estava fazendo no elevador. Expliquei-lhe que a mãe dos meninos havia dando-me uns jornais. Esse era o motivo da minha presença no elevador. [...] O homem estava bem-vestido. Eu estava descalça. Não estava em condições de andar no elevador. (JESUS, 2019, p. 111).

O corpo negro representa a marca da exclusão que produz a experiência de sofrer no próprio corpo, essas vivências definem as especificidades na constituição da dimensão psíquica, caracterizando a condição subjetiva do negro.



(NOGUEIRA, 1999). Em vários momentos da narrativa é possível compreender a condição subalternizada vivida pelos negros, em um dos trechos da obra, uma criança diz para Carolina que queria ser seu filho e ela responde-lhe que para isso ele precisava ser negro, a afirmação deixa subtendido que era inconcebível a possibilidade de ele escolher ser negro por vontade própria. (JESUS, 2019).

Em outra passagem do Quarto de Despejo, Carolina se refere a uma moça como uma “pretinha limpinha”, que se distingue dos pretos por ter atitudes diferentes: “A Florenciana é preta. Mas é tão diferente dos pretos por ser muito ambiciosa. Tudo que ela faz é visando lucro. Creio que se ela fosse dona de um matadouro havia de comer os chifres e os cascos dos bois”. (JESUS, 2019, p. 67).

Por meio dessas alegações é possível compreender que para o discurso da época, causava uma estranheza uma mulher negra ser limpa e almejar uma melhor condição social. O racismo se manifesta como um campo ideológico que violenta o sujeito, negando a sua condição diante da relação com o outro. A desigualdade social está implicada no preconceito que impossibilita o negro de ocupar os espaços sociais e instituições de poder na sociedade brasileira. (BARRETO; CECCARELLI, 2018).

A obra de Carolina apresenta um hiato nas passagens do tempo, dando a entender que Carolina não conseguia escrever com a frequência que desejava. Desde o início ela deixa registrado o seu descontentamento com o local que morava, não se identificando com os favelados, a esse respeito ela afirma “Eu classifico São Paulo assim: O Palácio é a sala de visita. A prefeitura é a sala de jantar e a cidade é o jardim. E a favela é o quintal onde jogam os lixos”. (JESUS, 2019, p. 32). Em outro momento, Carolina menciona que pessoas quando visitavam o Canindé diziam: “Credo, para viver num lugar assim só os porcos. Isto Aqui é o chiqueiro de São Paulo” (*ibid*, 2019, p. 35).

Era dessa forma que Carolina se sentia, quando estava na favela se comparava a um objeto que não tem valor, fora de uso e merecedora de estar no quarto de despejo. É interessante resgatar neste ponto que a favela era composta,



em sua maioria, por negros retintos e não retintos. Essa falta de identificação de Carolina com os demais não deve ser julgada, e sim compreendida como um dos sintomas psíquicos de um ideal do eu embranquecido, “porque negro é a nossa vida, negro é tudo que nos rodeia”. (JESUS, 2019, p.43).

Em um outro trecho do diário ela declara: “eu escrevia peças e apresentava aos diretores de circo. Eles respondiam-me: é uma pena você ser preta.” (JESUS, 2019, p.64). É possível compreender que para a sociedade o trabalho do negro não tem valor. Em outro momento, Carolina faz referência à fome, que está intrinsecamente relacionada à sua história. “Parece que quando eu nasci o destino marcou-me para passar fome”. (*ibid*, 2019, p. 44). O destino do negro já nasce dado, se referindo à impossibilidade de o negro escrever a sua própria história. O racismo atua de forma sistemática, Carolina sofria e manifestava preconceitos contra os moradores da favela, principalmente os que migram do Nordeste.

Às vezes mudam algumas famílias para a favela, com crianças, no começo são educadas, amáveis, dias depois usam o calão, são soazes e repugnantes. São diamantes que transformam em chumbo. Transformam-se em objetos que estavam na sala de visita e foram para o quarto de despejo. (JESUS, 2019, p.38).

Considerando que o processo de identificação propõe um ideal do Eu branco, reconhecer-se como negro significava se identificar com algo negativo, que culturalmente era entendido como ruim. (ALMEIDA; ARCANJO, 2015).

Em uma das passagens mais emblemáticas de sua obra, Carolina se pergunta se no céu há favela, “[...] será que lá existe favela? e se lá existir favela será que quando eu morrer eu vou morar na favela?”. (JESUS, 2019, p.50). Demonstrando que subjetivamente, ela associava o fato de ser uma mulher negra e pobre a um papel marcado de marginalidade e subalternidade, como se não fosse possível seu corpo negro habitar outro lugar que não fosse o quarto de despejo. (JESUS, 2019).

Posteriormente, Carolina vai anunciando em seus escritos uma mudança, surge um reconhecimento de si, uma identificação como mulher negra e uma





consciência social de ser uma mulher negra no mundo dos brancos. (ALMEIDA; ARCANJO, 2015). Ela reafirma sua identidade dizendo:

Eu adoro minha pele negra, e o meu cabelo rustico. Eu até acho o cabelo do negro mais inducado do que o cabelo branco. Porque o cabelo de preto onde põe ele fica. É obediente. E o cabelo de branco, é só dar um movimento na cabeça ele sai do lugar. É indisciplinado. Se é que existe reencarnação eu quero voltar sempre preta. (JESUS, 2019, p.64).

Carolina utiliza a escrita como arma para denunciar a vulnerabilidade social e uma forma de amparo diante da violência psíquica, ou seja, a literatura possibilitou um lugar de tradução, ao escrever a sua história, ela deixa de habitar simbolicamente esse lugar que não tem valor. A linguagem literária é um auxílio simbólico perante o intraduzível do trauma<sup>6</sup>. Quando o trauma se encontra com a arte ocorre uma relação entre a ferida psíquica e a significação. (RODRIGUES; MARTINEZ, 2014).

A escrita é uma denúncia contra os sistemas de opressões que se perpetuaram ao longa da história, ao transportar seu cotidiano para o papel as lembranças, revoltas, sentimentos e desejos não ficam apenas na memória. A escrita de Carolina é um ato de resistência e coragem por se introduzir em um espaço habitado somente pelo homem branco. É uma ressignificação, retirar a mulher preta da senzala e do quarto de despejo, convidando-a para ocupar o “palácio” e ser a protagonista da sua própria narrativa. (FERREIRA, 2018).

O autor Domício Proença Filho (2004 *apud* SILVA, 2018) reflete sobre a trajetória do negro na literatura brasileira, pontuando a diferença entre negro-tema e negro-vida, o primeiro é utilizado como objeto de estudo descrito pelo outro de forma estereotipada e distante da realidade, o negro-vida em contrapartida, seria aquele que é protagonista, que produz o seu próprio discurso, em outras palavras, é o sujeito da história. (SILVA, 2018).

---

<sup>6</sup> Acontecimento da vida do sujeito que se define pela sua intensidade, pela incapacidade em que se encontra o sujeito de reagir a ele de forma adequada, pelo transtorno e pelos efeitos patogênicos duradouros que provoca na organização psíquica.



A simplicidade na escrita de Carolina é um dos fatores que mais contribuíram para o seu sucesso e na mesma medida, para seu anonimato. A autora não foi reconhecida como uma das grandes escritoras do século XX, devido à sua grafia não se enquadrar na norma “cultura”. Para Ferreira (2018, p.37) “[...] na maioria das vezes, se perdia na grafia correta das palavras, mas as encontrava no momento de dizê-las”.

Carolina escrevia em prol daqueles que vivenciam um cotidiano de violência e vulnerabilidade e para si própria, a escrita era uma maneira de manifestar suas angústias. O ato de mulheres negras escreverem para si é um movimento de (re)encontro, reconhecimento e superação. (FERREIRA, 2018).

No quarto de despejo a autora metaforizou a violência, traduzindo em palavras a dor provocada pelo fome, “[...] Isso não pode ser real num país fértil igual ao meu”. (JESUS, 2019, p. 40). Segue dizendo: “é duro a gente vir ao mundo e não poder nem comer” (*ibid*, p. 61). Para a autora, “o Brasil precisa ser dirigido por uma pessoa que já passou fome. A fome também é professora”. (*ibid*, p. 30). Apesar de as mazelas e da dura realidade ela se denominava como uma escritora e poetisa, em um trecho do livro ela alega: “[...] os políticos sabe que sou poetisa. E que o poeta enfrenta a morte quando vê seu povo oprimido” (*ibid*, p.39). Reafirmando o seu compromisso em denunciar a vulnerabilidade social que os moradores da favela vivenciavam.

É tocante ler a obra e compreender que aquela mulher negra, semialfabetizada, que trabalhava exaustivamente para prover os filhos, encontrava na escrita e na leitura o seu refúgio, a imaginação a transportava para um mundo no qual era possível habitar outro lugar que não fosse o quarto de despejo. “é preciso criar este ambiente de fantasia para esquecer que estou na favela. As horas que sou feliz é quando estou residindo no meu castelo imaginário”. (JESUS, 2019, p. 58).

Carolina é a representação de várias “outras”, mulher, negra, pobre, favelada, recusou-se a ocupar um lugar de subalternidade que em sua condição era



esperado, requerendo o direito de construir a sua própria identidade. Ela sempre foi diferente e, portanto, incompreendida e rejeitada. (SILVESTRE, 2006).

Diante das tragédias sociais, Carolina conseguia enxergar a beleza nas paisagens de São Paulo, nos sorrisos das crianças e no amor que sentia pelos filhos. A escrita era uma possibilidade de existência, nas palavras da autora: “Quando eu não tinha nada o que comer, em vez de xingar eu escrevia. Tem pessoas que, quando estão nervosas, xingam ou pensam na morte como solução. Eu escrevia o meu diário”. (JESUS, 2019, p. 72).

Para Chiziane (2013, p. 11 -12) “muitas pessoas acreditavam que a mulher não é capaz de escrever mais do que poeminhas de amor e cantigas de embalar. Ser mulher e ser artista torna-se um verdadeiro escândalo”. Ao se definir como escritora Carolina rompe com o silenciamento imposto às mulheres e aos negros. Ela deu voz aos “despejados” lançando luz sob a desigualdade social do país, a sua obra não termina com o fim desta análise, ela continua viva na memória e no cotidiano de milhões de brasileiros que ainda habitam de forma física e psíquica o quarto de despejo.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No caminho que permeia a graduação e a construção de uma clínica ético-política, o tema da conclusão de curso não poderia ser diferente daquele que se propõe a levantar o debate acerca das questões raciais, femininas e de classe. A obra de Carolina é atemporal, após o término da leitura compreendemos que a história não tem um fim, ela se repete diariamente em todos os cantos do país. Em um ano marcado por uma pandemia que escancara a desigualdade social e sob protestos do *Black Lives Matter*, discutir dentro da academia um tema com cunho social que dá voz e devolve o protagonismo a uma mulher negra cujo trabalho é de extrema relevância social se torna uma grande responsabilidade, mas acima de tudo, uma honra.





Carolina nos ensina por meio de sua obra que a consciência social não se encontra somente dentro dos muros da universidade, parafraseando o rapper Emicida, “Não confunda diploma com vivência e visão”. A graduação é sem dúvida imprescindível na formação de qualquer profissional, no entanto é necessário, principalmente, em se tratando da psicologia, que o debate ultrapasse as estruturas físicas da universidade, e o discurso acadêmico chegue à comunidade como uma possibilidade de promover o conhecimento e empoderamento em vez de reproduzir normas racistas e excludentes.

É notável o apagamento histórico da obra e vida de Maria Carolina, somente nos últimos anos houve um resgate e estudo sobre a riqueza de seus trabalhos, esse descaso da academia é observado também com mulheres negras intelectualizadas, dentre elas, Neuza Santos, Virgínia Bicudo e Lélia Gonzalez. O que essas mulheres têm em comum? Levantaram questões sobre a própria cor e o mal-estar de viver no mundo dos brancos. Mulheres pretas que escrevem e promovem reflexões, incomodam e movem as estruturas racistas da sociedade. A aposta endereçada a esse trabalho é reconhecer e reverenciar a obra de Maria Carolina, inserindo o debate sobre as mulheres negras dentro do discurso acadêmico, que suas histórias sejam vistas e reproduzidas para além da dor e do sofrimento, como potência e resistência.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Sheyla; ARCANJO, Juscélio Alves. Mais que uma vida, uma obra: Carolina Maria De Jesus, mulher, escritora negra, Brasileira. *In*: ANPUH, 2015, Pernambuco. **Anais [...]** Pernambuco, SNH, 2015. p.1-11. Disponível em: <http://www.snh2011.anpuh.org/resources/pe/anais/caravana/01/28.JESUS,%20Carolina%20Maria.pdf>. Acesso em: 1º out. 2020.



ALVES, Ana Carla Farias; ALVES, Ana Karina da Silva. As trajetórias e lutas do movimento feminista no Brasil e o protagonismo social das mulheres. **Seminário CETROS Neodesenvolvimentismo, Trabalho e Questão Social**, v. 4, p. 113-121, 2013.

BARACAT, Juliana. Carolina e seu ideal de eu. **BALEIA NA REDE**, v. 1, n. 3, 2006.

BRAGA, Ana Paula Musatti. **Os muitos nomes de Silvana: Contribuições clínicas-políticas da Psicanálise sobre mulheres negras**. 2015. 288 f. Tese (Doutorado em Psicologia- Universidade de São Paulo. São Paulo, 2015).

BRASIL. CPI: Assassinato de Jovens. 2016. p.1-155. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/arquivos/2016/06/08/veja-a-integra-do-relatorio-da-cpi-do-assassinato-de-jovens>. Acesso em: 1º jun. 2020.

BARRETO, Robenilson; CECCARELLI, Paulo Roberto. Considerações psicanalíticas sobre preconceito racial: um estudo de caso. **Estudos de Psicanálise**, n. 50, p. 145-154, jul/dez. 2018.

CHIZIANE, Paulina. **Eu mulher... por uma nova visão do mundo**. Belo Horizonte: Nandyala, 2013.

CONCEIÇÃO, Carolina Silveira da MORA, Claudia Mercedes. “Respeito é bom e eu gosto”: trajetórias de vida de mulheres negras assistidas por um Centro Especializado de Atendimento à Mulher em Situação de Violência na Baixada Fluminense, Rio de Janeiro, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 36, n.7, p.1-12, set/nov. 2020.



CUBAS, Marina Gama; ZAREMBA, Júlia; AMANCIO, Thiago. Brasil Regista 1 caso de agressão contra mulher a cada 4 minutos. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 9 set. 2019, cotidiano, p.1.

DAVIS, Angela. **Mulheres, Raça e Classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

FANON, Franz. **Pele Negra, Máscaras Brancas**. Salvador, EDUFBA, 2008.

FREUD, Sigmund. **Psicologia das Massas e análise do eu**. Edição Standard Brasileira Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago. Original publicado em 1921/1976. (Vol. XV).

\_\_\_\_\_ **A interpretação dos Sonhos**. Edição Standard Brasileira Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago. Original publicado em 1900/1976. (Vol. IV).

\_\_\_\_\_ **O delírio e os sonhos na Gradiva, análise da fobia de um garoto de 5 anos e outros textos**. Edição Standard Brasileira Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago. Original publicado em 1906-1908/1976 (Vol. IX).

\_\_\_\_\_ **O Ego e o ID e outros trabalhos**. Edição Standard Brasileira Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago. Original publicado em 1925/1976 (Vol. XIX).

FERREIRA, Amanda Crispim. **Escrevivências, as lembranças afrofemininas como um lugar da memória afro-brasileira: Carolina Maria de Jesus**,





**Conceição Evaristo e Geni Guimarães.** Dissertação (Mestrado em letras) - Faculdade de Letras de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2013.

FIGUEIREDO, Luís Claudio. Psicanálise E Universidade: Perspectivas. **Psicol. USP**, São Paulo. vol.12, n.2 p.147-159, ago/out. 2001.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. Esquecer o passado? *In*: DOTTO, Karen Meira; ENDO, Paulo Cesar; SPOSITO, Sandra Elena *et al.* (org.). Psicologia, violência e direitos humanos. São Paulo: Conselho Regional de Psicologia, 2011. p. 238-247.

GARCIA, Carla Cristina. **Breve História do Feminismo**. 3. ed. São Paulo: Editora Claridade LTDA. 2015.

HERRMANN, Fabio. Introdução à teoria dos Campos. São Paulo: Casa dos Psicólogos, 2001.

HOOKS. Bell. **Eu não sou uma mulher? Mulheres negras e feminismo**. Rio de Janeiro: Rosa dos Ventos, 2019.

JESUS, Maria Carolina de. Quartos de Despejo, diários de uma favelada. 10. ed. São Paulo: Ática, 2019.

KOBORI, Eduardo Toshio. Algumas considerações sobre o termo psicanálise aplicada e o método psicanalítico na análise da cultura. **Revista de Psicologia da UNESP**, São Paulo, v.12, n.2. jun/nov. 2013.

LACAN, Jacques. **O seminário. Livro 14: La lógica del fantasma**. Argentina: Versión Escuela Freudiana de la Argentina. 1966-1967.



\_\_\_\_\_ Função e Campo da Fala e da Linguagem. *In: Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, p. 238- 324. 1953/1998.

LAPLANCHE, Jean. *Novos Fundamentos para a psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

\_\_\_\_\_ Vocabulário da psicanálise. *In: Vocabulário da psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1988. p. 707-707.

LEMOS, Rosalia De Oliveira. Os feminismos negros: a reação aos sistemas de opressões. *Revista Espaço Acadêmico*, v. 16, n. 185, p. 12-25, out. 2016.

LORDE, Audre. **Sister outsider: essays and speeches**. Crossing Press, 2007.

MARZAGÃO, Lucio Roberto. RIBEIRO, Paulo de Carvalho. BELO, Fabio Roberto Rodrigues. **Psicanálise e literatura: Seis contos da era de Freud**. São Paulo: KRB. 2012.

MENDES, Lessa Batista Vieira. ANÁLISE DO DISCURSO DE VIOLÊNCIA: mulheres negras e a interseccionalidade. *In: ENCONTRO NORTE MINEIRO DE SERVIÇO SOCIAL*. 2.,2020, Montes Claros. **Anais [...]** Montes Claros: Revista Serviço social em perspectiva. 2020. p.1-11.

MEZAN, Renato. **Freud, pensador da cultura**. São Paulo: Brasiliense.1985.

MEZAN, Renato. **A vingança da Esfinge** São Paulo: Brasiliense.1988.

MORAES, Débora. **A relação entre leitor e texto literário: Uma abordagem psicanalítica**. Rio de Janeiro: Zagodoni. 2012.



MOURA DE QUADROS, Dênis. A escritora Carolina Maria de Jesus: Legitimando seu lugar na História da Literatura Brasileira. **Travessias**, Cascavel, v. 12, n. 1, p. 243-257, maio.2018.

NOGUEIRA, Isildinha Batista. O corpo da mulher negra. **Pulsional Revista de Psicanálise**, v. 13, n. 135, 1999.

OLIVEIRA, Francelene Costa de Santana. Mulheres negras letras e literatura: Uma Análise da Condição da mulher negra no final século XIX a meados do século XX. *In*: PERSPECTIVAS FEMINISTAS DE GÊNERO: DESAFIOS NO CAMPO DA MILITÂNCIA E DAS PRÁTICAS. 18, 2014, Recife, **Anais [...]** Recife: Universidade Federal Rural de Pernambuco, 2014 p. 1586-1605.

PEIXOTO, Irirara Gomes. **Do reconhecimento á enunciação: é possível falar de feminino negro na Psicanálise?** 2017. Dissertação (Bacharelado em Psicologia), Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre,2017.

PEREIRA, Ana Alice da Silva. PROCHNO, Caio César Souza Camargo. Psicanálise e literatura: uma proposta de análise do conto Berenice. **Rev. Subj.** Fortaleza, vol.18, n.2 p. 1-12, maio/nov. 2018.

PINTO, Céli Regina Jardim. Feminismo, história e poder. **Rev. Sociol. Polít.** Curitiba, v.18. n.36, p.15-23. Jun, 2010.

PRESTES, Clélia RS; VASCONCELLOS, Esdras Guerreiro. Mulheres negras: resistência e resiliência ante os efeitos psicossociais do racismo. **Pambazuka News**, n.63, p.1-5, nov. 2013.





RIBEIRO, Djamila. Feminismo negro para um novo marco civilizatório. **SUR-Revista Internacional dos Direitos Humanos**. São Paulo, v.13, n.24, p.99-104. 2016.

RODRIGUES, Geisi Mara; MARTINEZ, Viviana Velasco. A narrativa testemunhal e o enredamento do traumático no psiquismo. **Rev.latinoam.psicopatol.fundam**, v. 17, n. 4, p. 858-871, 2014.

ROSA, Miriam Debieux. **et al.** A condição errante do desejo: os imigrantes, migrantes, refugiados e a prática psicanalítica clínico-política. **Rev.latinoam.psicopatol.fundam**. v.12, n.3, p.497-511, ago/set. 2008.

SANTOS, Ineildes Calheiro dos; OLIVEIRA, Eduardo. Experiências das mulheres na escravidão, pós-abolição e racismo no feminismo em Angela Davis. **Rev. Estud. Fem.**, v.26, n.1, jan. 2018.

SCHUMAHER, Schuma; VITAL BRASIL, Érico. **Mulheres negras do Brasil**. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2007.

SILVA, Tânia Maria Gomes; BARBOSA, Flávia Cristina Silva. Exclusão e violência social na perspectiva da escritora Carolina Maria de Jesus: mulher negra, favelada e mãe solteira. **Revista Cesumar–Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**, v. 23, n. 2, p. 309-326, jul/dez, 2018.

SILVA, Caio Teixeira da. **Literatura negra: análise do conceito de escrevivência a partir do livro Quarto de despejo–diário de uma favelada. Trabalho de conclusão de curso (Bacharel em Humanidades)** Instituto de Humanidade e letras, **Unilab**, São Francisco do Conde, 2018.



SILVESTRE, Nathercia. Carolina de Jesus: a beleza de ser “diferente. **BALEIA NA REDE**, v.1, n.3. Disponível em: <https://doi.org/10.36311/1808-8473.2006.v1n3.1367>. Acesso em: 20 nov. 2020.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se Negro**: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro. Edições Graal, 1983.

VEIGA, Ana Maria. Uma virada epistêmica feminista (negra): conceitos e debates. **Revista Tempo e Argumento**, v. 12, n. 29, p.1-33, jan/abr.2020.

TODOROV, Tezvetan. **As estruturas narrativas**. 4. ed. São Paulo: Perspectiva.2006.



**MINDFULNESS COMO UM RECURSO EM TERAPIA COGNITIVO  
COMPORTAMENTAL PARA O TRATAMENTO DE PACIENTES COM  
DIAGNÓSTICO DE TRANSTORNO DE ANSIEDADE GENERALIZADA**

*MINDFULNESS AS A RESOURCE IN COGNITIVE BEHAVIORAL THERAPY  
FOR THE TREATMENT OF PATIENTS WITH A DIAGNOSIS OF  
GENERALIZED ANXIETY DISORDER*

Milena Thomaz<sup>1</sup>  
Jeisa Benevenuti<sup>2</sup>

**RESUMO:** Para alguém que possui diagnóstico de Transtorno de Ansiedade Generalizada, é significável a conciliação da psicoterapia junto a técnica de *mindfulness* com o embasamento teórico em Terapia Cognitivo-Comportamental. Com objetivo de caracterizar os benefícios da psicoterapia em conjunto a essa técnica para indivíduos com Transtorno de Ansiedade Generalizada, foi identificado e verificado qual a eficácia no tratamento, listando estratégias para utilizar em momentos de crises. Para isso, foi feito um levantamento de dados, por meio de uma pesquisa de natureza descritiva, tendo como procedimentos buscas e análises de artigos científicos de carácter empírico, extraídos de plataformas digitais. Os resultados evidenciaram que tal técnica tem a finalidade de auxiliar na concentração do momento atual, sem julgamentos, sendo benéfica na redução de ansiedade, estimulando a autocompaixão e refocalização a atenção. A técnica do *mindfulness* mostrou eficácia também na regulação da psicoativação diante de situações estressoras e consciência emocional. Assim, teve-se como uma estratégia de uso, a junção do *mindfulness* com a realidade virtual. Desse modo, pode-se afirmar que contribui para lidar com desafios e conflitos humanos por meio de exercícios e

---

<sup>1</sup> Acadêmica do curso de Psicologia da UNIFEBE. *E-mail:* milena.thomaz@unifebe.edu.br

<sup>2</sup> Professora Orientadora. Possui Doutorado em Psicologia pela UFSC e Graduação em Psicologia pela Universidade do Vale do Itajaí (1999) e Universidade do Minho. *E-mail:* jeisa@unifebe.edu.br





*Mindfulness* como um recurso em terapia cognitivo comportamental para o tratamento de pacientes com diagnóstico de transtorno de ansiedade generalizada

técnicas de relaxamento, além de potencializar afetos positivos e processos de regulação emocional.

**Palavras-chave:** *mindfulness*; transtorno de ansiedade generalizada; terapia cognitiva-comportamental.

**ABSTRACT:** *For someone diagnosed with Generalized Anxiety Disorder, the conciliation of psychotherapy with the mindfulness technique with the theoretical basis in Cognitive-Behavioral Therapy is significant. To characterize the benefits of psychotherapy together with this technique for individuals with Generalized Anxiety Disorder, it was identified and verified the effectiveness of the treatment, listing strategies to use in moments of crisis. For this, data collection was carried out, through descriptive research, having as procedures searches and analyzes of scientific articles of an empirical nature, extracted from digital platforms. The results showed that such a technique is intended to assist in the concentration of the current moment, without judgments, being beneficial in reducing anxiety, stimulating self-compassion, and refocusing attention. The mindfulness technique was also effective in regulating psycho-activation in the face of stressful situations and emotional awareness. Thus, the combination of mindfulness and virtual reality was used as a strategy of use. In this way, it can be said that it contributes to dealing with human challenges and conflicts through exercises and relaxation techniques, in addition to enhancing positive effects and emotional regulation processes.*

**Keywords:** *mindfulness; generalized anxiety disorder; cognitive behavioral therapy.*

## 1 INTRODUÇÃO

A literatura científica tem enfatizado os benefícios da psicoterapia junto a técnica de *mindfulness* para indivíduos com diagnóstico de Transtorno de Ansiedade Generalizada, tendo como embasamento teórico a abordagem da Terapia Cognitiva-Comportamental. Assim sendo, pode ser útil caracterizar e



*Mindfulness* como um recurso em terapia cognitivo comportamental para o tratamento de pacientes com diagnóstico de transtorno de ansiedade generalizada

identificar melhor quais são seus benefícios e a sua eficiência diante do tratamento, para que o terapeuta possa listar estratégias e técnicas que auxiliem seus pacientes a lidarem melhor com seus comportamentos ansiosos. A terapia cognitiva-comportamental é um sistema teórico que auxilia no entendimento de fenômenos e processos psicológicos relacionados aos transtornos psicológicos, dentre eles, os transtornos de ansiedade.

Segundo Beck (2013), a terapia cognitiva-comportamental foi criada por Aaron Beck no ano de 1960, como forma de psicoterapia estruturada, de curta duração, voltada para o presente, direcionada para a solução de problemas atuais e com modificação de pensamentos e comportamentos disfuncionais. Essa mesma autora afirma que, quando as pessoas aprendem a avaliar seus pensamentos de forma mais realista, obtêm-se uma melhora em seu estado emocional e comportamental.

Ao buscar por transtornos que se pode utilizar essa forma de embasamento teórico em psicoterapia, pode-se citar o Transtorno de Ansiedade Generalizada, que é definido segundo Clark *et al.* (2012) como uma emoção caracterizada por percepções de estímulos sobre acontecimentos incontroláveis e inesperados, sendo um sistema de resposta cognitiva, afetiva, fisiológica e comportamental, que são ativados quando acontecem os eventos que são considerados imprevisíveis, podendo ameaçar os interesses de um indivíduo. Citam também que os aspectos mais comuns de alguém diagnosticado com esse transtorno apresenta aumento da frequência cardíaca, palpitações, falta de ar, respiração rápida, dor ou pressão no peito, medo de perder o controle, medo de ferimento físico e medo de avaliação negativa pelos outros.

Ao investigar como se pode diminuir os sintomas desse transtorno em sessão de psicoterapia com base em terapia cognitiva-comportamental, tem-se a técnica de *mindfulness*, definida por Kabat-Zinn (2017), como uma forma específica e prolongada de atenção plena, concentração no momento atual, intencional e sem julgamentos, buscando envolvimento com o presente e não com lembranças do passado e ou com pensamentos sobre o futuro.

Dessa forma, Castro (2014) afirma que a técnica de *mindfulness* no contexto terapêutico é algo associado ao bem-estar, saúde física e mental,



*Mindfulness* como um recurso em terapia cognitivo comportamental para o tratamento de pacientes com diagnóstico de transtorno de ansiedade generalizada

contendo menos presença de transtornos psicológicos. É uma técnica que permite trabalhar as questões físicas, psicológicas e espirituais, mantendo o paciente atento e reunindo as informações em uma totalidade, de forma integrada.

Por fim, é pertinente destacar que a prática dessa técnica, ensina o paciente a lidar com desafios da vida e com isso, potencializa o afeto positivo, fazendo-os enfrentar situações de estresse maior, de modo menos agitado e com uma maior calma, facilitando a aceitação da situação de forma mais humanizada.

## **2 REFERENCIAL TEÓRICO**

### **2.1 TERAPIA COGNITIVA-COMPORTAMENTAL**

Segundo Beck (2013), a terapia cognitivo-comportamental (TCC) é uma forma de psicoterapia que foi desenvolvida por Aaron Beck no ano de 1960, sendo algo estruturado, de curta duração, voltada para o presente, direcionada para a solução de problemas atuais e modificação de pensamentos e comportamentos disfuncionais. Gillihan (2021) diz que é uma abordagem que surgiu para lidar com a alta demanda de doenças psicológicas, sendo focada na solução e pensada para reduzir sintomas e melhorar o bem-estar, o mais rápido possível. A terapia cognitivo-comportamental tem como base um conjunto de teorias bem desenvolvidas, que são utilizadas para formular planos de tratamento e para orientar as ações do terapeuta (WRIGHT *et al.*, 2019).

A TCC é uma abordagem de senso comum que se baseia em dois princípios centrais: o primeiro em nossas cognições que têm influência controladora sobre nossas emoções e comportamento. E o segundo, o de que o modo como se age ou se comporta, pode afetar profundamente nossos padrões de pensamentos e de emoções (WRIGHT *et al.*, 2019). Com base nisso, Beck (2013) indica que quando as pessoas aprendem a avaliar seus pensamentos de forma mais realista e adaptativa, elas obtêm uma melhora em seu estado emocional e comportamental.





*Mindfulness* como um recurso em terapia cognitivo comportamental para o tratamento de pacientes com diagnóstico de transtorno de ansiedade generalizada

## 2.2 TRANSTORNO DE ANSIEDADE GENERALIZADA

Segundo Clark *et al.* (2012), a ansiedade é definida como uma emoção orientada ao futuro, caracterizada por percepções de estímulos incontroláveis e inesperados sobre eventos potencialmente aversivos e um desvio rápido na atenção para o foco de eventos possivelmente perigosos ou para a própria resposta afetiva do indivíduo a esses eventos. À vista disso, a ansiedade é um sistema de resposta cognitiva, afetiva, fisiológica e comportamental, que é ativado quando eventos são considerados imprevisíveis, incontroláveis, podendo ameaçar os interesses de um indivíduo.

Clark *et al.* (2012) citam que os aspectos mais comuns de alguém diagnosticado com ansiedade diante dos sintomas fisiológicos é o aumento da frequência cardíaca, palpitações, falta de ar, respiração rápida e dor ou pressão no peito. Já nos sintomas cognitivos, o cliente possui medo de perder o controle, medo de ferimento físico e medo de avaliação negativa pelos outros. Diante de comportamentos, a pessoa busca pela fuga e ou esquiva, inquietação, agitação, congelamento e dificuldades para falar. Por fim, os sintomas afetivos que uma pessoa apresenta é o nervosismo, a tensão, ficar assustado, aterrorizado, irritável, impaciente e com frustração.

Segundo Gillihan (2021), o transtorno de ansiedade é o diagnóstico psiquiátrico mais comum que engloba uma ampla doença. Um tipo de ansiedade muito comum é o Transtorno de Ansiedade Generalizada, conhecida como TAG, que envolve uma ansiedade mais difusa sobre acontecimentos futuros.

Segundo Zuardi (2017), o transtorno de ansiedade generalizada tem como característica principal a preocupação persistente e excessiva, por vezes envolvendo temas que não preocupam as outras pessoas. Sendo acompanhada de sintomas físicos relacionados à hiperatividade e à tensão muscular. Além dessas características, a TAG tem como sintomas, taquicardia, sudorese, insônia, fadiga e dificuldades de relaxar, nos quais causam uma certa interferência no desempenho ou um sofrimento significativo.





*Mindfulness* como um recurso em terapia cognitivo comportamental para o tratamento de pacientes com diagnóstico de transtorno de ansiedade generalizada

### 2.3 MINDFULNESS E TERAPIA COGNITIVO-COMPORTAMENTAL

Kabat-Zinn (2017) define *mindfulness* como uma forma específica e prolongada de atenção plena, concentração no momento atual, intencional e sem julgamento. Assim sendo, concentrar-se no momento atual significa estar em contato com o presente e não estar envolvido com lembranças ou com pensamentos sobre o futuro.

Menezes *et al.* (2009) afirmam que os praticantes percebem que a meditação se reflete nas suas vidas, mantendo a prática meditativa porque sentem uma série de resultados positivos, que abrangem diferentes âmbitos de sua vida, como benefícios emocionais, cognitivos e físicos. Segundo as mesmas autoras, foi possível observar alguns fatores associados às categorias obtidas. Os benefícios emocionais, por exemplo, foram mais mencionados por quem faz psicoterapia. Esse dado apoia as observações que mencionam um efeito mútuo entre meditação e tratamento psicoterápico no que tange à regulação emocional.

Segundo Castro (2014), a técnica de *mindfulness* no contexto terapêutico é algo que é apresentado e associado ao bem-estar, saúde física e mental, tendo menos incidência de transtornos psicológicos. Esse mesmo autor relata que o *mindfulness* permite a atenção ao que está sendo experimentado em um dado momento, sem desconsiderar os valores próprios do paciente. Assim sendo, é uma técnica que permite trabalhar as questões físicas, psicológicas e espirituais, mantendo o paciente atento e reunindo as informações em uma totalidade, de forma integrada.

Ao buscar quais os benefícios essa técnica proporciona, Castro (2014) afirma que o *mindfulness* aumenta a consciência do humor. Com isso, a técnica possibilita que o cliente observe previamente se está ocorrendo mudanças em seu humor, evitando que não haja automaticamente a alteração do humor negativo para o pensamento negativo. Ou seja, possibilitando que a pessoa possa perceber quando o seu humor interfere em seus pensamentos e, assim, conseguindo evitar que isso ocorra.



*Mindfulness* como um recurso em terapia cognitivo comportamental para o tratamento de pacientes com diagnóstico de transtorno de ansiedade generalizada

Segundo Assumpção (2019), na década de 1990, alguns psicólogos se encantaram com o treinamento da atenção plena, que poderia causar efeitos positivos na prevenção de recaída de pacientes com transtornos como ansiedade e depressão. Segundo essa mesma autora, com o programa *Mindfulness-Based Stress Reduction*, traduzido do inglês para: Redução do Estresse Baseada em *Mindfulness* (MBSR) de Kabat-Zinn, esses psicólogos criaram uma intervenção que continha além das práticas de *mindfulness* a teoria subjacente da Terapia Cognitiva-Comportamental.

Leahy *et al.* (2013) enfatiza que as práticas de meditação com atenção se entrelaçam com a terapia cognitiva-comportamental, tendo essa prática de MBSR uma forma de prestar atenção nas experiências, que é consideravelmente diferente da maneira cotidiana de prestar atenção. Ou seja, é uma observação focada e flexível do fluxo de pensamentos, sentimentos e sensações corporais que se apresentam em nossa consciência.

Em sua tese para doutorado, Assumpção (2019) descreve uma pesquisa realizada com estudantes de universidades em que intervenções com *mindfulness* envolveram resultados positivos, em especial, no uso do programa MBSR. Nesse sentido, tem o objetivo de auxiliar pessoas com estresse e ansiedade, desenvolverem melhores estratégias de enfrentamento para lidar com eventos estressantes.

A pesquisa realizada é um programa que contém oito semanas de duração, no qual, as intervenções com MBSR, meditações formais e informais são ensinadas e praticadas, visando o aumento dos níveis de atenção plena. Os resultados obtidos foram todos positivos, considerando as práticas de atenção plena, bem-estar psicológico e qualidade do sono. É possível perceber como essas intervenções contribuem para a diminuição de sintomas de estresse, ansiedade e depressão. Nota-se uma melhora significativa nos níveis de humor, autoeficácia e empatia. Assumpção (2019) diz que, além de os resultados estimuladores encontrados, o treinamento em atenção plena (em suas variadas abordagens) pode ser facilmente adaptado e integrado aos currículos dos estudantes da área da saúde.



*Mindfulness* como um recurso em terapia cognitivo comportamental para o tratamento de pacientes com diagnóstico de transtorno de ansiedade generalizada

Assim sendo, Souza (2020) afirma que, as práticas de *mindfulness* do programa MBRS auxiliam a promover uma mudança na maneira de lidar com as experiências pessoais, como os pensamentos, as emoções e as sensações, sem avaliá-las. Observa-se também, melhoras nos aspectos cognitivos como: concentração, atenção seletiva, sustentada, percepção visual, memória de trabalho e retenção do conhecimento.

Vandenberghe *et al.* (2006) trazem o programa de redução de estresse como uma forma de prática, o qual é feito com grupos de mais ou menos trinta participantes, com oito sessões, durante oito semanas e com duração de cerca de duas horas cada sessão. Sendo incluído na rotina de cada um, algumas tarefas de casa. Assim, cada participante é solicitado a dedicar até uma hora diária à prática e a planejar um dia intensivo de *mindfulness* por semana, ocorrendo por meio de exercícios formais e informais.

Um dos primeiros exercícios formais é uma varredura mental do corpo com atenção concentrada. Neste exercício, parte por parte do corpo é observada. O praticante vai notando todas as sensações que percebe e concentra a atenção intencionalmente nesta vivência. Aprende-se a estar atento diante de diferentes posições corporais: sentado, em pé ou deitado. Fazendo assim, com que o participante aprenda a aceitar, sem julgar, cada distração (VANDENBERGHE *et al.*, 2006, p. 3).

Segundo Vandenberghe *et al.* (2006) nessa técnica formal, além de a varredura mental do corpo e a meditação em posição sentada, com concentração na respiração, também há práticas de alongamento, no qual se explora detalhes das sensações corporais como tensão e dor. Dessa forma, tem-se como alvo principal, vivenciar a respiração, os pensamentos e os outros conteúdos sem querer mudá-los ou controlá-los, ou seja, permitir-se conscientemente observar o que está acontecendo no presente.

Ainda de acordo com Vandenberghe *et al.* (2006), os exercícios informais consistem em vivenciar situações do cotidiano de maneira plenamente consciente, com a atenção focada no que está acontecendo, sem julgar ou racionalizar. Enfatiza-se vivenciar plenamente e sem preconceito experiências positivas e negativas. Souza (2020) afirma que, a MBCT, pode ser um tratamento complementar de pacientes com sintomas recorrentes e acima de tudo, pode ensinar seus pacientes a desenvolver um novo olhar sobre seus pensamentos,





*Mindfulness* como um recurso em terapia cognitivo comportamental para o tratamento de pacientes com diagnóstico de transtorno de ansiedade generalizada

emoções e o próprio corpo, ajudando-o a construir uma relação de maior compreensão, espaço e aceitação.

Ainda se destaca na literatura, Leahy *et al.* (2013), que descreveram sobre o funcionamento do cérebro diante da atenção plena e sugerem que o treinamento pode melhorar o funcionamento do processamento emocional. Torna-se, assim, relativamente simples de ensinar e aprender no contexto atual da terapia cognitiva-comportamental, desde que haja o compromisso e consistência por parte tanto do terapeuta quanto do paciente, havendo uma relação direta com o cultivo de melhoramento da capacidade de regulação emocional.

Dessa forma, fica demonstrado a importância de produzir conhecimento sobre os benefícios, eficácia e tipologias de *mindfulness* na terapia cognitivo-comportamental em pacientes diagnosticados com transtorno de ansiedade generalizada.

### 3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Foi realizada uma pesquisa de natureza descritiva, tendo como procedimentos buscas e análises de artigos científicos extraídos de plataformas digitais como bases de dados da EBSCO HOST, BVS, CAPES Banco de Dados, CAPES Periódicos, OASIS e ScIELO Brasil.

Os artigos foram buscados nas bases de dados por meio de palavras-chave e frases, tais como: *mindfulness*, atenção plena, transtorno de ansiedade generalizada, atenção plena *OR mindfulness AND* transtorno de ansiedade generalizada, terapia cognitiva-comportamental *AND mindfulness OR* atenção plena, *mindfulness OR* atenção plena *AND* terapia cognitiva-comportamental *OR* terceira onda *AND* transtorno de ansiedade generalizada. Optou-se por classificar nas bases de dados apenas estudos realizados no Brasil. Foram filtrados somente os conteúdos que estão em língua portuguesa e pesquisa empírica. Após as buscas nas bases de dados, foi selecionado os artigos que atenderam além de os critérios citados, também foi classificado os artigos e pesquisas realizadas dentro dos anos de 2016 a 2021.



*Mindfulness* como um recurso em terapia cognitivo comportamental para o tratamento de pacientes com diagnóstico de transtorno de ansiedade generalizada

Para a acadêmica conseguir filtrar mais artigos a serem escolhidos, após a leitura dos títulos e do resumo de cada texto, obteve-se outro critério de exclusão: os textos que são incompatíveis com a pesquisa, ou seja, aqueles que apenas apresentaram fenômenos relacionados somente à técnica do *mindfulness* e não citaram o embasamento teórico na terapia cognitivo-comportamental e vice-versa. A organização da seleção dos textos foi por meio de uma tabela (Tabela 1) elaborada pela acadêmica, na qual apresenta as palavras-chave que foram buscadas, a quantidade total de artigos encontrados na base de dados, o número de artigos que sobraram após a leitura dos títulos e do resumo de cada texto. Por fim, após a leitura do texto completo desses artigos que se encaixaram nos critérios por meio de seu título e seu resumo, foi colocado a quantidade que sobrou dessa busca e que foram utilizados para a elaboração deste artigo, na última coluna. As buscas dos artigos iniciaram no dia 25 de fevereiro de 2022 e finalizaram no dia 25 de março de 2022.

Tabela 1 - Seleção dos artigos

PALAVRAS-CHAVE	QUANTIDADE ENCONTRADA NA BASE DE DADOS:	LEITURA DE TÍTULO E RESUMO	ARTIGOS QUE SERÃO UTILIZADOS
<i>Mindfulness</i>			
Atenção plena			
Transtorno de ansiedade generalizada			
Atenção plena OR <i>mindfulness</i> AND transtorno de ansiedade generalizada			
Terapia Cognitiva Comportamental AND <i>mindfulness</i> OR atenção plena			
<i>Mindfulness</i> OR atenção plena AND TCC OR terceira onda AND transtorno de ansiedade generalizada			
<b>TOTAL ENCONTRADOS</b>			

Fonte: elaborado pela acadêmica (2022)

*Mindfulness* como um recurso em terapia cognitivo comportamental para o tratamento de pacientes com diagnóstico de transtorno de ansiedade generalizada

Com a seleção finalizada, as obras foram lidas com foco nos resultados. A organização para a análise de dados dos artigos foi efetuada por meio de fichamentos e uma matriz de análise de dados (Quadro 1) criada pela acadêmica, conforme modelo. Durante a análise, foram retirados de cada obra, a identificação dos benefícios, que segundo o Dicionário Online de Português (RIBEIRO, 2018) pode ser entendido como uma ação que se faz com o intuito de melhorar algo e os resultados dessa ação. A eficiência do tratamento, que foi compreendida nesse trabalho como a qualidade daquilo que alcança os resultados planejados e a característica do que produz os efeitos esperados, do que é eficaz (RIBEIRO, 2018). Por fim, quais as estratégias e tipologias relacionadas às técnicas de *mindfulness* nos comportamentos ansiosos de indivíduos com diagnóstico de TAG junto a terapia embasada na TCC.

#### 4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Quadro 1 - Matriz de análise de dados

BANCO DE DADOS	REFERÊNCIA	ANO DE PUBLICAÇÃO	BENEFÍCIO	EFICÁCIA	ESTRATÉGIAS

Fonte: elaborado pela acadêmica (2022).

As buscas nas bases de dados ocorreram entre os dias 25 de fevereiro e 25 de março de 2022. O total de artigos encontrados foram 977, e 42 são da base de dados da EBSCO HOST; 31 da BVS; 3 CAPES; 669 CAPES periódicos; 223 OASIS e 9 ScIELO Brasil. Após a leitura dos títulos e resumos dos artigos, foram selecionados o total de 49 artigos. Após a leitura e verificação de todos os textos que cumpriam ou não o último critério, que era conter as três palavras-chave, no caso, *mindfulness*, transtorno de ansiedade generalizada e terapia cognitiva-comportamental, restaram apenas 5, sendo eles 1 da BVS, 1 da CAPES periódicos, 2 da OASIS e 1 da ScIELO Brasil.



*Mindfulness* como um recurso em terapia cognitivo comportamental para o tratamento de pacientes com diagnóstico de transtorno de ansiedade generalizada

Quadro 2 - Características dos benefícios, eficácias e estratégias de *mindfulness* para o transtorno de ansiedade junto a terapia cognitiva-comportamental, retiradas do artigo encontrado na base de dados BVS

Banco de dados	Ref.	Ano	Benefício	Eficácia	Estratégia
BVS	Realidade virtual na prática de <i>mindfulness</i> em psicoterapia: uma revisão narrativa.	2021	<p>[...] tem contribuição para reduzir o estresse e a ansiedade, prevenir recaídas em depressão, reduzir a reatividade emocional à dor crônica e sua intensidade, facilitar a regulação atencional e estimular a autocompaixão.</p> <p>[...] aprendizagem da refocalização da atenção na dor crônica ou o reprocessamento/regulação emocional em pacientes com trauma [...].</p>	<p>[...] <i>mindfulness</i> é usado para ajudar o paciente a regular a psico-ativação e para enfrentar, com melhores recursos, a exposição com RV a situações ansiógenas e estressoras.</p> <p>Os resultados são relevantes, pois sugerem que a meditação com VR produziu um efeito específico de redução da atividade psicofisiológica associada à ansiedade [...].</p> <p>O estudo apresenta análise detalhada dos efeitos da sessão de <i>Mindfulness</i> com RV em regiões de interesse específicas do cérebro. Os autores observaram diminuição significativa da atividade Beta de alta frequência no córtex cingulado anterior, principal mediador entre o sistema límbico e o sistema nervoso autônomo, associado ao estresse, preocupação, rigidez cognitiva e pensamentos obsessivos.</p>	<p>[...] a junção entre <i>mindfulness</i> e RV é apresentada através da comparação das duas modalidades como estratégias terapêuticas diferentes, do emprego de ambas como complementares no mesmo tratamento e do uso combinado em um mesmo sistema/aplicação, com equipamentos móveis ou ambientes imersivos como CAVES e câmaras sensoriais.</p> <p>Juntando as duas modalidades de intervenção, RV e <i>mindfulness</i>, tem-se a possibilidade de atender demandas clínicas delineadas no diagnóstico e tratamento de enfermidades psíquicas diversas.</p> <p>A inclusão de dispositivos hápticos e biossensores parece responder à busca por experiências melhoradas, com maior sinergia sensorial, que facilitem a consciência e a aprendizagem de <i>mindfulness</i> e uma maior apreciação de seus benefícios.</p>

Fonte: elaborado pela acadêmica (2022).

No Quadro 2 é possível observar a partir do artigo coletado na base de dados BVS, os principais benefícios do *mindfulness* como, a redução do estresse, que é segundo Gillihan (2021) uma pressão no qual é sentida no corpo inteiro por causa de hormônios como, o cortisol e a adrenalina. Borges *et al.* (2009) citam que é uma reação psicofisiológica complexa com experiência emocional negativa, acompanhada de previsíveis mudanças bioquímicas,

*Mindfulness* como um recurso em terapia cognitivo comportamental para o tratamento de pacientes com diagnóstico de transtorno de ansiedade generalizada

psicológicas, cognitivas e comportamentais, que estão relacionadas à alteração de um fato ou acontecimento estressante e a diminuição da ansiedade. Segundo Gillihan (2021), a ansiedade é uma ameaça imaginada que pode ou não se materializar. Oliveira (2011) menciona que é uma preocupação desproporcionalmente com o futuro e, assim, os indivíduos cometem vários erros de pensamentos por proporcionar dificuldades de raciocinar com base na realidade, um exemplo é a catastrofização.

Foi possível notar que a técnica de *mindfulness* é benéfica também na prevenção de recaídas à depressão e auxilia na regulação e reatividade emocional. Gillihan (2021) relata que a regulação emocional oferece uma pausa antes de se agir pelo impulso inicial, dando tempo suficiente para escolher uma reação adequada. Nesse sentido, Mendonça (2020) indica que é um conjunto de processos que exercem influência sobre a expressão de uma resposta emocional, possuindo um importante papel para a promoção do crescimento emocional e intelectual do indivíduo.

Outro ponto importante observado, é o movimento de autocompaixão e a refocalização da atenção. Com isso, Santos (2012) afirma que a autocompaixão se vincula ao estar aberto ao próprio sofrimento, experienciando sentimentos de afeto, bondade e compreensão, evitando o julgamento relacionado com fracassos ou inadequações. Sobre a refocalização da atenção, Souza (2020) descreve que é a capacidade de estar alerta e presente para as experiências que irão surgindo de momento a momento, de modo intencional, atento e sem julgá-las.

Como eficácia, o artigo menciona a regulamentação da psicoativação e a exposição com a Realidade Virtual (RV) às situações de ansiedade e estressoras. Segundo Paula *et al.* (2021), a Realidade Virtual é um equipamento móvel com três dimensões que permite interagir em tempo real, excluindo as acepções do vocabulário virtual associado aos ambientes não imersivos. Assim sendo, é o sentido de presença e a corporificação descritos como processos fundamentais para a imersão em ambientes virtuais, entendido como experiência subjetiva e estar na cena virtual, gerando a probabilidade de que o sujeito interaja com o contexto proposto de modo análogo ao que faria em seu cotidiano.



*Mindfulness* como um recurso em terapia cognitivo comportamental para o tratamento de pacientes com diagnóstico de transtorno de ansiedade generalizada

Segundo Prates *et al.* (2016), a realidade virtual possibilita a simulação de eventos reais em um ambiente controlado e seguro, oportunizando e possibilitando tanto para os terapeutas quanto para os pacientes uma ampliação relativa ao tratamento, destacando que é possível controlar uma grande parte das variáveis relevantes em um ambiente virtual.

Esse mesmo estudo ainda apresenta redução psicofisiológica associada à ansiedade e diminuição significativa de atividade Beta no córtex cingulado anterior, o qual é o principal mediador entre o sistema límbico e o sistema nervoso autônomo. Por fim, o texto descreve a junção dessas duas técnicas, a realidade virtual e o *mindfulness*, como um recurso terapêutico, tendo o uso das duas como complementares no mesmo tratamento e o uso de um sistema com equipamentos móveis e ou ambientes imersivos. Paula *et al.* (2021) afirmam que tais ferramentas devem ser aplicadas pelo psicólogo com a teoria subjacente à sua prática clínica, atendendo, assim, a necessidade do cliente e não apenas, aplicar a técnica por aplicar.

Outro ponto importante e de estratégia, é que com a junção das duas ferramentas, o terapeuta tem a possibilidade de atender demandas de diagnósticos e enfermidades psíquicas diversas. Assim, pode-se afirmar que esses dispositivos sensíveis e biossensores, facilitam a consciência e a aprendizagem de *mindfulness* e com isso, possuem uma maior apreciação de seus benefícios. O uso da tecnologia pode antecipar a ocorrência de problemas psiquiátricos em até 6 meses, permitindo que o paciente se envolva mais com o processo terapêutico, tendo, assim, uma maior ativação da memória traumática, necessária para acabar com o medo condicionado (PRATES *et al.*, 2016).





*Mindfulness* como um recurso em terapia cognitivo comportamental para o tratamento de pacientes com diagnóstico de transtorno de ansiedade generalizada

Quadro 3 - Características dos benefícios, eficácias e estratégias de *mindfulness* para o transtorno de ansiedade junto a terapia cognitiva-comportamental, retiradas do artigo encontrado na base de dados CAPES Periódicos

Banco de dados	Ref..	Ano	Benefício	Eficácia	Estratégia
CAPES periódicos	<i>Mindfulness</i> nas terapias de redução de ansiedade	2017	<p>[...] visa possibilitar a capacidade de atenção para observar as experiências para aceitá-las livre dos julgamentos que surjam na consciência.</p> <p>O <i>mindfulness</i> proporciona mudanças significativas a nível psicofisiológico e mais rapidez na recuperação após uma provocação negativa, diminuindo a ansiedade e aumentando o afeto positivo.</p>	<p>A base de evidências que suportam a eficácia dessa terapia é menos robusta que no caso da Terapia Comportamental tradicional, por ser uma terapia mais recente, porém trata-se de intervenções promissoras para ajudar a elucidar o processo de mudança e oferecer estratégias complementares para ajudar os pacientes.</p> <p>Trata-se de um método não farmacológico eficaz de tratamento da ansiedade, que pode prevenir futuros episódios de ansiedade, representando também um modelo eficaz de prevenção.</p>	<p>A meditação <i>mindfulness</i> tem em comum com a terapia cognitiva a ideia de que a percepção e o pensamento direcionam a emoção e o comportamento. Dessa forma, se o indivíduo for capaz de mudar sua relação com os próprios pensamentos, ele pode alterar padrões de comportamento autodestrutivos profundamente enraizados.</p> <p>Os estudos utilizados apontam que as estratégias do <i>mindfulness</i> permitem ensinar o paciente a lidar com os desafios da vida, focando intencionalmente a sua atenção na vivência imediata, ao passo que reduz a ansiedade e potencializa o</p>

Fonte: elaborado pela acadêmica (2022).

No Quadro 3, é possível observar a partir do artigo coletado na base de dados CAPES Periódicos que os principais benefícios dessa técnica, são a possibilidade e a capacidade de observar com atenção as experiências de uma provocação negativa, proporcionando a aceitação livre dos julgamentos que surjam na consciência. Nesse sentido, Leahy *et al.* (2013) afirma que a postura de não julgamento em relação às emoções, tem a finalidade de contrabalançar a tendência de julgá-la negativamente. Com isso, é possível observar que tais julgamentos negativos podem gerar mais emoções e, assim, agravar a experiência emocional, contribuindo para o hábito de esquiva emocional.

Outra característica benéfica que o artigo menciona é a diminuição da ansiedade e o aumento do afeto positivo. Dias (2020) destaca que o afeto positivo surgiu com o objetivo de direcionar o foco à construção de qualidades positivas, sendo relacionada com o bem-estar, a satisfação, o otimismo e a felicidade.

*Mindfulness* como um recurso em terapia cognitivo comportamental para o tratamento de pacientes com diagnóstico de transtorno de ansiedade generalizada

Como aspectos de eficácia da aplicação da técnica, o texto descreve que é algo menos desenvolvido que outras técnicas em terapia comportamental, por ser recente, porém se trata de intervenções favoráveis em auxiliar no esclarecimento do processo de mudanças e, assim, oferecer estratégias complementares para ajudar os pacientes. Outro ponto eficaz é a referência a um método não farmacológico de tratamento de ansiedade, que pode contribuir para futuros episódios de crises.

O artigo também descreve que a técnica com a terapia cognitiva, podem levar a percepção e o pensamento em direção à emoção e ao comportamento, sendo assim, se o indivíduo for capaz de modificar os próprios pensamentos, ele pode transformar comportamentos autodestrutivos profundamente enraizados. A técnica permite que o paciente aprenda a lidar com desafios da vida, focando intencionalmente a sua atenção na vivência imediata.

Quadro 4 - Características dos benefícios, eficácias e estratégias de *mindfulness* para o transtorno de ansiedade junto a terapia cognitiva-comportamental, retiradas do artigo encontrado na base de dados OASISBR

Banco de dados	Ref.	Ano	Benefício	Eficácia	Estratégia
OASISBR	Exploração da autocompaixão no contexto de um programa de <i>mindfulness-based cognitive therapy</i>	2018	<p>[...] aprendem a estar conscientes das reações cognitivas automáticas ao estresse ou humor negativo e a observar essas reações com curiosidade e gentileza.</p> <p>A comparação das médias entre o momento pré e pós-intervenção MBCT evidencia uma redução da percepção de estresse, dos sintomas de depressão e de ansiedade e um aumento da autocompaixão e do <i>mindfulness</i> no momento pós-intervenção.</p> <p>Os participantes aumentaram nos níveis de <i>mindfulness</i> e de autocompaixão e reduziram os sintomas de depressão e de ansiedade.</p>	<p>[...] existem evidências do sucesso da sua aplicação junto de profissionais de saúde na redução de estresse e de Burnout.</p> <p>[...] a capacidade de <i>mindfulness</i> enquanto componente da autocompaixão que remete para a forma como os sujeitos experienciam e aceitam as suas experiências de sofrimento.</p>	

*Mindfulness* como um recurso em terapia cognitivo comportamental para o tratamento de pacientes com diagnóstico de transtorno de ansiedade generalizada

OASISBR	Efeitos de um curso de meditação de atenção plena em estudantes da saúde no Brasil	2 0 2 0	<p>Os alunos disseram se sentir mais calmos ao longo do curso e mais concentrados no momento presente. Conseguiram identificar situações que causavam sofrimento emocional e tentaram lidar com essas situações através da meditação.</p> <p>Nossos resultados confirmaram a hipótese, revelando que os participantes do curso eletivo reduziram o afeto negativo, especificamente medo e hostilidade, de acordo com achados anteriores.</p> <p>O efeito sobre os afetos negativos é especialmente relevante porque os processos neurológicos no cérebro humano os estimulam mais facilmente em comparação com os afetos positivos. Os afetos negativos induzem a um aprendizado mais rápido e desaparecem mais lentamente ante os afetos positivos, interferindo mais fortemente no julgamento e na tomada de decisões.</p> <p>[...] efeitos benéficos da meditação na redução da ansiedade e apresentaram escores mais baixos no afeto negativo, especificamente medo e hostilidade.</p> <p>[...] ocorreu o desenvolvimento de habilidades socioemocionais, de bem-estar e autoconsciência dos alunos, além de reduzir o afeto negativo.</p>	<p>[...] promove a sensação subjetiva de bem-estar, vitalidade, controle emocional adaptativo, estabilidade comportamental e níveis mais baixos de afeto negativo e de sintomas psicopatológicos.</p> <p>[...] tem sido vista como um suporte emocional para os estudantes da Saúde, principalmente para ajudar a gerenciar o estresse, fornece apoio emocional e ensina o foco atencional.</p> <p>[...] tiveram um comportamento mais calmo, as declarações indicaram que aceitavam suas dificuldades e limitações com mais facilidade e percebiam suas emoções com mais intensidade.</p> <p>As práticas do curso ajudaram a modular as emoções desconfortáveis relacionadas à dispersão mental.</p> <p>O estresse percebido também foi menor entre esses estudantes, que descobriram a origem de sua ansiedade na dificuldade de viver o momento presente e constante antecipação de problemas futuros.</p> <p>Eles se tornaram mais conscientes de suas emoções e perceberam a importância de saber como lidar com elas e aceitá-las.</p>	<p>[...] relataram enfrentar situações estressantes de maneira menos agitada. Com frequência, eles usaram a meditação nesses processos, o que os levaram a resolver o problema com calma ou a aceitar a falta de solução de maneira auto compassiva.</p>
---------	--	------------------	--	--	--

Fonte: elaborado pela acadêmica (2022).

O Quadro 4 apresentou dois artigos encontrados na base de dados OASISBR. O primeiro publicado no ano de 2018, e o segundo com publicação no ano de 2020. Ambos trazem diversos benefícios e a eficácia diante da técnica de *mindfulness* junto a terapia cognitiva-comportamental para tratamentos de pacientes ansiosos.

Diante dos benefícios, as publicações citam que os clientes desempenham a habilidade de estar consciente das reações cognitivas automáticas, como o estresse e o humor negativos e, assim, observam essas reações com curiosidade e gentileza. Segundo Silva *et al.* (2004), algumas crenças não são conhecidas e claras para o indivíduo, sendo inconscientes. E, assim, sob determinadas circunstâncias, influenciam na percepção sobre as coisas e são expressas como pensamentos automáticos.



*Mindfulness* como um recurso em terapia cognitivo comportamental para o tratamento de pacientes com diagnóstico de transtorno de ansiedade generalizada

O método desse estudo apresenta, além disso, uma redução de estresse, de sintomas de depressão e ansiedade e um aumento da autocompaixão. Outro ponto importante destacado é a percepção de sentimento de calma ao longo do processo e uma maior concentração no momento presente, conseguindo identificar situações de sofrimento emocional como medo e hostilidade, reduzindo o afeto negativo. Além do mais, verificou-se o desenvolvimento de habilidades socioemocionais, de bem-estar e autoconsciência.

Ao observar o dado sobre a eficácia, verificou-se que a aplicação da técnica ao lado de profissionais da saúde, reduziu o estresse e a síndrome de Burnout. Souza *et al.* (2019) relatam que a síndrome de Burnout é na maioria das vezes associada à depressão. Os pacientes apresentam baixa autoestima, negação por estarem estressados e apresentarem baixa energia. A sobrecarga é tida como desequilíbrio na capacidade do trabalhador x exigência da organização, considerando que o ambiente promove o Burnout e não as condições psíquicas do indivíduo (SOUZA *et al.*, 2019).

A técnica de *mindfulness* promove também a sensação subjetiva de bem-estar, vitalidade, controle emocional adaptativo, estabilidade comportamental, baixo afeto negativo, sintomas psicopatológicos e aceita experiências de sofrimento. Outro ponto que apresenta como dado, é o suporte emocional para estudantes da área da saúde, auxiliando-os a gerenciar o estresse e ensinar o foco atencional, tendo um comportamento mais calmo e aceitando cada limitação com mais facilidade, modulando, assim, as emoções desconfortáveis.

Como forma de estratégia para usar no dia a dia, os estudantes que participaram da pesquisa, relataram que com o uso frequente da meditação, enfrentam situações estressantes de maneira menos agitada, ou dependendo da situação, aceita a falta de solução de maneira autocompassiva.



*Mindfulness* como um recurso em terapia cognitivo comportamental para o tratamento de pacientes com diagnóstico de transtorno de ansiedade generalizada

Quadro 5 - Características dos benefícios, eficácias e estratégias de *mindfulness* para o transtorno de ansiedade junto a terapia cognitiva-comportamental, retiradas do artigo encontrado na base de dados ScIELO Brasil

Banco de dados	Ref.	Ano	Benefício	Eficácia	Estratégia
ScIELO Brasil	Efeitos da meditação no tratamento de estresse e ansiedade	2021	<p>(...) os benefícios psicológicos estão na redução da ansiedade e do estresse, maior satisfação com a própria vida, aumento da resiliência e fortalecimento da memória.</p> <p>(...) treina a pessoa a lidar com experiências desconfortáveis preservando ao máximo sua qualidade de vida.</p> <p>(...) impacto positivo tanto na prevenção quanto no tratamento das doenças e na melhora da qualidade de vida.</p> <p>Os ganhos atribuídos à MBSR podem ser explicados pela redução na frequência de pensamentos negativos observada na prática da <i>mindfulness</i>, decorrente do não julgamento, implícito no procedimento.</p> <p>Para a população praticante, os benefícios incluem o baixo custo, a possibilidade de praticar sem supervisão após o treinamento, ausência de efeitos colaterais e a não utilização de qualquer tipo de equipamento ou de medicação.</p>	<p>(...) favorecendo a valorização de emoções positivas e reduzindo a influência de pensamentos automáticos.</p> <p>A prática de observar sem julgar favorece o convívio e a aceitação das emoções que ocorrem nos vários momentos da vida e que podem ocorrer também durante a prática, como inquietação, desconforto e impaciência.</p> <p>Entre portadores de câncer são relatados redução do estresse, ansiedade e depressão; menos efeitos colaterais da quimioterapia, como a náusea e a fadiga e maior regulação emocional, com redução de rumações e preocupações.</p> <p>Também junto a pacientes oncológicos, associaram a MBSR à musicoterapia, observaram significativa redução de sintomas de ansiedade e de dor, além de melhora na qualidade de sono.</p> <p>Entre portadoras de esclerose múltipla, observaram significativa redução nos níveis de estresse, ansiedade e depressão depois do treinamento na prática.</p> <p>E, ao revisar a literatura acerca dos efeitos da MBCT e da MBSR entre pacientes cardíacos, encontraram resultados consistentes mostrando a eficácia das duas práticas sobre a redução nos níveis de estresse, ansiedade e depressão, reconhecidamente comprometedoras da saúde cardiovascular.</p>	<p>Essa atividade pode ser mais difícil para pessoas em maior sofrimento psíquico. Por outro lado, o tratamento médico ou psicológico utiliza medicamentos e técnicas para a remoção ou minimização de sintomas, o que pode produzir alívio e condições mínimas para que a pessoa inicie o treinamento na <i>mindfulness</i>.</p>

*Mindfulness* como um recurso em terapia cognitivo comportamental para o tratamento de pacientes com diagnóstico de transtorno de ansiedade generalizada

				Residentes de medicina apresentaram respostas de realização pessoal, autocompaixão, empatia e menos preocupação e estúdios de enfermagem, apresentaram redução nos níveis de estresse, ansiedade e depressão.	
--	--	--	--	---	--

Fonte: elaborado pela acadêmica (2022).

O Quadro 5 apresentou o artigo extraído da base de dados ScIELO Brasil. Os dados mostraram benefícios como a redução da ansiedade e do estresse, maior satisfação com a própria vida, treinando a pessoa a lidar com experiências desconfortáveis. Aumento da resiliência que é, segundo Norte *et al.*, (2011) um processo dinâmico que envolve interação entre fatores de risco e proteção, internos e externos ao indivíduo. Assim sendo, Moraes *et al.*, (2017) afirmam que resiliência é um fenômeno relacionado ao processo de superação e adaptação às adversidades. Ou seja, é um processo que explica a superação de crises e adversidades em indivíduos, grupos e organizações, sendo fundamental no processo de intervenção. Outro ponto que os autores indicaram, é referente ao baixo custo benefício, o que possibilita o indivíduo de praticar a técnica sem supervisão e não há a necessidade de utilização de qualquer tipo de equipamento ou medição.

Quando observado o dado sobre a eficiência, o artigo descreve que a técnica favorece a valorização de emoções positivas e reduz os pensamentos automáticos, favorecendo o convívio e aceitando, assim, as emoções que ocorrem durante a prática e durante a vida da pessoa, como inquietação, desconforto e impaciência.

Diante de doenças como o câncer, o artigo apresentou que a técnica é eficaz para a redução do estresse, ansiedade, depressão e menos efeitos colaterais da quimioterapia. Segundo o Brasil (2020), o câncer é um termo que abrange diferentes tipos de doenças malignas, tendo em comum o crescimento desordenado de células, podendo, assim, invadir tecidos adjacentes ou órgãos a distância. Essas células se tornam muito agressivas e incontroláveis,



*Mindfulness* como um recurso em terapia cognitivo comportamental para o tratamento de pacientes com diagnóstico de transtorno de ansiedade generalizada

determinando a formação de tumores, que podem se espalhar para outras regiões do corpo.

Para pacientes oncológicos, observou-se ser um processo significativo na redução de sintomas de ansiedade, de dor e melhora na qualidade do sono. Em clientes que portam esclerose múltipla, notou-se a diminuição nos níveis de estresse, ansiedade e depressão. Perante os pacientes cardíacos, os efeitos do *Mindfulness* Baseado em Terapia Cognitiva (MBCT) e da *Mindfulness* Baseado em Redução do Estresse (MBSR), obteve-se resultados eficazes como, redução de ansiedade, estresse e depressão. Já em residentes de medicina e estudantes de enfermagem, apresentaram além da diminuição de estresse, ansiedade e depressão, realização pessoal, autocompaixão, empatia e menos preocupação.

Diante de estratégias para pessoas com sofrimentos psíquicos, foi possível notar que a terapia cognitivo-comportamental pode auxiliar tendo como recurso o treinamento na técnica de *mindfulness* e, assim, minimizar os sintomas e produzir sensação de alívio em pacientes diagnosticados com transtorno de ansiedade generalizada.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao buscar técnicas para serem realizadas em sessões de psicoterapia com embasamento em terapia cognitiva-comportamental para indivíduos com diagnóstico de Transtorno de Ansiedade Generalizada, pode-se concluir que o *mindfulness* consegue ser eficiente no auxílio emocional a esses pacientes. Ou seja, diante dessa pesquisa, pode-se perceber que esse método possui diversos benefícios, sendo eficaz e possuindo variadas estratégias para utilizar em momentos de crises.

Por meio da análise realizada, constatou-se que o procedimento de utilizar o *mindfulness* em momentos de psicoterapia trouxe benefícios, tais como: redução da ansiedade, do estresse e diminuição da depressão, tendo como favorecimento relevante a estimulação da autocompaixão e a refocalização da atenção.



*Mindfulness* como um recurso em terapia cognitivo comportamental para o tratamento de pacientes com diagnóstico de transtorno de ansiedade generalizada

Ao buscar a verificação de quais eficiências diante do tratamento que a técnica possui, tem-se o auxílio à regulação emocional da psicoativação diante de exposições a situações estressoras com a realidade virtual. Ante a consciência emocional, tem-se o suporte para as emoções gerenciando assim, o estresse, diminuindo o afeto negativo e reduzindo atividades psicofisiológicas associadas à ansiedade. Isso tem como uma das consequências também a queda no tratamento farmacológico. Além desse ponto, foi possível observar a eficácia da técnica voltada aos pacientes portadores de doenças como câncer, oncologia, esclerose múltipla e cardíacos, quando em seus relatos indicam estar com menos ansiedade e estresse durante o tratamento.

Nessa perspectiva, pode-se listar estratégias e tipologias relacionadas às técnicas de *mindfulness* que contribuem no tratamento do transtorno de ansiedade generalizada. É possível ter a junção do *mindfulness* e a realidade virtual com equipamentos móveis imersivos como câmaras sensoriais, havendo a possibilidade de atender demandas com diagnósticos de enfermidades psíquicas diversas, facilitando a consciência e aprendizagem. É importante destacar que a prática dessa ferramenta, ensina o paciente a lidar com os desafios da vida e potencializa afetos positivos, tendo como uma das vantagens, fazer com que os pacientes lidem melhor com eventos estressantes e aceitem suas emoções de modo mais humanizado. Os dados coletados nos artigos pesquisados, mostraram a eficácia da técnica de *mindfulness* quando utilizada adequadamente em pacientes com diagnóstico de transtorno de ansiedade generalizada.

Por último, cabe ressaltar que a pesquisa realizada possui um amplo campo de estudos com direcionamento à temática e junção da técnica com a psicoterapia. Pode-se, por exemplo, investigar questões sobre os benefícios, a eficácia e estratégias para o aproveitamento da técnica de *mindfulness*, além do transtorno de ansiedade generalizada. Dessa forma, fica a sugestão de continuidade de novas pesquisas sobre o estudo desse fenômeno dentro das sessões de psicoterapia, abrangendo, investigações de natureza prática.

## REFERÊNCIAS



*Mindfulness* como um recurso em terapia cognitivo comportamental para o tratamento de pacientes com diagnóstico de transtorno de ansiedade generalizada

ASSUMPÇÃO, Alessandra de Fátima Almeida. **Terapia cognitiva baseada em mindfulness para universitários com sintomas leves e moderados de depressão, ansiedade e estresse**. 2019. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019. Disponível em:  
[bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFMG\\_b026cfb539d692b72a2c52952324341d](http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFMG_b026cfb539d692b72a2c52952324341d).  
Acesso em: 24 fev. 2022.

BECK, Judith S. **Terapia cognitivo-comportamental: teoria e prática**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2013.

BORGES, Camila S *et al.* Intervenção cognitivo-comportamental em estresse e dor crônica. **Arq. Ciência Saúde**, v. 16, n. 4, p. 181-186, out./dez. 2009. Disponível em: <http://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-607688>. Acesso em: 19 maio 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. Instituto Nacional do Câncer. **Câncer: o que é?** 2020. Disponível em: <https://www.inca.gov.br/o-que-e-cancer>. Acesso em: 23 maio 2022.

CASTRO, Filipe Silva. **Atentando-se ao mindfulness: uma revisão sistemática para análise dos conceitos, fundamentos, aplicabilidade e efetividade da técnica no contexto da terapia cognitiva**. 2014. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2014. Disponível em:  
<https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/17214/1/AtentandoMindfulnessRevisao.pdf>. Acesso em: 17 fev. 2022.

CLARK, David A. *et al.* **Terapia cognitiva para os transtornos de ansiedade**. Porto Alegre: Artmed, 2012.





*Mindfulness* como um recurso em terapia cognitivo comportamental para o tratamento de pacientes com diagnóstico de transtorno de ansiedade generalizada

DIAS, Jorge Humberto (org.). **Perspetivas sobre a felicidade:** contributos para Portugal no World Happiness Report (ONU). Lisboa: Gabinete Project@, 2020. 2 v. *E-book*. Disponível em: [https://www.researchgate.net/profile/Jorge-Dias-8/publication/339926237\\_Perspetivas\\_sobre\\_a\\_Felicidade\\_Contributos\\_para\\_Portugal\\_no\\_WHR\\_ONU\\_-\\_Volume\\_2/links/5e6c30c6a6fdccf994c663c3/Perspetivas-sobre-a-Felicidade-Contributos-para-Portugal-no-WHR-ONU-Volume-2.pdf#page=56](https://www.researchgate.net/profile/Jorge-Dias-8/publication/339926237_Perspetivas_sobre_a_Felicidade_Contributos_para_Portugal_no_WHR_ONU_-_Volume_2/links/5e6c30c6a6fdccf994c663c3/Perspetivas-sobre-a-Felicidade-Contributos-para-Portugal-no-WHR-ONU-Volume-2.pdf#page=56). Acesso em: 22 maio 2022.

GILLIHAN, Seth J. **Terapia cognitivo-comportamental:** estratégias para lidar com ansiedade, depressão, raiva, pânico e preocupação. Barueri: Manole, 2021.

GUIMARÃES, Suely *et al.* Efeitos da meditação no tratamento do estresse e da ansiedade. *Campus* Universitário Darcy Ribeiro, Instituto de Psicologia. Brasília, 2021.

KABAT-ZINN, Jon. **Atenção plena para iniciantes.** Rio de Janeiro: Sextante, 2017.

LEAHY, Robert L. *et al.* **Regulação emocional em psicoterapia:** um guia para o terapeuta cognitivo-comportamental. Porto Alegre: Artmed, 2013.

LIMA, Amanda Gonçalves; SENE, Arthur Siqueira de. Mindfulness nas terapias de redução da ansiedade. **Psicologia e Saúde em Debate**, v. 3, n. Supl. 1, p. 40-41, 2017. Disponível em: <http://psicodebate.dpgpsifpm.com.br/index.php/periodico/article/view/223/100>. Acesso em: 24 mar. 2022.

MENDONÇA, Nórthon Roberto Ferreira de *et al.* **Efeitos da terapia cognitiva baseada em mindfulness sobre a regulação emocional de pacientes com transtorno depressivo maior.** 2020. Dissertação (Mestrado) – Programa de



*Mindfulness* como um recurso em terapia cognitivo comportamental para o tratamento de pacientes com diagnóstico de transtorno de ansiedade generalizada

Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2020. Disponível em:

<https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/39051/1/DISSERTA%C3%87%C3%83O%20N%C3%B3rthon%20Roberto%20Ferreira%20de%20Mendon%C3%A7a.pdf#page27>. Acesso em: 20 maio 2022.

MENEZES, Carolina Baptista; *et al.* **Por que meditar? A experiência subjetiva da prática de meditação.** 2009. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/pe/a/6QBFP9YLtTmtMgMhYfFjjNs/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 10 fevereiro 2022.

MORAES, Laísa Silva Kasmalski de *et al.* **Resiliência no trauma: a possibilidade de manejo na terapia cognitivo-comportamental.** Rio de Janeiro: Universidade Severino Sombra, 2017. Disponível em:

<file:///C:/Users/Usuario/Downloads/910-2640-4-PB.pdf>. Acesso em: 23 maio 2022.

NORTE, Carlos Eduardo *et al.* Impacto da terapia cognitivo-comportamental nos fatores neurobiológicos relacionados à resiliência. **Rev. Psiq Clin**, Rio de Janeiro, v. 38, n. 1, p. 43-45, 2011. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rpc/a/MpzrynC4K4HsLPfCkjCFWYH/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 29 maio 2022.

OLIVEIRA, Maria Ines Santana de. Intervenção cognitivo-comportamental em transtorno de ansiedade: relato de caso. **Rev. Bras. Ter. Cogn.**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p. 30-34, jun. 2011. Disponível em

[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1808-56872011000100006&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-56872011000100006&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 20 maio 2022.

PAULA, Dirce Maria Bengel de *et al.* Realidade virtual na prática de *mindfulness* em psicoterapia: uma revisão narrativa. **Psicologia em Estudo**, v.



*Mindfulness* como um recurso em terapia cognitivo comportamental para o tratamento de pacientes com diagnóstico de transtorno de ansiedade generalizada

26, 2021. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1287637>. Acesso em: 24 mar. 2022.

PRATES, Priscila Flores *et al.* Realidade virtual nas técnicas da terapia cognitivo comportamental: transtornos de traumas, ansiedade e depressão. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, p. 624-643, 2016. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/4518/451851666018.pdf>. Acesso em: 20 maio 2022.

RIBEIRO, Débora *et al.* **Dicionário online de português**. 2018. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/beneficio/>. Acesso em: 14 maio 2022.

SANTOS, Inês Isabel Vitória dos *et al.* **Autocompaixão: a sua relação com os estados emocionais negativos**. 2012. Dissertação (Mestrado) - Curso de Psicologia, Instituto Superior Miguel Torga, Escola Superior de Altos Estudos, Coimbra, 2012. Disponível em: [https://repositorio.ismt.pt/xmlui/bitstream/handle/123456789/314/TESE\\_MESTRADO\\_IS\\_2012.pdf?sequence=1](https://repositorio.ismt.pt/xmlui/bitstream/handle/123456789/314/TESE_MESTRADO_IS_2012.pdf?sequence=1). Acesso em: 20 maio 2022.

SERRÃO, Carlat; ALVES, Silvia. Exploração da autocompaixão no contexto de um programa de mindfulness-based cognition therapy. **Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental**, n. 6, p. 85-91, 2018. Disponível em: <https://recipp.ipp.pt/bitstream/10400.22/12107/1/spe6a13.pdf>. Acesso em: 25 mar. 2022.

SILVA, Cláudio Jerônimo da *et al.* Terapias cognitiva e cognitivo-comportamental em dependência química. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, v. 26, supl. I, p. 33-39, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbp/a/mZVcWyLvfsWZDm4gYqqKhy/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 22 maio 2022.





*Mindfulness* como um recurso em terapia cognitivo comportamental para o tratamento de pacientes com diagnóstico de transtorno de ansiedade generalizada

SOUZA, Lúcia Fabíola Sobreira Costa de *et al.* Síndrome de Burnout e os cuidados da terapia cognitivo-comportamental. **Revista Multidisciplinar e de Psicologia**, 2019. Disponível em: file:///C:/Users/Usuario/Downloads/2103-8314-1-PB.pdf. Acesso em: 29 maio 2022.

SOUZA, Isabel C. Weiss de. **Mindfulness e a terapia cognitivo-comportamental**. Barueri: Manole, 2020.

VANDENBERGHE, Luc *et al.* Mindfulness nas terapias cognitivas e comportamentais. **Rev. Bras. Ter. Cogn.**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, 2006. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1808-56872006000100004&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-56872006000100004&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 10 fev. 2022.

WRIGHT, Jesse H. *et al.* **Aprendendo a terapia cognitivo-comportamental: um guia ilustrado**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2019.

ZUARDI, Antônio W. **Características básicas do transtorno de ansiedade generalizada**. Ribeirão Preto: Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, 2017.



## A EFICÁCIA DAS TÉCNICAS PSICOTERAPÊUTICAS NA TERAPIA COGNITIVO-COMPORTAMENTAL EM PACIENTES COM FIBROMIALGIA.

*The Efficacy of Psychotherapeutic Techniques in Cognitive Behavioral Therapy  
in Patients with Fibromyalgia.*

Nathalia Maiza Machado<sup>1</sup>

Jeisa Benevenuti<sup>2</sup>

**RESUMO:** A fibromialgia é uma disfunção que leva o paciente a ter de 11 a 18 pontos sensíveis, não existindo exames laboratoriais para seu diagnóstico. Sendo observada a necessidade de investigação nos fatores psicológicos, sociais, biológicos. Este artigo teve como objetivo identificar a eficácia das técnicas utilizadas no tratamento psicoterapêutico com os princípios da terapia cognitivo-comportamental para pacientes com fibromialgia. Em uma pesquisa bibliográfica, para triagem dos artigos, foi realizada busca nos sites SciELO (=0), PubMed (=0), BVS-Psi (=78), Periódicos Capes (=174) e Ebsco (=33), limitando o ano de publicação entre 2017 e 2022. Do material encontrado somente seis artigos científicos corresponderam aos critérios de inclusão. Os resultados demonstram poucos estudos na área da psicologia e, conseqüentemente, na abordagem cognitivo-comportamental. Sugere-se novos estudos com outras técnicas que podem ser utilizadas em pacientes com fibromialgia.

**Palavras-chave:** fibromialgia; abordagem cognitivo-comportamental; técnicas psicoterapêuticas.

**ABSTRACT:** *Fibromyalgia is a disorder that causes the patient to have 11 to 18 tender points, and there are no laboratory tests for its diagnosis. It noted the need for research on psychological, social, and biological factors. This article aimed to identify the efficacy of the techniques used in psychotherapeutic treatment with the cognitive-behavioral therapy principles for patients with fibromyalgia. In a*

---

1 Acadêmica do curso de Psicologia da UNIFEBE. *E-mail:* nathalia.machado@unifebe.edu.br

2 Professora orientadora. Doutora. *E-mail:* jeisa@unifebe.edu.br

A Eficácia das Técnicas Psicoterapêuticas na Terapia Cognitivo-Comportamental em Pacientes com Fibromialgia.

*bibliographic search, to screen the articles, a search was carried out on the sites SciELO (=0), PubMed (=0), VHL-Psi (=78), Capes Periodicals (=174), and Ebsco (=33), limiting the year of publication between 2017 and 2022. Of the material found, only six scientific articles met the inclusion criteria. The results demonstrate few studies in the area of psychology and, therefore, in the cognitive-behavioral approach. Further studies are suggested with other techniques that can be used in patients with fibromyalgia.*

**Keywords:** *fibromyalgia; cognitive-behavioral approach; psychotherapeutic techniques.*

## 1 INTRODUÇÃO

A fibromialgia é uma disfunção do sistema nervoso central que leva a uma dor multifocal, acompanhada de dificuldades como fadiga, sono, memória e alterações no humor, sendo considerada o fim de um continuum ao que antes era considerado um transtorno discreto. Existe uma prevalência em pacientes com fibromialgia com níveis elevados de sofrimento psicológico, sendo este um critério interdependente, entre sofrimento e a dor (CLAUW; UEDA, 2017).

É descrita como uma afecção reumatológica que tem como principal causa dor musculoesquelética difusa e crônica. As doenças reumáticas são as mais antigas e que causam certa incapacidade clínica. A fibromialgia em si só foi realmente estudada há três décadas, pois pouco se sabe acerca de tratamentos efetivamente eficazes ou sobre sua etiologia e patogênese (HEYMANN *et al.*, 2010; SENNA *et al.*, 2004).

Segundo Marques *et al.* (2017), a prevalência da fibromialgia na população geral está em torno de 0,2 e 6,6%, sendo percebido com maior prevalência no grupo feminino entre 2,4 e 6,8%. Conforme ressalta Goren *et al.* (2012), após as dores nas costas a fibromialgia é a segunda dor mais relatada, estando entre os 2% dos brasileiros entrevistados.

O estudo de Souza e Perissinotti (2018) evidenciou uma prevalência de 2% da população brasileira, sendo uma proporção de 1 homem para 5,6





A Eficácia das Técnicas Psicoterapêuticas na Terapia Cognitivo-Comportamental em Pacientes com Fibromialgia.

mulheres, destes apenas 15% usou como estratégia de tratamento o recurso psicoterapêutico, não farmacológico, enquanto 69% utilizou o tratamento farmacológico. Conforme destacado, existe uma interferência nas atividades diárias por causa da dor, isto é, ela interfere no sono, no trabalho, no autocuidado, caminhada, vida sexual, vida social, causando irritabilidade e tristeza.

Há um consenso entre os especialistas na área em relação ao tratamento da fibromialgia, ou seja, a estratégia ideal para o tratamento é que seja multidisciplinar, sendo ele farmacológico e não farmacológico, aperfeiçoado conforme a intensidade de dor do paciente (HEYMANN *et al.*, 2010). Assim, em 2004, a Sociedade Brasileira de Reumatologia publicou as primeiras diretrizes sobre fibromialgia, com o objetivo de orientar o diagnóstico e tratamento dessa síndrome (PROVENZA *et al.*, 2004).

Uma das formas de tratamento não farmacológico é baseado na terapia cognitivo-comportamental, visto que na literatura se encontra muitas vezes citada como uma terapia com maior eficácia e efetividade, com seu conjunto de técnicas como a de relaxamento, exercícios aeróbicos, alongamentos e educação familiar, compreendendo que a educação familiar é um dos pontos que mais se destaca, pois, esse apoio gera uma melhor qualidade de vida para os pacientes (PROVENZA *et al.*, 2004).

Em estudos sobre fibromialgia, percebeu o quanto é importante o trabalho multidisciplinar para o tratamento, já que evidencia o aumento de diagnósticos, e o quanto ainda não há clareza sobre tratamento específico sobre a doença. Com isso, este trabalho pretende contribuir quais as técnicas da terapia cognitivo comportamental são utilizadas e que são eficazes para o tratamento de fibromialgia.

Este artigo teve como objetivo geral identificar a eficácia das técnicas utilizadas no tratamento psicoterapêutico com os princípios da terapia cognitivo-comportamental para pacientes com fibromialgia. Para tanto definiu-se os seguintes objetivos específicos (i) Identificar as técnicas utilizadas em estudos de tratamento psicoterapêutico nas publicações com viés da Terapia Cognitivo-Comportamental; e, (ii) Verificar a eficácia das técnicas utilizadas no tratamento



psicoterapêutico com os princípios da terapia cognitivo-comportamental para fibromialgia.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 TERAPIA COGNITIVO COMPORTAMENTAL

A partir de um pressuposto que faltavam evidências nos atendimentos de depressão feitos pela abordagem psicanalítica, Aron T. Beck, mapeou distorções em transtornos emocionais, possibilitando uma maior compreensão nas cognições e nos problemas emocionais e comportamentais. Os terapeutas cognitivos-comportamentais são considerados como cientistas, visto que valorizam as evidências e atuam com uma literatura eficaz, sendo esta uma abordagem científica (WENZEL, 2018).

A terapia cognitiva-comportamental é um conjunto de teorias, desenvolvidas para planos de tratamento e orientação terapêutica. A terapia usa como base o princípio, que: nossas cognições têm influência controladora sobre as nossas emoções e comportamentos e que o modo como nos comportamos pode afetar profundamente nossos padrões de pensamento e nossas emoções. Portanto, a emoção é mais um elemento fundamental a ser trabalhado para melhoria da saúde mental (WRIGHT *et al.*, 2008).

O modelo conceitual que a perspectiva cognitivo-comportamental implementa é o evento com uma avaliação cognitiva, que gera uma emoção que resulta em um comportamento, tendo como base a relação entre pensamentos, emoções e comportamento. O terapeuta desenvolve com o paciente o reconhecimento dos pensamentos desadaptativos em dois níveis: pensamentos automáticos e esquemas (WRIGHT *et al.*, 2018).

Sobre os pensamentos, ao contrário de diversas abordagens, a cognitivo-comportamental, entende que, com os acontecimentos da vida diária do paciente, ele mesmo pode se tornar autêntico para discernir seus pensamentos e sentimentos por meio do treinamento e atenção. Sem esses treinamentos o paciente se torna refém dos pensamentos automáticos/rotineiros. Por isso, é



necessária uma mediação cognitiva para a compreensão de quais pensamentos fazem parte da vida diária (DOBSON; DOBSON, 2010).

Segundo Wenzel (2018), o objetivo da terapia é abordar os comportamentos que causam sofrimento emocional, sendo uma forma de psicoterapia ativa entre paciente e terapeuta, abordando os padrões cognitivos e comportamentais. É uma psicoterapia semiestruturada em que o terapeuta organiza um curso a ser seguido para um trabalho direcionado e eficiente.

O tempo de terapia é limitado para que o paciente e terapeuta busquem desenvolver um plano terapêutico, baseado em uma psicoeducação, para que o próprio paciente aprenda a implementar as ferramentas desenvolvidas em situações futuras, sem necessariamente a ajuda do terapeuta. Com base nesta visão, acredita-se que é uma abordagem de alívio rápido e duradouro, para o sofrimento emocional estabelecendo estratégias para futuras recorrências (WENZEL, 2018).

Segundo Abreu e Guilhardi (2004, p. 330), “Questionar é um dos procedimentos mais ricos e presentes na terapia cognitiva”. A maneira como o terapeuta faz os questionamentos é que determina o vínculo terapêutico, que conduzirá o nível de confrontação entre os dois, para o paciente conseguir expor seus pensamentos e examinar seus pontos de vista. As perguntas e questionamentos são fundamentais para identificação das mudanças de crenças e esquemas. É importante ressaltar que na terapia cognitiva as atribuições das técnicas são sempre a partir da formulação do caso, levando em consideração os objetivos já preestabelecidos com o paciente (ABREU; GUILHARDI, 2004). Ela se baseia na cognição, emoção e comportamento do paciente. Constatando que cada paciente tem uma reação a partir de um evento, e essa reação formará uma emoção baseado no que pensamos. Essa construção entre pensamento, sentimento, comportamentos, fisiologia e ambiente, que se busca intervir, pois são eles que geram os pensamentos automáticos (KNAPP, 2004).

Portanto, a terapia cognitivo-comportamental é constituída levando em conta a compreensão das nossas cognições, pensamentos e comportamentos. Ela tem como base os pensamentos, estes que muitas vezes se distorcem por causa de nossas crenças. É uma terapia desenvolvida por meio de metas e





A Eficácia das Técnicas Psicoterapêuticas na Terapia Cognitivo-Comportamental em Pacientes com Fibromialgia.

objetivos, entre paciente e terapeuta, trabalha de forma semiestruturada buscando desenvolver um plano terapêutico apoiado na psicoeducação, é indicada para vários transtornos, porque consiste em uma abordagem de evidências científicas, que segundo a literatura é uma terapia indicada para pacientes com fibromialgia, por sua eficácia.

## 2.2 FIBROMIALGIA E SEUS ASPECTOS FÍSICOS E PSICOSSOCIAIS

Fibromialgia é uma síndrome crônica, localizada em várias partes do corpo como ligamentos e tendões e com sintomas apresentados de forma persistente por mais de três meses. Alguns dos seus sintomas envolvem dores musculares, distúrbio do sono, fadiga, artrite, artrose, limitação funcional, alteração cognitiva e humor deprimido, afetando principalmente o grupo de mulheres, variando de 40 a 80 anos. Suas comorbidades frequentemente são depressão, ansiedade, síndrome do intestino irritável, enxaqueca, distúrbios temporomandibulares e disfunção sexual (BRASIO *et al.*, 2003; CHAKR, 2011).

Não existem ainda exames laboratoriais para o diagnóstico, sendo realizado com base nas queixas do paciente na presença de dores generalizadas pelo corpo, tanto superior e inferior e na coluna, definida por uma sensibilidade excessiva de 11 a 18 pontos dolorosos, tais como: nuca, ombro, braço, cotovelo, quadril, costas, coxas, pernas, joelhos e peito. O nível socioeconômico e educacional está associado aos diagnósticos (BRASIO *et al.*, 2003; GOLDENBERG, 2004).

Em pacientes com fibromialgia, deve-se levar em consideração que todos os fatores psicológicos, sociais, biológicos precisam ser abordados. Esses fatores podem levar alguns pacientes a desenvolverem depressão, ansiedade, transtorno de estresse pós-traumático, por causa das dores que sentem (ADAMS; TURK, 2015). Seu principal sintoma é a dor e, em alguns pacientes sensibilidade que pode se manifestar em diversas áreas do corpo e em intensidades diferentes, havendo variações da temperatura, estresse e ansiedade, com melhoras durante o dia e piores à noite. O sono e a fadiga também são um dos fatores importantes, pois 90% das pessoas se queixam com





dificuldades para dormir e ao acordar se sentem cansadas e relatam perda de energia, diminuição de resistência e cansaço excessivo (BRASIO *et al.*, 2003).

O tratamento deve se basear em quatro pilares: educação do paciente, condicionamento físico, farmacoterapia e psicoterapia. O paciente deve compreender que seu tratamento é individualizado, e é feito um estabelecimento de metas baseado nos sintomas, entre paciente e terapeuta (SARZI *et al.*, 2020). Em relação à autoeficácia para o processo terapêutico, é importante que após o diagnóstico o paciente entenda os seus limites e, conseqüentemente, dar pequenos passos para cumprir com as tarefas estabelecidas, para melhora do controle da dor (ADAMS; TURK, 2015).

Existem algumas características que contribuem para o desenvolvimento da fibromialgia, como: predisposição genética, experiências pessoais, fatores emocionais e cognitivos e situações estressoras. Nesse sentido, a fibromialgia tem relação entre mente e corpo, por isso a necessidade de um acompanhamento multidisciplinar (MONTENEGRO *et al.*, 2021).

O tratamento da fibromialgia busca amenizar os sintomas para desacelerar a progressão da doença de maneira que o paciente esteja envolvido no seu autocuidado, aprimorando sua capacidade funcional a fim de restaurar sua dignidade (WILLIAMS; SCHILLING, 2009). Na terapia cognitiva comportamental, pensamentos catastróficos, como "Minha dor é terrível e não há nada que eu possa fazer sobre isso" são reformulados para "Por pior que minha dor possa chegar, há coisas que posso fazer para torná-la pelo menos um pouco melhor" (HASSETT; GEVIRTZ, 2009 p. 3). Esses exemplos ilustram uma das estratégias nesse tipo de terapia para ajudar os pacientes a lidarem melhor com seus pensamentos disfuncionais. A seguir, serão descritas algumas técnicas úteis e reconhecidas na literatura científica como eficazes para o tratamento de indivíduos que necessitam de apoio psicoterapêutico.

### 2.3 TÉCNICAS DA TERAPIA COGNITIVO-COMPORTAMENTAL PARA O TRATAMENTO DA FIBROMIALGIA



As intervenções desenvolvidas por meio da terapia cognitivo-comportamental estão estruturadas para a modificação de pensamentos e expectativas mal adaptativas, para o melhoramento do humor, estresse, dor e resolução de problemas. Também envolvem intervenções comportamentais sobre ativação comportamental, exercícios graduais, estimulação de atividades, reduzir os comportamentos de dor, higiene do sono e técnicas de relaxamento. A terapia cognitivo-comportamental tem como objetivo levar o paciente à sua crença mais adaptativa em relação à dor para resultar em um melhor funcionamento (HASSETT; GEVIRTZ, 2009).

Geralmente inicia-se um conjunto de tratamento para pacientes com fibromialgia, incluindo medicamentos, programas de educação e autocuidado, controle de estresse, treinamento de relaxamento e *biofeedback*. Outras formas de tratamento que têm demonstrado eficácia são tai-chi, ioga e pilates, sendo exercícios benéficos para questões físicas, psicossociais, emocionais, espirituais e comportamentais (BUSCH *et al.*, 2011).

Descrevendo sobre os tratamentos, alguns deles se destacam na literatura, que são: o relaxamento muscular progressivo, está relacionado às tensões que os pacientes desenvolvem, que podem contribuir para a dor, é a partir do uso de imaginação e da respiração que o paciente diminui essas tensões (BUSCH *et al.*, 2011, HASSETT; GEVIRTZ, 2009).

O treinamento autogênico é desenvolvido por meio de relaxamento muscular que contribui para que o corpo volte ao seu estado equilibrado, seja com imagens ou exercícios mentais. Podem ser divididos em três tipos de exercícios: os que se concentram no corpo, exercícios de meditação e os que se fixam em problemas específicos (SOUSA FILHO, 2009).

A reestruturação cognitiva são estratégias que contribuem para que o paciente aprenda a lidar com suas dores por meio das crenças disfuncionais (MOZHI, ARUMUGAM, 2021). Baseado nessa reestruturação cognitiva o paciente atribui técnicas como a de meditação ou *biofeedback* que está voltada para o bem-estar físico, emocional e mental, que auxilia na redução de estresse e ansiedade. A meditação é realizada por meio de sons, cenas agradáveis com foco na respiração e pensamentos no aqui e agora (MENEZES; DELL'AGLIO,



2009). E a *biofeedback* é elaborada com técnicas de respiração com estados mentais (HASSETT; GEVIRTZ, 2009). Essas são algumas das intervenções que a literatura contribui para o tratamento de pacientes com fibromialgia na abordagem da terapia cognitivo-comportamental, que visam contribuir para o relaxamento progressivo por meio da psicoeducação.

### 3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

É por meio do método que se chega a algumas hipóteses para a comprovação de problemas científicos, para traçar resultados válidos por diversos cientistas (MARCONI; LAKATOS, 2011). Este estudo consiste em uma investigação exploratória sobre os recursos terapêuticos em terapia cognitivo-comportamental para o tratamento da fibromialgia. Foram realizadas buscas nas bases de dados, entre os anos 2017 a 2022, em artigos e materiais bibliográficos em português. Assim sendo, realizou-se a busca por meio das bases de dados: SciELO, PubMed, BVS-Psi, Periódicos Capes e Ebsco.

As palavras-chave utilizadas para a busca de dados foram: “fibromialgia” combinado com o “tratamento não farmacológico”, “recursos terapêuticos”, “técnicas da terapia cognitivo-comportamental”. Os critérios de exclusão foram: artigos repetidos nas bases, publicações anteriores ao ano de 2017, os que tratam fibromialgia como comorbidade, ou que estavam incompletos, artigos de outras abordagens psicológicas, artigos de permissão limitada para assinantes, artigos que não tinham como enfoque a fibromialgia, e trabalhos acadêmicos de outra natureza como monografia, dissertação, tese, trabalho apresentado em congresso.

Primeiramente realizou-se a leitura dos resumos dos artigos encontrados, para análise dos critérios selecionados. Também se fez necessário a leitura de alguns artigos na íntegra (que não continham todas as informações no resumo) para aplicação dos critérios de inclusão e exclusão.

### 4 ANÁLISE DOS RESULTADOS





A Eficácia das Técnicas Psicoterapêuticas na Terapia Cognitivo-Comportamental em Pacientes com Fibromialgia.

A busca dos dados gerou o total de 285 artigos (SciELO: 0, Pubmed: 0, BVS: 78, Periódicos Capes: 174, Ebsco: 33). Na base de dados BVS, pesquisou-se as palavras-chave com o complemento “ou” que gerou 1.604 resultados. Desses, 2 (dois) corroboraram com os critérios de seleção. Com a troca do complemento da busca para “e” a busca gerou 78 resultados, sendo os mesmos dois artigos que reafirmaram com os critérios estabelecidos. Dessa forma, dos 285 artigos encontrados, 279 foram excluídos por não atenderem aos critérios de inclusão e exclusão. Com base na leitura dos resumos e aplicação dos critérios condizentes com o objetivo do artigo selecionou-se 6 (seis) artigos, os quais estão expostos no Quadro 1:

Quadro1 - Descrição das principais características dos estudos revisados

Autores (as) (Ano)	Revista Científica	Objetivo	Resultados/ Conclusões
1. Freitas <i>et al.</i> , (2017)	Revista Brasileira Reumatologia	Avaliar o impacto do apoio social sobre os sintomas de mulheres brasileiras com fibromialgia.	O estudo, por meio do inventário de depressão de Beck, demonstrou diferenças entre os grupos com apoio social ruim (ASR) e apoio social normal (ASN), na depressão, no afeto negativo e na sensibilidade à dor. Ressaltando que pacientes com baixa interação social têm a tendência de reduzir as emoções positivas e negativas sendo tendenciosos a depressão. Portanto, entende-se que o apoio social é importante para melhor qualidade de vida da população com fibromialgia.
2. Casado-Morales; Laguna-Bonilla (2017)	Revista Clínica e Saúde	Fornecer ferramentas para o correto manejo do quadro de dor crônica, de um paciente homem de 28 anos, por meio do tratamento cognitivo	O tratamento foi por meio de técnicas cognitivas comportamentais, como: psicoeducação, respiração e relaxamento, gestão de atenção, reestruturação cognitiva, assertividade e capacidade de comunicação, manejo da ansiedade antecipatória e higiene do sono em conjunto com a equipe

A Eficácia das Técnicas Psicoterapêuticas na Terapia Cognitivo-Comportamental em Pacientes com Fibromialgia.

		comportamental.	multidisciplinar. Elas foram eficazes para o aumento das atividades diárias, e contribuíram para uma melhor qualidade de vida, substituindo os pensamentos negativos por adaptativos, estabelecendo um padrão para o sono e diminuindo a frequência de sintomas dolorosos.
3. Chica <i>et al.</i> , (2019)	Cadernos de Psicologia do Esporte	Avaliar os efeitos de um programa de dança, no nível de sintomas, capacidade funcional, variáveis psicológicas e composição corporal, em uma amostra de mulheres entre 45 e 70 anos com fibromialgia.	Os resultados por meio do inventário de Beck indicaram que o programa de dança espanhola, produziu melhoras no humor, depressão e no nível de ansiedade, concluindo, que a atividade prática da dança, poderia ajudar pessoas com fibromialgia a melhorar a qualidade de vida. Os autores ressaltam que os padrões psicológicos podem ser o resultado não a causa da fibromialgia.
4. Carvalho <i>et al.</i> , (2020)	Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool Drog	Analisar o efeito do <i>mindfulness</i> associado com educação em neurociência da dor na percepção da dor, sono e capacidade funcional em adultos de maior ou igual a 40 anos diagnosticadas com fibromialgia.	Foi elaborada a prática de <i>mindfulness</i> para redução de estresse, esta que envolve treinamento de mente a atenção em alguma atividade cognitiva, baseada na respiração. A pesquisa desenvolveu dois grupos, o grupo GM (meditação) e o GMEND (grupo meditação e educação em neurociências da dor). Os dois obtiveram resultados positivos, tanto nos sintomas quanto na capacidade funcional, níveis de humor e sono, como também nos sintomas de ansiedade e depressão. Os autores ressaltaram que a prática meditativa, possui uma boa eficácia na capacidade funcional, nos sintomas patológicos e psicológicos.
5. Wagner <i>et al.</i>	Revista	Avaliar o equilíbrio, o controle motor e a qualidade de vida em	Durante o estudo com pacientes com fibromialgia, a partir da escala de depressão de Beck, poucos participantes demonstraram um estágio mais severo, a maioria

A Eficácia das Técnicas Psicoterapêuticas na Terapia Cognitivo-Comportamental em Pacientes com Fibromialgia.

(2020)	Fisioterapia Brasil	11 voluntários com idade entre 18 e 75 anos com fibromialgia.	evidencia depressão leve. Os autores notaram que a depressão é muito frequente em pacientes com fibromialgia afetando a sua funcionalidade e a qualidade de vida.
6. Mozhi; Arumugam (2021)	Revista Pesquisa Fisioterapia	Determinar o efeito da combinação de terapia cognitivo comportamental juntamente com técnicas de fisioterapia na gestão de sintomas de fibromialgia, em 60 participantes com idades entre 18 e 50 anos.	Percebeu-se que o tratamento de TCC através da identificação dos pensamentos automáticos, crenças nucleares, comunicação assertiva combinada com IPT (Fisioterapia Integrada), demonstrou-se benéfica, visto que a TCC trabalha com o enfrentamento e os pensamentos desadaptativos. Com isso, houve melhoras na dor, qualidade de vida e saúde física e mental, reduzindo sintomas da depressão e adquirindo uma melhora na saúde física e mental de pacientes com fibromialgia.

Fonte: Elaborado pelos autores (2022).

Por meio dos resultados encontrados nas bases de dados (285), foi possível observar que existe material restrito na língua portuguesa fazendo relação entre a terapia cognitivo-comportamental e a fibromialgia. Pode-se notar ainda que a maioria dos artigos estão relacionados às áreas de fisioterapia e à educação física. A seguir, serão caracterizadas as principais Técnicas de Tratamento observadas nos artigos pesquisados, o manejo psicoterapêutico da fibromialgia, bem como a coerência (eficácia) das técnicas utilizadas no tratamento psicoterapêutico com os princípios da Terapia Cognitivo-Comportamental.

Apenas os autores Casado-Morales; Laguna-Bonilla e Mozhi; Arumugam fizeram uso de mais de uma técnica no manejo do tratamento da fibromialgia. Os demais autores observados fizeram uso de apenas uma técnica específica como recurso terapêutico para o tratamento.

#### 4.1 TÉCNICAS UTILIZADAS NA AVALIAÇÃO E TRATAMENTO DA FIBROMIALGIA





#### 4.1.1 O inventário de depressão de Beck

O inventário de depressão de Beck é uma autoavaliação de depressão. É composto por 21 questões e ele avalia a intensidade de sintomas, tais como: tristeza, pessimismo, perda de prazer para realização das atividades, sentimento de culpa e punição, sensação de calor, insegurança, tremor nas mãos e medo de perder o controle (HUTZ, 2016, p. 252). Uma das técnicas que se observou nos textos citados foi a aplicação do inventário de Beck, pois a dor difusa e crônica corrobora para alterações psicológicas, favorecendo a ocorrência de transtornos psiquiátricos, sendo um deles a depressão. O estudo de Cordeiro *et al.* (2021) identificou que 80% da população que participou da pesquisa apresentavam sintomas depressivos, pontuando que pacientes que sofrem com fibromialgia têm a tendência de ter comorbidades psiquiátricas.

Conforme a Associação Brasileira de Fibromialgia, o inventário de Beck é um dos instrumentos validados para o auxílio de diagnósticos para fibromialgia, pois é por meio da mensuração dos pontos dolorosos correlacionadas à depressão e estresse que é avaliada a doença para o futuro manejo clínico (HEYMANN *et al.*, 2017). Assim sendo, compreende-se a importância da avaliação diagnóstica dos transtornos psiquiátricos. Esses pacientes, quando avaliados corretamente, podem ser auxiliados por profissionais da área da saúde a aumentar sua qualidade de vida e bem-estar psicológico. Ao contrário, quando não avaliados adequadamente, podem ser prejudicados, intensificando suas dores crônicas e aumentando as chances de desenvolvimento de comorbidades e outros transtornos de ordem psiquiátrica.

#### 4.1.2 Psicoeducação

Nos dados coletados, a técnica de Psicoeducação foi observada em 1 (um) estudo realizado por Casado-Morales e Laguna-Bonilla (2017). Dessa maneira, a técnica de Psicoeducação teve como objetivo orientar o paciente, seja sobre seus comportamentos, ou consequências deles, ou suas crenças,



valores que perpassam a vida dele (BECK, 2013). A base é a orientação, seja ela por meio de vivências do próprio paciente, livros de autoajuda, apostilas, questionários ou até mesmo programas de computador ou celular (WRIGHT *et al.*, 2018).

Segundo Nogueira *et al.* (2017), a psicoeducação é indicada como proposta de intervenção para transtornos psicológicos, conceituando a importância do paciente se tornar seu próprio terapeuta. Com isso, o autor destaca a importância da terapia cognitivo-comportamental, pois muitos pacientes podem ser prejudicados por seus transtornos como a fibromialgia. Dessa maneira, a terapia baseada na psicoeducação em conjunto com a medicação é de extrema importância para diminuição dos sintomas. A psicoeducação contribui para instruir o paciente e os familiares sobre o transtorno, diagnóstico, sintomas, e até mesmo como funcionará o tratamento. (PELLEGRINELLI, 2010).

É possível notar como a psicoeducação é uma ferramenta amplamente utilizada no contexto clínico e que pode gerar conhecimentos importantes para beneficiar o paciente sobre a forma de agir em relação aos seus comportamentos e pensamentos disfuncionais. Como resultado, o paciente com fibromialgia recebe orientações sobre as consequências de suas ações, contribuindo em maior qualidade de vida para o paciente após o diagnóstico.

#### **4.1.3 Respiração, relaxamento e *mindfulness* em terapia cognitivo-comportamental**

Citado no estudo de Casado-Morales, Laguna-Bonilla (2017) e Carvalho *et al.* (2020) são técnicas utilizadas pela Terapia Cognitivo Comportamental, e nos estudos descritos contribuíram para redução de estresse. Geralmente, em situações de estresse há maior chance de se desenvolver pensamentos automáticos, generalização. Por meio do recurso de respiração, há possibilidade de fazer com que o paciente volte à sua reestruturação cognitiva, diminuindo a tensão que o diagnóstico pode trazer e contribuindo para seu bem-estar (MARQUES; DELFINO, 2016).



É possível definir que as técnicas de relaxamento são estratégias para combater o estresse que o próprio diagnóstico pode causar. Com isso, o relaxamento propôs ao paciente reconhecer seu corpo, reduzir tensões, para reduzir a ansiedade diante do que está por vir (MARQUES; DELFINO, 2016). Conforme ressalta Vandenberghe e Sousa (2006), a técnica de *Mindfulness* contribui para a prevenção de recaída para depressão e redução de estresse, visto que estas são uma das comorbidades para pacientes com fibromialgia. São exercícios que vivenciam o momento em que se está vivendo no presente sem julgamentos, sem querer mudar ou controlá-los, permitindo estar com a atenção plena no momento em que os pensamentos negativos emergem, para agir de forma efetiva, de acordo com os seus valores.

Pacientes com fibromialgia frequentemente não desenvolvem um relaxamento funcional, pois um dos sintomas da doença é a tensão muscular e psicológica. Como resultado, os autores enfatizam a necessidade do uso do relaxamento como estratégia de combate ao estresse diário, uma vez que contribuirá para o bem-estar psicológico do paciente.

#### **4.1.4 Gestão de atenção**

Com base na pesquisa de Casado-Morales, Laguna-Bonilla (2017) acredita que a partir das imagens mentais o paciente direciona a atenção para outras experiências que não envolvam atividade prazerosa, atividades cotidianas que por meio da imaginação consiga redirecionar a sua dor com a atenção em outros estímulos (CASADO-MORALES; LAGUNA-BONILLA, 2017). Essa abordagem é fundamental para pacientes com dor crônica, pois estabelece estratégias de enfrentamento em relação aos sentimentos de dor é um dos aspectos importantes para a psicoterapia.

#### **4.1.5 Reestruturação cognitiva: pensamentos automáticos, crenças nucleares e assertividade no manejo da ansiedade**





## A Eficácia das Técnicas Psicoterapêuticas na Terapia Cognitivo-Comportamental em Pacientes com Fibromialgia.

No estudo de Casado-Morales; Laguna-Bonilla (2017) e Mozhi; Arumugam (2021) evidenciou-se eficácia do tratamento em pacientes com fibromialgia que utilizaram reestruturação cognitiva, pensamentos automáticos, crenças nucleares e assertividade. Estas são um conjunto de técnicas que ajudam a identificar pensamentos automáticos e crenças que contribuem com as habilidades para mudar as cognições (WRIGHT *et al.*, 2018). A reestruturação cognitiva ocorre por meio da conversa entre paciente e terapeuta, conceituando os pensamentos disfuncionais que desencadeiam situações de sofrimento emocional, baseado no questionamento socrático, promovendo para os pacientes conclusões suas respostas (WENZEL, 2018).

Outra ferramenta de reestruturação cognitiva é o registro de pensamentos automáticos, que ajuda o paciente a identificar quais pensamentos automáticos surgem e em quais situações por meio de anotações, como em uma tabela. Essas ferramentas auxiliam na redução do estresse, já que pacientes com fibromialgia tendem a aumentar seus níveis de estresse em decorrência do medo, e a reestruturação cognitiva estimula o paciente a enxergar as circunstâncias da vida de forma mais equilibrada (WENZEL, 2018).

Muitos pacientes diagnosticados constroem uma visão negativa de si mesmo, do mundo, dos outros e do futuro. Assim sendo, a reestruturação vem para remodelar as crenças que, conseqüentemente, diminuem os pensamentos automáticos, para lidarem com os estresses de forma mais adaptativa. Em um estudo com pacientes com fibromialgia ressalta-se que com a reestruturação cognitiva, obteve-se resultados positivos, na diminuição do estresse. Fontes internas de estresse, como emoções irracionais, ansiedade, depressão e falta de assertividade, podem contribuir para um alto nível de estresse (WENZEL, 2018; BRASIO *et al.*, 2003).

Outra forma de conceituar a reestruturação cognitiva é por meio do treino de assertividade que contribui para melhores resultados em pacientes que já estão identificando os pensamentos automáticos e crenças, pois facilita ao paciente aprimorar habilidades existentes, colaborando em uma melhor qualidade de vida. Sendo capaz de defender seus direitos, de maneira que consiga se expressar tendo consciência das conseqüências, conceituando que



A Eficácia das Técnicas Psicoterapêuticas na Terapia Cognitivo-Comportamental em Pacientes com Fibromialgia.

a assertividade colabora para novos conceitos de si mesmo, do comportamento e dos pensamentos (SOUSA; NICHOLLETII; DONADON, 2021).

Muitas das técnicas cognitivas-comportamentais contribuem para o amontoamento das expectativas futuras, sendo técnicas que colocam o paciente em situações do seu cotidiano que lhe gera ansiedade, até que a ansiedade comece a diminuir gradativamente, sendo esta uma forma do paciente conseguir enfrentar as situações e não fugir delas por suas crenças negativas, aumentando seu senso de autoeficácia. Com isso, o próprio paciente começa a checar a validade dos seus pensamentos e construir novas crenças, promovendo uma redução do medo (MULULO, 2009).

Um dos fatores destacados pelos autores é a importância de reestruturar o paciente diagnosticado com fibromialgia, percebe-se que após o diagnóstico o paciente tem pensamentos catastróficos e desesperançosos que lhe geram crenças sobre como viverá o amanhã, sendo assim, é função do terapeuta junto do paciente identificar esses pensamentos e crenças para entender o processo de diagnóstico contribuindo para diminuição dos sintomas.

#### 4.1.6 Higiene do sono

Segundo Casado-Morales; Laguna-Bonilla (2017), outra técnica que contribui para pacientes com fibromialgia é a da higiene do sono, porque 75% dos pacientes com fibromialgia relatam insônia e como resultado, o número de medicamentos prescritos aumentou. O termo "higiene do sono" refere-se a um conjunto de orientações que visam à mudança de hábitos que podem ser prejudiciais à saúde do sono. Os estudos demonstram melhora na qualidade do sono e das dores (ORLANDI *et al.*, 2012). Segundo Edinger *et al.* (2005), os estudos obtiveram resultados mais significativos com os pacientes que realizaram abordagem cognitiva-comportamental e higiene do sono.

Após o diagnóstico de fibromialgia muitos pacientes relatam sofrer com insônia após a utilização de medicamentos, sendo necessário desenvolver um plano de ação com a higiene do sono para que o paciente consiga dormir melhor e alcançar a reposição imunológica necessária para um sono reparador.



## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo teve como objetivo geral identificar a eficácia das técnicas utilizadas no tratamento psicoterapêutico com os princípios da terapia cognitivo-comportamental para pacientes com fibromialgia. A realização desta pesquisa possibilitou um estudo sobre a eficácia das técnicas cognitivas-comportamentais em pacientes com fibromialgia fundamentado em uma pesquisa bibliográfica. Como resultado, foi possível constatar que há poucas informações publicadas sobre o assunto nas bases de dados de língua portuguesa, em áreas como psicologia, percebendo que há maior quantidade de publicações nas áreas de educação física e fisioterapia e na língua inglesa. Os artigos observados revelam características que destacam a necessidade de terapia cognitivocomportamental para pacientes com fibromialgia.

Após a leitura dos textos foi possível compreender que após a realização do diagnóstico é de extrema importância o acompanhamento com equipe multiprofissional como médico, fisioterapeuta, psicólogo e *personal trainer*, esse atendimento contribui para uma melhor qualidade de vida do paciente. As técnicas utilizadas na Terapia cognitivo-comportamental são essenciais para ativar seu processo de melhoria e facilitar a compreensão de seus sentimentos e pensamentos em geral, disfuncionais. Ao ser considerada uma doença “sem cura”, muitos pacientes entram em estado de desespero e ficam sem esperança sobre seu futuro. Ainda valendo-se de técnicas cognitivo-comportamentais pode-se notar que há uma diminuição das dores relacionadas à fibromialgia de maneira que os pacientes consigam ver o diagnóstico com outra perspectiva atribuindo um sentido que aprimora seu desenvolvimento pessoal e auxilia a amenizar seu sofrimento emocional. Outra estratégia que poderia ser utilizada pelos psicoterapêuticos no processo de psicoeducação e mais bem explorada em outros estudos seria a atribuição de sinais e sintomas percebidos pelo paciente como consequência (das relações comportamentais que se estabelecem na trajetória da configuração de sua doença) e não como “causas”,





A Eficácia das Técnicas Psicoterapêuticas na Terapia Cognitivo-Comportamental em Pacientes com Fibromialgia.

para serem as eliciadoras dos sintomas vivenciados. As técnicas citadas e observadas nos estudos selecionados parecem ter sido utilizadas com coerência o modelo cognitivo-comportamental. Seguem seus princípios básicos orientadores. Seria relevante que os pesquisadores oferecessem mais detalhes sobre as etapas de seu processo de atuação profissional ao utilizar técnicas respaldadas em determinadas abordagens. Dessa forma, poderia ser mais bem verificada a coerência com os conceitos deste sistema teórico.

São necessários ainda novos estudos sobre técnicas eficientes para o tratamento de pacientes com fibromialgia, técnicas que avaliem a especificidade da atuação profissional exigida para tratar a complexidade de uma doença como é descrita na literatura a fibromialgia.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Cristiano Nabuco de; GUILHARDI, Hélio José (org.). **Terapia comportamental e cognitivo-comportamental: práticas clínicas**. São Paulo: Roca, 2004.

ADAMS, Leah; TURK, Dennis. Psychosocial factors and central sensitivity syndromes. **Current Rheumatology Reviews**, v. 11, n. 2, p. 96-108, 2 jul. 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.2174/1573397111666150619095330>. Acesso em: 25 maio 2022.

BECK, J. S. **Terapia Cognitiva-Comportamental: teoria e prática**. 2. ed. Porto Alegre. Artmed. 413 p., 2013.

BRASIO, Karina Magalhães *et al.* Comparação entre três técnicas de intervenção psicológica para tratamento da fibromialgia: treino de controle de stress, relaxamento progressivo e reestruturação cognitiva. **Revista de Ciências Médicas**, v. 12, n. 4, p. 307-318, 2003. Disponível em: <https://seer.sis.puc-campinas.edu.br/cienciasmedicas/article/view/1246/1221>. Acesso em: 24 maio 2022.



A Eficácia das Técnicas Psicoterapêuticas na Terapia Cognitivo-Comportamental em Pacientes com Fibromialgia.

BUSCH, Angela J. *et al.* Exercise therapy for fibromyalgia. **Current Pain and Headache Reports**, v. 15, n. 5, p. 358-367, 5 jul. 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s11916-011-0214-2>. Acesso em: 25 maio 2022.

CARVALHO, Lucas Pelegrini Nogueira de *et al.* Efeitos da meditação associada à educação em neurociências da dor em adultos com fibromialgia: ensaio clínico controlado e randomizado. **SMAD Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas (Edição em Português)**, v. 16, n. 3, p. 3-13, 30 set. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.1806-6976.smad.2020.167602>. Acesso em: 26 maio 2022.

CASADO MORALES, María Isabel; LAGUNA BONILLA, Sara. Trastorno de síntomas somáticos: de la sospecha de simulación al tratamiento cognitivo-conductual. **Clínica y Salud**, v. 28, n. 3, p. 131-138, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.clysa.2017.05.004>. Acesso em: 25 maio 2022.

CHAKR, Rafael Mendonça da Silva. **Efeitos da terapia cognitivo-comportamental na responsividade nociceptiva de mulheres com fibromialgia**. 2011.

CHICA, A. *et al.* Efeitos de um programa de dança espanhola em mulheres com fibromialgia. **Cadernos de Psicologia do Esporte**, v. 19, n. 2, p. 52-63, 2019.

CLAUW, Daniel J.; UEDA, Hiroshi. Summary of the fibromyalgia research symposium 2016 in nagasaki. **PAIN Reports**, v. 2, n. 1, p. e582, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1097/pr9.0000000000000582>. Acesso em: 25 maio 2022.

CORDEIRO, Isabele Monteiro *et al.* **Avaliação da funcionalidade e a correlação com ansiedade e depressão em pacientes com fibromialgia atendidos no IMIP**. 2021.



DOBSON, Deborah; DOBSON, Keith S. **A terapia cognitivo-comportamental baseada em evidências**. Porto Alegre: ArtMed, 2010. 263 p. ISBN 9788536323725.

EDINGER, Jack D. *et al.* Behavioral insomnia therapy for fibromyalgia patients. **Archives of Internal Medicine**, v. 165, n. 21, p. 2527, 28 nov. 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1001/archinte.165.21.2527>. Acesso em: 26 maio 2022.

FREITAS, Rodrigo Pegado de Abreu *et al.* Impacto do apoio social sobre os sintomas de mulheres brasileiras com fibromialgia. **Revista Brasileira de Reumatologia**, v. 57, n. 3, p. 197-203, maio 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.rbr.2016.05.002>. Acesso em: 26 maio 2022.

GOLDENBERG, Don L. Management of fibromyalgia syndrome. **JAMA**, v. 292, n. 19, p. 2388, 17 nov. 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.1001/jama.292.19.2388>. Acesso em: 25 maio 2022.

GOREN, Amir *et al.* Prevalence of pain awareness, treatment, and associated health outcomes across different conditions in Brazil. **Revista Dor**, v. 13, n. 4, p. 308-319, dez. 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s1806-00132012000400002>. Acesso em: 24 maio 2022.

HASSETT, Afton L.; GEVIRTZ, Richard N. Nonpharmacologic treatment for fibromyalgia: patient education, cognitive-behavioral therapy, relaxation techniques, and complementary and alternative medicine. **Rheumatic Disease Clinics of North America**, v. 35, n. 2, p. 393-407, maio 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.rdc.2009.05.003>. Acesso em: 25 maio 2022.

HEYMANN, Roberto Ezequiel *et al.* Consenso brasileiro do tratamento da fibromialgia. **Revista Brasileira de Reumatologia**, v. 50, n. 1, p. 56-66, fev. 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0482-50042010000100006>. Acesso em: 24 maio 2022.





HEYMANN, Roberto E. *et al.*, New guidelines for the diagnosis of fibromyalgia. **Revista Brasileira de Reumatologia (English Edition)**, v. 57, p. 467-476, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.rbre.2017.07.002>. Acesso em: 25 maio 2022.

HUTZ, Claudio Simon *et al.* **Psicodiagnóstico**. Porto Alegre: ArtMed, 2016. 422 p. ISBN 978-85-8271-312-9.

KNAPP, Paulo. **Terapia cognitivo-comportamental na prática psiquiátrica**. 1. ed. Porto Alegre: ArtMed, 2004. 513 p. ISBN 978-85-363-1016-9.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2011. 314 p. ISBN 9788522466252.

MARQUES, Amelia Pasqual *et al.* A prevalência de fibromialgia: atualização da revisão de literatura. **Revista Brasileira de Reumatologia**, v. 57, n. 4, p. 356-363, jul. 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.rbr.2016.10.004>. Acesso em: 24 maio 2022.

MARQUES, Eunaiara Ligia Lira; DELFINO, Telma Elita. CONTRIBUIÇÕES DAS TÉCNICAS DE RESPIRAÇÃO, RELAXAMENTO E MINDFULNESS NO MANEJO DO ESTRESSE OCUPACIONAL. **O portal dos Psicólogos**, v. 5, p. 1-13, 2016.

MENEZES, Carolina Baptista; DELL'AGLIO, Débora Dalbosco. Por que meditar? A experiência subjetiva da prática de meditação. **Psicologia em Estudo**, v. 14, n. 3, p. 565-573, set. 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s1413-73722009000300018>. Acesso em: 25 maio 2022.

MONTENEGRO, Mariana Lima *et al.* Perspectivas do manejo terapêutico em pacientes com fibromialgia: uma revisão integrativa. **Revista Eletrônica**



A Eficácia das Técnicas Psicoterapêuticas na Terapia Cognitivo-Comportamental em Pacientes com Fibromialgia.

**Acervo Saúde**, v. 13, n. 6, p. e7926, 28 jun. 2021. Disponível em:  
<https://doi.org/10.25248/reas.e7926.2021>. Acesso em: 25 maio 2022.

MOZHI, Arun; ARUMUGAM, Narkeesh. Effects of cognitive behavioral therapy in patients with fibromyalgia: a single blind, randomized controlled study.

**Revista Pesquisa em Fisioterapia**, v. 11, n. 1, p. 40-49, 14 jan. 2021.  
Disponível em: <https://doi.org/10.17267/2238-2704rpf.v11i1.3309>. Acesso em:  
25 maio 2022.

MULULO, Sara Costa Cabral *et al.* Terapias cognitivo-comportamentais, terapias cognitivas e técnicas comportamentais para o transtorno de ansiedade social. **Archives of Clinical Psychiatry (São Paulo)**, v. 36, n. 6, p. 221-228, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0101-60832009000600002>. Acesso em: 25 maio 2022.

NOGUEIRA, Carlos André *et al.* A IMPORTÂNCIA DA PSICOEDUCAÇÃO NA TERAPIA COGNITIVO COMPORTAMENTAL: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA. **Revista das Ciências da Saúde do Oeste Baian**, v. 2, n. 1, p. 108-120, 2017.

ORLANDI, Aline Cristina *et al.* Melhora da dor, do cansaço e da qualidade subjetiva do sono por meio de orientações de higiene do sono em pacientes com fibromialgia. **Revista Brasileira de Reumatologia**, v. 52, n. 5, p. 672-678, out. 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0482-50042012000500003>. Acesso em: 25 maio 2022.

PELLEGRINELLI, Karina de Barros. **Impacto da Psicoeducação na Recuperação Sintomática e Funcional dos Pacientes**. 2010. 168 p. Dissertação de Mestrado - Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

PROVENZA JR, *et al.* Diretrizes da Fibromialgia - **Sociedade Brasileira de Reumatologia**, 2004. Disponível em:



A Eficácia das Técnicas Psicoterapêuticas na Terapia Cognitivo-Comportamental em Pacientes com Fibromialgia.

[http://www.projetodiretrizes.org.br/projeto\\_diretrizes/052.pdf](http://www.projetodiretrizes.org.br/projeto_diretrizes/052.pdf). Acesso em: 25 maio 2022.

SARZI-PUTTINI, Piercarlo *et al.* Fibromyalgia: an update on clinical characteristics, aetiopathogenesis and treatment. **Nature Reviews Rheumatology**, v. 16, n. 11, p. 645-660, 6 out. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1038/s41584-020-00506-w>. Acesso em: 25 maio 2022.

SENNA, Erika Rodrigues *et al.* Prevalence of rheumatic diseases in Brazil: a study using the COPCORD approach. **The Journal of rheumatology**, v. 31, n. 3, p. 594-597, 2004. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/14994410/>. Acesso em: 24 maio 2022.

SOUSA, Anielle Batista de; NICHOLLETII, Edela Aparecida; DONADON, Mariana Fortunata. Um treino de assertividade na terapia cognitivo comportamental: um estudo de caso. **Revista Eixo**, v. 10, n. 2, p. 48-53, 2021.

SOUSA-FILHO, Paulo G. Introdução aos métodos de relaxamento. *In*: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais. 14º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS**. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2009. Disponível em: <https://www.centroreichiano.com.br/artigos/Anais-2009/SOUSA-FILHO-Paulo-Gomes-Introducao-aos-metodos.pdf>. Acesso em: 25 maio 2022.

SOUZA, Juliana Barcellos de; PERISSINOTTI, Dirce Maria Navas. The prevalence of fibromyalgia in Brazil – a population-based study with secondary data of the study on chronic pain prevalence in Brazil. **Brazilian Journal of Pain**, v. 1, n. 4, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.5935/2595-0118.20180065>. Acesso em: 24 maio 2022.

VANDENBERGHE, Luc; SOUSA, Ana Carolina Aquino de. Mindfulness nas terapias cognitivas e comportamentais. **Rev. bras.ter. cogn.**, Rio de Janeiro, v.





A Eficácia das Técnicas Psicoterapêuticas na Terapia Cognitivo-Comportamental em Pacientes com Fibromialgia.

2, n. 1, p. 35-44, jun. 2006. Disponível em:

[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1808-56872006000100004&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-56872006000100004&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 4 abr. 2022.

WAGNER, Leydnaya Maria Souza *et al.* Avaliação estabilométrica, eletromiográfica e qualidade de vida em pacientes com fibromialgia.

**Fisioterapia Brasil**, v. 21, n. 1, p. 8, 8 mar. 2020. Disponível em:

<https://doi.org/10.33233/fb.v21i1.2259>. Acesso em: 26 maio 2022.

WENZEL, Amy. **Inovações em terapia cognitivo-comportamental:**

intervenções estratégicas para uma prática criativa. 1. ed. Porto Alegre:

ArtMed, 2018. 204 p. ISBN 9788582715024.

WILLIAMS, David A.; SCHILLING, Stephen. Advances in the assessment of fibromyalgia. **Rheumatic Disease Clinics of North America**, v. 35, n. 2, p.

339-357, maio 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.rdc.2009.05.007>.

Acesso em: 25 maio 2022.

WRIGHT, Jesse H.; BASCO, Monica R.; THASE, Michael E.. **Aprendendo a**

**Terapia Cognitivo-Comportamental:** um guia ilustrado. Tradução Mônica

Giglio Armando. Porto Alegre: Artmed, 2008. 223 p.

WRIGHT, Jesse H. *et al.* **Aprendendo a Terapia Cognitivo-Comportamental-**

**Um Guia Ilustrado.** 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2018.



## A CONSTRUÇÃO DO PAPEL MATERNO: UMA ANÁLISE DA OBRA CINEMATOGRAFICA “TULLY” (2018) NA PERSPECTIVA DO PSICODRAMA

*THE CONSTRUCTION OF THE MATERNAL ROLE: AN  
ANALYSIS OF THE CINEMATOGRAPHIC WORK “TULLY” (2018)  
FROM THE PERSPECTIVE OF PSYCHODRAMA*

Sabrina Cabral Rocha<sup>1</sup>

Andréia Martins<sup>2</sup>

**RESUMO:** A maternidade é um período caracterizado por grandes mudanças em vários âmbitos da vida de uma mulher, que acarretam transformações e reflexões internas importantes. Neste artigo se discutem fundamentos importantes da teoria psicodramática identificados na obra cinematográfica “Tully” (2018), dirigida por Jason Reitman que tem como tema a maternidade. Nesse sentido, esta pesquisa tem como objetivo geral compreender como ocorre a construção do papel materno, no contexto da obra cinematográfica “Tully” (2018), na perspectiva do Psicodrama. O presente estudo se caracteriza como uma pesquisa exploratória, que tem como método o estudo de caso. Observou-se, por meio das cenas analisadas, os conceitos de papel, espontaneidade-criatividade e realidade suplementar. Levando em consideração esses aspectos, conclui-se que o processo de se tornar mãe, parte primeiramente das conservas culturais da mulher e a elaboração do papel materno se dá pelas fases de *role-taking*, *role-playing* e *role-creating*.

**Palavras-Chave:** psicodrama; maternidade; obra cinematográfica “Tully” (2018).

**ABSTRACT:** Maternity is a period characterized by major changes in various areas of a woman's life, which lead to important transformations and internal reflections. This article discusses important foundations of psychodramatic theory

<sup>1</sup> Graduanda do curso de Psicologia da UNIFE. *E-mail:* sabrina.rocha@unifebe.edu.br

<sup>2</sup> Professora do curso de Psicologia da UNIFE e orientadora deste estudo.  
*E-mail:*  
andreia.martins@unifebe.edu.br



A construção do papel materno: uma análise da obra cinematográfica “Tully”  
(2018) na perspectiva do psicodrama

identified in the cinematographic work “Tully” (2018), directed by Jason Reitman, whose theme is motherhood. In this sense, this research sought to understand how the construction of the maternal role in Psychodrama occurs through exploratory research, which uses the case study as a method. It was observed, through the analyzed scenes, the concepts of role, spontaneity-creativity, and supplementary reality. Taking these aspects into account, it is concluded that the process of becoming a mother, primarily part of the cultural conservation of women and the elaboration of the maternal role, takes place through the role-taking, role-playing, and role-creating phases.

**Keywords:** psychodrama; maternity; cinematographic work “Tully” (2018).

## 1 LUZ, CÂMERA, AÇÃO: A MATERNIDADE NO PALCO DA VIDA

A maternidade se caracteriza como uma fase repleta de mudanças na vida de uma mulher, tanto fisiológicas como psicológicas e sociais (MALDONADO, 1976). Suas relações, seus posicionamentos, sua rotina e a visão de si mesma se alteram com a chegada de um filho. Além dessas transformações, é preciso lidar com os deveres que são impostos pela sociedade ao ser assumido esse papel (GIORDANI *et al.*, 2018).

Diante dessas mudanças, muitas mulheres podem passar por momentos de tristezas, incertezas e angústias que podem vir a gerar um adoecimento. Pensar nesse adoecimento diante da maternidade para algumas pessoas ainda pode causar estranheza, dado que a gravidez é vista como um momento de alegria, de realização de sonhos e de desejos em meio à vida familiar (KANSOU *et al.*, 2018).

Dessa forma, o interesse em discorrer sobre o tema maternidade surgiu pelas vivências na clínica-escola de Psicologia da UNIFE, no papel de estagiária, ao atender mulheres que eram mães, também ao estagiar com um grupo de mães de crianças atendidas pelo núcleo de Atendimento Educacional Especializado do município de Brusque – SC e pelo fato de vivenciar o





A construção do papel materno: uma análise da obra cinematográfica “tully” (2018) na perspectiva do psicodrama

puerpério no contexto familiar. As demandas apresentadas por essas mulheres estavam sempre relacionadas às dificuldades em exercer o papel materno e a sobrecarga que este causava sobre os demais papéis de seu cotidiano.

O presente artigo tem o seguinte objetivo geral: compreender como ocorre a construção do papel materno, no contexto da obra cinematográfica “Tully” (2018), na perspectiva do Psicodrama. O referido filme conta a história de Marlo, uma mãe de três crianças, sendo uma delas um recém-nascido, tentando lidar com as múltiplas tarefas que o papel materno requer. Em relação aos objetivos específicos, esses se caracterizam por: identificar as cenas do filme que representam a realidade suplementar; verificar a espontaneidade/criatividade produzidas pela protagonista do filme e analisar em que fase da Matriz de Identidade a protagonista se encontra.

O Psicodrama é uma abordagem terapêutica que utiliza o método de ação, segundo Moreno (1974, p. 61) é a “ciência que explora a “verdade” por meio de métodos dramáticos”. A teoria não tem como enfoque somente o indivíduo, mas também suas relações e seu meio social, destacando que ele nasce com recursos que fazem com que ele crie respostas para velhas ou novas situações chamado espontaneidade-criatividade.

A seguir, o presente estudo inicia-se com o Roteiro Literário, que é uma breve apresentação dos referenciais teóricos utilizados sobre a maternidade, a teoria psicodramática e o filme. Posteriormente, serão descritos a metodologia desenvolvida (Roteiro Técnico), os resultados encontrados (Clímax: O cinema como espelho da maternidade) e por último as considerações finais (Resoluções).

## **2 ROTEIRO LITERÁRIO**

### **2.1 SER MÃE: ASPECTOS HISTÓRICOS DA MATERNIDADE**

Para problematizar um conceito amplo como o de maternidade, faz-se importante analisar toda a construção histórica e cultural que o rege. Pensando



A construção do papel materno: uma análise da obra cinematográfica “tully”  
(2018) na perspectiva do psicodrama

na cultura ocidental é possível compreender Maria, mãe de Jesus, como a primeira representação social do que seria uma mãe e mulher ideal. Segundo Vazquez (2014,p. 169), “Maria foi construída como exemplo de mãe, ou melhor, foi discursivamente criada como sendo “a mãe” por excelência. Ela é aquela que tudo suporta, que sofre calada, que se mantém casta, mesmo depois do parto”. Em outras palavras, diante desta questão, a principal característica de uma maternidade ideal é a renúncia de seus próprios desejos pelo cuidado dos filhos, marido e casa.

Ao final do século XVIII, devido às altas taxas de mortalidade infantil não era pensado como na época de Maria, nessa época as relações entre mães e filhos se constituíam de forma distante, as responsabilidades ante os cuidados das crianças eram repassadas a terceiros, por exemplo, a amamentação, visto que os bebês eram amamentados pelas amas de leite (BADINTER, 1985). No decorrer do século XIX, os papéis sociais passam a ser diferenciados, os cuidados com os filhos e a família ficam sob responsabilidade exclusiva da mãe, sendo coroada como a “rainha do lar”, já o pai fica com a função de ocupar o espaço público, tendo o dever de manter financeiramente a casa (DE LA CRUZ, 2019).

Conforme Machado, Penna e Almeida (2020, p.1121):

O culto à maternidade e de todas as funções exigidas pela manutenção do bem-estar da prole foi o terreno fértil para que o amor materno fosse naturalizado e generalizado enquanto condição feminina referendada pelo determinismo biológico.

Nesse momento, ser mulher estava totalmente relacionado ao ser e tornar-se mãe, conforme Clemens (2015, p. 46), “Ao gestar e maternar, as mulheres colaborariam para a manutenção da vida e da reprodução social. Desta forma poderiam obter valor, honra e reconhecimento sociais.

Com a industrialização e a entrada das mulheres no mercado de trabalho, ocorreu uma mudança na composição familiar no século XX. Anteriormente, as mulheres que eram destinadas somente ao desenvolvimento do seu papel materno e se dedicavam integralmente a ele, passaram a desempenhar novos papéis, o que acabou gerando o movimento



A construção do papel materno: uma análise da obra cinematográfica “tully” (2018) na perspectiva do psicodrama

feminista, intitulado como “dupla jornada de trabalho” (SCAVONE, 2001).

Ocupando novas funções, as mulheres passaram a refletir sobre a escolha de exercer ou não a maternidade, levando em consideração todos os fatores econômicos, sociais e pessoais do contexto no qual está inserida e esse pensamento vem se perpetuando até a atualidade. De acordo com Barbosa, Rocha-Coutinho (2007) adiar a maternidade é comum atualmente, visto que a maioria das mulheres busca priorizar sua carreira profissional. Aquelas que buscam por uma consolidação no mercado de trabalho não querem interromper a sua carreira em prol da maternidade, uma vez que os cuidados de um filho demanda dedicação integral, principalmente no primeiro ano de vida.

No final do século XX e início do século XXI, devido à forte influência do movimento feminista, surge a ideia de que a mulher está limitada somente a exercer papéis dedicados ao trabalho doméstico e a maternidade está em declínio. Segundo Patias, Buaes (2012, p. 301) “em relação à maternidade, pontua-se que diferentes significados atribuídos à experiência de ser mãe nas sociedades em que vivemos hoje tornam incertezas e transitórias as identidades sociais”. Devido a essas questões, há a participação de outros membros da família (pai, avós, tios, irmãos) nos cuidados e nas responsabilidades com os filhos (DE LA CRUZ, 2019).

## 2.2 TORNAR-SE MÃE: DA GESTAÇÃO AO PUERPÉRIO

Como visto anteriormente há todo um processo histórico que vem fomentar a concretização da maternidade na vida de uma mulher. Desde a infância por meio das brincadeiras de bonecas, é possível observar um estímulo social sempre destinado às meninas que é voltado a aprendizagens relacionadas aos cuidados maternos, como se fosse uma preparação para a vida adulta (AGUIAR, 2019). O despertar para a maternidade inicia-se nesse momento, porém o papel materno passa a se consolidar a partir do desejo de ser mãe e da concepção da criança, dando início, assim, a uma fase cheia de mudanças.





A construção do papel materno: uma análise da obra cinematográfica “tully”  
(2018) na perspectiva do psicodrama

Desde a concepção, as primeiras mudanças aparecem no corpo da mulher. Essas mudanças podem ser internas ou externas, algumas facilmente perceptíveis e outras menos, conforme o corpo vai se ajustando às necessidades do bebê. As alterações internas se caracterizam pelas variações hormonais, visto que alguns dos hormônios que já eram produzidos, na gestação, são produzidos em um maior índice (progesterona e estrogênio) além disso, existe a produção de novos hormônios. Ainda, citam-se como modificações internas, as alterações na circulação, na pressão arterial e no metabolismo. Já, no que diz respeito às alterações externas (alterações físicas) identificam-se além de o aumento de peso, a barriga maior e os seios mais volumosos, alterações na pele como estrias, acne, cloasma, entre outras (TABORDA, DEUTSCH, 2009).

Além dessas alterações citadas, a gestante precisa lidar com todas as questões psicológicas que estão relacionadas ao momento de gerar um bebê. Maldonado (1976) descreve a gravidez como um processo de crise ou transição, já que é um momento no qual há a necessidade de uma reorganização em vários aspectos, assim, podendo ser manifestados conflitos antigos de sua própria criança.

Porém não é só na gestação que ocorrem alterações na vida da mulher, a chegada do bebê acaba por gerar grandes impactos, visto que é um grande momento de adaptação. Durante o pós-parto ocorre o que muitos autores chamam de *baby blues* ou *blues* do pós-parto, um estágio do puerpério que inicia após o terceiro e quarto dia do pós-parto, quando ocorre a manifestação de sintomas como: a mudança repentina de humor várias vezes ao dia, choro, cansaço, cefaleia, tristeza, irritabilidade, entre outros, que se manifestam sem motivo aparente. É importante salientar que essa fase não deve ser confundida com a depressão pós-parto, visto que os sintomas duram por poucos dias, em média duas semanas e desaparecem de forma repentina (COSTA, 2015).

A depressão pós-parto se caracteriza por um transtorno psiquiátrico, provoca alterações cognitivas, emocionais, comportamentais e físicas que acarretam em dificuldade para a mãe, bebê, família, surgindo após o *baby blues*. Os cuidados com o bebê são fatores importantes perante a depressão



A construção do papel materno: uma análise da obra cinematográfica “tully” (2018) na perspectiva do psicodrama

pós-parto, já que a mãe não consegue estabelecer vínculo com o filho e muitas vezes não consegue atender às demandas da criança. A depressão pós-parto pode durar anos e pode ter como comorbidades outros transtornos (DE OLIVEIRA, *et al.*, 2019).

Os impactos com a chegada do filho são grandes, pois aquele bebê que foi tão esperado e idealizado agora é um bebê real que necessita de atenção e cuidados. Zanata, Pereira e Alves (2017) realizaram uma pesquisa com mães que estavam vivenciando a maternidade pela primeira vez, para identificar quais são os efeitos e mudanças que essas mães experienciaram com esse novo papel. As autoras concluíram que as mudanças que ocorrem no corpo geram insatisfação nessas mães, alterando sua autoimagem e autoestima. Apontam também, uma mudança nos relacionamentos, principalmente com o cônjuge, o excesso de preocupação com o cuidado do filho, fazendo com que as mesmas negligenciassem o seu próprio cuidado, as limitações físicas do pós-parto, entre outras mudanças são destacadas.

Por isso, é de extrema importância que a gestante tenha desde o início, um acompanhamento psicológico e que exista um espaço para que as mães dialoguem sobre os aspectos psicossociais relativos ao filho, à gestação, ao parto, à amamentação e às outras mudanças que geram ao assumir o papel materno. A autonomia da mulher em escolher como quer passar por esse momento, também se torna um fator importante para diminuir a ansiedade (FONSECA, *et al.*, 2018).

### 2.3 PSICODRAMA: A TEORIA DA AÇÃO

O Psicodrama é uma abordagem terapêutica criada por Jacob Levy Moreno (1886 -1974), que tem como método uma ação profunda, com o intuito de mediar o protagonista na criação de respostas novas a situações que geram sofrimento, oferecendo elementos para a compreensão de seu Eu, ocorrendo de forma natural e inesperada, estimulando, assim, as respostas espontâneas tanto do paciente quanto do terapeuta. Por meio da dramatização



A construção do papel materno: uma análise da obra cinematográfica “tully” (2018) na perspectiva do psicodrama

o protagonista representa eventos que já ocorreram, revive-os e observa o mesmo cenário por diversas variações (CUKIER, 2018).

Segundo Moreno (1975) o sujeito nasce com recursos que favorecem a criação de respostas e da tomada de decisões, recurso esse que podem ser oprimidos por meio do ambiente e dos sistemas sociais, ou seja, de suas conservas culturais. As conservas culturais servem para preservar as características de uma cultura que o indivíduo está inserido, como comportamentos, costumes, objetos materiais (obras, arte) tudo aquilo que se cristaliza no indivíduo, cabe a ele a usar como ponto de partida para desenvolver sua criatividade e espontaneidade, nome dado por Moreno para esse recurso transformador do sujeito.

O método psicodramático tem como principais instrumentos o cenário (lugar da ação dramática), o protagonista (paciente), diretor(a) (terapeuta), ego-auxiliares (terapeutas auxiliares) e o público. As etapas do Psicodrama são divididas entre o aquecimento (feito para auxiliar no surgimento da demanda), dramatização (etapa de vivenciar a cena, a ação dramática) e compartilhamento (feito para expor sentimentose pensamentos que surgiram durante a dramatização) (MORENO, 1974).

Faz-se necessário destacar que o Psicodrama nasceu da teoria da Socionomia de Moreno, que se caracteriza pelos estudos das leis que regem o comportamento grupal e social. O tripé da Socionomia é composto pela Sociodinâmica, que ocorre pela dinâmica das relações sociais e que tem como método o *role-playing*, a Sociometria, que mede as relações entre pessoas e que possui como método o teste sociométrico e a Sociatria, que é a terapêutica das relações sociais, e que utiliza como método a psicoterapia de grupo, o Psicodrama e o Sociodrama (CUKIER, 2018).

Nery (2010) relata que o grupo é composto por várias pessoas que possuem papéis diferenciados muitas vezes, mas que estão interligados por objetivos sociais comuns. Dessa forma, ocorre a formação de dinâmicas de relações próprias que se formam por meio de processos afetivos, conflitos, práticas de poder, entre outros. Os papéis aqui mencionados, caracterizam-





A construção do papel materno: uma análise da obra cinematográfica “tully”  
(2018) na perspectiva do psicodrama

se pela forma que o indivíduo assume para reagir a cada situação e ambiente, é por meio dele que nos apresentamos ao mundo.

Dentro da teoria psicodramática existe a descrição de três tipos de papéis. O papel psicodramático que é a personificação de coisas imaginadas, tanto reais quanto irreais, são os papéis assumidos em ação dramática, por meio dele o protagonista expressa as características do grupo e as suas. Os papéis sociais são aqueles papéis que assumimos dentro de nosso átomo social, como: filho, pai, esposo etc.; e os papéis psicossomáticos são a parte mais profunda do ser, sua essência, o núcleo do eu, do qual emergem todos os outros papéis. Os papéis começam a se estabelecer a partir da concepção e são um conjunto de características subjetivas e coletivas que são observáveis no sujeito, que dão origem à sua Matriz de Identidade (MORENO, 1975).

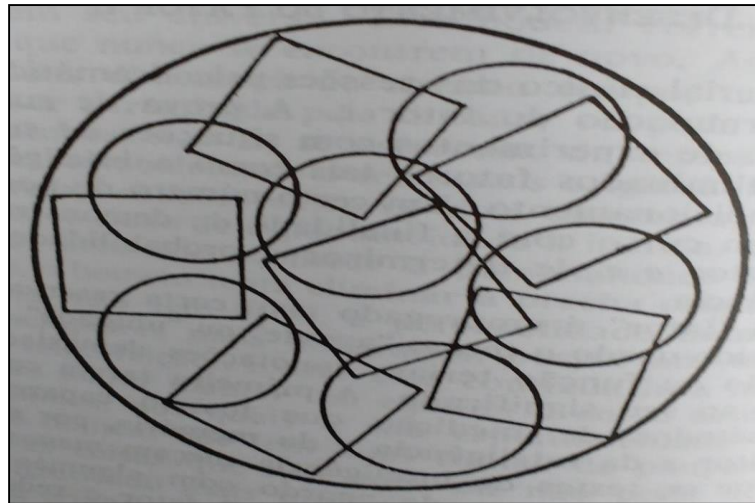
Segundo Lima (2010, p. 66) “a viabilização do Psicodrama enquanto prática se assenta sobre o tripé: contextos, etapas e instrumentos, os quais articulados entre si, fazem acontecer a ação dramática”. Diante disso, o Psicodrama trabalha então em três contexto, sendo eles o grupal que é constituído pela realidade do grupo; o social que é caracterizado pela realidade social no qual esse grupo está inserido; e o psicodramático que é constituído pela realidade dramática, no caso a realidade suplementar, o “como se” (FILHO, 2015).

A Matriz de Identidade é o ambiente em que o sujeito está inserido desde o nascimento. Como relata Zomer (2017): “a criança não vive só, desde o seu nascimento relaciona-se com as pessoas e objetos do seu meio. Esse meio do qual ela faz parte é constituído por fatores sociais, materiais e psicológicos.” Por meio da matriz a criança passa a se desenvolver, quando nasce ela entra no primeiro universo da matriz que se denomina como Matriz da Identidade Total que se caracteriza pela criança não conseguir diferenciar ela do mundo, objetos de pessoas, tudo é um. Na Figura 1, a seguir, demonstra-se a configuração, segundo Moreno (1975) da Matriz da Identidade Total, a saber:

Figura 1 – Matriz da Identidade Total.



A construção do papel materno: uma análise da obra cinematográfica “tully” (2018) na perspectiva do psicodrama



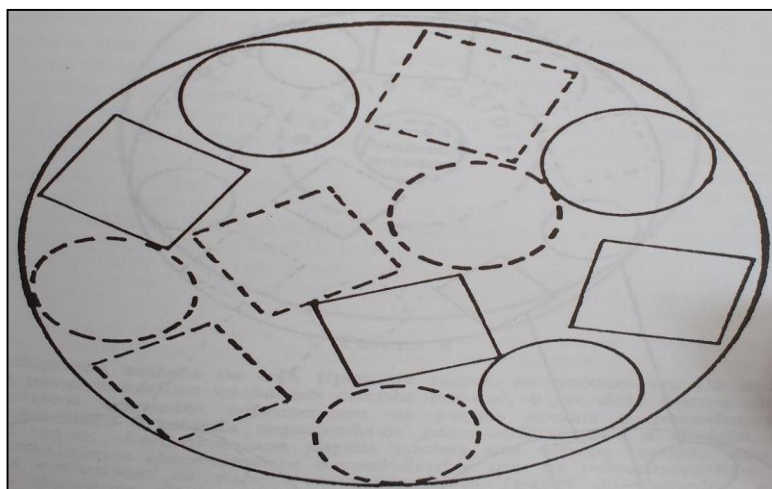
Fonte: Moreno (1975, p. 126).

Conforme Moreno descreve (1975, p. 126):

O círculo grande representa o mundo infantil. Os círculos pequenos, dentro dele, representam organismos vivos, por exemplo pessoas ou animais. Os quadrados representam objetos tais como coisas inanimadas, alimentos ou artefatos mecânicos como a mamadeira. Os círculos e os quadrados se sobrepõem-se para indicar que os indivíduos e os objetos ainda não são experimentados como unidades separadas mas que se fundem em diversas configurações, à medida que entram na esfera de ação da criança.

O segundo universo é a Matriz de Identidade Total Diferenciada, a partir desse ponto a criança já consegue começar a entender o limite dos objetos e já começa a diferenciação. Na Figura 2, a seguir, demonstra-se a representação da Matriz da Identidade Total Diferenciada conforme Moreno (1975):

Figura 2 - Matriz da Identidade Total Diferenciada



Fonte: Moreno (1975, p. 127).

A construção do papel materno: uma análise da obra cinematográfica “tully”  
(2018) na perspectiva do psicodrama

Moreno (1975, p. 127) caracteriza a Matriz de Identidade Total Diferenciada como:

O círculo grande representa o mundo infantil. Os círculos pequenos representam indivíduos; os quadrados representam objetos. Estão separados uns dos outros porque já são diferenciados como unidades que atuam separadamente. Mas estão todos incluídos no círculo grande porque a criança atribui-lhes o mesmo grau de realidade. Os círculos tracejados representam indivíduos imaginados e os quadrados tracejados, objetos imaginados. Diferenciam-se uns dos outros mas são considerados igualmente reais – como indivíduos reais e objetos reais.

Entre as duas existe uma brecha chamada de Matriz de Identidade da Brecha entre Fantasia e Realidade, que é quando a criança começa a identificar que existe um mundo de fantasia e realidade, que são diferentes entre si (MORENO, 1975).

Moreno primeiramente descreveu a formação da matriz em cinco etapas: A primeira fase foi descrita como a da indiferenciação onde a criança, a mãe e o mundo são uma coisa só; a segunda fase é quando a criança concentra a atenção no outro, esquecendo de si; já na terceira fase ocorre o movimento inverso, a criança está atenta a si mesma, ignorando o outro; Na quarta fase a criança já se arrisca a tomar o papel do outro, porém não suporta o outro no seu papel e na quinta e última fase o sujeito já aceita a troca de papéis (FONSECA FILHO, 2008).

Mais tarde, após outros estudos, Moreno contextualizou a formação da matriz em três etapas de desenvolvimento, a primeira é a fase do duplo em que a criança precisa de auxílio de alguém, para fazer por ela aquilo que ela ainda não consegue (ego-auxiliar). A segunda etapa é a do espelho em que a criança se percebe no mundo. Já a terceira e última etapa é da inversão em que a criança percebe o outro e o seu papel (FONSECA FILHO, 2008).

### **3 ROTEIRO TÉCNICO**

A presente pesquisa se caracteriza como um estudo de abordagem qualitativa. Uma das características da pesquisa qualitativa diz respeito ao





A construção do papel materno: uma análise da obra cinematográfica “tully”  
(2018) na perspectiva do psicodrama

processo interpretativo acerca de um fenômeno (SILVA *et al.*, 2018). Essa pesquisa assume a tipologia exploratória. Segundo Prodanov e Freitas (2013, p. 51):

A pesquisa exploratória tem como finalidade proporcionar mais informações sobre o assunto que vamos investigar, possibilitando sua definição e seu delineamento, isto é, facilitar a delimitação do tema da pesquisa; orientar a fixação dos objetivos e a formulação das hipóteses ou descobrir um novo tipo de enfoque para o assunto.

O método da pesquisa é classificado como um estudo de caso pois se trata de uma análise precisa acerca de um fenômeno, consistindo da utilização de vários métodos para um recolhimento maior de informações em relação ao caso estudado (VENTURA, 2007). O filme “Tully” (2018) foi a obra analisada, visto que apresenta características da maternidade, das mudanças que ocorrem na vida da mulher e na dinâmica familiar com a chegada de um bebê. O referido filme foi assistido várias vezes para que fosse possível a coleta e análise das cenas. Desenvolveu-se a coleta de dados por meio da análise documental, que de acordo com Gil (2017) descreve como modalidade de pesquisa que utiliza todo tipo de documento já existente que comprove alguma informação relevante ao trabalho.

Santeiro e Rossato (2013) declaram que dentro da Psicologia existem muitos instrumentos que podem ser utilizados para desenvolver o conhecimento acerca dos fenômenos psicológicos, que o cinema é um deles e vem sendo muito requisitado por promover que o acadêmico ou psicólogo visualize a vivência de temáticas que podem ser encontradas em qualquer contexto em que estiver inserido. Portanto, para a análise do filme “Tully”, foram utilizadas como base todos os conceitos que foram apresentados na fundamentação teórica e selecionadas cenas em que se possam identificar fundamentos importantes da teoria psicodramática, para assim alcançar os objetivos propostos nessa pesquisa.

#### **4 CLÍMAX: O CINEMA COMO ESPELHO DA MATERNIDADE**

O filme “Tully” (2018) apresenta a história de Marlo, uma mulher, casada, mãe de dois filhos, que inicialmente está grávida do terceiro. No início



A construção do papel materno: uma análise da obra cinematográfica “tully”  
(2018) na perspectiva do psicodrama

do filme Marlo está nos estágios finais da gestação, já apresentando um certo cansaço, seu irmão fica preocupado e a presenteia com uma babá noturna, ideia essa que ela rejeita de imediato, alegando não se sentir confortável com algum desconhecido cuidando de seu bebê (TULLY, 2018).

Ao nascer o terceiro filho, Marlo se vê vivendo uma vida atarefada e de cuidados com eles, divide-se em cuidar da filha recém-nascida Mia, da casa e dos cuidados dos filhos mais velhos Jonah e Sarah, principalmente Jonah, o filho do meio, que é visto como uma “criança atípica[sic]” (TULLY, 2018), a qual necessita de mais cuidados. Quando Marlo se percebe muito sobrecarregada, necessitando de ajuda para lidar com todas essas questões, liga para a babá indicada por seu irmão (TULLY, 2018).

Tully é a babá noturna que entra na rotina da família para cuidar não apenas do bebê, mas também para cuidar de Marlo e é desse relacionamento entre mãe e babá que ocorre o desenrolar do filme. Por se tratar de uma babá noturna, Tully chega à casa da família todos os dias às 22 horas, encerrando suas atividades antes mesmo de todos acordarem, ou seja, apenas Marlo, além da bebê é que se relacionam com a babá (TULLY, 2018).

No início, Marlo se sente desconfortável com a sabedoria e espírito livre de Tully, mas com o tempo a relação das duas começa a se fortalecer e se tornar cada vez mais íntima. O cuidado de Tully com a recém-nascida, com a casa, executando tarefas que Marlo não dava conta de fazer, fazem com que a própria se sinta a cada dia melhor, mais confiante e disposta para sua rotina. Ao final do filme Tully convida Marlo para sair, para anunciar que irá embora, fazendo com que Marlo fique muito desapontada e após uma discussão acerca disso, Marlo sofre um acidente de carro, dorme no volante e acaba caindo com o carro no mar. No hospital, o telespectador descobre que na verdade, Tully nunca existiu, todas as tarefas eram realizadas por Marlo que estava vivendo em uma exaustão profunda e uma privação de sono e que Marlo já havia passado por uma depressão pós-parto após o nascimento de Jonah, seu filho do meio (TULLY, 2018).

Como citado anteriormente, Marlo é mãe de três crianças. Ser mãe é



A construção do papel materno: uma análise da obra cinematográfica “tully” (2018) na perspectiva do psicodrama

um dos vários papéis que Marlo desempenha, além disso, Marlo é esposa, irmã, cunhada e tia. De acordo com Moreno (1975, p. 56), “Os pontos de cristalização perceptíveis disso que nós chamamos de eu são os papéis nos quais esse eu se manifesta. Papéis e suas relações entre si são os fenômenos mais importantes de uma determinada cultura.”

A construção e a estruturação de um papel à luz do Psicodrama, ocorre em três fases, que dentro da teoria se denomina como: *role-taking*, *role-playing* e *role-creating*. A primeira fase, denominada de *role-taking*, é quando a pessoa começa a desenvolver um novo papel, por meio de suas reservas culturais, fazendo com que o sujeito apenas reproduza características preestabelecidas (KAUFMAN, 1998). Durante o filme, por se tratar do terceiro filho não é possível ver exatamente como se construiu o papel de mãe de Marlo, mas é possível pensar em como se constituiu o papel de mãe de três filhos. Marlo expressa muita insegurança perante as reservas culturais desse papel. Em um de seus diálogos com Tully, ao escutar ser uma ótima mãe, Marlo declara “ótimas mães fazem coisas que estou cansada demais para fazer [sic]” (TULLY, 2018), ou seja Marlo não se via como uma boa mãe, por não conseguir dar conta de organizar festinhas, noite de jogos e fazer *cupcakes* de *emojis*, mas aquelas mães em seu meio social que faziam essas coisas eram consideradas as ótimas mães.

A segunda fase é o *role-playing*, quando ocorre a representação do papel, de forma que o indivíduo se permita explorar as várias formas de desempenhar um determinado papel (KAUFMAN, 1998). Marlo já vinha desempenhando o papel de mãe, mas muitas vezes reproduzindo ações que via ou que diziam que era ação de uma mãe. No início do filme podemos observar Marlo escovando o filho Jonah, no meio do filme compreende-se que essa ação faz parte da rotina familiar e que Marlo faz isso, por não ter dinheiro para continuar pagando o terapeuta do filho que havia dito a ela que escová-lo ajudaria a reduzir a sua sensibilidade durante o dia. Nas cenas finais do filme, em um momento com Jonah, Marlo decide continuar com a rotina de fazer carinho no filho toda a noite, mas não porque alguém disse para fazer, e sim





A construção do papel materno: uma análise da obra cinematográfica “tully”  
(2018) na perspectiva do psicodrama

porque ela compreendeu o quanto esse momento era importante e único para ele, mas também para ela. O modo de escová-lo também mudou, Marlo não usou mais a escova como haviam sugerido, explorando, assim, outras formas de ser mãe.

A terceira e última fase é o *role-creating*, que se caracteriza por desempenhar o papel de forma criativa e espontânea, quebrando conservas culturais, criando diferentes respostas para situações antigas (KAUFMAN, 1998). Após todos os desdobramentos do filme, em que Marlo se despede de Tully e sua família compreende o que a mesma está passando, Marlo passa a caminhar do *role-playing* para a fase de *role-creating*, passagem essa, observada na última cena do filme na qual Marlo está fazendo o jantar com o marido, e, assim, demonstra que está criando alternativas criativas e espontâneas para lidar com as questões diárias, diversificando suas conservas culturais.

No primeiro diálogo do filme entre Tully e Marlo, Tully diz que veio para cuidar de Marlo e Marlo questiona “pensei que você fosse cuidar do bebê [sic]” (TULLY, 2018), como resposta Tully ressalta “Você é praticamente o bebê, apesar dessa mocinha estar na Terra há três semanas, o DNA dela ainda está dentro de você [...] agora ela é só, praticamente uma extensão sua”. Ou seja, nesse momento tanto Mia quanto Marlo se encontram no primeiro universo, na Matriz de Identidade Total.

A Matriz de Identidade Total se caracteriza por um período de caos, quando segundo Moreno (1975, p.126), “os indivíduos e os objetos ainda não são experimentados como unidades separadas, mas que se fundem em diversas configurações, à medida que entram na esfera de ação da criança”. Diante disso, Marlo era somente mãe, não conseguia se desvincular e desempenhar outros papéis naquele momento. Em uma das cenas do filme, quando discorre sobre sua vida sexual, Marlo relata: “eu seguro um bebê um dia inteiro [...] quando a noite chega, eu não consigo simplesmente girar a chavinha e oi olha como estou sexy agora [sic]”.

A mãe, além de representar uma única unidade frente ao filho, trabalha



A construção do papel materno: uma análise da obra cinematográfica “tully” (2018) na perspectiva do psicodrama

como seu ego-auxiliar. O bebê precisa de ajuda ao ser gerado, ao nascer, mas também necessita de ajuda nessa fase para comer, dormir, deslocar-se e assim por diante. Quem o auxilia nesse período representa uma extensão de seu próprio corpo, é a extensão do seu ego, conforme Moreno (1975) por causa disso leva o nome de ego-auxiliar. Então, nesse caso se o bebê precisa desse ego-auxiliar ao estar nessa fase da Matriz de Identidade, a mãe que se encontra na mesma fase caracteriza por um período de caos, também necessita desse ego-auxiliar para conseguir lidar com este momento. Por isso, além do encontro com Violet, a falta desse ego-auxiliar também foi fator importante para que Marlo sentisse a necessidade de criar uma realidade suplementar na qual estivesse alguém que ocupasse esse papel, no caso Tully.

Tully foi o ego-auxiliar de Marlo durante o filme, em meio ao caos que estava a sua vida, tendo que lidar com as demandas maternas, era Tully que a ajudava. Tully fazia *cupcakes*, limpava a casa, cuidava de Mia, mas principalmente acolhia as dores de Marlo. Em uma das cenas Marlo relata a Tully “É que não estou acostumada das pessoas fazerem as coisas por mim [sic]” (TULLY, 2018), demonstrando que ela sempre esteve nesse papel de cuidar, de auxiliar, mas de não ser cuidada.

Assim, com a ajuda de Tully, seu ego-auxiliar, Marlo começa a se deslocar para a Matriz de Identidade Total Diferenciada, pois segundo Moreno (1975) nesta fase os indivíduos já estão diferenciados como unidades que atuam separadamente. Marlo começa a cuidar de si além de cuidar dos outros. Em determinada cena sua filha mais velha Sarah questiona: “Mãe, por que você está usando maquiagem? [sic]” (TULLY, 2018) e Marlo responde: “Para me sentir bonita [sic]” (TULLY, 2018). Marlo volta a desempenhar outros papéis que estavam sendo negligenciados, como o de mulher e o de esposa.

A Matriz de Identidade é o lugar onde ocorre o desenvolvimento e a expressão da espontaneidade após o nascimento. Quando o bebê nasce, ele se encontra em um conjunto de relacionamentos completamente desconhecidos, sem modelo pelo qual possa modelar suas ações. Nesses



A construção do papel materno: uma análise da obra cinematográfica “tully”  
(2018) na perspectiva do psicodrama

primeiros anos se depara com novas situações mais do que em qualquer outro período de sua vida, ou seja, as respostas dadas a essas novas situações que não vieram de modelos precedentes, são espontâneas (MORENO, 1975).

Desse modo, da mesma forma que o bebê precisa ser espontâneo, a mãe também precisa para conseguir lidar com as demandas que seu mais novo papel exige. No caso de Marlo, por mais que ela já tenha tido outros filhos, ainda assim é uma nova situação, visto que eles continuam demandando dela com Mia que acaba de nascer. Marlo usa de seu recurso de Espontaneidade-Criatividade ao problematizar as conservas culturais acerca do papel materno. Conforme Monteiro (2012, p.11) relata:

As mães são todas iguais. Umassumem o papel de vítima e se acomodam. Outras assumem o de guerreiras e algumas ainda “terceirizam” seus filhos. As mães se sentem muito culpadas quando percebem que suas famílias não seguem o modelo da família “perfeita”. O peso dessa culpa faz que acabem mimando seus filhos e não exerçam a autoridade que lhes compete. As mães se queixam de não ter autoridade e da ausência dos pais. Na verdade, também temem assumir os seus filhos. Ninguém quer carregar o peso da responsabilidade, então, pedem conselho e orientação a terceiros, quando bastaria assumir aquilo que pensam e em que acreditam, sem medo de errar ou sentir culpa.

Marlo em algumas falas apresenta essa vontade de ser a mãe ideal. A mãe ideal que acredita que deveria ser tem origem nas suas conservas culturais. Entretanto, Marlo não tem medo de demonstrar características que muitas vezes não são atribuídas à maternidade, questões que não são debatidas em nossa sociedade como o cansaço, sexualidade, mas principalmente o amor pelos filhos atrelados à infelicidade com o papel materno.

É quando Marlo encontra Violet, uma antiga colega de quarto da faculdade, que ela passa a refletir sobre todos os papéis que desempenha. Violet continua levando a mesma vida que Marlo levava quando estava na faculdade, mora em um *loft* no Brooklyn, sem filhos, sem marido, dirigindo uma moto. Nesse momento, ante esse encontro com o passado, Marlo passa a se questionar se a escolha de assumir os papéis maternos foram escolhas certas e se essas escolhas a estavam fazendo feliz, já que ela estava se sentindo “o





A construção do papel materno: uma análise da obra cinematográfica “tully”  
(2018) na perspectiva do psicodrama

próprio caminhão do lixo” [sic] (TULLY, 2018) como relata a cunhada.

Com base nessas reflexões geradas por seu encontro com Violet acerca de seus papéis desempenhados, Marlo cria uma realidade suplementar para dar conta desses questionamentos. Segundo Moreno, Blomkvist e Rützel (2001, p. 45), “A realidade suplementar é usada para completar e curar, para ter um efeito integrador sobre o ego, de forma que o protagonista se sinta melhor e consiga tocar para frente a sua vida.”

De acordo com Soliani (1998, p. 76) a realidade suplementar é:

Este “a mais” de realidade que para o protagonista ou para o grupo é invisível até que ela apareça atrás da inversão de papéis com o marido, o filho, o patrão. É este *plus* de realidade que se permite quando se representam os personagens da alucinação ou delírio, essa superabundância de realidade quando se representam deus, o diabo, os contos de fada, os mitos, sonhos, desejos recônditos, essa abertura para uma realidade até então desconhecida e invisível.

Portanto, a realidade suplementar é o trabalho no imaginário feito com o protagonista, que faz ele imergir em um mundo fora do seu cotidiano e faz com que ele vivencie a experiências de viver vários outros papéis (SOLIANI, 1998). No caso de Marlo essa realidade suplementar, criada por ela para dar conta da sobrecarga de seu papel materno, realiza-se por meio da sua relação com a babá imaginária Tully, o seu eu mais jovem, ela na faculdade antes de ter filhos e marido.

Nos momentos de diálogos entre Marlo, Tully pode-se perceber as semelhanças, os mesmos gostos, a mesma música favorita, o que muda é o jeito que cada uma leva a vida. Tully foi criada por Marlo para que ela ajudasse a si própria a lidar com aquilo que ela não estava conseguindo lidar, mas principalmente para compreender que as escolhas que fez foram as que ela havia sonhado quando tinha a idade de Tully.

Nas últimas cenas onde Tully conta que vai embora, as duas discutem e Tully diz “eu só estava aqui para preencher um vazio, agora é hora de seguir em frente [sic]” (TULLY, 2018), após Marlo questioná-la sobre o que ela faria quando as mudanças corporais, sociais, de estilo de vida acontecessem, Tully fala “Eu não tenho medo do futuro. Você se convenceu que é um fracasso,



A construção do papel materno: uma análise da obra cinematográfica “tully” (2018) na perspectiva do psicodrama

mas conseguiu realizar seu maior sonho, essa mesmice que você tanto despreza [sic]” (TULLY, 2018). Através da realidade suplementar criada, Marlo pode refletir e lembrar que quando vivia uma juventude conflituosa, com vários parceiros, sonhava com uma vida estável, com filhos, marido, rotina e criá-los nesse “círculo de segurança [sic]” (TULLY, 2018).

Desse modo, a realidade suplementar faz com que o protagonista consiga observar a sua própria realidade por outras perspectivas, perspectivas essas que não são familiares e que podem estar presentes no indivíduo (MORENO; BLOMKVIST; RÜTZEL, 2001). Durante todo o filme Marlo sonha com uma sereia nadando no mar, em um certo momento aparece até assistindo a um desenho de sereia. Ao final do filme é essa sereia que tira Marlo de dentro do carro ao sofrer o acidente, neste momento o telespectador vê que essa sereia é Tully. Tully veio para cuidar e curar Marlo, para salvá-la desse mergulho profundo em seu próprio interior e fazer com que ela perceba seus papéis e as dinâmicas deles.

## 5 RESOLUÇÕES

A presente pesquisa teve como objetivo geral compreender como ocorre a construção do papel materno por meio do Psicodrama, por meio da análise das cenas do filme apresentou-se como ocorre a elaboração de um papel, mais precisamente do papel de mãe. Diante das fases de *role-taking*, *role-playing* e *role-creating* entende-se que a construção do papel é um processo e que quando assumido há sempre um período de adequação até ser desempenhado de forma criativa e espontânea.

Características das conservas culturais diante do papel materno são apresentados desde a infância, fazendo com que ao se tornar mãe a mulher já tenha uma imagem de mãe ideal. Todavia, somente quando essa mulher se torna mãe é que ela percebe e reflete que nem tudo que lhe foi apresentado terá êxito, mas que ela deverá utilizar seus recursos de espontaneidade e criatividade para criar suas próprias respostas diante desse papel.



A construção do papel materno: uma análise da obra cinematográfica “tully” (2018) na perspectiva do psicodrama

No decorrer do filme, é possível observar que Marlo criou uma realidade suplementar para suportar o cansaço, as tristezas e as incertezas que a maternidade estava lhe gerando. Tully foi criada no imaginário de Marlo para fazer o papel de seu ego-auxiliar, alguém com quem pudesse dividir aquela carga que para ela estava pesada. Por meio dos diálogos com Tully, Marlo percebeu que a vida que levava foi tudo o que sonhou um dia. Tully apresentou a vida de uma outra forma para Marlo, por uma outra perspectiva.

A partir do filme, é possível observar que Marlo se encontrava na Matriz de Identidade Total, da qual não conseguia se desvincular de forma dinâmica de seu papel materno. Marlo era uma extensão de Mia e de seus outros filhos. Com a chegada de Tully, seu ego-auxiliar, Marlo começa a caminhar para Matriz de Identidade Total Diferenciada na qual passa a conseguir desempenhar outros papéis, além do de mãe.

O filme proporcionou visualizar como ocorre uma maternidade. Apresentou tanto as partes felizes quanto as que geram dificuldades para a mulher, gerando, assim, uma reflexão acerca de como a maternidade é representada nas obras cinematográficas e televisivas. A realidade precisa ser analisada, para que haja mais diálogos sobre as temáticas que cercam o papel materno e fazendo com que, assim, a importância do cuidado se estenda para aqueles que cuidam.

## REFERÊNCIAS

AGUIAR, Lorena Marinho Silva. Brincar de boneca é coisa de menino. E de meninatambém!. **Diversidade: Diferentes, não Desiguais**, p. 47, 2019. Disponível em: [https://www.researchgate.net/profile/Andrea-Velloso-2/publication/331423746\\_A\\_HOMOSSEXUALIDADE\\_E\\_A\\_UNIAO\\_HOMOAFETIVA\\_NA\\_PERSPECTIVA\\_DAS\\_REPRESENTACOES\\_SOCIAIS/links/5c8be260a6fdcc381755d82e/A-HOMOSSEXUALIDADE-E-A-UNIAO-HOMOAFETIVA-NA-PERSPECTIVA-DAS-REPRESENTACOES-SOCIAIS.pdf#page=55](https://www.researchgate.net/profile/Andrea-Velloso-2/publication/331423746_A_HOMOSSEXUALIDADE_E_A_UNIAO_HOMOAFETIVA_NA_PERSPECTIVA_DAS_REPRESENTACOES_SOCIAIS/links/5c8be260a6fdcc381755d82e/A-HOMOSSEXUALIDADE-E-A-UNIAO-HOMOAFETIVA-NA-PERSPECTIVA-DAS-REPRESENTACOES-SOCIAIS.pdf#page=55). Acesso em: 14 set. 2021.





A construção do papel materno: uma análise da obra cinematográfica “tully” (2018) na perspectiva do psicodrama

BADINTER, E. **Um amor conquistado: o mito do amor materno.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BARBOSA, Patrícia Zulato; ROCHA-COUTINHO, Maria Lúcia. Maternidade: novas possibilidades, antigas visões. **Psicologia Clínica**, v. 19, p. 163-185, 2007. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/pc/a/X3dyWtRFFFfy8wnyZMgzgYd/abstract/?lang=pt&format=html>. Acesso em: 14 set. 2021.

CLEMENS, Juçara. **A (mal) dita maternidade: a maternidade e o feminino entre os ideais sociais e o silenciado.** 2015. Tese. (Doutorado em Psicologia). Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Doutorado, Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015. Disponível em:

<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/135263>. Acesso em: 7 set. 2021.

COSTA, Paula Cristina Pires da. **Depressão Perinatal: das relações familiares ao desenvolvimento da criança. Estratégias de prevenção.** 2015. Tese. (Mestrado em Medicina). Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra. Angra do Heroísmo, 2015. Disponível em:

[https://eg.uc.pt/bitstream/10316/30483/1/Depress%c3%a3o%20Perinatal\\_FMUC\\_2015\\_PaulaCosta.pdf](https://eg.uc.pt/bitstream/10316/30483/1/Depress%c3%a3o%20Perinatal_FMUC_2015_PaulaCosta.pdf). Acesso em: 14 set. 2021.

CUKIER, Rosa. **Psicodrama Bipessoal: sua técnica, seu terapeuta e seu paciente.** São Paulo: Ágora, 2018.

DE LA CRUZ, Antônia Alves. As transformações sociais e culturais da família. **Na prática jurídica**, p. 66, 2019. Disponível

em: <http://www.abpj.org.br/downloads/ec293632bea08dcab33eb99a29363f37.pdf#page=69>. Acesso em: 10 out. 2021.



A construção do papel materno: uma análise da obra cinematográfica “tully” (2018) na perspectiva do psicodrama

DE OLIVEIRA, Carla Carolina et al. Depressão Pós-Parto. **Revista Intercâmbio**, v. 15, p. 147-158, 2019. Disponível em:

file:///C:/Users/Aluno/Downloads/572-1798-1-PB.pdf. Acesso em: 15 nov. 2021.

FILHO, Luis Altenfelder Silva. **Doença mental, um tratamento possível: Psicoterapia de grupo e psicodrama**. 1. ed. São Paulo: Ágora, 2015.

FONSECA FILHO, José da. **Psicodrama da Loucura: correlações entre Buber e Moreno**. São Paulo: Ágora, 2008.

FONSECA, Marina Nogueira de Assis *et al.* Ambivalências do ser mãe: um estudo de caso em psicologia hospitalar. **Estudos Interdisciplinares em Psicologia**, v. 9, n. 2, p. 141-155, 2018.

FONSECA, Marina Nogueira de Assis *et al.* Ambivalências do ser mãe: um estudo de caso em psicologia hospitalar. **Estudos Interdisciplinares em Psicologia**, v. 9, n. 2, p. 141-155, 2018. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/eip/v9n2/a09.pdf>. Acesso em: 21 nov. 2021.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2017.

GIORDANI, Rubia Carla Formighieri *et al.* Maternidade e amamentação: identidade, corpo e gênero. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 23, p. 2731-2739, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.org/article/csc/2018.v23n8/2731-2739/pt/> Acesso em: 21 out. 2021.

KAUFMAN, Arthur. Role-playing. F. Monteiro (org.), **Técnicas fundamentais dopsicodrama**. São Paulo: Ágora, 1998. 2a ed., p. 191-205.



A construção do papel materno: uma análise da obra cinematográfica “tully”  
(2018) na perspectiva do psicodrama

KANSOU, Andressa Moro *et al.* A Psicologia Dentro de um Hospital Maternidade: Levantamento de Dados. *In: Congresso Brasileiro de Psicologia da FAE*. 2018. p.45-57. Disponível em:  
<https://cbpsifae.fae.edu/cbps/article/viewFile/41/40>. Acesso em: 23 set. 2021.

LIMA, Liliana Aparecida de. Psicodrama e dinâmica de grupo: Re-criando as possibilidades para o ensino de Psicologia na Universidade. M. Barreto (org.), **Dinâmica de grupo: história, prática e vivências**. Campinas: Alínea, 2010. 4ed., p.55-85.

MACHADO, Jacqueline Simone de Almeida; PENNA, Cláudia Maria de Mattos; CALEIRO, Regina Célia Lima. Cinderela de sapatinho quebrado: maternidade, não maternidade e maternagem nas histórias contadas pelas mulheres. **Saúde em Debate**, v. 43, p. 1120-1131, 2020. Disponível em:  
<https://www.scielo.br/j/sdeb/a/gNVpQTVHSW8GhbhfhsNv8K/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 15 nov. 2021.

MALDONADO, Maria Tereza P. **Psicologia da gravidez, parto e puerpério**. Petrópolis, Vozes, 1976.

MONTEIRO, Elizabeth. **A culpa é da mãe: Reflexões e confissões acerca da maternidade**. São Paulo: Summus, 2012.

MORENO, Jacob Levy. **Psicoterapia de grupo e psicodrama**. São Paulo: Mestre Jou, 1974.

MORENO, Jacob Levy. **Psicodrama**. São Paulo: Cultrix, 1975.

MORENO, Zerka T., BLOMKVIST, Leif Dag, RUTZEL, Thomas. **A realidade suplementar e a arte de curar**. São Paulo: Ágora, 2001.

Nery, Maria da Penha. **Grupos e intervenção em conflitos**. São Paulo: Ágora, 2010.





A construção do papel materno: uma análise da obra cinematográfica "tully"  
(2018) na perspectiva do psicodrama

PATIAS, Naiana Dapieve; BUAES, Caroline Stumpf. " Tem que ser uma  
escolha da mulher"! Representações de maternidade em mulheres não-mães  
por opção.

**Psicologia & Sociedade**, v. 24, p. 300-306, 2012. Disponível em:  
<https://www.scielo.br/j/psoc/a/Pkt7hm5DjrWrtk6KzqwgrYj/?format=pdf&lang=pt>  
Acesso em: 24 set. 2021.

PRODANOV, Cleber Cristiano; DE FREITAS, Ernani Cesar. **Metodologia do  
trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho  
acadêmico** – 2. ed. Editora Feevale, 2013.

SANTEIRO, Tales Vilela; ROSSATO, Lucas. Cinema e abuso sexual na  
infância e adolescência: contribuições à formação do psicólogo clínico.  
**Psicologia: teoria e prática**, v. 15, n. 3, p. 83-94, 2013. Disponível em:  
[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-36872013000300006](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872013000300006). Acesso em: 2 nov. 2021.

SCAVONE, Lucila. Maternidade: transformações na família e nas relações  
de gênero. **Interface-comunicação, saúde, educação**, v. 5, p. 47-59,  
2001. Disponível em:  
<https://www.scielo.br/j/icse/a/NzTkJJrXYGPHDZ3sQRbR9tc/?format=pdf&lang=pt>.  
Acesso em: 15 set. 2021.

SILVA, Raimunda Magalhães. *et al.* **Estudos qualitativos: enfoques  
teóricos e técnicas de coleta de informações**. (org.). Sobral: edições UVA,  
2018. Disponível em: [https://portais.univasf.edu.br/medicina-  
pa/pesquisa/producao-cientifica/experiencias-qualitativas-ebook](https://portais.univasf.edu.br/medicina-pa/pesquisa/producao-cientifica/experiencias-qualitativas-ebook). Acesso em:  
7 set. 2021.

SOLIANI, Maria Luzia Carvalho. Realização simbólica e realidade suplementar.  
*In:* R.F. Monteiro (org.), **Técnicas fundamentais do psicodrama**. São Paulo:



A construção do papel materno: uma análise da obra cinematográfica “tully”  
(2018) na perspectiva do psicodrama

Ágora, 1998. 2. ed., p. 56-68.

TABORDA, Wladimir; DEUTSCH, Alice D. Agostini. **A bíblia da gravidez**. 1. ed. Editora CMS, 2009.

TULLY. Direção: Jason Reitman. Produção: Focus Features. Estados Unidos: Focus Features, 2018. HBOMAX.

VÁZQUEZ, Georgiane. Maternidade e Feminismo: notas sobre uma relação plural. **Revista Trilhas da História**, v. 3, n. 6, p. 167-181, 2014. Disponível em: [file:///C:/Users/sabri/Downloads/472-Texto%20do%20artigo-1093-1-10-20141202%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/sabri/Downloads/472-Texto%20do%20artigo-1093-1-10-20141202%20(2).pdf). Acesso em: 10 out. 2021.

VENTURA, Magda Maria. O estudo de caso como modalidade de pesquisa. **Revista SoCERJ**, v. 20, n. 5, p. 383-386, 2007. Disponível: [http://sociedades.cardiol.br/socerj/revista/2007\\_05/a2007\\_v20\\_n05\\_art10.pdf](http://sociedades.cardiol.br/socerj/revista/2007_05/a2007_v20_n05_art10.pdf). Acesso: 10 set. 2021.

ZANATTA, Edinara; PEREIRA, Caroline Rubin Rossato; ALVES, Amanda Pansard. A experiência da maternidade pela primeira vez: as mudanças vivenciadas no tornar-se mãe. **Revista Pesquisas e Práticas Psicossociais**, v. 12, n. 3, p. 16, 2017. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-89082017000300005](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-89082017000300005). Acesso em: 21 out. 2021.

ZOMER, Fabiana Jovencio. **Estudo exploratório da matriz de identidade de crianças da educação infantil**. 2017. Disponível em: [https://bdm.unb.br/bitstream/10483/18638/1/2017\\_FabianaJovencioZomer.pdf](https://bdm.unb.br/bitstream/10483/18638/1/2017_FabianaJovencioZomer.pdf). Acesso em: 18 out. 2021.



## FILME “VIDAS PARTIDAS” (2016) E A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E FAMILIAR CONTRA A MULHER SOB A PERSPECTIVA DO PSICODRAMA

*Film "Broken Lives" (2016) and domestic and family violence against women on the perspective of Psychodrama*

Elaine Beatriz da Silva<sup>1</sup>

Andreia Martins<sup>2</sup>

**RESUMO:** Este estudo é a análise documental do filme “Vidas Partidas” que reflete a violência doméstica sob a luz do Psicodrama, tendo como objetivo geral analisar o contexto do filme, promovendo discussões e reflexões acerca do tema, caracterizando a violência e verificando cenas que representam elementos como a conserva cultural, a espontaneidade e a criatividade. Para isso, utilizou-se a leitura de livros e artigos para ilustrar o tema abordado. Com isto, pode-se perceber a importância de obras cinematográficas para a exemplificação da temática, o Psicodrama vem para auxiliar na compreensão sobre a mesma.

**Palavras-chave:** violência doméstica; violência contra a mulher; “Vidas partidas”; psicodrama.

**ABSTRACT:** *This study is the documentary analysis of the movie "Broken Lives" reflecting domestic violence in the light of Psychodrama, having as general objective to analyze the context of the movie promoting discussions and reflections about the theme, characterizing the violence, and verifying scenes that represent elements such as cultural preservation, spontaneity, and creativity. For this, it was used the reading of books and articles to illustrate the theme approached. With this, one can realize the importance of cinematographic works for the exemplification of the theme, and Psychodrama comes to help in the comprehension of this.*

---

<sup>1</sup> Graduanda da 10ª fase do curso de Psicologia da UNIFE. E-mail: elainebeatriz@unife.edu.br





Filme “Vidas Partidas” (2016) e a Violência doméstica e familiar contra a mulher sob a perspectiva do Psicodrama

**Keywords:** *domestic violence; violence against women; "Broken lives"; psychodrama.*

## 1 INTRODUÇÃO

Desde o início da faculdade tem-se a ciência de que no final do curso de graduação há a necessidade de escrever o Trabalho de Conclusão de Curso - TCC, mas quando o momento finalmente chega, esse é rodeado por algumas questões, a saber: Qual será o tema? Qual método será escolhido? Dentre outras indagações que são inerentes à fase final do curso. Nesse sentido, no decorrer da faculdade de Psicologia, vários temas foram estudados, mas os que envolveram mulheres sempre chamaram mais atenção, assim, o primeiro estágio específico supervisionado foi voltado para esse público.

No aspecto social, ressalta-se aqui a importância de promover e produzir debates e reflexões acerca da temática “violência doméstica”, pois se acredita que dessa maneira se torna possível pensar em possibilidades de diminuir o número de casos de violência contra a mulher. Vechi (2008) define violência doméstica sob duas perspectivas: de quem agride e de onde agride. Assim, caracteriza-se como doméstica quando o agressor for alguém familiar, pessoa que frequenta sua casa, ou a casa a qual a vítima frequenta, que more com ela, seja namorado, noivo, amigo, entre outros. Já, “onde”, refere-se ao espaço doméstico que diz respeito ao local das agressões.

A violência doméstica contra a mulher tem, cada vez mais, ganhado repercussão em função do aumento gradativo de casos. Conforme discorre Vieira, Garcia e Maciel (2020), o isolamento da pandemia do COVID-19 potencializou alguns indicadores acerca da violência. As mídias, as propagandas do disque denúncia começaram a circular com mais frequência em função do grande número de denúncias feitas. Foram criadas também formas de acolher as denúncias, como o Ouvidoria Nacional dos Direitos

---

<sup>2</sup>Psicóloga e professora do Curso de Psicologia da UNIFE e orientadora deste estudo. E-mail: andreia.martins@unife.edu.br



Filme “Vidas Partidas” (2016) e a Violência doméstica e familiar contra a mulher sob a perspectiva do Psicodrama

Humanos (ONDH), o aplicativo de Direitos Humanos, *sites* como o “disque100.mdh.gov.br” e “ligue180.mdh.gov.br” em que outras pessoas podem enviar fotos, vídeos para registrar situações de violência.

A Organização Mundial da Saúde - OMS declarou, em março de 2021, que uma em cada três mulheres é submetida à violência física ou sexual, sendo a violência sexual podendo ser ou não por parte do parceiro. O estudo ainda aponta que uma em cada quatro mulheres jovens entre 15 e 24 anos já tiveram ou já sofreram violência por parte de seus parceiros (NAÇÕES UNIDAS BRASIL, 2021).

O Conselho Federal de Psicologia - CFP (2021) traz dados recentes do aumento de casos de violência doméstica: de janeiro a junho de 2020, 648 feminicídios foram registrados, um aumento de 1,9% em relação ao mesmo período de 2019. As ligações para a Polícia Militar tiveram aumento de 3,9% e uma queda de 9,9% nos registros de boletins de ocorrências. O mapa de violência de gênero em Santa Catarina mostra que entre 2014 e 2017 registrou-se 26.215 casos de violência física. Nesse mesmo período houve registro de 3.472 casos de estupro.

No Brasil, a Lei Maria da Penha é quem ampara legalmente as mulheres contra a violência doméstica. Sancionada em 7 de agosto de 2006, foi criada como ferramenta para a proteção da mulher contra a violência doméstica e familiar. É importante lembrar, que a referida lei leva esse nome em função da própria história de Maria da Penha Maia Fernandes, que sofreu violência doméstica por conta do parceiro, ficando paraplégica, sendo o culpado somente julgado anos depois. A lei não se trata de uma forma de homenagem, mas sim de uma forma de retratação perante a sociedade pela negligência, omissão e tolerância em relação à violência doméstica. (INSTITUTO MARIA DA PENHA, 2018). O Art. 5º da Lei 11.340/06 (Maria da Penha) relata: “Para os efeitos dessa Lei, configura violência doméstica e familiar contra a mulher qualquer ação ou omissão baseada no gênero que lhe cause morte, lesão, sofrimento físico, sexual ou psicológico e dano moral ou patrimonial” (BRASIL, 2006).



Filme “Vidas Partidas” (2016) e a Violência doméstica e familiar contra a mulher sob a perspectiva do Psicodrama

Nesse sentido, este trabalho tem como objetivo geral analisar como o contexto do filme Vidas Partidas pode promover discussões/reflexões sobre a violência doméstica contra a mulher, sob a perspectiva do Psicodrama. Com relação aos objetivos específicos citam-se: caracterizar a violência doméstica contra a mulher; verificar as cenas que representam a conserva cultural, a espontaneidade e a criatividade. Graça e Raul, protagonistas do filme, a princípio, mostram-se um casal apaixonado, com duas filhas. Até que Graça começa a deslanchar em sua carreira profissional e Raul fica desempregado. Para ajudá-lo, Graça pede a um amigo de trabalho que indique seu esposo a uma vaga de professor. Após conseguir o cargo, Raul, aos poucos, torna-se agressivo e possessivo, o que ocasiona em frequentes cenas de violência doméstica contra Graça.

Oliveira e Araújo (2012) tratam das semelhanças com o teatro de Moreno, que em 1921 começou com crianças e prostitutas nas ruas em Viena, tendo como preocupação principal os meios sociais e políticos. Moreno, então, foi aprimorando o teatro espontâneo, que posteriormente deu origem ao Psicodrama. Segundo Santos (2017) o grande objetivo do Psicodrama é a busca pela recuperação e melhora da espontaneidade e da criatividade dentro de si. Para Oliveira (2010) espontaneidade e criatividade são os grandes pilares da teoria de Moreno e relevantes quanto aos papéis sociais desenvolvidos na sociedade, em que se dá toda a relação humana.

Nas páginas, a seguir, será apresentada a fundamentação teórica composta das seguintes temáticas: violência doméstica e familiar contra a mulher; lei maria da penha maia Fernandes; formas e ciclos da violência doméstica e familiar contra a mulher; Resumo do filme Vidas Partidas e Psicodrama. Ainda, no decorrer do trabalho, serão apresentados os aspectos metodológicos que nortearam esse estudo; a análise dos resultados e ao término às considerações finais.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO





Filme “Vidas Partidas” (2016) e a Violência doméstica e familiar contra a mulher sob a perspectiva do Psicodrama

## 2.1 VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E FAMILIAR CONTRA A MULHER

Violência pode ser definida para Lourenço e Carvalho (2001) como transgressão aos sistemas de normas e de valores que se reportam, em cada momento social e historicamente definido, à integridade da pessoa. No dicionário Aurélio, violência se caracteriza como

Qualidade ou caráter violento, do que age com força, ímpeto; Ação violenta, agressiva, que faz uso da força bruta: cometer violências. [Jurídico] constrangimento físico ou moral exercido sobre alguém que obriga essa pessoa a fazer o que lhe é imposto: violência física, violência psicológica. Ato de crueldade, de perversidade, tirania e regime de violência (VIOLÊNCIA, 2021).

Os atos violentos como matar, agredir, e estuprar uma mulher, afirma Blay (2003), são práticas que ao longo da história acontecem em praticamente todos os países, independente de regimes econômicos e políticos, o que varia é a grandiosidade das agressões. Acontecem com mais frequência, por exemplo, em países com prevalência de cultura masculina e, com menos frequência, em culturas que buscam equidade entre os gêneros.

No Brasil, sob o pretexto de adultério, o assassinato de mulheres era legítimo antes da República. O código Criminal de 1830 atenuava o homicídio praticado pelo marido quando houvesse adultério. Observa-se que, se o marido mantivesse relação constante com outra mulher, esta situação constituía concubinato e não adultério. Posteriormente, o Código Civil (1916) alterou esta disposição considerando o adultério de ambos os cônjuges razão para desquite. Entretanto, alterar a Lei não modificou o costume de matar a esposa ou companheira (BLAY, 2003, p. 87).

Para Vechi (2008) a violência doméstica é antiga, contudo, no decorrer dos anos foi silenciada e aceita pela sociedade diante da influência e do predomínio da cultura e da dominação masculina. As situações de violência do homem contra a mulher eram vistas como algo natural, sem importância e sendo inerente à condição humana de gênero. Santana (2019) corrobora com Vechi (2008) quando afirma que ao longo do tempo, as mulheres eram vistas como objeto, sem poder de decisão, de expressão e consideradas, por tantas vezes, inferiores aos homens, devendo ao marido obediência e com um objetivo único e claro: reprodução de filhos.



Filme “Vidas Partidas” (2016) e a Violência doméstica e familiar contra a mulher sob a perspectiva do Psicodrama

Lourenço e Carvalho (2001) afirmam que a violência doméstica se tornou um assunto velado para a família e que, só recentemente, o referido tema veio adentrar, como objeto de estudo, as ciências sociais e humanas, trazendo à tona realidades e as mais variadas pessoas envolvidas. Para Sacramento e Rezende (2006), a violência é uma questão social, sendo assim, não é objeto de estudo específico de nenhum setor e ainda está dentro da vida social de tal maneira que muitas vezes passa a ser compreendida como uma situação normal.

Blay (2003) afirma que o panorama econômico e cultural do Brasil mudou após a metade do século XIX até depois da Primeira Guerra Mundial, e que, a partir da industrialização e da urbanização, as mulheres passaram a ocupar seus espaços, seja nas ruas, no trabalho, fora de casa ou nos estudos, mudando a vida e o cotidiano das famílias. Começou-se então uma grande discussão sobre os casamentos da época.

Lourenço e Carvalho (2001) dizem que a violência doméstica tem informações ambíguas e confusas quando o assunto é a denominação da expressão. “De todos, sua única certeza é de que a violência doméstica, assim como qualquer outra, fere a dignidade pessoal de um indivíduo” (LOURENÇO; CARVALHO, 2001, p. 99). Em 1983 com o fim do Militarismo criou-se o Conselho Estadual de Condição Feminina em São Paulo para que a igualdade de gênero fosse atendida. Em 1985, a Delegacia de Defesa da Mulher foi também criada (VECCHI, 2008, p. 21). Em 2006 foi sancionada a lei 11.340, Lei Maria da Penha, a qual será aprofundada posteriormente neste trabalho.

Blay (2003) destaca um ponto importante, pois o serviço prestado pela Delegacia de Defesa a Mulheres (DDMS) é prestado por mulheres, mas estas, que vinham de cultura machista e agiam de acordo com o que lhes foi ensinado. Logo, então, foi necessário um treinamento de profissionais, mulheres e homens, para que compreendessem que mulheres e meninas tinham o dever de denunciar a violência cometida, seja por pais, padrastos, maridos ou qualquer outra pessoa. O grande ponto da questão é se, efetivamente e regularmente, essas reciclagens, ensinamentos e conscientização estão sendo



Filme “Vidas Partidas” (2016) e a Violência doméstica e familiar contra a mulher sob a perspectiva do Psicodrama

feitos permanentemente para assegurar que essa mulher, a qual já sofreu a violência, chegue neste lugar e seja acolhida e não julgada.

Ainda sobre os meios de proteção às mulheres, após 1982, com a eleição direta de governadores e a reorganização partidária, segundo Blay (2003) o cenário feminista se fortaleceu, com isso foi criada em 1983, o primeiro Conselho Estadual da Condição Feminina em São Paulo. Dois anos depois, em 1985, a primeira Delegacia da Mulher foi idealizada.

Boseli (2005) ressalta que, para a maioria das mulheres, o início da Delegacia para Mulher significaria que a violência não passaria mais em branco e sem importância para o resto da sociedade, o que se tornaria algo notável aos olhos de todos. Além de poder reelaborar o significado da violência, a cidadania e a categoria social seriam menos discriminadas. Evidenciamos abaixo trechos do Art. 5 e Art. 6 da Lei Maria da Penha, em que se caracterizam suas disposições gerais:

I - no âmbito da unidade doméstica, compreendida como o espaço de convívio permanente de pessoas, com ou sem vínculo familiar, inclusive as esporadicamente agregadas;

II - no âmbito da família, compreendida como a comunidade formada por indivíduos que são ou se consideram aparentados, unidos por laços naturais, por afinidade ou por vontade expressa;

III - em qualquer relação íntima de afeto, na qual o agressor conviva ou tenha convivido com a ofendida, independentemente de coabitação.

Parágrafo único. As relações pessoais enunciadas neste artigo independem de orientação sexual.

Art. 6º A violência doméstica e familiar contra a mulher constitui uma das formas de violação dos direitos humanos (BRASIL, 2006).

Souza, Martins e Araújo (2014) lembram que, em 1975, a ONU reconheceu, pela primeira vez, a gravidade da violência contra a mulher. Em 1990 é entendido como problema de grande amplitude, que afeta uma grande parcela da população. Em 1993, a Conferência Mundial das Nações Unidas sobre os Direitos Humanos reconheceu os direitos das mulheres como direitos humanos, conseqüentemente, definiu a violência sexual se torna uma violação.

O Conselho Regional de Psicologia do Paraná (CRP-PR) em nota publicada em novembro de 2020 orienta os psicólogos sobre os atendimentos a mulheres em situações de violência, visando sempre às leis federais e





Filme “Vidas Partidas” (2016) e a Violência doméstica e familiar contra a mulher sob a perspectiva do Psicodrama

estaduais que amparam a violência. O papel da Psicologia no que diz respeito à violência contra as mulheres é o compromisso em uma dimensão ético-política, somando esforços para a discussão desse tema tão importante. Fica vedado, assim, a obrigatoriedade da notificação compulsória e comunicação a órgãos de autoridade policial em um prazo de 24 horas, onde houver indícios ou confirmações de violência contra as mulheres atendidas em serviços de saúde públicos ou privados. Em dezembro de 2019 foi sancionada a lei nº 13.931 em que "Art. 1º Constituem objeto de notificação compulsória, em todo o território nacional, os casos em que houver indícios ou confirmação de violência contra a mulher atendida em serviços de saúde públicos e privados" (BRASIL, 2019).

Em vídeo divulgado pelo seu canal oficial do *Youtube*, em outubro de 2016, o Conselho Federal de Psicologia traz a distinção entre Notificação Compulsória que está restrita ao sistema de saúde em que o profissional toma conhecimento do ato de violência e tem como obrigatoriedade informar o sistema sanitário essa ocorrência, ou seja, é interna, sem a divulgação externa dos dados da vítima e é utilizada para fins de estatística e construção de políticas públicas. A comunicação externa é excepcional e só pode acontecer quando de relevante interesse público, ou de grande interesse de proteção da vítima. (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2016).

O CRP-PR orienta então acolher essa mulher em situação de violência, sendo por meio de escuta qualificada, ou seja, sem julgamento (NOTA TÉCNICA CRP-PR nº 004/2020, 2020). Também é necessária informação, sendo essencial a desconstrução de conceitos ao longo do atendimento sobre a violência, sendo essa não somente física. A violência pode causar na mulher confusão a respeito de sua percepção de si e do seu mundo ao redor, pois são muitos os questionamentos feitos. É importante também salientar os direitos da mulher para que esta se sinta protegida e amparada (NOTA TÉCNICA CRP-PR nº 004/2020, 2020). Também se salienta a importância de encaminhar para a rede tendo sempre um trabalho integrado com as políticas sociais da região onde se encontra (NOTA TÉCNICA CRP-PR nº 004/2020, 2020).



Filme “Vidas Partidas” (2016) e a Violência doméstica e familiar contra a mulher sob a perspectiva do Psicodrama

## 2.2 LEI MARIA DA PENHA MAIA FERNANDES

O Instituto Maria da Penha (IMP) oferece em seu *site* informações em uma linha do tempo demonstrando os fatos que antecederam e atravessaram o crime contra Maria da Penha. Nesse sentido, em 29 de maio de 1983, na cidade de Fortaleza, Maria da Penha foi vítima de violência por parte de seu então companheiro e marido, professor universitário Marco Antônio Herredia. O marido disparou contra a esposa um tiro enquanto ela dormia. A polícia alega que foram vítimas de um roubo à mão armada. Por essa tentativa, Maria da Penha ficou paraplégica permanentemente da cintura para baixo (INSTITUTO MARIA DA PENHA, 2018).

Pouco tempo após sua saída do hospital, ainda em recuperação, a biofarmacêutica sofre novamente um atentado por parte do marido, desta vez, Marco tentou eletrocutá-la enquanto ela se banhava. Os atos se sucederam na cidade de Fortaleza, no Ceará, e Maria denunciou o marido no mesmo ano (INSTITUTO MARIA DA PENHA, 2018).

O julgamento de Marco aconteceu somente oito anos depois dos crimes, em 1991. Marco foi sentenciado a 15 anos de prisão, mas não cumpriu a pena por recursos solicitados pela defesa. O próximo julgamento se realizou somente em 1996, quando condenado a 10 anos e 6 meses de prisão, novamente não cumprindo a pena, pois a defesa alegou irregularidades processuais. (INSTITUTO MARIA DA PENHA, 2018).

Foi preciso que em 1998, o Centro de Justiça, o Direito Internacional e o Comitê Latino-americanos do Caribe para a Defesa dos Direitos da Mulher tivessem conhecimento do caso e denunciasse para a Comissão Interamericana de Direitos Humanos da Organização dos Estados Americanos. Apesar disso, mesmo assim, o Estado Brasileiro se omitiu do processo e não se pronunciou (INSTITUTO MARIA DA PENHA, 2018). Em 2001, o Estado é responsabilizado por negligência, omissão e tolerância em relação à violência doméstica praticada contra as mulheres brasileiras.

Em 2002 foi criado um consórcio de Organizações Não Governamentais (ONGS) para elaboração de uma lei que combata a violência doméstica e



Filme “Vidas Partidas” (2016) e a Violência doméstica e familiar contra a mulher sob a perspectiva do Psicodrama

familiar contra a mulher. Após muitos debates com os poderes Legislativo, Executivo e a sociedade, o projeto de Lei n. 4.559/2004 foi aprovado na Câmara dos Deputados e chegou ao Senado Federal, o projeto foi aprovado com unanimidade em todas as casas, e, em 7 de agosto de 2006, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva sancionou a lei n. 11.340, que levou o nome de Maria da Penha. (INSTITUTO MARIA DA PENHA, 2018).

É considerada violência doméstica todos os atos que constam na lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006, denominada Lei Maria da Penha que é citada acima, tendo em suas disposições preliminares o direito reservado e garantido a mulheres para viver sem a violência e a não garantia destes se enquadra na violação dos direitos humanos (INSTITUTO MARIA DA PENHA, 2018). A Lei Maria da Penha denomina cinco os tipos de violência doméstica e contra a mulher, sendo elas: física, psicológica, sexual, patrimonial e moral (BRASIL, 2006).

A Lei Maria da Penha sancionada em 7 de agosto de 2006 dispõe de 5 títulos e 4 sessões. Foi criada como ferramenta para a proteção da mulher contra a violência doméstica e familiar, nos termos do § 8 do Artigo 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as mulheres e da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a mulher (BRASIL, 2006).

### 2.3 FORMAS E CICLOS DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E FAMILIAR CONTRA A MULHER

Segundo a lei 11.340 de 7 de agosto de 2006, em uma de suas disposições, no Capítulo II, Art. 7 caracteriza as formas de violência, sendo elas 1) violência física; 2) violência psicológica; 3) violência sexual; 4) violência patrimonial e 5) violência moral. Assim, a violência física, conforme Art. 7º, inciso II da Lei 11.340/06 “[...] é entendida como qualquer conduta que ofenda sua integridade ou saúde corporal”. (BRASIL, 2006).





Filme “Vidas Partidas” (2016) e a Violência doméstica e familiar contra a mulher sob a perspectiva do Psicodrama

Para Pires (2018) delitos físicos acometidos sobre o corpo da mulher são, tapas, chutes, socos, empurrões, queimaduras, mordeduras, estrangulamentos, mutilação genital, tortura e assassinato. A autora ainda enfatiza que a Lei não protege somente a integridade física, mas também a corporal, visto que, o estresse pós-traumático pode ocasionar dores de cabeça, dores nas costas, distúrbios de sono, entre outros. Conforme Art. 7º inciso II da Lei 11.340/06,

II - a violência psicológica, entendida como qualquer conduta que lhe cause dano emocional e diminuição da autoestima ou que lhe prejudique e perturbe o pleno desenvolvimento ou que vise degradar ou controlar suas ações, comportamentos, crenças e decisões, mediante ameaça, constrangimento, humilhação, manipulação, isolamento, vigilância constante, perseguição contumaz, insulto, chantagem, violação de sua intimidade, ridicularização, exploração e limitação do direito de ir e vir ou qualquer outro meio que lhe cause prejuízo à saúde psicológica e à autodeterminação (BRASIL, 2018).

Essa também pode ser

Entendida como atos de ameaças, constrangimentos, humilhação, manipulação, isolamento, vigilância constante, perseguição, insultos, chantagem, exploração, limitação do direito de ir e vir, ridicularização, tirar liberdade de expressão e crença, e distorção e omissão de fatos. Além de ocasionar danos à autoestima, à identidade ou desenvolvimento de pessoas (PIRES, 2018, p. 74).

Vechi (2018) destaca que na Lei não é necessário um comportamento violento, é somente preciso que tenha a ocorrência de coação, seja de qual for o grau, para que o acusado seja enquadrado nesse tipo de violência. Sobre a violência sexual, conforme Art. 7º, inciso II da Lei 11.340/06

III - a violência sexual, entendida como qualquer conduta que a constranja a presenciar, a manter ou a participar de relação sexual não desejada, mediante intimidação, ameaça, coação ou uso da força; que a induza a comercializar ou a utilizar, de qualquer modo, a sua sexualidade, que a impeça de usar qualquer método contraceptivo ou que a force ao matrimônio, à gravidez, ao aborto ou à prostituição, mediante coação, chantagem, suborno ou manipulação; ou que limite ou anule o exercício de seus direitos sexuais e reprodutivo (BRASIL, 2006).

Para o Instituto Maria da Penha (2018) são caracterizados atos de estupro, impedição do uso de métodos contraceptivos ou a obrigação do aborto, forçar matrimônio, gravidez, prostituição, limitar ou anular o exercício de direitos sexuais. Vechi (2008) diz da resistência em admitir a ocorrência de



Filme “Vidas Partidas” (2016) e a Violência doméstica e familiar contra a mulher sob a perspectiva do Psicodrama

violência sexual nos vínculos familiares, pois o sexo sempre fez parte de umas das obrigações do casamento, então, o homem estaria exercendo um direito. Já, conforme o Art. 7º, inciso II da Lei 11.340/06, sobre a violência patrimonial

IV - a violência patrimonial, entendida como qualquer conduta que configure retenção, subtração, destruição parcial ou total de seus objetos, instrumentos de trabalho, documentos pessoais, bens, valores e direitos ou recursos econômicos, incluindo os destinados a satisfazer suas necessidades (BRASIL, 2006).

A violência patrimonial, caracterizada segundo Vechi (2008) por ações ou omissões com o objetivo de dificultar as condições de subsistência autônoma, deixando que a vítima não tenha condições de trabalho, valores e recursos econômicos, sendo incapaz de se autodeterminar, o que, por fim, pode causar dependência econômica e patrimonial. Controlar o dinheiro, deixar de pagar pensão alimentícia, destruição de documentos pessoais, furto, extorsão ou dano, estelionato, privação de bens, valores ou recursos econômicos também são condições que entram no enquadramento da Lei.

A violência moral se compara com a violência psicológica, pois ambas contribuem para a destruição do psíquico da mulher, como afirma Pires (2018, p. 76). Conforme Art. 7º, inciso II da Lei 11.340/06, a violência moral é “[...] entendida como qualquer conduta que configure calúnia, difamação ou injúria” (BRASIL, 2006).

A teoria do ciclo da violência, segundo Fife e Schrage (2012) foi criada por Lenore Walker, em 1979, com um livro publicado e intitulado *“The Battered Woman”*. O livro é um estudo de entrevistas que Walker fez com mulheres vítimas de violência doméstica. Ela entrevistou 120 mulheres e descreve características que podemos atribuir a um relacionamento abusivo. Os autores ainda ressaltam que o abuso nos relacionamentos dificilmente inicia-se imediatamente quando começam os relacionamentos, pode começar com uma fase em que há uma escala de tensão entre os parceiros.

Os ciclos de violência doméstica descritos por Walker são: a fase da construção da tensão, a ocorrência do abuso e a fase da lua de mel. Como propriamente denominados os ciclos tendem a acontecer por repetidas vezes.



Filme “Vidas Partidas” (2016) e a Violência doméstica e familiar contra a mulher sob a perspectiva do Psicodrama

Sales (2018) diz que a vítima fica nesse ciclo, em que a postura adotada pelo agressor passa por fases com variações de tensão, sendo o ato violento seu ápice. Sales (2018) lembra ainda que os atos podem acontecer de uma hora para outra, sem algum motivo específico, mesmo o agressor dando sinais que irão acontecer, a vítima, porém, dificilmente consegue identificar e perceber os sinais.

A Construção da Tensão é a primeira fase do ciclo da violência, é nesse ciclo que a vítima é confrontada pelo novo comportamento do abusador. Para Fife e Schragger (2012) esta é a pior mais devastadora para a vítima, porque o abusador aparentemente não era assim e seu comportamento abusivo não irá mudar. Por isso, muitas vítimas permanecem em negação e esperam que logo isso passe. Porém o abusador será cada vez mais imprescindível e irritado em seu comportamento, e qualquer incidente ou desacordo que na fase de lua de mel seria fácil de ser resolvido, começa a ficar cada vez mais sério.

Sales (2018) descreve a primeira fase como em que a mulher tenta, de alguma forma, pacificar a situação e acalmar o agressor, fazendo com que ela mesma não acredite nos xingamentos e hostilidade do parceiro. Nessa fase ainda não ocorrem os atos violentos, mas a violência psicológica com as ameaças e manipulações que começam a dar indícios de uma possível agressão física.

Com relação à segunda fase denominada de fase da ocorrência do abuso, “Esta é a fase em que o ato de violência é findado. O abusador pratica a violência, e para a vítima essa é apenas uma conclusão inevitável do que ela tenha feito” (FIFE; SCHRAGER, 2012, p. 25). Quando da violência psicológica parte para a violência física, Sales (2018) comenta que este é visto como um ato limite e a vítima começa a perceber a situação e avalia a possibilidade de procurar algum tipo de ajuda, sendo a rede de apoio a mais procurada. É nessa fase também que as autoridades policiais geralmente são colocadas diante da situação. Tida com a fase mais crítica, pois “o agressor empreende toda sua raiva. Ele usa de violência física como forma de corrigir e punir a parceira pelos comportamentos que ele julga serem incorretos [...]” (p. 21).





Filme “Vidas Partidas” (2016) e a Violência doméstica e familiar contra a mulher sob a perspectiva do Psicodrama

A fase da lua de mel configura-se pós os atos de violência praticados, a relação do casal começa a voltar ao normal. Para Fife e Schragger (2012) o abusador começa a tratar a abusado sempre muito bem e de forma a encantar, pedindo desculpas, prometendo que não acontecerá novamente, dando atenção e presentes e a vítima, que caiu em suas promessas, decide continuar o relacionamento, negando as agressões e acreditando que não acontecerá novamente. A fase de lua de mel, é somente uma pausa para que o ciclo comece novamente em breve.

Cerejo (2014) fala dos ciclos sendo este um processo e não um acontecimento isolado, em que podem ocorrer diversas tentativas de frustrantes de término entre o casal, mas que estes são parte fundamental, pois colaboram com a mudança de percepção, assim, apesar de o regresso percebe-se que pode haver uma saída.

#### 2.4 RESUMO DO FILME VIDAS PARTIDAS

Vidas Partida é uma obra cinematográfica produzida no Brasil e lançada em 4 de agosto de 2016, dirigido por Marcos Schechtman. O filme conta a história de Graça (atriz Naura Schneider) e Raul (ator Domingos Montagner) na cidade de Recife em 1982 (VIDAS PARTIDAS, 2016).

Perdidamente apaixonados, o casal que tem duas filhas se envolve em um relacionamento ardente, mas, enquanto Graça deslancha em sua carreira profissional, Raul fica desempregado. Na tentativa de ajudar o marido, Graça, em segredo, pede a um amigo que o indique à vaga de professor universitário, e ao conseguir a vaga Raul se mostra altamente agressivo e possessivo. O filme retrata a violência doméstica, desde os primeiros indícios até o ato violento final que deixou Graça paraplégica e faz recortes de cenas que mostram os dias que antecederam o crime, as visões de ambos de como ocorreram e cenas do dia de julgamento de Raul, no ano de 1992 (VIDAS PARTIDAS, 2016).



Filme “Vidas Partidas” (2016) e a Violência doméstica e familiar contra a mulher sob a perspectiva do Psicodrama

A história não tem um narrador oficial, mas desde o início retrata toda a vida de Graça e Raul e seu entorno, que são suas duas filhas e a empregada da casa. Raul não se mostra agressivo e possessivo no começo do filme, seus traços começam quando Graça recebe um prêmio pelo seu trabalho, após isso dança com algum colega de trabalho e deixa Raul visivelmente irritado. Nessa festa Raul agride fisicamente esse homem que dançou com Graça (VIDAS PARTIDAS, 2016).

Após esse episódio, acontecem vários outros em que se intensificam as agressões físicas e verbais, encobertas pelo dia seguinte, quando Raul sempre aparece arrependido e a presenteando. Acuada e com medo, Graça descobre uma série de fatores como a outra família que Raul tinha antes de se casar com ela, amantes na universidade onde ele era docente e uma arma escondida dentro do seu escritório e tenta o divórcio, mas é aconselhada pelo próprio advogado a não fazer o “desquite”, pois pode perder a guarda de suas filhas (VIDAS PARTIDAS, 2016).

Sobre o dia do crime em que Graça ficou tetraplégica, aparece primeiro a visão de Raul, que conta no tribunal que foram vítimas de um assalto em casa, e que, enquanto Graça dormia, Raul ouviu um barulho e foi ver o que estava acontecendo, levando um tiro, depois o suposto assaltante foi até o quarto do casal enquanto Graça estava no banheiro e deu um tiro nela, a doméstica que dormia na casa com as crianças também escutou e as colocou no armário. Quando chegou à cozinha, encontrou Raul caído com um tiro no ombro e Graça caída no chão do banheiro. (VIDAS PARTIDAS, 2016).

No depoimento de Graça ela conta que alguns dias antes Raul havia tentado estuprá-la, e que na noite do crime estava dormindo e que acordou sem Raul na cama. O filme mostra Raul forjando todos os acontecimentos, pois na verdade não houve assaltando algum, Raul primeiro atirou em Graça e depois atirou em seu próprio ombro para fingir o assalto. Após Graça chegar em casa do hospital, Raul ainda tenta provocar um curto-circuito enquanto ela estava tomando banho (VIDAS PARTIDAS, 2016). No tribunal o juiz lê a



Filme “Vidas Partidas” (2016) e a Violência doméstica e familiar contra a mulher sob a perspectiva do Psicodrama

sentença e o considera culpado, são 5 votos contra 2 e pena fixada em 5 anos de reclusão (VIDAS PARTIDAS, 2016).

## 2.5 PSICODRAMA

Jacob Levy Moreno é o criador do Psicodrama, nasceu em 1889, na cidade de Bucareste, na Romênia, foi médico psiquiatra (NERY e CONCEIÇÃO, 2012). Começou o trabalho em grupo, segundo Nery e Conceição (2012), com crianças carentes de atenção social, e nos jardins de Viena, encenavam histórias. Diz o próprio Moreno (1975) que costumava passar pelos jardins e reunir crianças para formar grupos e, de forma improvisada, montar representações, querendo que as crianças se conhecessem espontaneamente, sendo a favor delas, da sociedade e dos seus direitos, brincando e não sendo robôs, assim, criou-se a jogo de Deus.

Compadecido com a realidade das prostitutas, ajudou-as a organizar em grupos para que criassem leis que pudessem protegê-las. Moreno, propunha-se a trabalhar principalmente com grupos e pessoas que necessitavam de maior atenção social, como prisioneiros, marginais, diz Nery e Conceição (2012), que tinha vocação para o trabalho com teatro, e portanto, criou o teatro terapêutico em Nova York. Aos 85 anos, Moreno morreu em 14 de maio de 1974.

Segundo Gonzalez (2020) a espontaneidade para Moreno não é um ato impulsivo e é algo evidente em sua teoria, mas que tem dupla definição. Uma delas é a de que conduz e a outra a resposta que dá origem. Para Moreno (1975) "Drama é uma transliteração do grego, que significa ação ou uma coisa feita. O Psicodrama é uma transliteração de uma coisa feita à psique e com a psique - a psique em ação" (p. 61).

Faleiros (2004) discorre que a espontaneidade é gerada por meio de técnicas do aquecimento, ou seja, corpo e mente colocados em movimento, para então desencadear uma ação organizada. Há qualidades essenciais para um ato espontâneo, tais como: mente aberta, vontade de iniciativa, integração





Filme “Vidas Partidas” (2016) e a Violência doméstica e familiar contra a mulher sob a perspectiva do Psicodrama

com a realidades exteriores e interiores, das emoções e funções racionais. É necessário haver intencionalidade para chegar-se ao resultado.

Para Cukier (1992) a conserva cultural engloba um montante de materiais, comportamentos e costumes mantidos iguais ao longo dos anos, de uma determinada cultura. Para que a criatividade se apresente é necessário que a conserva cultural seja deixada e fique somente no ponto de partida. “A espontaneidade e a conserva cultural são fenômenos tangíveis e observáveis na experiência humana. São conceitos interligados; um é função do outro. Não pode ser realizada a espontaneidade absoluta nem a conserva absoluta, mas comprovou-se que são princípios heurísticos úteis” (MORENO, 1975, p. 464).

Tele para Moreno é a percepção interna mútua entre dois indivíduos, permitindo uma experiência subjetiva profunda. É inato, mas nem sempre possível com todas as pessoas. Tele é encontro, e pessoas fadadas a esses encontros são pessoas com potencial para relacionamentos transformadores (CUKIER, 1992)

Segundo Menegazzo, Tomasin e Zuretti (1995) o “eu” do Psicodrama é visto como um conjunto de papéis, o qual é formado em um núcleo basal, sendo assim, o “eu” é todo contato com outras pessoas ou conhecimentos que ocorrem de maneira proposital ou contingente. Para Romano (2011) já se nasce parte de uma sociedade, estamos entre culturas distintas e dentro de um sistema, que nos influenciam e, posteriormente, o influenciemos. São nestas relações que estabelecemos rede e vínculo e construímos nossa identidade, lembrando que essa identidade não é algo restrita e está em constante mudança.

Dedomenico (2020) fala da significação da função dos papéis, pois papel não é somente alguma conduta que o outro observa em nós, mas passa a também ter um significado. O “eu” que é constituído é uma forma de expressão pela articulação entre os seus outros papéis, que se faz por meio de subjetividades, levando sempre em conta o contexto histórico e social.

O conceito de papel, como define Faleiros (2004), é extensivo, pois inclui todas as dimensões da vida, desde o nascimento perpassando até a vida



Filme “Vidas Partidas” (2016) e a Violência doméstica e familiar contra a mulher sob a perspectiva do Psicodrama

adulta, assim como a participação na sociedade. É o homem imerso no social, buscando transformar por meio da ação. Cada fala, gesto e expressão do nosso comportamento no encontro com as pessoas compõem nosso papel, ou seja, utilizamos (e somos) o papel todos os dias, sendo feito, visto na relação. Ainda assim, “o papel é a menor unidade observável e mensurável da expressão sócio relacional da personalidade”. (FALEIROS, 2004, p. 18).

A Matriz de Identidade, conforme é descrita por Ramalho (2018) é o lugar onde as crianças são inseridas desde o seu nascimento, relacionando-se com objetos e pessoas conforme o ambiente em que está inserido, sendo esse meio social constituído por fatores sociais, materiais e psicológicos.

Na matriz de identidade, a criança começa a desenvolver os papéis psicossomáticos com o objetivo de resolver suas necessidades biológicas em sua nova situação no meio aberto que a cerca. Com essa tensão, começa também a enfrentar seu processo de diferenciação. (MENEGAZZO; TOMASINI; ZURETTI, 1995. p. 126).

Menegazzo, Tomasini e Zuretti (1995) afirmam que a Matriz Identidade possui duas fases, a primeira é a Matriz de Identidade Total Indiferenciada no qual as crianças não têm a percepções de seus sentidos tão aguçados, não conseguindo distinguir objetos, o próprio indivíduo e as outras pessoas, é nessa fase que começa a surgir os papéis psicossomáticos. A segunda fase é a Matriz de Identidade Total Diferenciada em que a criança já tem melhor discernimento do meio que a rodeia, que tem o funcionamento como ato fundantes, em que a criança vai construindo um novo modo de ser, com novos papéis e contra papéis com suas respectivas funções desenvolvendo sua faculdade télica (tele). É a partir dessa matriz que ocorre o surgimento dos papéis sociais e psicodramáticos.

O clima, a alimentação, as vestimentas, a cultura, o credo e os hábitos também falam sobre nós. Tudo isso somado às relações pessoais constroem a nossa identidade, a nossa forma de ser, pensar e estar no mundo (ROMANO, 2011, p. 128). Logo, deixar toda essa rede de átomos sociais, que para Romano (2011) é a configuração social das relações que o indivíduo estabelece desde o seu nascimento, por toda sua vida, e que está em



Filme “Vidas Partidas” (2016) e a Violência doméstica e familiar contra a mulher sob a perspectiva do Psicodrama

constante mudança e ampliação. O átomo social para Romano (2011) é a configuração social das relações que o indivíduo estabelece desde o seu nascimento, por toda sua vida, e que está em constante mudança e ampliação, faz com que acabem se perdendo esses significados de papéis, histórias e participações.

Para Dedomenico (2020) sujeito e instrumento de conhecimento se produzem aos poucos, nos encontros que se tem. O corpo fala e expressa suas questões e interesses, esse corpo faz ver e falar. Quanto ao papel, importa-se pensar na sua funcionalidade, a partir de suas construções sócio-históricas e em sua utilização como ferramenta de produção de saber, suas condições (o que se vê) e de sua enunciação (o que se fala).

Por fim, Moreno (1975) diz que o Psicodrama, historicamente, foi o ponto crucial para que houvesse o caminho entre o individual para o grupo, do tratamento com métodos verbais para o tratamento por métodos de ação. Desenvolveu-se uma teoria grupal que se pode utilizar também no individual, sendo mais profunda.

### 3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta é uma pesquisa de natureza qualitativa e assume a tipologia exploratória, pois “[...] têm como propósito proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses. Seu planejamento tende a ser bastante flexível, pois interessa considerar os mais variados aspectos relativos ao fato ou fenômeno estudado” (GIL, 2018, p. 25).

O método de pesquisa é classificado como estudo de caso, que segundo Gil, (2018)

[...] é uma modalidade de pesquisa amplamente utilizada nas ciências sociais. Consiste no estudo profundo e exaustivo de um ou poucos casos, de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento; tarefa praticamente impossível mediante outros delineamentos já considerados (GIL, 2018, p. 33).





Filme “Vidas Partidas” (2016) e a Violência doméstica e familiar contra a mulher sob a perspectiva do Psicodrama

A coleta de dados se deu, a partir de análise documental, que segundo Sá-Silva, de Almeida e Guindani (2009) é um procedimento que usa de métodos e técnicas para o melhor entendimento e compreensão de documentos, dos mais variados tipos, e que ultrapassam a ideia de textos escritos ou impressos, como reportagens, filmes e fotografias. Esses tipos de matérias ainda não receberam algum tratamento científico ou analítico, por este motivo a pesquisa documental requer análise cuidadosa (SÁ-SILVA; DE ALMEIDA; GUINDANI, 2009).

Deu-se a escolha do filme “Vidas Partidas” (2016) pois retrata a violência doméstica e familiar contra a mulher no Brasil. Foi necessário assistir ao filme várias vezes para a escolha das cenas trabalhadas na análise, onde dessa forma pôde-se anotar cada ponto que deveria trabalhar-se. Escolheu-se então cenas que fizessem parte dos ciclos de violência, e que fosse possível identificar a espontaneidade, criatividade e conserva cultural. Assim, a análise da obra cinematográfica “Vidas Partidas” ocorreu por meio dos conceitos já elucidados na fundamentação teórica apresentada anteriormente nesse estudo.

#### **4 ANÁLISE**

Neste momento, propõem-se compreender alguns elementos do filme "Vidas partidas", analisando cenas que representam a conserva cultural, a espontaneidade e a criatividade conforme conceitos do Psicodrama, agregando com os ciclos, conceitos e formas de violência doméstica.

A história do filme "Vidas Partidas" retrata a vida de Raul e Graça no ano de 1982, na cidade de Recife - PE, que levam um casamento tranquilo, até Raul apresentar alguns comportamentos alterados por causa dos ciúmes e por não conseguir mais financeiramente manter um nível hierárquico acima de Graça. A partir desse contexto, o casal começa a adentrar o ciclo de violência. O filme é baseado na história real de Maria da Penha Maia Fernandes.

Graça está em ascensão na sua carreira profissional e vem sendo reconhecida pelo seu trabalho, já Raul está desempregado e é sua esposa



Filme “Vidas Partidas” (2016) e a Violência doméstica e familiar contra a mulher sob a perspectiva do Psicodrama

quem o ajuda a conseguir um novo emprego como professor universitário, contando com a ajuda de um velho amigo com quem trabalha. Com sua esposa tendo um emprego maior hierarquicamente que o seu, Raul se sente enciumado, pois não é ele quem agora mantém as despesas de casa. Graça, mesmo sem perceber, tira dele a posição de provedor da família, título este que é dado aos homens desde muito antigamente. Sentindo-se inferior à mulher, Raul começa a manifestar comportamentos agressivos por conta dos seus ciúmes.

Blay (2003) complementa que as mulheres do século XX, que eram de classe média e alta, com a educação que adquiriram e com o trabalho bem remunerado conquistaram maior poder social e econômico e começaram a protestar contra a tirania dos homens no casamento, a infidelidade, brutalidade e o abandono. O contexto social sempre esteve presente, seja lá qual for o assunto, pois os seres humanos são seres sociais, os papéis das mulheres na sociedade vêm mudando ao longo dos anos, e luta-se para que cada dia e equidade seja algo comum entre o universo feminino e masculino. Junto disso, Zendron e Seminotti (2011) dialogam sobre como o contexto social denomina os papéis sociais como as conservas culturais e que isso se repete historicamente.

Moreno criou a sessão sociátrica que, segundo Nery e Conceição (2012) é um método de ação que considera três contextos: contexto social que é a cultura na qual se está inserido, onde, quando, quem e com quem definem esse contexto e os papéis sociais; contexto grupal onde as relações envolvem os papéis sociais específicos; e o contexto dramático, que é o palco psicodramático, onde se dá vida e experiência aos participantes, possibilitando fantasiar, onde acontece a realidade suplementar, dando novas respostas aos conflitos.

No filme que se passa nos anos de 1990, em uma cidade do nordeste brasileiro, uma mulher vem se consolidando economicamente perante o seu trabalho, seu papel que antes era de esposa e mãe agora é também de cientista. O sentido da ideologia patriarcal é justamente a diminuição feminina e



Filme “Vidas Partidas” (2016) e a Violência doméstica e familiar contra a mulher sob a perspectiva do Psicodrama

a superioridade masculina, em que o poder masculino detém o poder e realiza o controle sobre a organização social. O patriarcado vem, segundo Guedes, Da Silva e Coelho (2007), na contramão à ideia de liberdade e igualdade entre os seres humanos, pois a subordinação de um dos pares do contrato de casamento imprime assimetria e enfoque paternalista à relação, pois as mulheres ficam sujeitas aos consentimentos e não podem determinar sua liberdade nem sua autonomia de ser humano.

São inúmeras as cenas em que Graça é vítima de violência doméstica, o que se enquadra justamente no que Vechi (2008) caracteriza como Violência doméstica e familiar contra a mulher, quando o agressor for alguém familiar, pessoa que frequenta sua casa, ou casa a qual a vítima frequenta, que more com ela, seja namorado, noivo, amigo, entre outros. Ou seja, quando um espaço doméstico se torna o local das agressões.

Ainda sobre a conserva cultural, o primeiro ato violento de Raul com a esposa vem após ela receber um prêmio com honras pelo reconhecimento do seu trabalho. Ainda no local da festa, Raul agrediu um dos colegas de trabalho de Graça. Ao chegar em casa, diz ao marido que "O momento não poderia ser somente meu, não é mesmo Raul" (SIC, VIDAS PARTIDAS, 2016) e Raul a agride jogando-a contra a cristaleira da casa. Graça vai até a delegacia prestar queixa e fazer exame de corpo e delito, mas é coagida pelo delegado que diz que isso poderia comprometer a guarda de suas filhas. Graça ao confrontar e ir até a delegacia, entra num momento espontâneo, que Moreno (1975, p. 101) “diz ser um fator que a habilita a superar-se a si mesmo, [...] a fim de enfrentar as suas novas responsabilidades”.

Nessas mudanças de papéis, no caso da protagonista, principalmente de esposa, mãe e num segundo plano profissional, que passa a ser o inverso, se quebram as conservas culturais, provocando novas formas de ser e de se constituir como ser humano nos mais diversos papéis desempenhados cotidianamente, para Moreno é visto como uma alteração da conserva cultural.

Para Zendron e Seminotti (2001) as mulheres que sofrem com esse menosprezo em relação à ideologia de gênero, acabam demonstrando





Filme “Vidas Partidas” (2016) e a Violência doméstica e familiar contra a mulher sob a perspectiva do Psicodrama

sofrimentos psicológicos, os quais podem cristalizar seus papéis sociais e psicodramáticos, em que a personagem no palco psicodramático, coloca se saindo dessa relação e não sofrendo o menosprezo que sofre por causa de estar agora, sendo o sustento da casa. Certamente, essas conservas mudam com o passar dos anos e essa cristalização é quebrada. Pode citar-se o exemplo que Blay (2003) afirma que no Brasil, antes da República, perante o pretexto de adultério, os assassinatos de mulheres eram permitidos. No filme, por exemplo, há várias quebras de cristalização quanto à conserva cultural, mas acredita-se ser a mais predominante quando Graça leva adiante a denúncia de triplo homicídio praticado pelo companheiro.

Quando Graça tenta sair do relacionamento denunciando seu marido, pode-se notar um ato espontâneo, porém interrompido pelo sistema social. Para Moreno (1975)

É evidente que um processo criador espontâneo é a matriz e a fase inicial de qualquer conserva cultural – quer se trate de uma forma de religião, uma obra de arte ou uma invenção tecnológica. Coloca simplesmente em primeiro plano a relação entre o momento, a ação imediata, a espontaneidade e a criatividade, em contraste com a costumeira associação de espontaneidade e reação automática (p. 160).

Acredita-se ser importante destacar a cena de Graça denunciando o marido, pois Graça em 1982, não teve uma política pública com que pudesse contar para ajudá-la, fazendo com que assim houvesse um padrão do ato violento. Moreira (2014) destaca que no Brasil, somente a partir de 1983, começou a haver alterações de proteção contra a mulher, e somente em 1985, a criação da primeira delegacia de mulher. A autora ainda destaca que as práticas nas Delegacias de Mulheres mostraram-se importantes para o acolhimento das mulheres em situações vulneráveis e de ameaças, com o de seus filhos. Fica-se, então, o questionamento sobre criação tardia de uma delegacia especializada para isso, a personagem do filme não tardou em buscar ajuda, mas se viu fragilizada em meio à política pública da época.

“As conservas culturais que produzem a ideologia patriarcal e que se manifestam nos papéis sociais e nas condutas de subordinação femininas podem ser consideradas, desde o ponto de vista psicodramático, como um



Filme “Vidas Partidas” (2016) e a Violência doméstica e familiar contra a mulher sob a perspectiva do Psicodrama

obstáculo à saúde mental da mulher” (ZENDRON; SEMINOTTI (2011, p. 106). Graça, de certa forma, empodera-se diante de Raul, conquistando um emprego melhor que o seu. Cortez e Souza (2008) descrevem que esse empoderamento implica em algo, de certa forma, pois na sociedade está sendo reconhecido diante suas restrições, sejam essas mudanças de entrada em empresas com cargos de grande poder, ou como algo mais íntimo, como o aumento da autoestima ou da autonomia de si.

Após algumas semanas, aconteceu um roubo na residência de Graça e Raul, nesse Graça leva um tiro, que a deixa paraplégica e Raul leva um tiro em seu ombro. Após investigações é notado que não existiu nenhum sinal de arrombamento ou pegadas de outras pessoas na casa, a não ser a do casal, a polícia então começa a chegar à conclusão de que o roubo, na verdade, foi apenas uma articulação de Raul. Chegando-se a essa conclusão, o delegado chama Raul e ele o suborna para que ele não fale ao juiz o que realmente aconteceu naquela noite, o companheiro de Graça então, vende o carro do casal, para pagar sua dívida, praticando, assim, o ato de violência patrimonial.

A violência contra a mulher precisa ser enfrentada e combatida por não se tratar de um mero problema particular a ser resolvido dentro dos lares. Trata-se de legítimo interesse do Estado, pois a família é uma instituição primária (RUIZ; PINTO, 2012, p. 127). Ruiz e Pinto (2012) dizem que o lugar mais perigoso para a mulher é dentro do seu próprio lar, esta deveria estar segura e resguardada de qualquer tipo de violência.

Para Carneiro e Rasera (2012) a família permite à pessoa vivenciar o sentido de pertencimento a um grupo, compartilhar histórias, ou seja, imergir no meio social, vivenciando também sentimentos e comportamentos por meio dessa relação espontânea, mostrando, assim, o valor desse papel para o desenvolvimento. Neste caso, algum membro dessa família a violenta, fazendo com que Graça saia dessa relação de alguma forma. O conceito de papel é levado em todas as dimensões da sua vida. Os papéis são denominados pelos átomos sociais e pela sociedade, logo, há papéis profissionais - determinados pela classe social, por atitudes e ações – afetivos e familiares, por exemplo. Os



Filme “Vidas Partidas” (2016) e a Violência doméstica e familiar contra a mulher sob a perspectiva do Psicodrama

papéis sociais de Graça são demonstrados no filme como de esposa, mãe, patroa de sua diarista e cientista. Para Zendron e Seminotti (2011) esses papéis sociais se reproduzem nos movimentos da sociedade e fazem a manutenção sob a conserva cultural, sendo essa uma função importante, pois sem a conserva cultural as sociedades não conseguiriam estabelecer suas normas de funcionalidade mínima.

Graça é também vítima de violência sexual, quando já paraplégica dormindo, seu marido a obrigada a fazer sexo, a calando com sua força física. A violência somente cessa quando uma de suas filhas bate na porta do quarto do casal. A violência sexual, somente foi dada como violação em 1993, (MOREIRA, 2014), quando na Conferência Mundial das Nações Unidas, sobre os Direitos humanos, o direito da mulher se reconheceu, definindo, conseqüentemente, a violência sexual como violação desse direito. Isto é, somente há 28 anos, a mulher o teve reconhecido como um direito humano.

Nos anos 1970, Vechi (2008) relembra que o dito popular "entre briga de marido e mulher não se mete a colher" era levado à risca, sendo assim, o que acontecia entre quatro paredes de uma família, ou de um casal não dizia respeito à polícia, à justiça ou a qualquer outra pessoa que estivesse de fora daquele relacionamento. Nesse mesmo ano, Ângela Diniz foi morta por Doca Street, de quem desejava se separar. O homem foi libertado do assassinato e começou um movimento denominado "quem ama não mata". A população reivindicava que o amor não justifica o crime (BLAY, 2003, p. 89).

A violência sexual que deixa marcas pelo corpo, vem também com a violência psicológica que para Ruiz e Pinto (2012) se torna muito difícil de ser identificada, pois não deixa marcas visíveis, pela maneira que ocorre, fazendo com que amigos ou familiares não percebam os sinais. Por não ter início repentino, a vítima não se dá conta do que acontece e ao longo do tempo pode se assustar até mesmo com o poder de um olhar. Inesperadamente a mulher se vê em um espaço com complicações, relacionamentos rompidos, em situações humilhantes e isolada, e percebe que isso acontece de forma repetitiva.





Filme “Vidas Partidas” (2016) e a Violência doméstica e familiar contra a mulher sob a perspectiva do Psicodrama

O mesmo delegado que diz à Graça para não seguir com a denúncia e o pedido de desquite é o mesmo que vai até o agressor o subornar para que convencesse a mulher a não prestar queixa. Tendo-se, assim, outra forma de manter a conserva cultural. Na subordinação, Raul vende o carro do casal, praticando, assim, um ato de violência patrimonial.

A erradicação da violência de gênero exige que sejam tomadas medidas para o empoderamento das mulheres, o que significa a criação de oportunidades que favoreçam a equidade de gênero nos campos da educação, do trabalho, do acesso à cultura e ao lazer. Contra os agressores, as ações repressivas e punitivas, embora necessárias, não são o suficiente (MOREIRA, 2014, p. 93).

Debilitada, Graça tenta aprender a adaptar-se à sua nova rotina. Enquanto toma banho, Raul está na instalação elétrica na casa, e causa um curto-circuito fazendo com que o chuveiro pegue fogo. Nice, a doméstica da casa, escuta o barulho e a encontra caída no chão. Graça é novamente levada ao hospital, e ao ser ouvida pela polícia, denuncia o marido por dupla tentativa de homicídio. Num último ato, Raul que está foragido da polícia, vai durante a noite até a casa de Graça e começa a chamá-la. Visivelmente embriagado, começa também a quebrar as janelas de casa, acordando Nice, e suas filhas. Raul novamente foge, antes mesmo da chegada da polícia.

A concepção de família como uma entidade não sujeita à interferência do Estado faz com que a violência se torne imperceptível, protegida pelo segredo, existindo, entre agressor e a agredida, um pacto de silêncio, que o livra da punição. Estabelece-se um verdadeiro círculo vicioso: a mulher não se identifica como vítima perante terceiros, atenuando a figura do agressor, mas ela não deixa de ter seu foro íntimo atingido, uma vez que a violência tem efeitos nefastos (RUIZ; PINTO, 2012, p. 122).

Para Ruiz e Pinto (2012) a violência se torna silenciosa, pois seja de qual for a classe social da mulher vítima de violência, o silêncio demonstra muito, pois está relacionado ao medo, à vergonha ou à culpa. Ainda se reitera as consequências à saúde tanto física quanto psíquica, que pode ocorrer de forma imediata ou tardia. Pode-se tornar menos segura e aceitar-se condições de inferioridade. Pode-se sofrer de depressão, insônia, assim como disfunções sexuais, problemas musculares, entre outros.



Filme “Vidas Partidas” (2016) e a Violência doméstica e familiar contra a mulher sob a perspectiva do Psicodrama

É importante dialogar sobre a fase “Lua de Mel”, em que nos arrependimentos Raul sempre se compromete a nunca mais praticar o ato, os presentes e súplicas de perdão são vistos em cenas desde as primeiras agressões, quando com uma carta escrita à mão, ou com flores no hospital quando Graça fica paraplégica, e num ato desesperado Raul pede perdão à Graça na frente de todos durante seu julgamento.

O homem, naturalmente, procura dar curso à sua espontaneidade, como um rio procura seu leito. Mas também procura a segurança do imutável. Esta dualidade coloca-nos perante um dilema: seguir fiéis às sempre mutáveis circunstâncias da vida, ou nos mantermos dentro da segurança do conhecido. Nesta última opção, pagamos o preço da angústia, mesmo quando usamos mecanismos para suprimi-las. Isto nos indica o que estamos impedindo de manifestar-se. A aventura de viver nos leva a escolhas dolorosas. O medo de ser livre e conseqüentemente como nossa verdade, acarreta um compromisso que nem sempre estamos em condições de cumprir. Neste lugar entra a escolha da neurose como opção tranquilizante, mesmo implicando em sofrimento (BUSTOS, 1990 p. 65).

Graça, na procura do seu leito no rio, machucada física e mentalmente como num último grito de socorro por justiça, vai ao tribunal no dia de julgamento dar seus depoimentos, bem como outras testemunhas. Passa por humilhações sendo violentada mais uma vez pelos advogados de defesa do seu marido. E mesmo assim permanece, segundo Bustos (1990), com seu vínculo simétrico de esposa e marido com Raul. Seu olhar, que ao mesmo tempo é de desprezo, é também de um amor que um dia já houve, sendo agora somente de vidas partidas por uma sucessão de atos violentos.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho foi utilizar o filme “Vidas Partidas” como promotor de discussões e reflexões sobre a violência doméstica familiar e contra a mulher, diante da perspectiva do Psicodrama.

A violência doméstica familiar e contra a mulher tem tomado conta das mídias sociais, principalmente pelo aumento gradativo de denúncias no período de quarentena durante a pandemia do COVID-19. Essa violência que é velada, vem desde muitos séculos, quando ainda era habitual o agredir, estuprar e



Filme "Vidas Partidas" (2016) e a Violência doméstica e familiar contra a mulher sob a perspectiva do Psicodrama

matar mulheres, sem uma lei punitiva para tal. No Brasil, as mulheres são amparadas pela Lei Maria da Penha (Lei. nº 11.340) desde agosto de 2006, mesmo assim há reincidência na violência pelo não cumprimento fiel a lei. No filme "Vidas Partidas", que se passa em 1982, ainda não havia uma lei para ampará-la e protegê-la, e Graça é vítima de triplo homicídio pelo próprio esposo, tendo que enfrentar a situação com pouca rede de apoio e nenhuma ajuda de órgãos maiores, suportando a dor do corpo, da mente e da alma pela violência sofrida.

O Psicodrama foi o guia para a análise em que a criatividade e a espontaneidade da personagem Graça a conduzem para sair do ciclo da violência, indagando o papel que ela tem desde mãe até a vida profissional, verificando as conservas culturais nas quais está inserida. O filme ilustrou os ciclos da violência sofrida pela vítima, havendo uma quebra na cristalização da conserva cultural quanto ao patriarcado da família, quando Graça cresce em sua carreira profissional e seu marido Raul fica desempregado. O filme perpassa a história do cotidiano do casal, desde a paixão, passando pelos atos de tensão pré-violência, as agressões e tentativas de homicídio que Graça sofre, para a fase lua de mel, quando há o arrependimento do esposo. É necessário olhar cada cena com atenção, pois retrata muitos casos que se passam ainda nos tempos atuais.

As cenas espontâneas e criativas dizem respeito a quando Graça tenta sair desse ciclo, denunciando e dando novas respostas aos devidos atos que vem sofrendo. É visto que para Moreno, o mais importante é o papel que a protagonista exerce, e quando se consegue dar lugar a um ato espontâneo, criativo e sensível, mesmo dentro de um conflito sendo possível a quebra de cristalização, a permitindo viver mesmo que com traços das agressões sofridas, que a possibilita de alguma forma compreender seus próprios conflitos em possibilidades de novas repostas ao contexto vivenciado.

Por fim, conclui-se que ainda são necessários mais estudos sobre o tema, tanto em relação à análise documental de filmes que expõem a violência doméstica familiar e contra a mulher, bem como relacionar o tema com o





Filme “Vidas Partidas” (2016) e a Violência doméstica e familiar contra a mulher sob a perspectiva do Psicodrama

Psicodrama. Podendo, assim, evidenciar, problematizar e discutir mais acerca de um tema que, cada vez mais, tem sido relevante para a sociedade.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Cláudia. **Violência doméstica**. 2005. Trabalho de Conclusão de Curso. (Faculdade de Economia). Universidade de Coimbra. Coimbra, 2005. Acesso em: <http://www4.fe.uc.pt/fontes/trabalhos/2004010.pdf>. Acesso em: 18 out. 2021.

MARAL, Anna Elisa Villemor et al. Serviços de psicologia em clínicas-escola: revisão de literatura. **Boletim de Psicologia**, v. 62, n. 136, p. 37-52, 2012. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0006-59432012000100005](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0006-59432012000100005). Acesso em: 10 nov. 2021.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (CFP). As práticas psicológicas em políticas de combate à violência contra a mulher. **Revista Diálogos**. Brasília. Ano 17, no. 12, junho de 2021. Brasília: 2021. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/publicacao/revista-dialogos-12/>. Acesso em: 25 ago. 2021.

BLAY, Eva Alterman. Violência contra a mulher e políticas públicas. **Estudos avançados**, v. 17, p. 87-98, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/ryqNRHj843kKKHjLkgrms9k/?lang=pt>. Acesso em: 26 ago. 2021.

BOSELLI, Giane. **Delegacia de Defesa das Mulheres**: permanências e desafios. CFEMEA, abr., 2005. Disponível em: [https://www.academia.edu/27051901/Delegacia\\_de\\_Defesa\\_das\\_Mulheres\\_perman%C3%Aancias\\_e\\_desafios](https://www.academia.edu/27051901/Delegacia_de_Defesa_das_Mulheres_perman%C3%Aancias_e_desafios). Acesso em: 30 set. 2021.



Filme “Vidas Partidas” (2016) e a Violência doméstica e familiar contra a mulher sob a perspectiva do Psicodrama

BRASIL, **Lei nº 11.340 de 7 de agosto de 2006**. Disponível em:

[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm) Acesso em: 15 abr. 2021.

BRASIL, **Lei nº 13.931 de 10 de dezembro de 2019**. Disponível em:

[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2019-2022/2019/lei/L13931.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2019/lei/L13931.htm). Acesso em: 13 out. 2021.

BUSTOS, Dalmiro. **Perigo... amor à vista: drama e psicodrama de casais**.

São Paulo: Aleph, 1990.

CARNEIRO, Isabela Rezende; RASERA, Emerson Fernando. Família, espontaneidade e crise social: o psicodrama de A vida é bela. **Revista da SPAGESP**, v. 13, n. 1, p. 23-30, 2012. Disponível em:

[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1677-29702012000100004](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702012000100004). Acesso em: 15 out. 2021.

CEREJO, Sara Dalila Aguiar. **Viver sobrevivendo: emoções e dinâmicas socioculturais nos processos de manutenção das relações conjugais violentas**. 2014. Tese (Doutorado em Sociologia). Departamento de Sociologia.

Universidade Nova Lisboa. Lisboa, 2014. Disponível em:

<https://run.unl.pt/handle/10362/14101>. Acesso em: 10 set. 2021.

CORTEZ, Mirian Béccheri; SOUZA, Lídio de. Mulheres (in) subordinadas: o empoderamento feminino e suas repercussões nas ocorrências de violência conjugal. **Psicologia: teoria e pesquisa**, v. 24, p. 171-180, 2008. Disponível em:



Filme “Vidas Partidas” (2016) e a Violência doméstica e familiar contra a mulher sob a perspectiva do Psicodrama

<https://www.scielo.br/j/ptp/a/DhVrS6d3vyxccvdB9HNpMbz/abstract/?lang=pt>.  
Acesso em: 10 out. 2021.

CUCKIER, Rosa. **Vida e clínica de uma psicoterapeuta**. São Paulo: Editora Ágora, 2018.

CUKIER, Rosa. **Psicodrama bipessoal: sua técnica, seu terapeuta e seu paciente**. Ed Ágora. São Paulo. 1992.

CUKIER, Rosa. **Sobrevivência emocional: as dores da infância revividas no drama adulto**. 6 ed. São Paulo: Ágora, 2015.

CUNHA, Bárbara Madruga da. Violência contra a mulher, direito e patriarcado: perspectivas de combate à violência de gênero. **XVI Jornada de Iniciação Científica de Direito UFPR**, Paraná, p. 149-170, 2014. Disponível em: <http://www.direito.ufpr.br/portal/wp-content/uploads/2014/12/Artigo-B%C3%A1rbara-Cunha-classificado-em-7%C2%BA-lugar.pdf>. Acesso em: 07 de set. 2021

DEDOMENICO, André Marcelo. A funcionalidade do conceito de papel. **Revista Brasileira de Psicodrama**, [S. l.], v. 21, n. 2, p. 81–92, 2020. Disponível em: <https://revbraspsicodrama.org.br/rbp/article/view/337>. Acesso em: 2 jun. 2021

FALEIROS, Elizabeth Amélio. Aprendendo a ser psicoterapeuta. *Psicologia: ciência e profissão*, v. 24, p. 14-27, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/MHKG9LxxXDp6jD9Dvm46w7r/abstract/?lang=pt&format=html>. Acesso em: 16 fev. 2021.





Filme “Vidas Partidas” (2016) e a Violência doméstica e familiar contra a mulher sob a perspectiva do Psicodrama

FIFE, Rose; SCHRAGER, Sarina. Family Violence: What Health Care Providers Need to Know. Massachusetts, EUA: Jones & Bartlett Publishers, 2012. E-book. Acesso restritivo via Minha Biblioteca. Acesso em: 10 jun. 2021.

FLORENTINO, Bruno Ricardo Bergamo. As possíveis consequências do abuso sexual praticado contra crianças e adolescentes. Fractal: **Revista de Psicologia**, v. 27, n. 2, p. 139-144, 20 jun. 2015. DOI: <https://doi.org/10.1590/1984-0292/805>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/fractal/a/dPY6Ztc8bphq9hzdhSKv46x/?lang=pt>. Acesso em: 20 maio 2021.

GIL, Antônio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GONZALEZ, António José. Das relações entre espontaneidade, saúde e doença. **Rev. bras. psicodrama**, São Paulo, v. 20, n. 2, p. 39-51, dez. 2012. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-53932012000200004&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-53932012000200004&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 23 set. 2021.

LIRA, Margaret Olinda de Souza Carvalho et al. Abuso sexual na infância e suas repercussões na vida adulta. **Texto & Contexto-Enfermagem**, Florianópolis, v. 26, n. 3, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1590/0104-07072017000080016>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tce/a/Fq8Cg6F7bcbZRNhxFqKTMTR/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 17 jul. 2021.

LOURENÇO, Nelson; CARVALHO, Maria João Leote Carvalho. Violência Doméstica: Conceito e Âmbito. Tipos e Espaços de Violência, Themis. **Revista**



Filme “Vidas Partidas” (2016) e a Violência doméstica e familiar contra a mulher sob a perspectiva do Psicodrama

da **Faculdade de Direito da UNL**, Lisboa, v.3, p. 95-121, 2001. Disponível em: [https://repositoriocientifico.uatlantica.pt/bitstream/10884/407/1/2001\\_THEMIS.pdf](https://repositoriocientifico.uatlantica.pt/bitstream/10884/407/1/2001_THEMIS.pdf). Acesso em: 2 abr. 2021.

Mapa de violência de gênero. **Mapa da violência de gênero**, 2021. Disponível em: <https://mapadaviolenciadegenero.com.br/sc/>. Acesso em: 15 jun. 2021.

MENEGAZZO, Carlos María; TOMASINI, Miguel Angel; ZURETTI, María Mónica. **Dicionário de Psicodrama e Sociodrama**. São Paulo, Editora. Ágora, 1995.

MONTEIRO, Regina Fourneaut, GONÇALVES, Camila Sales *et al.* **Técnicas Fundamentais do Psicodrama**. 2. ed. São Paulo: Agora, 1998.

MORENO, J.L. **Psicodrama**. São Paulo: Cultrix, 1975.

NERY, Maria da Penha; CONCEIÇÃO, Maria Inês Gandolfo (org.). **Intervenções Grupais: o psicodrama e seus métodos**. São Paulo: Ágora, 2012.

NOTA TÉCNICA CRP-PR nº 004/2020; Paraná, 04 de novembro de 2020. Disponível em: <https://transparencia.cfp.org.br/wp-content/uploads/sites/9/2020/11/Nota-Tecnica-CRP-PR-004-2020-Violencia-contra-a-Mulher.pdf>. Acesso em: 6 out. 2021

NOTIFICAÇÃO Compulsória X Comunicação Externa (Denúncia) - Em casos de violência contra a mulher. São Paulo: **Conselho Federal de Psicologia**, 2016. P&B. Disponível em:



Filme “Vidas Partidas” (2016) e a Violência doméstica e familiar contra a mulher sob a perspectiva do Psicodrama

[https://www.youtube.com/watch?v=6r3\\_uaUh59Q&ab\\_channel=ConselhoFedealdePsicologia](https://www.youtube.com/watch?v=6r3_uaUh59Q&ab_channel=ConselhoFedealdePsicologia). Acesso em: 13 out. 2021.

OLIVEIRA, Érika Cecília Soares; ARAÚJO, Maria de Fatima. Aproximações do Teatro do Oprimido com a Psicologia e o Psicodrama. *Psicologia: Ciência e Profissão*, Brasília, v. 32, p. 340-355, 2012. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1414-98932012000200006>. Acesso em: 14 jun. 2021.

Nações Unidas Brasil OMS: **uma em cada 3 mulheres em todo o mundo sofre violência**. Nações Unidas Brasil, 2021. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/115652-oms-uma-em-> Acesso em: 13 out. 2021.

PIRES, Carla Karina Teixeira. Um estudo jurídico-social das mulheres subordinadas a relacionamentos degradantes. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Direito) - Centro Universitário de Brusque, Brusque, 2017. Acesso em: <https://biblioteca.unifebe.edu.br/pergamum/vinculos/000006/00000664.pdf>. Acesso em: 14 jun. 2021

RAMALHO, Cybelo Maria Rabelo. Essência e personalidade – Elementos de psicologia relacional. **Revista Brasileira de Psicodrama**, São Paulo, v. 26, n. 1, p. 156–160, 2020. Disponível em: <https://revbraspsicodrama.org.br/rbp/article/view/62>. Acesso em: 1º out. 2021.

ROMANO, Cristini Tavares. Tempo para se relacionar: átomo social e a saúde física e mental. **Revista Brasileira de Psicodrama**, São Paulo, v. 19, n. 1, p. 123–134, 2020. Disponível em: <https://revbraspsicodrama.org.br/rbp/article/view/162>. Acesso em: 9 abr. 2021.





Filme “Vidas Partidas” (2016) e a Violência doméstica e familiar contra a mulher sob a perspectiva do Psicodrama

SACRAMENTO, Livia de Tartari; REZENDE, Manuel Morgado. Violências: lembrando alguns conceitos. *Aletheia*, Canoas, n. 24, p. 95-104, dez. 2006, Disponível em:

[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-03942006000300009&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942006000300009&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 29 maio 2021

SANTANA, Brenda Rawany Mendes de. Violência doméstica como principal precedente ao crime de feminicídio no Brasil. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Direito) – Centro Universitário Tabosa de Almeida, Caruaru, 2019. Acesso em:

<http://repositorio.asc.es.edu.br/handle/123456789/2396>. Acesso em: 7 set. 2021.

SANTOS, Jania Alves dos. PSICODRAMA: uma intervenção na elaboração do luto. 2008. Monografia, Especialização - Curso de Psicologia, Sociedade Goiana de Psicodrama, Goiânia, 2008.

SANTOS, Carlos Croaci Pereira dos. **Desaquecimento no papel de diretor e congelamento da espontaneidade-criatividade**. 2017 (monografia de especialização), Federação Brasileira de Psicodrama, Instituto de Desenvolvimento Humano IMED – Instituto Meridional. Passo Fundo –RS, 2017. Acesso em: <https://www.unifebe.edu.br/site/wp-content/uploads/manualmetodologico2021-1.pdf>. Acesso em: 21 nov. 2021.

SÁ-SILVA, Jackson Ronie; ALMEIDA, Cristovão Domingos de; GUINDANI, Joel Felipe. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista brasileira de História & Ciências Sociais**, Rio Grande do Sul, v. 1, n. 1, p. 1-15, 2009. Disponível em: [https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/38143476/Analise\\_Documental-with-cover-page-](https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/38143476/Analise_Documental-with-cover-page-)



Filme “Vidas Partidas” (2016) e a Violência doméstica e familiar contra a mulher sob a perspectiva do Psicodrama

v2.pdf?Expires=1637717634&Signature=LED6Zdi7kG~RhZLWavsCVjJJXATb1sP0FrExVf~7jYLh1LOsRnOrC3ALktHUcb~VP1G2ZtbW3MX~Mil8gjm3BOeyHqTifYYmnY-29AV3RqMj68T83XZq3l1CUxzoNW1rucgURdHz0wRQjDcjhkUPXkK6tfvLxb~dp0O08YUJVNlqHJQsvDQx78GVU59G2J14gwaE0Pj4Zft-NkNlfwPP3cB-uZavc3Y4LRRPldk12t833AJpFnFulQgLZ2BOt1~Yw9vFdM8MIQSsde8i9NdF9vYICsjazH9erbKim6mP6ur~02TWM6dgmnwGmmpHvyqqPA5vCkDkxp6Q7AJy4xXNVQ\_\_&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA. Acesso em: 17 de mar 2021

SOUZA, Mereti de, MARTINS, Francisco, ARAÚJO, José Newton Garcia de. Violências e figuras subjetivas: investigação acerca do mal incontrolável. *In*: MOREIRA, Maria Ignez Costa. **A violência contra a mulher: quem ama não mata**. Florianópolis: Editora da UFSC, Cap. 4. p. 81-94., 2014.

SOUZA, Meriti de; MARTINS, Francisco; ARAUJO, Jose Newton Garcia de. **Violências e figuras subjetivas**: investigações acerca do mal incontrolável. Florianópolis: Editora da UFSC, 2014.

VECHI, Joana Beatriz Cardoso. A Lei Maria da Penha em face do princípio constitucional da igualdade. Brusque, 2008. **Trabalho de Conclusão de Curso** (Bacharelado em Direito) - Centro Universitário de Brusque, 2008. Acesso em: <http://www.unifebe.edu.br/biblioteca/vinculos/000002/000002CE.pdf>. Acesso em: 12 de set 2021

VIDAS PARTIDAS. Marcos Schechtman. São Paulo: Europa Filmes, 2016. Disponível em: <https://assistirfilmesdublados.net/vidas-partidas/>. Acesso em: 15 ago. 2021.



Filme “Vidas Partidas” (2016) e a Violência doméstica e familiar contra a mulher sob a perspectiva do Psicodrama

VIEIRA, Pâmela Rocha; GARCIA, Leila Posenato; MACIEL, Ethel Leonor Noia. Isolamento social e o aumento da violência doméstica: o que isso nos revela?

**Revista Brasileira de Epidemiologia**, São Paulo, v. 23, 2020. DOI:

<https://doi.org/10.1590/1980-549720200033>. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rbepid/a/tqcyvQhqQyjtQM3hXRywsTn/?lang=pt>. Acesso em: 12 set. 2021

**VIOLÊNCIA**. *In*: Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2020.

Disponível em: <https://www.dicio.com.br/violencia/>. Acesso em: 16 maio 2021.

ZENDRON, Cláudia Cecília; SEMINOTTI, Nédio Antonio. Papéis sociais femininos e as conservas culturais em relação ao dinheiro: cartografia de uma oficina temática de Psicodrama. **Revista Brasileira de Psicodrama**, São Paulo, v. 19, n. 1, p. 103-113, 2011. Disponível em:

[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-53932011000100008](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-53932011000100008). Acesso em: 2 de abr. 2021





## COMPORTAMENTOS PROFISSIONAIS NA FORMAÇÃO E PRÁTICA DO PSICÓLOGO

### PROFESSIONAL BEHAVIORS IN PSYCHOLOGIST TRAINING AND PRACTICE

Patrícia Zogbi dos Santos<sup>1</sup>

Jeisa Benevenuti<sup>2</sup>

**RESUMO:** Para a formação em Psicologia, as Diretrizes Curriculares Nacionais têm por finalidade nortear a formação de psicólogos. Tais Diretrizes evidenciam competências e habilidades a serem desenvolvidas ao longo da formação. Com o objetivo de identificar classes de comportamentos a serem desenvolvidas em acadêmicos de Psicologia, foi realizada a derivação inicial de comportamentos. Foram listados verbos relativos a cada situação e que especificam ações de acadêmicos em processo de formação. Foi utilizada a noção de sentenças gramaticais completas e a noção de comportamento como uma complexa relação entre seus elementos constituintes: classes de respostas do sujeito e as classes de estímulos antecedentes e consequentes a essa classe de respostas. As classes gerais de comportamentos descobertas, tais como: atuar; interpretar; manejar; produzir; avaliar; identificar, dentre outras, revelam dimensões importantes durante a formação profissional. Os resultados evidenciaram que, verificá-los à luz da análise do comportamento permite uma maior compreensão das relações entre comportamento, atuação profissional e processo de ensino. Assim, acadêmicos, docentes e gestores de cursos poderão compreender e planejar condições de ensino e aprendizagem que possibilitem o desenvolvimento dos comportamentos que compõem o exercício profissional.

**Palavras-chave:** diretrizes curriculares; competências e habilidades; comportamentos.

---

<sup>1</sup>Acadêmica da 10<sup>o</sup> período do curso de Psicologia do Centro Universitário de Brusque (UNIFEBE). E-mail: patriciazogbi@unifebe.edu.br

<sup>2</sup>Professora Orientadora. Possui Doutorado em Psicologia pela UFSC e Graduação em Psicologia pela Universidade do Vale do Itajaí (1999) e Universidade do Minho. E-mail: jeisa@unifebe.edu.br



**ABSTRACT:** For training in Psychology, the National Curricular Guidelines aims to guide the training of psychologists. These Guidelines demonstrate competencies and skills to be developed throughout the training. In order to identify classes of behaviors to be developed in Psychology students, the initial derivation of behaviors was performed. Verbs relating to each situation were listed and specifying actions of academics in the process of formation. The notion of complete grammatical sentences and the notion of behavior as a complex relation between its constituent elements were used: classes of responses of the subject and classes of stimuli antecedent and consequent to this class of responses. The general classes of behaviors discovered as: acting; to interpret; handle; to produce; to evaluate; identify, among others, reveal important dimensions during vocational training. The results showed that, check them in the light of the behavior analysis allows a greater understanding of the relationship between behavior, knowledge, professional experience and educational process. So, academics, teachers and managers of courses may understand and plan for teaching/learning conditions that allow the development of behaviors that make up the professional practice.

**Keywords:** curricular guidelines; skills and abilities; behaviors.

## 1 INTRODUÇÃO

Quando a Psicologia foi reconhecida no Brasil como profissão, em 1962, a prática profissional do psicólogo estava dividida em três grandes áreas: escolar, organizacional e clínica. Na década de 1980, as funções sociais da profissão e a constante reflexão sobre a práxis começaram a ganhar destaque. Tal destaque fez com que psicólogos reavaliassem seus métodos, técnicas, e objetos de trabalho. Atualmente, o profissional de Psicologia ainda faz o exercício de refletir sobre sua prática, pautando-se no fato de que a psicologia se encontra comprometida com os diversos problemas da sociedade. Para tanto, faz-se necessário buscar formas de atuar que leve em conta a ética, o comprometimento e a articulação com outros saberes. (AZEVEDO; PARDO, 2014).



## Comportamentos profissionais na formação e prática do psicólogo

Analisar e problematizar fenômenos sociais, bem como refletir sobre possibilidades de intervenção, é a base para as mudanças que estão ocorrendo na profissão. Assim, para além da clínica individual, o psicólogo deve ampliar seu repertório profissional, a fim de quebrar barreiras e atender às demandas sociais. Nesse sentido, a atuação inter e multiprofissional demanda competências que envolvem habilidades e competências. Atuar nessas equipes requer o desenvolvimento de ações educacionais contínuas e integradas com situações propícias à aprendizagem (TRAVASSOS; MOURÃO, 2018).

Diante disso, reconhecendo a importância de compreender as competências e habilidades a serem desenvolvidas ao longo da graduação de Psicologia, esse artigo tem por objetivo identificar classes de comportamentos a serem desenvolvidas em acadêmicos de graduação em Psicologia. Para tanto, foi necessário estabelecer três objetivos específicos, a saber: a) Descrever algumas competências e habilidades profissionais contidas nas Diretrizes Curriculares para os Cursos de Graduação em Psicologia; b) Identificar algumas classes de comportamentos profissionais que constituem a intervenção profissional em Psicologia; c) Verificar comportamentos profissionais propostos nas Diretrizes Curriculares Nacionais para os Cursos de Graduação em Psicologia que contribuem para a realização dos estágios curriculares.

É pertinente destacar que a participação ativa do indivíduo no processo de ensino-aprendizagem, possibilita-o tecer relações e analisar o próprio processo de formação profissional. Além disso, a interação com outros indivíduos e contextos ao longo desse processo é essencial no processo de formação o qual busca desenvolver competências e habilidades para formar profissionais éticos, capazes de refletir e reinventar-se profissionalmente.

## **2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

### **2.1 DIRETRIZES NACIONAIS DE PSICOLOGIA**

A regulamentação da profissão de psicólogo no Brasil foi criada em 1962, por meio da lei 4.119 de 27/08/62, e nesse momento já existiam cursos de Psicologia em nível de graduação e especialização no país. Contudo, a modernização





curricular dos cursos de psicologia começou a ganhar força somente em 1970, após o regime militar de 1964. Nas décadas seguintes houve poucos acréscimos à estrutura dos currículos vigentes, e somente a partir de 1990, com uma maior união entre os Conselhos Federal e Regional de Psicologia, em conjunto com os profissionais e estudantes da área, que ocorreu uma completa reestruturação curricular, resultando na criação das Diretrizes Curriculares para os Cursos de Graduação em Psicologia (ROCHA JUNIOR, 1999).

A Resolução Nº 5, de 15 de março de 2011, do Conselho Nacional de Educação, que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Psicologia e estabelece normas para o projeto pedagógico complementar para a Formação de Professores de Psicologia, é a resolução mais recente referente às Diretrizes Curriculares Nacionais que norteiam as bases para a formação de Psicólogos no Brasil. Essa resolução orienta sobre os princípios fundamentais, condições de oferecimento e procedimentos para o planejamento, implantação e avaliação do curso, além de apresentar a meta central para a formação dos psicólogos (formação do psicólogo voltado para a atuação profissional, para a pesquisa e para o ensino de Psicologia), estabelecer princípios e compromissos para a formação, competências e habilidades gerais necessárias para a atuação do psicólogo em diversos contextos, orientações sobre os serviços-escola oferecidos pelas instituições, entre outros aspectos essenciais (BRASIL, 2011).

## 2.2 CARACTERIZAÇÃO DOS FENÔMENOS AOS QUAIS OS TERMOS “COMPETÊNCIA” E “HABILIDADE” SE REFEREM COMO PARTE DO PLANEJAMENTO DA FORMAÇÃO DE PSICÓLOGOS

As noções de “competência” e “habilidade” são os aspectos fundamentais presentes nas Diretrizes Curriculares Nacionais para os Cursos de Graduação em Psicologia. É a partir delas que as alterações nesses cursos devem ser realizadas, de maneira a tornar a formação dos futuros profissionais mais adequada àquilo que a sociedade necessita. Entretanto, para que essa formação ocorra efetivamente nos



## Comportamentos profissionais na formação e prática do psicólogo

cursos de graduação em Psicologia, os termos “competência” e “habilidade”, bem como os fenômenos aos quais eles se referem necessitam ser esclarecidos e fixados com maior precisão, ou até mesmo, substituídos por outros termos mais precisos como delimitação das condutas profissionais a serem desenvolvidas nesses cursos.

Contribuições acerca dos conceitos de “habilidade” e “competência” foram elaborados em diferentes contextos, para descrever diferentes fenômenos. Na literatura sobre Treinamento em Habilidades, “competência” e “habilidade” são caracterizadas por comportamentos e pelo desempenho das relações sociais de um indivíduo. As habilidades são caracterizadas pela emissão de comportamentos que definem o desempenho desses indivíduos. Já a competência social caracteriza-se pela avaliação do desempenho social do sujeito, isto é, refere-se ao grau de eficiência e eficácia desses comportamentos (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2000).

Guilhardi *et al.* (2001) conceituam o termo habilidades sociais como um conjunto de classes e subclasses de comportamentos que o indivíduo reproduz para atender às demandas sociais e interpessoais que estabelece em seus diversos âmbitos. Nesse sentido, as habilidades sociais constituem um conjunto de comportamentos que delimitam o desempenho e a capacidade de interação social do sujeito (BOLSONI-SILVA, 2002). Assim, a competência social, pode ser definida a partir da capacidade do sujeito interagir socialmente e da qualidade desta, bem como o grau de capacidade do sujeito em manter e melhorar a autoestima; manutenção e qualidade da relação. É pertinente destacar ainda que para Guilhardi *et al.* (2001), habilidade é definida como comportamento ou conjunto de comportamentos e competência é referente ao grau de eficiência e eficácia desses comportamentos.

Com base nas diferentes descrições desses conceitos, usados por vezes de forma ambígua, Santos (2009) chama a atenção para a pertinência de analisar o uso desses conceitos nas Diretrizes Curriculares Nacionais para os Cursos de Graduação em Psicologia. Tal fato demonstra que, por se tratar de termos ambíguos, é importante considerar a substituição deles por outros mais precisos, a fim de que as orientações presentes nas DCNs utilizem de termos mais claros, com



## Comportamentos profissionais na formação e prática do psicólogo

o objetivo de oferecer subsídios para o planejamento de qualidade na formação de psicólogos.

A autora supracitada destaca que uma das possibilidades de substituição das palavras “competência” e “habilidade” nas DCNs é a utilização do termo “comportamento” como orientação mais precisa sobre aquilo que deverá ser desenvolvido ao longo da formação profissional. Contribuições produzidas na Análise Experimental do Comportamento, elucidam que “comportamento” é definido, basicamente, como relação ou conjunto de relações entre a ação do sujeito e o ambiente no qual ele realiza essa ação. Para Botomé *et al.* (2003), o futuro psicólogo necessita ser capacitado para além do exercício de atividades ou ações, mas, especialmente para interagir com os fenômenos que constituem objeto de intervenção da Psicologia. Para tanto, elucidar a noção de comportamento como relação entre o que o sujeito faz e o ambiente no qual esse comportamento ocorre, é critério fundamental para definir o que deverá ser desenvolvido na formação profissional.

Botomé e Kubo (2002) elucidam que o comportamento pode ocorrer com diferentes graus de aperfeiçoamento. Nesse sentido, competência e habilidade compõem alguns desses graus. Os autores caracterizam “competência” como grau de eficiência e eficácia de determinados comportamentos. Já a palavra “habilidade” é definida como pouco precisa e ambígua. Assim, o termo comportamento, analisado à luz da Análise Experimental do Comportamento, é mais preciso no tocante ao fenômeno ao qual ele se refere. Nesse sentido, os autores destacam a necessidade de caracterizar os fenômenos aos quais as palavras competência e habilidade se referem nas Diretrizes Curriculares.

Uma possibilidade de aprimorar o que está descrito nas DCNs parece ser a utilização da palavra comportamento para substituir competência e habilidade. Botomé e Kubo (2002) afirmam que a palavra comportamento se refere às relações possíveis entre a ação de um organismo e o ambiente no qual essa ação ocorre. Essa definição é mais precisa e clara para orientar aprendizagens a serem desenvolvidas na formação de psicólogos. Assim, as palavras “competência” e “habilidade” são mais adequadas no que se refere aos graus de aperfeiçoamento





de comportamentos necessários à formação. Assim sendo, é pertinente avaliar essa possibilidade de substituição, visto que orientações presentes nas DCNs servem de subsídios para a formação e podem ser examinadas de acordo com critérios para formulação de objetivos de ensino.

### 2.3 PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO DE PSICOLOGIA DA UNIFEBE

Para a elaboração do Projeto Pedagógico do Curso de Graduação em Psicologia, levou-se em consideração a necessidade de democratizar a educação superior, a necessidade de formar profissionais com perfil, número e distribuição adequados ao Sistema Único de Saúde e a necessidade de construir um Projeto Pedagógico compatível com a proposta de DCN da área. Assim, o Projeto Pedagógico do Curso de Graduação em Psicologia procura atender os seguintes documentos normativos: as DCNs para o Curso de Psicologia; as Diretrizes Curriculares para a Prova ENADE de Psicologia; o Instrumento de Avaliação do INEP/MEC para avaliação dos cursos de graduação (UNIFEBE, 2016).

Para tanto, o projeto pedagógico do curso possui como objetivo geral: Formar profissionais com competências e habilidades para atuar eticamente em diversos contextos da sociedade, comprometidos com as demandas sociais, numa perspectiva generalista e interdisciplinar, contribuindo para o aprimoramento do conhecimento científico e atividade profissional. Como objetivos específicos o projeto tenciona: formar psicólogos competentes para atuar em diferentes contextos e práticas da profissão; formar profissionais socialmente comprometidos, capazes de construir saberes e práticas, promovendo e divulgando o conhecimento de forma sistematizada as comunidades; compreender o fenômeno psicológico em suas interfaces com os fenômenos biológicos, educacionais, sociais e culturais; atuar perante os problemas em diferentes contextos atendendo às necessidades sociais, aos direitos da cidadania, às políticas públicas e educativas da saúde; viabilizar, por meio de práticas de extensão, a ampliação do diálogo com a comunidade, instigando no acadêmico a necessidade do comprometimento destes nos problemas sociais pertinentes à realidade na qual estão inseridos (UNIFEBE, 2016).



## Comportamentos profissionais na formação e prática do psicólogo

Assim, para alcançar o perfil do egresso desejado, são utilizadas metodologias que enfatizam a construção do conhecimento, por meio da criação de situações nas quais o discente possa participar ativamente do seu processo ensino-aprendizagem. Ao privilegiar metodologias que estimulam a pesquisa, os debates e a elaboração de soluções, os estudantes passam a ser protagonistas nesse processo, cabendo-lhes a descoberta, a participação, a autonomia e a tomada de decisão perante o seu próprio aprendizado (UNIFEBE, 2016).

#### 2.4 A IMPORTÂNCIA DOS ESTÁGIOS NA CLÍNICA ESCOLA DE PSICOLOGIA – CESP

Com a implantação da Lei Federal nº 5.692/71, os estágios ganharam importância e cresceram no país. Desde então, passaram a ser obrigatórios, sendo definidos como “atividades de aprendizagem social, profissional e cultural, proporcionadas ao estudante pela participação em situações reais de vida e trabalho em seu meio” (CURY; NETO, 2014, p. 496).

Na Resolução Nº 5, de 15 de março de 2011 do Conselho Nacional de Educação, que institui as DCN para os cursos de graduação em Psicologia, os estágios são definidos como conjunto de atividades programadas e supervisionadas por membros do corpo docente da instituição, o qual busca assegurar a consolidação e articulação das competências estabelecidas e o contato com diferentes situações e contextos, proporcionando que os conhecimentos, habilidades e atitudes se concretizem por meio das ações práticas (BRASIL, 2011). As Diretrizes Curriculares ainda estruturam os estágios em dois níveis: Estágio Supervisionado Básico que inclui o desenvolvimento de práticas integrativas das competências e habilidades previstas; e o Estágio Supervisionado Específico que inclui o desenvolvimento de práticas que integrem as competências, habilidades e conhecimentos dentro de cada ênfase proposta no curso. De acordo com as Diretrizes Curriculares, os cursos podem adotar as seguintes ênfases: Psicologia e Processos de Investigação Científica; Psicologia e Processos Educativos; Psicologia e Processos de Gestão; Psicologia e Processos de Prevenção e



Promoção da Saúde; Psicologia e Processos Clínicos; Psicologia e Processos de Avaliação Diagnóstica (BRASIL, 2011).

No curso de Psicologia do Centro Universitário de Brusque – UNIFE as ênfases para os estágios supervisionados específicos são: Psicologia e Processos de Gestão, e Psicologia e Processos de Prevenção e Promoção da Saúde. A ênfase de Psicologia e Processos de Gestão busca proporcionar por meio de atividades práticas o diagnóstico e intervenção psicológica em instituições e organizações de trabalho, intervenção voltada para aprimorar os processos de gestão, entre outros (UNIFE, 2016). Na ênfase de Psicologia e Processos de Prevenção e Promoção da Saúde, os estágios estão voltados para o planejamento e intervenção clínica em prevenção e promoção de saúde com indivíduos e comunidades, desenvolvimento de intervenção em saúde referente a fenômenos e processos psicológicos, o planejamento, intervenção, acompanhamento e avaliação de atuações profissionais em Psicologia com indivíduos, grupos e comunidades, bem como o diagnóstico e intervenção da atividade do psicólogo em instituições de apoio e promoção à saúde (UNIFE, 2016).

A CESP tem por objetivo propiciar aos acadêmicos da graduação em Psicologia a prática necessária à sua formação profissional de maneira que, por meio do atendimento à comunidade, possam adquirir e aperfeiçoar formas de atuação profissional, além de proporcionar fontes de coleta de dados para pesquisa de docentes e discentes. (UNIFE, 2015). Assim sendo, considerando a importância das DCNs para a formação de psicólogos, torna-se relevante investigar as características das classes de comportamentos a serem desenvolvidas nos estágios curriculares a partir das características da formação exigidas para os cursos de graduação em Psicologia.

### **3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**





Comportamentos profissionais na formação e prática do psicólogo

### 3.1 DO PROCESSO DE IDENTIFICAR OS COMPORTAMENTOS A SEREM DESENVOLVIDOS EM ACADÊMICOS DE PSICOLOGIA DO CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRUSQUE – UNIFEBE.

### 3.2 FONTES DE INFORMAÇÃO

Foram utilizadas as seguintes fontes de informação:

Documentos	Referências
a) Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Psicologia de 2011.	BRASIL. Resolução CNE/CES nº 5, de 15 de março de 2011. Dispõe sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais para os Cursos de Graduação em Psicologia, estabelecendo normas para o projeto pedagógico complementar para a Formação De Professores De Psicologia. Diário Oficial da União. Brasília, seção 1, p. 19, 16 de março de 2011.
b) Proposta de Minuta para as Diretrizes Curriculares para os cursos de Psicologia de Botomé e Kubo (2001).	BOTOMÉ, Sílvio Paulo; KUBO, Olga Mitsue. Proposta de Minuta para as Diretrizes Curriculares para os cursos de Psicologia. Manuscrito não-publicado, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.
c) Manuscrito referente a comportamentos-objetivos para formação profissional do psicólogo de Botomé e Kubo (2003)	BOTOMÉ, Sílvio Paulo; KUBO, Olga Mitsue. Comportamentos-objetivos para formação profissional do Psicólogo. Manuscrito não publicado, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.
d) Capítulo de livro referente à transformação do conhecimento em comportamentos profissionais na formação do psicólogo, de Kubo e Botomé (2003)	KUBO, Olga Mitsue; BOTOMÉ, Sílvio Paulo. A transformação do conhecimento em comportamentos profissionais na formação do psicólogo: as possibilidades nas diretrizes curriculares. In: BRANDÃO, Maria Zila (Orgs.) Sobre comportamento e cognição: A história e os avanços, a seleção por conseqüências em ação. Santo André: ESETEC, 2003. p. 483-498.

### 3.3 PROCEDIMENTOS GERAIS

#### 3.3.1 Da escolha das fontes de informações:

A escolha das fontes de informação adotou os seguintes critérios: **1)** última publicação referente às Diretrizes Curriculares Nacionais dos cursos de psicologia (DCN 2011); **2)** documentos (b; c; d) os quais apresentam autores referência na subárea de conhecimento que investiga competências para a formação profissional; tais publicações apresentam informações referentes às habilidades e competências a serem desenvolvidas em acadêmicos e profissionais de psicologia.

#### 3.3.2 De coleta de dados:

##### 3.3.2.1 De identificação das informações:

Com base na consulta aos Documentos e Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de Psicologia, foram assinaladas as palavras ou expressões que indicavam habilidades e competências em acadêmicos de psicologia.

### 3.4 DA IDENTIFICAÇÃO DO COMPORTAMENTO OU COMPONENTES DO COMPORTAMENTO:

Cada comportamento identificado foi decomposto nos componentes básicos de um comportamento: aspectos da situação antecedente à resposta de uma classe, respostas de uma classe e aspectos da situação consequente que são produzidas a partir da apresentação das respostas de uma classe.

#### 3.4.1 Da derivação das classes comportamentais:

Inicialmente, foi utilizada a pesquisa referente às classes gerais de comportamentos constituintes do perfil profissional do psicólogo retirado de: Botomé e Kubo (2003). As classes gerais descritas nesse trabalho serviram como critério para a distribuição das classes derivadas e que fazem parte das aprendizagens para acadêmicos do curso de Psicologia. Por meio da noção de classes gerais foi possível examinar os comportamentos que precisam ser aprendidos pelos acadêmicos e identificar os componentes constituintes do comportamento:



## Comportamentos profissionais na formação e prática do psicólogo

Quadro 1: Esquema ilustrativo da noção de comportamento como um sistema de interações com o meio, com comportamentos específicos de Psicólogos em relação ao exercício da profissão.

SITUAÇÃO ANTECEDENTE	AÇÃO	CONSEQUÊNCIA
(aquilo que acontece antes ou junto à ação de um organismo)	(aquilo que o organismo faz)	(aquilo que acontece depois (imediatamente ou não) da ação de um organismo)

Fonte: Reproduzido de Botomé (2001)

Para derivação das classes comportamentais, foram listados verbos relativos a cada situação e que especificam ações próprias de acadêmicos em processo de formação. Para isso, foi utilizada a noção de sentenças gramaticais completas e a noção de comportamento como uma complexa relação entre seus elementos constituintes: classes de respostas do sujeito e as classes de estímulos antecedentes e consequentes a essa classe de respostas (KUBO; BOTOMÉ, 2003). O seguinte esquema (Quadro 2) possibilitou a derivação organizada dos comportamentos:

Quadro 2: Esquema ilustrativo do modelo de sentença completa, com comportamentos específicos de acadêmicos de psicologia em relação a um evento que ocorre em formação, considerada como complemento.

SUJEITO	VERBO (Ação do sujeito):	COMPLEMENTO (aspecto do meio):
O acadêmico (futuro psicólogo)	?	Unidades ou aspectos do conhecimento sobre os fenômenos, objetos, processos, problemas...

Fonte: Modelo de análise adaptado de Kubo e Botomé (2003)

### 3.5 DESCRIÇÃO DA ANÁLISE DE DADOS

A análise de dados foi realizada baseada na observação da descrição das Diretrizes Curriculares, do processo de caracterização das classes comportamentais realizadas por Botomé e Kubo (2003); da Proposta de Minuta para as Diretrizes Curriculares para os cursos de Psicologia de Botomé e Kubo (2001) e



a partir do início do processo de derivação comportamental iniciado pelos dados gerados por meio da descoberta das classes iniciais de comportamentos importantes para acadêmicos estagiários.

## **4 ANÁLISE DOS RESULTADOS**

### **4.1 DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS**

As Diretrizes Curriculares Nacionais norteiam as bases para a formação de Psicólogos no Brasil. Essa resolução orienta as universidades sobre os princípios fundamentais, condições de oferecimento e procedimentos para o planejamento, implantação e avaliação do curso, além de apresentar a meta central para a formação dos psicólogos. Também estabelece princípios e compromissos para a formação, competências e habilidades necessárias para a atuação do psicólogo em diversos contextos, orientações sobre os serviços-escola oferecidos pelas instituições, entre outros aspectos essenciais (BRASIL, 2011).

No que concerne às competências e habilidades descritas nas DCNs de 2011, é possível identificar alguns aspectos importantes para a formação profissional: núcleo de formação; ênfases curriculares; estágios básicos e processos de trabalho. Dentre as características necessárias à formação profissional, descrita nos artigos 4º e 5º é possível verificar que o currículo da instituição deverá ser construído, tendo em vista a aquisição de competências e habilidades para a formação e o exercício profissional.

Segundo as DCNs, o que se espera de uma formação profissional em Psicologia pelas Instituições de Ensino Superior do Brasil é que esteja voltada para a atuação profissional, pesquisa e ensino de Psicologia, assegurando determinados princípios e compromissos, a saber: a) Construção e desenvolvimento do conhecimento científico em Psicologia; b) Compreensão dos múltiplos referenciais que buscam apreender a amplitude do fenômeno psicológico em suas interfaces com os fenômenos biológicos e sociais; c) Reconhecimento da diversidade de perspectivas necessárias para compreensão do ser humano e incentivo à interlocução com campos de conhecimento; d) Compreensão crítica dos fenômenos



## Comportamentos profissionais na formação e prática do psicólogo

sociais, econômicos, culturais e políticos do País, fundamentais ao exercício da cidadania e da profissão; e) Atuação em diferentes contextos considerando as necessidades sociais e os direitos humanos, tendo em vista a promoção da qualidade de vida dos indivíduos, grupos, organizações e comunidades; f) Respeito à ética nas relações com clientes e usuários, com colegas, com o público e na produção e divulgação de pesquisas, trabalhos e informações na área da Psicologia; g) Aprimoramento e capacitação contínuos.

Esses princípios detalham as questões apontadas e aprimoradas por Botomé e Kubo (2001), nas quais os autores propõem doze dimensões a serem integradas no processo de formação do psicólogo. Os autores destacam que as Diretrizes Curriculares em Psicologia deverão contemplar uma formação ampla do psicólogo, na qual deve ir além das dimensões técnicas, isto é, deve envolver a pluralidade de concepções teóricas e metodológicas, originadas em diferentes paradigmas, bem como respeitar a diversidade de práticas e contextos de atuação.

No que concerne aos artigos 8º e 9º das DCNs constatou-se o estabelecimento de um conjunto de competências para o graduado no curso de Psicologia, que constituem elementos que devem ser desenvolvidos ao longo da formação a fim de promover o desenvolvimento de competências específicas necessárias para a atuação profissional do Psicólogo, implicando desenvolvimento e incorporação de qualidades técnicas ao futuro profissional.

No que tange às ênfases e aos estágios curriculares, referentes aos artigos 12º; 20º; 21º; 22º e 23º, compreende-se que as ênfases devem ser compatíveis com as demandas sociais e com as características da instituição de ensino. Assim, os estágios curriculares devem contemplar tais características, isto é, o processo de formação, ao longo do curso, deverá contemplar conhecimentos necessários para que o acadêmico consiga pôr em prática no estágio, posteriormente. Para tanto, as ênfases curriculares e os estágios específicos devem possibilitar o aprofundamento dos estudos e práticas desenvolvidas ao longo da formação. Dessa forma, é necessário que os estágios promovam aos estudantes experiências práticas diversificadas, visando à garantia de profissionais qualificados para prestar serviços psicológicos à população, refletir criticamente sobre sua práxis e tecer relações



## Comportamentos profissionais na formação e prática do psicólogo

entre à pluralidade de concepções teóricas e metodológicas, originadas em diferentes paradigmas.

#### 4.2 O DESENVOLVIMENTO DE COMPETÊNCIAS E HABILIDADES EM ACADÊMICOS DE PSICOLOGIA

4.2.1 As bases do desenvolvimento de comportamentos em estagiários de Psicologia estão nas classes gerais de comportamentos do profissional de Psicologia propostas por Botomé e Kubo (2003). Nesse documento, os autores constataram e direcionaram seus estudos a identificar as classes gerais de comportamentos dos profissionais de psicologia. Para tanto, descreveram diferentes possibilidades de contemplar o ensino e também a atuação de Psicólogos.

O Quadro 3 a seguir, adaptado de Botomé e Kubo (2003), apresenta uma análise dos aspectos componentes de três classes gerais de comportamentos de atuação do psicólogo.





## Comportamentos profissionais na formação e prática do psicólogo

Quadro 3- Análise dos aspectos componentes de três classes gerais de comportamentos de atuação do psicólogo

CARACTERÍSTICAS DOS EVENTOS NAS SITUAÇÕES DE INTERVENÇÃO DO PSICÓLOGO	TRABALHOS CORRESPONDENTES A REALIZAR PELOS PSICÓLOGOS	RESULTADOS IMPORTANTES E ÂMBITOS DE ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO
(Classes de estímulos antecedentes)	(Classes gerais de respostas)	(Classes de estímulos consequentes)
a) Acesso direto às variáveis sobre as quais intervir;		1) Variáveis relacionadas aos eventos de interesse sob controle do psicólogo e dos sujeitos envolvidos com o processo de intervenção sobre os eventos;
b) Tecnologia para intervenção disponível;	<b>INTERVIR DIRETAMENTE</b>	2) Objetivos da intervenção atingidos, problemas de interesse solucionados pela intervenção do psicólogo;
c) Necessário ou mais adequado ser o psicólogo o agente de intervenção sobre os eventos;		3) Satisfação dos envolvidos, pouca probabilidade de problemas em relação aos eventos de interesse (redução de sofrimento, capacidade de lidar melhor com os eventos etc.)
	sobre as variáveis relacionadas aos eventos de interesse para a intervenção profissional	
d) Existência de agentes outros, além do psicólogo, que devem intervir, ou que podem intervir melhor do que o psicólogo, sobre os eventos de interesse		4) Pessoas capacitadas a realizar as intervenções necessárias sobre as variáveis relacionadas aos eventos de interesse
e) Variáveis de interesse para intervir na situação estão sob controle de outros agentes		5) Objetivos da intervenção atingidos, problemas de interesse solucionados pela intervenção dessas pessoas sobre as variáveis envolvidas
f) É relevante que outros agentes, que não o psicólogo, atuem sobre os eventos de interesse	<b>CAPACITAR (ENSINAR) PESSOAS A INTERVIR</b>	6) Satisfação dos envolvidos, pequena probabilidade de ocorrência de problemas em relação aos eventos de interesse (redução de sofrimento, capacidade de lidar melhor com os eventos etc.)
g) Psicólogo não tem acesso às variáveis de interesse, enquanto outros agentes o tem		
	sobre as variáveis relacionadas aos eventos de interesse para a intervenção profissional, com a tecnologia disponível	
		7) Disponibilidade de conhecimento sobre os eventos de interesse ou sobre os procedimentos para intervenção sobre eles;
	<b>PRODUZIR CONHECIMENTO</b>	8) Maior probabilidade de poder atuar sobre esses tipos de eventos por parte de outros profissionais e de outros agentes envolvidos com eles
h) Falta de conhecimento sobre os eventos de interesse ou sobre procedimentos para intervenção sobre eles		
	sobre as variáveis relacionadas aos eventos de interesse ou sobre os procedimentos necessários para intervir sobre eles de forma a viabilizar intervenções diretas ou por meio de ensino de pessoas em relação a essas variáveis	

Fonte: Botomé e Kubo (2003)

## Comportamentos profissionais na formação e prática do psicólogo

O Quadro 3 apresenta três modalidades de atuação do psicólogo, divididas em duas classes gerais de intervenção: direta e indireta. A intervenção direta, localizada na primeira linha do quadro, discorre sobre a intervenção do psicólogo nos fenômenos ou processos psicológicos. Esse tipo de atuação é possível quando as classes de estímulos antecedentes, permitem um acesso direto às variáveis sobre as quais o profissional intervirá; quando há tecnologia disponível para intervir e quando há necessidade de o psicólogo ser o agente de intervenção. As consequências podem ser visualizadas na primeira linha, na terceira coluna do quadro.

Já a intervenção indireta, descrita nas duas últimas linhas do Quadro 3, é caracterizada por duas modalidades: (1) intervenções por intermédio de outras pessoas; (2) produção de conhecimento, a qual oferecerá subsídios para intervenções. Na primeira, descrita na segunda linha do quadro, o trabalho do psicólogo consiste em capacitar pessoas a intervir sobre as variáveis relacionadas aos eventos, isto é, o psicólogo poderá ensinar aos cuidadores de uma criança como comunicar-se de forma assertiva com ela. Dessa forma, o profissional está atuando numa intervenção indireta, pois está capacitando pessoas a intervir sobre as variáveis. No tocante à produção de conhecimento, destaca-se que quando existe falta de conhecimento sobre os eventos ou sobre procedimentos para intervenção, a atuação do psicólogo deve promover conhecimento sobre tais eventos e procedimentos, bem como possibilitar a atuação por parte de outros profissionais ou de outros agentes envolvidos com eles (BOTOME; KUBO, 2003). As classes de estímulos antecedentes e consequentes relacionadas a esse tipo de atuação podem ser identificadas na segunda linha do Quadro, na primeira e terceira colunas respectivamente.

Cabe ressaltar que, as três modalidades possibilitaram uma compreensão sobre o repertório que os estagiários devem desenvolver ao longo da graduação. Contudo, o estudo ainda não é suficiente para determinar os comportamentos que caracterizam a atuação do Psicólogo, que devem ser desenvolvidos por meio da graduação e dos estágios. Outros tipos de conhecimento produzidos no mesmo



## Comportamentos profissionais na formação e prática do psicólogo

âmbito possibilitaram, por exemplo, a inclusão de diferentes dimensões da intervenção profissional do psicólogo. Essas dimensões serão descritas a seguir.

#### 4.2.1.1 Dimensões e comportamentos que podem compor a construção de classes gerais de comportamentos do psicólogo para nortear o desenvolvimento de repertório em acadêmicos

A formação e atuação de um profissional são planejadas e realizadas considerando principalmente a dimensão “técnica”, isto é, consideram-se instrumentos e práticas específicas que caracterizam a atuação profissional (BOTOMÉ; KUBO, 2001). Outras dimensões podem ser consideradas ao planejar a formação e atuação do psicólogo. Ao elaborarem o documento “Proposta de minuta para as diretrizes curriculares”, Botomé e Kubo (2001), em trabalho realizado em conjunto com coordenadores de cursos de Psicologia do Estado de Santa Catarina, descrevem doze dimensões a serem consideradas para a formação do psicólogo. O Quadro 3 destaca as doze dimensões, caracterizadas pelos pesquisadores e suas respectivas características:

Quadro 3 - Dimensões da formação profissional e características principais da atuação

<b>DIMENSÕES DA FORMAÇÃO E DA ATUAÇÃO PROFISSIONAL</b>	<b>CARACTERÍSTICAS PRINCIPAIS DA FORMAÇÃO E DA ATUAÇÃO PROFISSIONAL SITUADA EM CADA TIPO DE DIMENSÃO</b>
<b>Formação técnica</b>	Aprender a utilizar com correção e precisão o instrumental de trabalho do psicólogo e o conhecimento existente relacionado ao exercício da profissão
<b>Formação histórica</b>	Aprender a avaliar e integrar as múltiplas contribuições do conhecimento produzido em diferentes épocas e contextos
<b>Formação antropológica</b>	Aprender a relacionar-se com diferentes culturas
<b>Formação filosófica</b>	Aprender a pensar, a lidar com conceitos, ideias
<b>Formação científica</b>	Aprender a aprender e aprender a produzir conhecimento científico
<b>Formação pedagógica e de liderança</b>	Aprender a educar e liderar
<b>Formação social</b>	Aprender a relacionar-se
<b>Formação política</b>	Aprender a equilibrar as relações de poder
<b>Formação de empreendedor</b>	Aprender a empreender
<b>Formação ética</b>	Aprender a garantir a dimensão ética na atuação profissional
<b>Formação religiosa</b>	Aprender a lidar com o absoluto, o significado da vida
<b>Formação estética</b>	Aprender a avaliar a satisfação e o prazer que produz com seu trabalho

Fonte: Botomé e Kubo (2001).



Para os autores, essas dimensões são essenciais para a formação de psicólogos. A seguir, serão apresentadas algumas competências e habilidades identificadas a partir das Diretrizes Curriculares Nacionais (2011).

#### 4.3 COMPETÊNCIAS E HABILIDADES A SEREM DESENVOLVIDOS POR ESTAGIÁRIOS DE PSICOLOGIA

Foram identificadas quatro categorias (DCNs, 2011): **(1)** Princípios Gerais da Graduação em Psicologia; **(2)** Competências básicas a serem desenvolvidas; **(3)** Habilidades exigidas por meio das competências básicas; **(4)** Competências e Habilidades exigidas. Com base nessas quatro categorias observadas nas DCNs, foram derivados 32 verbos e seus respectivos complementos dos quais constam as competências e habilidades que deverão ser desenvolvidos por estagiários de Psicologia para futura atuação profissional. Foram identificadas e acrescentadas também, na quarta coluna do Quadro 5, as dimensões da formação e da atuação profissional, fazendo relação com as dimensões relativas à formação e da atuação profissional, descritas por Botomé e Kubo em 2001. Assim, as competências e habilidades identificadas, por meio da análise realizada dos estudos selecionados, culminaram nos seguintes resultados:

##### 4.3.1 Princípios Gerais da Graduação em Psicologia

Quadro 4: Princípios gerais da Graduação em Psicologia

Sujeito	VERBO (Ação do sujeito)	COMPLEMENTO (aspecto do meio)	DIMENSÕES DA FORMAÇÃO E DA ATUAÇÃO PROFISSIONAL
<b>O acadêmico (futuro Psicólogo)</b>	Construir	Conhecimento científico em Psicologia	Formação técnica e científica
	Desenvolver	Conhecimento científico em Psicologia	Formação técnica e científica
	Compreender	-Os múltiplos referenciais que buscam apreender a amplitude do fenômeno psicológico em suas	- Formação técnica, científica, histórica, antropológica e filosófica.

Comportamentos profissionais na formação e prática do psicólogo

		interfaces com os fenômenos biológicos e sociais; - Os fenômenos sociais, econômicos, culturais e políticos do País, fundamentais ao exercício da cidadania e da profissão;	
	Atuar	- Em diferentes contextos considerando as necessidades sociais, os direitos humanos, tendo em vista a promoção da qualidade de vida dos indivíduos, grupos, organizações e comunidades;	Formação técnica, científica, histórica, antropológica, filosófica, social e ética.
	Respeitar	a ética nas relações com clientes e usuários, com colegas, com o público e na produção e divulgação de pesquisas;	Formação ética, técnica, científica e filosófica.

**básicas a serem desenvolvidas**



## Comportamentos profissionais na formação e prática do psicólogo

Quadro 5: Competências básicas a serem desenvolvidas na Graduação em Psicologia

SUJEITO	VERBO	COMPLEMENTO	DIMENSÕES DA FORMAÇÃO E DA ATUAÇÃO PROFISSIONAL
	(Ação do sujeito)	(aspecto do meio)	
<b>O acadêmico ( futuro psicólogo)</b>	Levantar	Informação bibliográfica em indexadores, periódicos, livros, manuais técnicos e outras fontes especializadas através de meios convencionais e eletrônicos;	- Formação técnica, científica, filosófica e ética.
	Ler	Comunicações científicas e relatórios técnicos na área da Psicologia;	- Formação técnica, científica e filosófica.
	Interpretar	Comunicações científicas e relatórios técnicos na área da Psicologia;	- Formação técnica, científica e filosófica
	Utilizar	Métodosn experimentais, de observação e outros métodos de investigação científica;	- Formação técnica, científica e filosófica.
	Planejar	Entrevistas com diferentes finalidades e em diferentes contextos;	- Formação técnica, científica, antropológica, filosófica, social e
	Realizar	Entrevistas com diferentes finalidades e em diferentes contextos;	- Formação técnica, científica, antropológica, filosófica, social e ética.

Fonte: As autoras

### 4.3.3 Habilidades exigidas por meio das competências básicas a serem desenvolvidas



## Comportamentos profissionais na formação e prática do psicólogo

Quadro 6: Habilidades exigidas por meio das competências básicas a serem desenvolvidas na Graduação em Psicologia

SUJEITO	VERBO	COMPLEMENTO	DIMENSÕES DA FORMAÇÃO E DA ATUAÇÃO PROFISSIONAL
	(Ação do sujeito)	(aspecto do meio)	
<b>O acadêmico (futuro Psicólogo)</b>	Identificar	Necessidades de natureza psicológica, diagnosticar, elaborar projetos, planejar e intervir de forma coerente com referenciais teóricos e características da população-alvo;	- Formação técnica, científica, antropológica, filosófica, social e ética.
	Analisar	Necessidades de natureza psicológica, diagnosticar, elaborar projetos, planejar e intervir de forma coerente com referenciais teóricos e características da população-alvo;	- Formação técnica, científica, antropológica, filosófica, social e ética.
	Identificar	Questões de investigação científica no campo da Psicologia, vinculando-as a decisões metodológicas quanto à escolha, coleta, e análise de dados em projetos de pesquisa;	- Formação técnica, científica e ética.
	Formular	Questões de investigação científica no campo da Psicologia, vinculando-as a decisões metodológicas quanto à escolha, coleta, e análise de dados em projetos de pesquisa;	- Formação técnica, científica, ética e estética
	Utilizar	Instrumentos e procedimentos de coleta de dados (observação, entrevistas, inventários, questionários, testes e escalas) em Psicologia, tendo em vista a pertinência e os problemas quanto ao uso, construção e validação;	Formação técnica, científica, ética e estética.
	Avaliar	Problemas humanos de ordem cognitiva, comportamental e afetiva, em diferentes contextos;	Formação técnica, científica, antropológica, filosófica, social, ética e religiosa.

## Comportamentos profissionais na formação e prática do psicólogo

	Usar	O conhecimento científico necessário à atuação profissional, assim como gerar conhecimento a partir da prática profissional;	- Formação técnica, científica, pedagógica e de liderança. Formação ética e estética.
	Manejar	Processos grupais, considerando as diferenças de formação e de valores dos seus membros;	- Formação técnica, científica, pedagógica e de liderança. Formação antropológica, filosófica, social, ética e religiosa.
	Atuar	Inter e multiprofissionalmente, sempre que a compreensão dos processos e fenômenos envolvidos assim o recomendar;	- Formação técnica, científica, pedagógica e de liderança. Formação antropológica, filosófica, social e ética.
	Elaborar	relatos científicos, pareceres técnicos e outras comunicações profissionais, inclusive materiais de divulgação.	- Formação técnica, científica, pedagógica e de liderança. Formação filosófica e ética.
	Apresentar	Trabalhos e discutir ideias em público.	Formação técnica, científica, pedagógica e de liderança. Formação filosófica, social e ética.

Fonte: As autoras

## 4.3.4 Competências e Habilidades exigidas

Quadro 8 - Competências e Habilidades exigidas na Graduação em Psicologia

SUJEITO	VERBO	COMPLEMENTO	DIMENSÕES DA FORMAÇÃO E DA ATUAÇÃO PROFISSIONAL
	(Ação do sujeito)	(aspecto do meio)	
O acadêmico (futuro psicólogo)	Analisar	Psicologia como campo de conhecimento, e os seus desafios teóricos e metodológicos contemporâneos;	- Formação técnica, científica, histórica, antropológica, filosófica, social e ética.
	Formular	questões de investigação científica em Psicologia;	- Formação técnica, científica, filosófica e ética.

## Comportamentos profissionais na formação e prática do psicólogo

Problematizar	o conhecimento científico disponível em um domínio da Psicologia, como fonte para avaliar e delimitar questões significativas de investigação;	- Formação técnica, científica, pedagógica e de liderança. Formação antropológica, filosófica, social e ética.
Planejar	estratégias para encaminhamento das questões de investigação coerentes com pressupostos teóricos e epistemológicos;	- Formação técnica, científica, histórica, pedagógica e de liderança. Formação antropológica, filosófica e ética.
Definir	Procedimentos e instrumentos para a coleta de informações;	- Formação técnica, científica, filosófica e ética.
Utilizar	Procedimentos e instrumentos para a coleta de informações;	- Formação técnica, científica, filosófica e ética.
Elaborar	Procedimentos apropriados de investigação para análise e tratamento de dados de diferentes naturezas; Laudos, relatórios e outras comunicações profissionais;	- Formação técnica, científica, filosófica, ética, pedagógica e de liderança. Formação social
Utilizar	Procedimentos apropriados de investigação para análise e tratamento de dados de diferentes natureza;	- Formação técnica, científica, filosófica e ética.
Consolidar	Decisões relativas ao processo de investigação em projetos de pesquisa, articulando elementos conceituais, metodológicos e recursos necessários;	- Formação técnica, científica, pedagógica e de liderança. Formação filosófica e ética.
Redigir	Relatório de pesquisa dentro de normas academicamente reconhecidas;	- Formação técnica, científica, pedagógica e de liderança. Formação filosófica e ética.
Apresentar	Trabalhos e discutir ideias em público.	Formação técnica, científica, pedagógica e de liderança. Formação filosófica, social e ética.

Fonte: As autoras



## Comportamentos profissionais na formação e prática do psicólogo

Cabe destacar que das dimensões da formação e da atuação profissional descritas por Botomé e Kubo em 2001, quatro foram mais bem identificadas, sendo essas: Formação técnica; Formação científica; Formação filosófica e Formação ética. Em contrapartida, as dimensões que apresentaram identificação reduzida foram: Formação religiosa e Formação estética.

Diante do exposto, foi possível notar que as dimensões mais presentes entre as habilidades e competências necessárias aos acadêmicos de psicologia, encontram-se a necessidade de (a) Aprender a utilizar com correção e precisão o instrumental de trabalho do psicólogo e o conhecimento existente relacionado ao exercício da profissão; (b) Aprender a aprender e aprender a produzir conhecimento científico; (c) Aprender a pensar, a lidar com conceitos, ideias. Tal fato demonstra que dentre as habilidades e competências que devem ser desenvolvidas ao longo do curso, as que mais se destacam são as voltadas para ao processo técnico, científico, filosófico e ético da profissão.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No que concerne ao âmbito geral da formação do psicólogo, pode-se concluir que propostas curriculares no Brasil tentam suprir a progressiva ampliação e diversificação da Psicologia como ciência e profissão, consolidando uma mudança significativa na identidade profissional do psicólogo em direção a uma prática competente, transformadora e ética, com atuação multiprofissional e interdisciplinar. Do ponto de vista das competências e das habilidades necessárias a uma formação comprometida com a conjuntura atual de nosso País, destaca-se a preocupação das DCNs em delimitar uma formação mais abrangente, que valoriza diferentes contextos e enfatiza o trabalho em equipe inter e multidisciplinar.

Por meio da análise realizada, constatou-se que as possibilidades preconizadas nas DCNs promovem o desenvolvimento da aprendizagem de comportamentos que envolvem especialmente a dimensão técnica e científica. Foi possível notar também que as competências exigidas nas DCNs para os campos de estágios estão contempladas de forma a ampliar as possibilidades de atuação



profissional dos acadêmicos. Tal fato é fundamental para contemplar as demandas profissionais e sociais da Psicologia na atualidade, visto que, a atenção para as DCNs permite que esses comportamentos se desenvolvam na formação do acadêmico durante a graduação.

Nesse sentido, descobrir comportamentos relativos ao exercício profissional é pertinente para que acadêmicos e docentes obtenham uma maior clareza no que tange à relação proposta entre comportamento, conhecimento, atuação profissional e processo de ensino e as decorrências desses para a formação de um profissional, a fim de possibilitar que o acadêmico desenvolva aptidão, competência, habilidade e perícia no exercício profissional. Com isso, acadêmicos, docentes e gestores de cursos poderão compreender e planejar condições de ensino-aprendizagem que possibilitem o desenvolvimento dos comportamentos que compõem o exercício profissional.

Por fim, cabe destacar que a análise realizada contempla uma etapa inicial em direção à derivação e delimitação de comportamentos necessários à prática profissional, embasados a partir das Diretrizes Curriculares. Dessa forma, sugere-se a continuidade desta pesquisa para que seja possível realizar o exercício de avaliar e propor, por exemplo, aprimoramentos necessários às DCNs, às práticas profissionais e às descobertas do que realmente precisa ser feito como atuação profissional em termos comportamentais, transformando em critérios mais finos à compreensão dos processos de ensinar e aprender.

## REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Adriano Valério dos Santos; PARDO, Maria Benedita Lima. Formação e atuação em psicologia social comunitária. **Psicol. pesq.**, Juiz de Fora , v. 8, n. 2, p. 200-210, dez. 2014.

BOLSONI-SILVA, Alessandra Turini. Habilidades sociais: breve análise da teoria e da prática à luz da análise do comportamento. **Interação em Psicologia**, v. 6, n. 2, p. 233-242, jul./dez. 2002.



BOTOMÉ, Sílvio Paulo; KUBO, Olga Mitsue. **Proposta de Minuta para as Diretrizes Curriculares para os cursos de Psicologia**. Manuscrito não publicado, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.

BOTOMÉ, Sílvio Paulo; KUBO, Olga Mitsue. Responsabilidade social dos programas de Pós-graduação e formação de novos cientistas e professores de nível superior. **Interação em Psicologia**, Curitiba, v.6, n.1, p. 81-110, jun. 2002.

BOTOMÉ, Sílvio Paulo; KUBO, Olga Mitsue. **Comportamentos-objetivos para formação profissional do Psicólogo**. Manuscrito não publicado, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

BOTOMÉ, Sílvio Paulo et al. Processos comportamentais básicos como objetivos gerais ou como classes gerais de comportamentos ou como competências para a formação do psicólogo. In: Encontro Brasileiro de Psicoterapia e Medicina Comportamental, XII., 2003, Londrina. **Anais**. Londrina: ABPMC, 2003.

BRASIL. **Resolução CNE/CES nº 5**, de 15 de março de 2011. Dispõe sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais para os Cursos de Graduação em Psicologia, estabelecendo normas para o projeto pedagógico complementar para a Formação De Professores De Psicologia. Diário Oficial da União. Brasília, seção 1, p. 19, 16 de março de 2011.

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRUSQUE – UNIFE; CONSELHO UNIVERSITÁRIO – CONSUNI. **Resolução nº 11/15**, de 8 de abril de 2015. Orienta e normatiza o funcionamento da Clínica Escola e Serviços de Psicologia – CESP, do curso de Psicologia. Brusque, 8 de abril de 2015.

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRUSQUE – UNIFE; CONSELHO UNIVERSITÁRIO – CONSUNI. **Resolução nº 11/16**, de 27 de abril de 2016.





Comportamentos profissionais na formação e prática do psicólogo

Projeto Pedagógico do curso de Psicologia. Brusque, 27 de abril de 2016.

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRUSQUE – UNIFEBE; CONSELHO UNIVERSITÁRIO – CONSUNI. **Parecer nº 96/16**, de 7 de dezembro de 2016. Matriz Curricular do Curso de Psicologia 2016.1. Ementário da Disciplinas. Brusque, 7 de dezembro de 2016.

CURY, Bruno de Moraes; NETO, João Leite Ferreira. Do Currículo Mínimo às Diretrizes Curriculares: os estágios na formação do psicólogo. **Psicologia em revista**, Belo Horizonte, v. 20, n. 3, p. 494-512, set. 2014.

DEL PRETTE, Zilda Aparecida Pereira; DEL PRETTE, Almir. Treinamento em habilidades sociais: panorama geral da área. *In*: HAASE, Vitor Geraldi (org.). **Psicologia do desenvolvimento: contribuições interdisciplinares**. Belo Horizonte: Health, 2000.

GUILHARDI, Hélio José et al. **Sobre comportamento e cognição**. Santo André: ESETec, 2001.

KUBO, Olga Mitsue; BOTOMÉ, Sílvio Paulo. A transformação do conhecimento em comportamentos profissionais na formação do psicólogo: as possibilidades nas diretrizes curriculares. *In*: BRANDÃO, Maria Zila (org.) **Sobre comportamento e cognição: A história e os avanços, a seleção por conseqüências em ação**. Santo André: ESETEC, 2003. p. 483-498.

KUBO, Olga Mitsue; BOTOMÉ, Sílvio Paulo. Ensino-aprendizagem: uma interação entre dois processos comportamentais. **Interação em Psicologia**, Curitiba, v. 5, n. 1, p. 1-19, dez. 2001.

ROCHA JUNIOR, Armando. Das Discussões Em Torno Da Formação Em



Psicologia Às Diretrizes Curriculares. **Psicologia: Teoria e Prática**, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 3-8, 1999.

SANTOS, Glauce Carolina Vieira dos. **Características das competências e dos comportamentos profissionais propostos nas diretrizes curriculares como delimitação do campo de atuação do psicólogo**. 2006. 465 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

TRAVASSOS, Rômulo; MOURAO, Luciana. Lacunas de Competências de Egressos do Curso Psicologia na Visão dos Docentes. **Psicol. cienc. prof**, Brasília, v. 38, n. 2, p. 233-248, jun. 2018.



**THE ACT E A SÍNDROME DE MUNCHAUSEN: ENSAIOS SOBRE A  
MATERNIDADE, FETICHISMO E A PERVERSÃO FEMININA A PARTIR DA  
PSICANÁLISE**

*THE ACT AND THE MUNCHAUSEN SYNDROME: TESTS ON  
MATERNITY, FETICHISM AND FEMALE PERVERSION FROM  
PSYCHOANALYSIS*

Yohanna Cunha Zibell<sup>1</sup>

Gustavo Angeli<sup>2</sup>

Jeisa Benevenuti<sup>3</sup>

**RESUMO:** Este artigo teve como objetivo analisar a perversão feminina relacionando com a Síndrome de Munchausen e a maternidade a partir da psicanálise. A pesquisa é sustentada sob o método psicanalítico, utilizando definições freudianas e pós-freudianas para a compreensão e interpretação da perversão. Por meio da atenção flutuante os autores assistiram à série televisiva *The Act* como caso clínico para a produção da pesquisa psicanalítica. A análise foi realizada a partir de episódios, diálogos e situações que despertaram emoções nos autores e interpretadas sob a teoria psicanalítica. Assim, foi possível analisar a perversão feminina por meio de uma relação perversa, diferentemente do homem ao qual utiliza um objeto-fetice para o recobrimento da castração.

**Palavras-chave:** perversão feminina; maternidade; psicanálise.

---

<sup>1</sup> Psicóloga pelo Centro Universitário de Brusque. Especialista em Psicanálise e Dispositivos Clínicos Contemporâneos pelo Centro Universitário Avantis. *E-mail:* yohannacunhaa@gmail.com.

<sup>2</sup> Psicólogo pela Universidade Regional de Blumenau. Doutorando em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina. Mestre em Psicologia pela Universidade Estadual de Maringá. Docente do curso de Psicologia do Centro Universitário de Brusque *E-mail:* gustavooangeli@gmail.com.

<sup>3</sup> Psicóloga pela Universidade do Vale do Itajaí. Doutora e Mestre pela Universidade Federal de Santa Catarina. Docente do curso de Psicologia do Centro Universitário de Brusque. *E-mail:* jeisa@unifebe.edu.br





*The Act* E A Síndrome De Munchausen: Ensaio Sobre A Maternidade, Fetichismo E A Perversão Feminina A Partir Da Psicanálise

**ABSTRACT:** *This article has as objective to analyze female perversion relating to Munchausen's Syndrome and motherhood from psychoanalysis. The research is sustained under the psychoanalytic method using Freudian e post Freudians definitions for understanding and interpreting perversion. From the floating attention the authors watched the television series The Act as a clinical case for production of psychoanalytic research. Analysis was performed from episodes, dialogues and situations that aroused emotions in the authors and interpreted under the psychoanalysis theory. So it was possible evidence female perversion through a perverse relationship, unlike the man who uses fetish-object to cover castration.*

**Keywords:** *female perversion; motherhood; psychoanalysis.*

## 1 INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo analisar a perversão feminina relacionando com a Síndrome de Munchausen e a maternidade. A pesquisa se sustenta no método-psicanalítico e utiliza definições freudianas e pós-freudianas para compreender e interpretar a perversão.

O termo perversão tem origem do latim *perversione*, designa o ato ou efeito de perverter-se, isto é, tornar-se perverso ou mal, depravar, desmoralizar. Pode designar ainda uma alteração ou o transtorno de uma função. Na medicina esse termo foi reservado para designar o desvio ou a perturbação de uma função normal, sobretudo, no terreno psíquico e mais propriamente, no campo da sexualidade (FERRAZ, 2010).

Antes de Freud, outros autores já falavam sobre perversão, porém, Freud se desprende da ideia de maldade, desvio ou das patologias, e teoriza a perversão como uma possibilidade para o psiquismo ante a castração. (FERRAZ, 2010).



*The Act E A Síndrome De Munchausen: Ensaio Sobre A Maternidade, Fetichismo E A Perversão Feminina A Partir Da Psicanálise*

Percorrendo a obra freudiana é possível acompanhar as mudanças decorrentes das novas descobertas feitas por Freud. Os textos que esboçam a clínica da perversão datam após a *Interpretação dos Sonhos* (1901), um marco para a psicanálise. Os textos escolhidos para conceituar a perversão freudiana foram os “Três Ensaio sobre a teoria da Sexualidade” (1905) em que se propõe que as crianças são polimorfas perversas, já em 1919, com a publicação de “Batem numa criança: contribuição ao conhecimento da gênese das perversões sexuais” Freud teoriza a partir do complexo de Édipo a fantasia que ouvira de seus pacientes em que uma criança era espancada. O terceiro momento das teorizações freudianas sobre a perversão está no texto *Fetichismo* (FREUD, 1927), considerado por muitos autores como a única teorização válida sobre a perversão, a recusa (*Verleugnung*) é apresentada como o mecanismo central da estrutura perversa. Após o percurso percorrido por Freud, a perversão então pode ser compreendida como um modo de satisfação sob a fixação em um objeto sem a primazia da genitalidade.

Freud deixou uma lacuna em relação à perversão feminina, é apenas com os autores pós-freudianos de diversas escolas que ocorrem as teorizações em torno da temática. A escola francesa, simultaneamente marcada pelo ensino de Gaëtan Gatian de Clérambault e Jacques Lacan, também contestou a pretensa inexistência do fetichismo feminino e, em termos mais gerais, da perversão feminina. Uma das melhores abordagens teóricas da questão foi obra de Wladimir Granoff e François Perrier, que publicaram, em 1964, o texto de uma conferência proferida em 1960. Ambos admitem que o fetichismo não existe na mulher sob a forma da construção de um objeto-fetice, mas, ainda assim, a mulher pode tornar-se seu próprio fetiche, numa relação erotomaniaca com o filho. Na condição de mãe, ela se constrói então como um ídolo onipotente e, portanto, como um fetiche. (ROUDINESCO; PLON, 1998).

O objetivo do presente trabalho é analisar a perversão feminina a partir da Síndrome de Munchausen por procuração, que pode ser definida como um tipo de abuso infantil, em que um dos pais, geralmente a mãe, simula sinais e sintomas na criança. Como consequência, a vítima é submetida a repetidas interações e



*The Act* E A Síndrome De Munchausen: Ensaio Sobre A Maternidade, Fetichismo E A Perversão Feminina A Partir Da Psicanálise

exposição a exames e tratamentos potencialmente perigosos e desnecessários, gerando sequelas psicológicas e físicas, podendo levar à morte (FERRÃO; NEVES, 2013). Para tanto, percorreu-se discussões da perversão na obra freudiana, a caracterização da perversão feminina a partir de autores pós-freudianos e ainda o histórico da Síndrome de Munchausen por procuração. Em seguida, será apresentada a estratégia de produção de conhecimento, a pesquisa psicanalítica, assim como a psicanálise extramuros, tornando possível a construção de um saber psicanalítico para além dos consultórios particulares. Posteriormente, a análise detém-se na série televisiva “*The Act*” transmitida pelo canal de *streaming* Hulu no ano de 2019, retratando a relação mãe e filha, como um caso clínico a fim de elucidar a perversão feminina a partir da maternidade.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 A PERVERSÃO NA OBRA FREUDIANA

Freud ao longo de sua obra teoriza sobre a perversão em três grandes momentos: Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905), baseando-se no axioma de que a neurose é o negativo da perversão. Em um segundo momento nos textos “Bate-se em uma criança: uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais” (1919) e aprofundando-se nos artigos do complexo de Édipo dos anos 20. Por fim, um terceiro momento, que muitos autores, veem a verdadeira organização da perversão, formulado no texto “Fetichismo” (1927), quando a figura da recusa da castração aparece e associa-se à clivagem do eu. (FERRAZ, 2010).

Freud (1905/2016, p. 40) em “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” introduz duas expressões técnicas:

O objeto sexual que seria a pessoa da qual vem a atração e a meta sexual, ação a qual o instinto impele, a observação, cientificamente filtrada, indica numerosos desvios no tocante aos dois e a relação entre eles e a norma suposta. Considera-se meta sexual normal a união dos genitais no ato denominado copulação, que leva à resolução da tensão sexual e temporário arrefecimento do instinto sexual (satisfação análoga à saciação da fome). Mas no ato sexual normal já se notam os rudimentos que, desenvolvidos, levarão aos desvios que são denominados *perversões*.





*The Act E A Síndrome De Munchausen: Ensaio Sobre A Maternidade, Fetichismo E A Perversão Feminina A Partir Da Psicanálise*

Portanto há certas relações intermediárias com o objeto sexual (que se achem no rumo da copulação), como tocar e olhar, que são reconhecidas como metas sexuais provisórias. Essas atividades são, por um lado, acompanhadas elas próprias de prazer e, por outro lado, aumentam a excitação, que deve durar até a obtenção da meta sexual final. E um desses contatos, aquele entre as mucosas dos lábios das duas pessoas alcançou, com o nome de beijo, grande valor sexual em muitos povos (entre eles os mais civilizados), embora as partes do corpo nele envolvidas não pertençam ao aparelho sexual, constituindo a entrada para o tubo digestivo (FREUD, 1905/2016).

As perversões são, portanto, extensões anatômicas das áreas do corpo determinadas para união sexual, por exemplo, superestimação do sexual, o uso sexual da mucosa dos lábios e boca e utilização do orifício anal e Freud (1905/2016) ainda acrescenta um substituto inapropriado do objeto sexual, o fetichismo, em que um objeto sexual normal é substituído por outro que guarda a relação com ele, mas é totalmente inapropriado para servir a meta sexual “normal”, aquela que visa à genitalidade.

Portanto, a perversão decorreria justamente na impossibilidade de a corrente genital impor-se perante as demais, em função da fixação, ocorrida na infância, que elevaria uma corrente pré-genital à condição de eixo ordenador, isto é, de toda gama de fantasias e atos sexuais de um sujeito. (FERRAZ, 2010).

Freud ainda descreve que a perversão resultaria de uma fixação infantil num estágio pré-genital da organização libidinal. A criança como um ser polimorfo-perverso por excelência, as várias correntes da sexualidade coexistem sem um eixo ordenador que as aglutine. Na sexualidade “normal”, essa operação ocorreria na puberdade, pela corrente genital da libido. Portanto, todas as formas pré-genitais da sexualidade seriam dominadas pela corrente principal, e os atos delas decorrentes se tornariam acessórios ou preparatórios para o coito normal, isto é, genital. (FERRAZ, 2010).





*The Act E A Síndrome De Munchausen: Ensaio Sobre A Maternidade, Fetichismo E A Perversão Feminina A Partir Da Psicanálise*

Baseando-se na proposição de Freud (1905/2016) que “a neurose é o negativo da perversão”, segundo Ferraz (2010, p. 34):

O perverso não se sujeita às forças que no neurótico prevalecem, ele põe em prática as fantasias pré-genitais; não as utiliza apenas como acessório para sua excitação, mas faz delas o centro de sua vida sexual. Assim o perverso seria tudo aquilo que o neurótico almeja ser, mas não tem permissão para tal [...] O perverso não porta uma aberração ausente em outros seres humanos, ele simplesmente atua naquilo que se encontra de forma latente e potencial em todas as pessoas.

Segundo Alberti (2005), Freud identificava a perversão com a monotonia da satisfação de um desejo, mas se utilizando exclusivamente de um único objeto de satisfação. No lugar da liberdade do sujeito de exercer a sexualidade em toda a sua plenitude, o sujeito perverso se limita ao gozo de uma maneira só.

Já em um segundo momento das teorizações, Freud (1919/2010) é surpreendido com a frequência que a fantasia “batem numa criança” é confessada por pessoas que buscam tratamento psicanalítico, principalmente para a histeria ou neurose obsessiva. A fantasia era geralmente investida de elevado prazer e se concluía num ato de prazerosa satisfação auto erótica. Para Freud (1919/2010, p. 297):

Tal fantasia é mantida para a autossatisfação erótica, podendo ser vista como um traço primário de perversão, um dos componentes da função sexual teria se adiantado aos outros no desenvolvimento, se tornado Maturamente autônomo e se fixado, escapando assim dos processos posteriores. Sabemos que tal perversão infantil não continua necessariamente por toda a vida, pode sucumbir à repressão, ser substituída por uma formação reativa ou ser transformada por uma sublimação. Caso esse processo não ocorra, a perversões e conserva na vida madura e ao depararmos com uma aberração sexual na vida adulta - perversão, fetichismo, inversão, podemos justificadamente esperar que uma anamnese descubra tal evento fixador na época da infância.

Nesse texto o autor analisa as fantasias de surras de quatro pacientes do sexo feminino que compunham maioria do seu material. Quanto à fantasia dos homens fora deixada para outro momento, pois se relacionam com outros temas.



*The Act E A Síndrome De Munchausen: Ensaio Sobre A Maternidade, Fetichismo E A Perversão Feminina A Partir Da Psicanálise*

Pode-se dizer que a fantasia é sádica, mas não é quem fantasia que bate em outra criança. De início, permanece obscuro quem é a pessoa que bate. Mais tarde, descobre-se que quem bate é um adulto indeterminado, que será reconhecido de maneira clara e inequívoca como o pai (da menina). Nesta primeira fase a fantasia é expressa na frase “*meu pai bate na criança*” ou “*meu pai bate na criança que odeio*”. (FREUD, 1919/2010, p. 302).

Conforme Freud (1919/2010, p. 303) exemplifica:

Na segunda fase ocorrem algumas mudanças, a pessoa que bate se mantém o pai, mas a criança castigada tornou-se outra, é invariavelmente a própria criança que fantasia; é bastante marcada pelo prazer e a adquire um significado conteúdo. Ela diz, então: “*sou castigada por meu pai*”. Nesse momento a fantasia tem caráter masoquista. Pode-se dizer que ela não tem uma existência real, em nenhum dos casos ela é lembrada, não chegou a se tornar consciente, fora uma construção na análise.

A terceira fase é similar à primeira, pois a pessoa que bate não é pai e se torna indefinida ou vem a ser um representante do pai, como um professor. A criança que fantasia não é mais quem apanha e ao serem questionadas, dizem apenas: “Eu estou olhando, provavelmente”. Para as meninas geralmente são garotos que apanham. A característica que difere da primeira fase é que agora a fantasia é portadora de uma forte excitação sexual, e como tal, permite a satisfação masturbatória. A fantasia torna-se novamente sádica. (FREUD, 1919/2010).

A fantasia está enredada nas excitações da menina com seu complexo parental, afetuosamente ligada ao pai, faz de tudo para ganhar seu amor, lançando uma atitude de ódio para com a mãe. Não há ligação com a mãe na fantasia, existem outras crianças no ambiente, talvez irmãos mais novos em que o afeto do pai tem que ser dividido. Logo, a menina compreende que apanhar, mesmo quando não dói muito, significa uma retração de amor e uma humilhação. Portanto se torna agradável a ideia de o pai bater nessa criança odiada: “Meu pai não ama esse outro, ama somente a mim” (FREUD, 1919/2010, p. 305).

Com essa escolha prematura de objeto de amor incestuoso, a vida sexual da criança atinge evidentemente o estágio de organização genital. Nenhum dos



*The Act E A Síndrome De Munchausen: Ensaio Sobre A Maternidade, Fetichismo E A Perversão Feminina A Partir Da Psicanálise*

amores incestuosos pode fugir à fatalidade da repressão, sucumbem devido a ensejos externos como o nascimento de um irmão indesejado, sentido como uma infidelidade, inesperadas doenças ou ainda por que não se realizou a satisfação ansiada. O mais provável é que a escolha de objeto amoroso desapareça, pois, seu tempo acabou, pois entrou em outra fase do desenvolvimento, na qual é obrigada a repetir a repressão de escolha incestuosa, fazendo referência ao mito edipiano (FREUD, 1919/2010).

No processo de repressão surge também a culpa, ligada aos desejos incestuosos e justificada pela permanência no inconsciente. A fantasia do amor incestuoso diz que: “Ele (o pai) ama somente a mim, não a outra criança, porque bate nela”. (FREUD, 1919/2010, p.307) Porém, a consciência de culpa não acha castigo mais severo do que a inversão disso, como: “Não, ele não ama você, pois bate em você”. (FREUD, 1919/2010, p.307). Assim, a fantasia da segunda fase, de ela mesma apanhar do pai torna-se expressão direta da consciência de culpa, tornando, assim, o sadismo em masoquismo. A frase “Meu pai me ama” tem um sentido genital e devido à repressão se transformar em “Meu pai bate em mim”, ou seja, ser golpeado é uma convergência da consciência de culpa e erotismo, não apenas pela relação genital proibida, mas também o substituto regressivo para ela e que achará desafogos em atos masturbatórios. (FREUD, 1919/2010).

Com a configuração definitiva, na terceira fase, a criança que fantasia retorna a ser espectador, e o pai é substituído como um professor ou outro superior. A fantasia torna-se semelhante à primeira fase por conta da repressão sofrida na segunda fase. Apenas a forma da fantasia é sádica, porém a satisfação dela é masoquista, sua significação está em haver tomado o investimento libidinal da parte reprimida e, com este, também a consciência de culpa ligada ao seu conteúdo.

Freud (1919/2010) acrescenta ainda que essas observações podem ser utilizadas em diferentes direções: para esclarecer a gênese das perversões, em especial, do masoquismo, e para avaliar a diferença sexual na dinâmica da neurose.

Segundo Freud (1919/2010, p. 311):





*The Act E A Síndrome De Munchausen: Ensaio Sobre A Maternidade, Fetichismo E A Perversão Feminina A Partir Da Psicanálise*

O resultado mais evidente na discussão da origem das perversões é que nada muda da concepção que nelas destaca o fortalecimento ou precocidade constitucional de um componente sexual. A perversão não se acha isolado na vida sexual da criança, mas é admitida nos contextos dos típicos - para não dizer normais - processos de desenvolvimento que conhecemos.

A perversão infantil pode ser base para o desenvolvimento de uma perversão de igual sentido que permeia toda a vida, que consome toda vida sexual do indivíduo, ou pode ser interrompida e permanecer no pano de fundo de um desenvolvimento sexual “normal”, ou seja, visando à genitalidade. (FREUD, 1919/2010).

Freud (1919/2010), considerando as anamneses obtidas nos casos de adultos perversos, notou que a impressão decisiva, a “primeira vivência” de todos os pervertidos, fetichistas quase nunca é situada em época anterior aos seis anos de idade. Porém, nesse tempo, o período do complexo de Édipo já passou, a vivência é lembrada de forma tão enigmática, que pode muito bem ter representado a sua herança.

O terceiro momento das teorizações freudianas sobre a perversão está no texto Fetichismo (FREUD, 1927/2014), considerado por muitos como a única teorização válida sobre a perversão, em que a recusa (*Verleugnung*) é apresentada como o mecanismo central da perversão. Freud (1927/2014, p. 304) acrescenta que:

Não é o substituto de um pênis qualquer, mas não de um qualquer, mas de um especial, bem determinado, que nos primeiros anos infantis tem grande importância, porém é perdido depois. Isto é: normalmente seria abandonado, mas o fetiche se destina exatamente a preservá-lo. [...] o fetiche é o substituto para o falo da mulher (da mãe), no qual o menino acreditou e ao qual - sabemos por que - não deseja renunciar”.

Freud (1927/2014) ressalta que a designação correta para o destino da ideia seria a recusa. A situação mostra que percepção permaneceu e que uma ação bastante enérgica foi realizada para sustentar a recusa. A criança após observar a mulher não manteve intacta a crença de que ela tem um falo. Conservou, mas também abandonou; frente ao conflito entre o peso da percepção desejada e a força





*The Act E A Síndrome De Munchausen: Ensaio Sobre A Maternidade, Fetichismo E A Perversão Feminina A Partir Da Psicanálise*

do desejo contrário chegou a um compromisso - Sim, na psique a mulher continua a ter um pênis, mas não o mesmo de antes. Outra coisa ocupou esse lugar, foi como nomeado o seu substituto, aqui, o fetiche. Portanto, diante do horror à castração ergue-se um monumento ao criar esse substituto. O fetiche subsiste como uma forma de triunfo sobre a ameaça de castração e como proteção contra ela.

Portanto, de 1905 a 1927, Freud passou de uma descrição das perversões sexuais para uma teorização do mecanismo geral da perversão que já não era apenas o resultado de uma predisposição polimorfa da sexualidade infantil, mas a consequência de uma atitude do sujeito humano confrontado com a diferença sexual. Nesse sentido, a perversão existe tanto no homem quanto na mulher, mas não se apresenta da mesma maneira entre os dois sexos. (ROUDINESCO; PLON, 1998).

A perversão freudiana não faz distinção do feminino ou masculino, é somente a partir de autores pós-freudianos que as publicações psicanalíticas variam significativamente de um modelo teórico a outro, deixando aparente a falta de consenso relativo à compreensão desta. Segundo Ceccareli (2005, p. 47):

A desarmonia entre as diferentes escolas de psicanálise, tanto no uso da palavra “perversão”, quanto na apreensão e compreensão do fenômeno é tão conhecida que dispensa comentários. Cada modelo clínico propõe uma interpretação diferente direcionando a escuta e, consequentemente, a direção do tratamento desta manifestação da sexualidade. Tanto autores da Escola Inglesa [Khan, 1979], quanto da Americana [Stoller, 1975], relatam acompanhamentos clínicos de sujeitos perversos cujos resultados foram considerados, por esses autores, como satisfatórios. Já a Escola Francesa de Jacques Lacan entende a perversão como uma estrutura que resiste ao trabalho analítico. Logo, o perverso, contrariamente à afirmação freudiana, não é analisável. Ora, como entender essas diferenças cujos desdobramentos teórico-clínico-éticos têm consequências de peso?

### 2.3 A PERVERSÃO FEMININA

Há certa resistência em identificar a estrutura perversa nas mulheres, porém há diversos autores que apoiam essa ideia (MATTERA, 2014). “Se a castração se refere tanto a mulher quanto ao homem, ela não a interpela, em primeiro lugar,



*The Act E A Síndrome De Munchausen: Ensaio Sobre A Maternidade, Fetichismo E A Perversão Feminina A Partir Da Psicanálise*

enquanto ameaça” (DOR, 1991, p. 186). Não tendo nada para salvar, ao contrário do menino, ela se mantém no lugar de objeto para um outro, ou sendo num primeiro momento o que falta à mãe, e num segundo momento, fazendo-se amar pelo pai, na esperança de obter deste a compensação de sua falta. A menina desloca para o pai os fins passivos de sua ligação libidinal com a mãe. (QUEIROZ, 2002).

O fato de a mulher ser não toda submetida à castração, como nos ensina Lacan, torna-a um par ideal para o perverso, pois, como este, ela também almeja um gozo além do fálico. Esse estado de “cumplicidade objetal” que é reservado à mulher confunde a questão: ela se oferece como objeto-causa da perversão, mas não se perverte? Esclarecem F. Perrier e W. Granoff que o fato de a mulher não ser fetichista não a impede de perverter sua libido e de um modo narcísico. “A mulher torna-se para ela mesma seu próprio fetiche à medida que oferece seu corpo ao gozo...” (DOR, 1991, p. 186). Essa tese, Piera Aulagnier também a sustenta ao mostrar a atração particular que a paixão exerce sobre a mulher. Vimos também em Freud, quanto o estado de paixão é propício ao escoamento da libido para o objeto. (QUEIROZ, 2002).

Por essa vertente, convém empreendermos uma discussão sobre a manifestação de uma perversão no feminino. Se atribuirmos à palavra perverter o sentido de desviar-se do caminho ou do destino, podemos encarar a possibilidade de uma perversão, não no sentido de desvio sexual utilizado pela tradição de Krafft Ebing, mas no de perverter a libido. (QUEIROZ, 2002).

Embora considere arriscado falar de perversões sexuais na mulher, F. Perrier e W. Granoff, por sua vez, sublinham que uma das vias de escoamento dos traços perversos é também a maternidade. Segundo eles, o amor materno pode se manifestar de dois modos, pela sublimação e pela vertente perversa. Argumentam que, por se tratar de uma relação não fundada sob o registro da lei, ela se torna menos protegida e por isso mais vulnerável à instalação de pactos perversos. A mãe narcisista, por exemplo, na impossibilidade de reconhecer a falta, faz do seu bebê um objeto de recobrimento desta. (QUEIROZ, 2002).



*The Act E A Síndrome De Munchausen: Ensaio Sobre A Maternidade, Fetichismo E A Perversão Feminina A Partir Da Psicanálise*

## 2.4 SÍNDROME DE MUNCHAUSEN POR PROCURAÇÃO (SMP)

Em 1951, a síndrome de Munchausen foi descrita pela primeira vez pelo psiquiatra britânico, Richard Asher, o qual introduziu a denominação para definir um grupo de pacientes que fabricavam histórias clínicas com falsos sintomas e histórias absurdas, evidências sobre enfermidades, submetiam-se a múltiplas investigações médicas, operações e tratamentos desnecessários, mesmo correndo risco de morte. A nomeação da síndrome é inspirada nos antecedentes históricos de Karl Friedrich Hieronymus von Munchausen (1720-1797), militar que lutou na guerra contra os turcos e fabricava exageradas histórias sobre os períodos em que serviu as forças armadas russas. (SILVA; PRISZKULNIK, 2013)

Descrita pela primeira vez em 1977, por Roy Meadow, um nefrologista pediátrico britânico, como Síndrome de Munchausen por Procuração (SMP), que pode ser definida como um tipo de abuso infantil, em que um dos pais, geralmente a mãe, simula sinais e sintomas na criança, com a intenção de chamar atenção para si. Como consequência, a vítima é submetida a repetidas internações e exposição a exames e tratamentos potencialmente perigosos e desnecessários, gerando sequelas psicológicas e físicas, podendo levar à morte (FERRÃO; NEVES, 2013).

Roy ao se deparar com duas crianças constata que uma havia sofrido intoxicação por repetidas doses de sal, ministradas por sua mãe e que a levaram óbito; e outra que fora submetida a inúmeros procedimentos médicos para investigação de uma doença renal fictícia, criada pela mãe, que fornecia histórias falsas e adulterava as amostras de urina de criança, adicionando seu próprio sangue a elas (SILVA; PRISZKULNIK, 2013).

Neste artigo, será dada ênfase à Síndrome de Munchausen por Procuração que tem a criança como a vítima do perpetrador, ou seja, aquela em que o cuidador fabrica ou induz doenças na criança que está sob seus cuidados. O recorte deste artigo se restringirá à relação e à complexidade envolvida entre mãe e filha.





*The Act E A Síndrome De Munchausen: Ensaio Sobre A Maternidade, Fetichismo E A Perversão Feminina A Partir Da Psicanálise*

### 3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para que o objetivo principal deste artigo fosse atingido, analisa-se a perversão feminina a partir da Síndrome de Munchausen por procuração, ou autores utilizaram duas formas de pesquisa. Inicialmente a pesquisa bibliográfica, que segundo Gil (2010) está baseado em material já publicado em livros, revistas, teses e dissertações, tendo, assim, uma parte do artigo dedicado a essa pesquisa.

E concomitante com a pesquisa psicanalítica, segundo Kobori (2013) tem como condição de metodologia o uso do método psicanalítico, criado por Freud, com o objetivo de construir um novo conhecimento a respeito do ser humano, da sociedade e cultura. O uso desse método de pesquisa não se restringe em curar, mas se encontra presente da mesma forma, mesmo onde não há doença. Então, a pesquisa psicanalítica, mesmo que dentro do rigor acadêmico, obedece aos pressupostos do método freudiano que baseado na interpretação produz um sentido novo ao tema estudado.

A psicanálise fora do contexto da clínica é controversa e recebeu diferentes denominações. Nas obras de Freud é chamada de psicanálise aplicada, incluindo a prática clínica e as aplicações da análise. Laplanche propõe o conceito de psicanálise extramuros, para a psicanálise que se dirigindo para fora-do-tratamento, não de maneira acessória, como um ao-lado-de, mas fundamentalmente, dirigindo-se adiante dos fenômenos culturais. A psicanálise em extensão, termo proposto por Lacan, diferenciando psicanálise com intensão da extensão. A intensão, diz respeito ao processo e ao produto da análise. A segunda, a psicanálise em extensão diz respeito a tudo o que resume a função de nossa Escola como presentificadora da psicanálise no mundo e a psicanálise em intensão, ou seja, a didática, como uma preparadora dos operadores.

Independente da nomenclatura, Rosa (2004) entende que a escuta psicanalítica se torna possível em outros contextos, pois o inconsciente está presente como determinantes nas mais variadas manifestações humanas, culturais





*The Act E A Síndrome De Munchausen: Ensaio Sobre A Maternidade, Fetichismo E A Perversão Feminina A Partir Da Psicanálise*

e sociais. O sujeito do inconsciente está presente em todo o enunciado, recortando qualquer discurso pela enunciação que o transcende.

Portanto, os princípios norteadores da pesquisa psicanalítica dos fenômenos sociais e políticos põem em jogo a constituição de um campo de experiência no qual os fundamentos epistêmicos são os mesmos que sustentam a prática da ética da psicanálise (ROSA; DOMINGUES, 2010).

Segundo Poli (2005) se no campo de experiência constituído pela ciência positivista são os objetos passíveis de medida e verificação que definem a realidade e os critérios de verdade, a experiência psicanalítica se pauta pela inclusão primeira do desejo do pesquisador na constituição do enigma que seu trabalho busca desvelar. A esta inclusão do desejo é nomeada transferência, fundamento de todo trabalho de pesquisa em psicanálise e que permite situar a noção de realidade com a qual operamos.

Para Caon (1994), a transferência é o fundamento comum ao tratamento e à situação psicanalítica de pesquisa. A diferença entre essas duas situações está no manejo da transferência: na situação de pesquisa deve ser instrumentalizada para produção do texto metapsicológico.

A transferência instrumentalizada é o processo por meio do qual o pesquisador se dirige ao dado de pesquisa situado pelo texto dos colaboradores e relaciona seus achados com a literatura trabalhada e procura, além disso, elaborar impressões que reúnem as suas expectativas diante do problema de pesquisa e as impressões dos participantes que forneceram suas contribuições na forma de dados coletados (IRIBARRY, 2003). Esta técnica auxilia a análise dos dados desta pesquisa que se baseia na escuta de uma série televisiva, em que os autores buscaram subsídios para compor a análise do ensaio metapsicológico.

É a partir desse olhar investigativo, próprio do método psicanalítico que, o analista em atenção flutuante, buscará um sentido latente dentro do manifesto da obra, ou seja, conteúdos reprimidos que ressoam de maneira inconsciente tanto na série obra como no destinatário, pressupondo que, esse material é semelhante, de maneira emocional, em ambos. Dessa forma, é concebida uma comunicação cifrada



*The Act* E A Síndrome De Munchausen: Ensaio Sobre A Maternidade, Fetichismo E A Perversão Feminina A Partir Da Psicanálise

inconsciente a inconsciente, tornando possível uma reconstrução do processo criativo a partir da emoção sentida pelo espectador. (KOBORI, 2013). É nesse sentido que, mesmo sem as associações das personagens tidas como estudos de caso pode-se chegar a uma interpretação do conteúdo inconsciente por meio dos pesquisadores que fizeram suas associações suscitadas pelo material, pelas pistas inconscientes e da forma como estas o atingem emocionalmente, confirmando o sentido desta interpretação em outros indícios da obra (MEZAN, 1985).

Portanto, após a revisão da literatura, os autores a partir da atenção flutuante assistiram à série televisiva como um caso clínico, a fim de produzir uma pesquisa psicanalítica. No decorrer dos episódios, diálogos e situações suscitaram emoções, associações e interpretações às quais os autores optaram por dar destaque na análise dos resultados. Assim, os pesquisadores, assistiram e associaram livremente a série, interpretando-a a partir da teoria psicanalítica.

## 4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

### 4.1 PSICANÁLISE E CINEMA

O cinema pode ser definido como mais do que uma invenção técnica, súbita e revolucionária, que poria em movimento as imagens de forma autoevidente. O cinema é uma linguagem que se foi constituindo, ao longo de suas primeiras duas décadas, ao mesmo tempo em que construía seu público, acostumando-o a certas convenções que permitem sua recepção como uma narrativa. O cinema, décadas após a invenção da fotografia, mostrou que a apresentação “direta” da realidade, a possibilidade de reproduzir tecnicamente, de modo quase inteiramente fiel, o olhar humano, entretanto, não torna as imagens autoexplicativas. Ao contrário, o cinema nos faz ver que a imagem nunca é uma realidade simples. Como afirma o filósofo francês Jacques Rancière (2003 *apud* RIVERA, 2008), trata-se, no cinema, de um conjunto de operações, de relações entre o dizível e o visível, maneiras de jogar com o antes e o após, a causa e o efeito.



*The Act* E A Síndrome De Munchausen: Ensaio Sobre A Maternidade, Fetichismo E A Perversão Feminina A Partir Da Psicanálise

Assim como o cinema, o sonho detém significados e é passível de interpretação, como já defendia a tradição milenar que faz dele uma interpretação simbólica, em geral premonitória. Em lugar da potência de prever o futuro, a psicanálise atribui uma apresentação dos desejos mais íntimos do sujeito, escondidos dele mesmo, porque são conflituosos. O sonho, diz Freud, é uma realização disfarçada de um desejo inconsciente. A interpretação dos sonhos é, portanto, estritamente singular, apenas o sonhador pode refazer, associando livremente, a partir do sonho, os caminhos que teriam levado os pensamentos latentes à configuração final do sonho.

Quem o interpreta é, rigorosamente falando, o próprio sonhador, tomando-o como enigma que nenhum código fixo dos símbolos dos sonhos — os ainda existentes em dicionários de sonhos — poderia solucionar. Pois as substituições simbólicas que o constroem não são fixas e universais, mas sujeitas a uma combinatória particular e ao mesmo tempo infinita. O que Freud chama “trabalho do sonho” é complexo e múltiplo. Dizer que o filme imita o sonho não fornece ao cinema um modelo de construção de imagens em sucessão; antes, põe em relevo a enorme complexidade em jogo na relação entre sujeito e imagem, seja no sonho, seja no cinema. (RIVERA, 2008).

O sonho realiza o desejo, não no sentido de satisfazê-lo integralmente, mas no sentido de torná-lo real, apresentando o desejo em imagens e palavras. Devemos levar a sério a insistência de Freud de que o sonho seria “a via régia para o inconsciente”: tal realização de desejo delineia de forma privilegiada o campo do sujeito. Freud afirma que “os sonhos são inteiramente egoístas” e nota que outro personagem do sonho pode esconder o próprio eu. De fato, o sujeito parece ser a questão central do sonho. O sonho põe em questão a posição do eu, assim como pode fazê-lo a imagem — e, em particular, a imagem cinematográfica. (RIVERA, 2008).

A fim de familiarizar o leitor, a seguir, encontra-se um breve resumo da série *The Act* e os apontamentos a partir de recortes de cenas ilustrados sob a perspectiva psicanalítica.



*The Act* E A Síndrome De Munchausen: Ensaio Sobre A Maternidade, Fetichismo E A Perversão Feminina A Partir Da Psicanálise

#### 4.2 THE ACT E A PERVERSÃO FEMININA

A série de televisão tomada neste trabalho como caso clínico é intitulada como *The Act* lançada em março de 2019, pelo *streaming* americano *Hulu*, conta com apenas uma temporada de oito episódios e foi criada por Nick Antosca e Michelle Dean, baseados em uma história real. Na série, o espectador se depara com uma família composta por uma mãe, Dee Dee Blanchard (Patricia Arquette) e sua filha Gypsy Rose Blanchard (Joey King) e a complexidade envolvida na relação. A série decorre no ano de 1993, desde o nascimento de Gypsy até 2015 ilustrando os acontecimentos na vida de ambas as mulheres.

Gypsy cresce acreditando que tem vários diagnósticos, dentre eles, câncer, anemia, distrofia muscular, paraplegia, refluxo, alergia a açúcar (anafilaxia) e deve utilizar uma cadeira de rodas, além de tantos outros que surgem no decorrer dos episódios. Nos primeiros episódios a relação entre ambas é apresentada como uma simbiose. A mãe, Dee Dee, se mostra como uma mãe muito preocupada com as condições da filha, organizada com todos os medicamentos e laudos das doenças e transtornos.

No primeiro episódio, por serem novas no bairro, uma vizinha, também adolescente, bate à porta da família a fim de conhecê-las, oferece-se para fazer maquiagem em Gypsy e relutante Dee Dee autoriza com a justificativa de que deve ser “apenas um toque”. Quando a vizinha vai embora, Dee Dee ordena que a filha tire a maquiagem, pois ela não era igual a todas as garotas e que gostava que sua filha fosse especial. Ao término do primeiro episódio, Gypsy suspeitando de que não tem alergia ao açúcar, após ouvir um médico conversar com sua mãe, decide experimentar chantilly e confirma que não tem alergia ao açúcar. É possível evidenciar o interesse de Gypsy no mundo adolescente, a garota para de assistir aos desenhos dos ursinhos carinhosos e começa a se interessar pelos príncipes encantados, ainda que dos desenhos.





*The Act* E A Síndrome De Munchausen: Ensaio Sobre A Maternidade, Feticismo E A Perversão Feminina A Partir Da Psicanálise

No segundo episódio, Gypsy inicia as fugas noturnas da cama de sua mãe para utilizar o *notebook* ingerindo sorvetes e refrigerantes. Inicia sua pesquisa em vídeos de tutoriais de maquiagem, pesquisa fotos de beijos entre casais. Ao comer sorvete, bate com a colher em seu dente e o machuca, apaga o histórico do *notebook* e retorna à cama. No outro dia, Dee Dee percebe que Gypsy está com dor na boca (dentes) e ao ver diz que “deve haver uma condição subjacente”. Dee Dee a leva para o hospital. O médico que geralmente a atende indica o atendimento pela gastroenterologista, pois Dee Dee afirma que é o ácido do refluxo que está estragando os dentes da filha. A médica faz algumas perguntas para Gypsy e quem responde é sempre a mãe, falando que ela pode engolir, mas depois paga o preço com as dores de barriga, que ela não pode comer doces, pois é alérgica. Gypsy não diz nada, apenas segura seu bicho de pelúcia como nas demais consultas médicas.

A Dra. Chandra se interessa pelo histórico de Gypsy e solicita a pasta que Dee Dee carrega com diversos exames e laudos. A mãe se recusa, com a justificativa de que os dados que a médica necessita foram perdidos durante o furacão Katrina, que atingiu a casa delas. A médica comenta com a família que os tubos alimentares que Gypsy faz uso não precisam ser para sempre, de forma ríspida Dee Dee, encerra a consulta falando que se trata apenas de uma emergência odontológica.

A médica inicia a busca pelas informações da família, questiona colegas de trabalho que comentam que elas são as “rainhas do hospital”, entra em contato com outros hospitais a fim de obter dados, porém poucos se deram conta do quão esquisito era a menina ter tantas comorbidades sem nenhuma confirmação de exames médicos, apenas a palavra da mãe era o suficiente.

Ainda no segundo episódio, uma conselheira tutelar visita a casa da família a fim de conversar com Gypsy sobre sua relação com sua mãe. Dee Dee ao ouvir a campanha aumenta o volume da televisão e leva Gypsy ao banheiro onde lhe dá sedativos e apenas depois atende a porta. Dee Dee fica furiosa pela conselheira solicitar que ela se retire do ambiente, pois precisava conversar a sós com Gypsy.



*The Act* E A Síndrome De Munchausen: Ensaio Sobre A Maternidade, Fetichismo E A Perversão Feminina A Partir Da Psicanálise

De forma letárgica, Gypsy responde às perguntas e suas respostas não prejudicam a mãe. A conselheira comenta que já tem as informações de que necessita e que pode ir embora. Dee Dee questiona quem poderia pedir um relatório desses e a conselheira não responde.

Sobre perversão feminina na maternidade, Dor (1991) afirma, o que está sob o caráter pervertizante é a própria relação que a mãe pode instituir com o seu filho. É justamente nessa relação próxima e privilegiada que a mãe tem com a criança, há uma tendência perversa. Essa tendência é a erotomania, em que as vias de realização é o acesso ao corpo da criança e da satisfação de suas necessidades.

Dor (1991) ressalta que a criança encontra, nesta disposição perversa materna, o eco mais favorável a dinâmica de seu desejo que a leva a se constituir, como objeto que preenche a falta do Outro, tornando necessária a mediação paterna, para que a mãe não capture e seduz a filha.

A mãe pode ser entendida como uma figura onipotente, pois como afirma Lebrun (2004), uma das consequências da privatização da família é o declínio da identidade do pai e, portanto, o caminho para a invasão da figura materna, que é aberto como demonstra a série, não há interdição do pai na relação simbiótica entre mãe e filha. A intervenção paterna que evocamos é identificável nos primeiros momentos da criança, do *infans*, “aquele que não é falante”. Quando a criança entra no círculo familiar, acontece-lhe de chorar, e a mãe dirá, no primeiro dia, que a criança está triste, no dia seguinte, que está passando mal, no outro lhe perguntará por que chora. No quarto lhe dirá ainda outra coisa, e todas as palavras que forem ditas irão “definir” essa criança. Etiquetá-la, dizer o que ela é.

Pode-se compreender “o pai” como aquele que vem dizer “Não, ela não é tudo o que você diz dela!”, ou “Sim, mas...”; ou seja, dar à criança as condições que permitem fazer de modo a que não haja adequação entre o que a sua mãe diz e o que ela é como sujeito (LEBRUN, 2004). Toma-se aqui como o pai, a lei, à qual Dee Dee não permite a entrada em nenhum momento, como ilustrados no seriado, ela não permite que o conselho tutelar realize a intervenção em sua residência, dopando a filha. Não permite que um médico ou a ausência de um diagnóstico a



*The Act* E A Síndrome De Munchausen: Ensaio Sobre A Maternidade, Fetichismo E A Perversão Feminina A Partir Da Psicanálise

contrarie em relação ao que é melhor para sua filha, afinal ela é a lei e conhece todos os diagnósticos, não desconfia, sabe do que sua filha necessita.

É apenas no último episódio que o pai de Gypsy aparece na série, pois Gypsy liga para ele. Durante toda a sua vida havia acreditado que o pai as abandonara, porém, ele conta que tentou manter contato, mas Dee Dee não permitia e mudava de residência várias vezes, o que fez com que ele desistisse da aproximação.

Ainda é necessário resolver a situação odontológica de Gypsy e para isso Dee Dee agenda o dentista e todos os dentes de Gypsy são retirados contra a sua vontade. Gypsy está preocupada, pois quer seus dentes de volta até o evento de caridade em que será homenageada como “A criança do ano”. Dee Dee e Gypsy tem uma briga por causa disso, e Dee Dee fala que Gypsy não entende o quão duro ela trabalhou para que ela ganhasse esse prêmio, que todos estariam lá para vê-las. A mãe faz com que a filha não possa falar para assim continuar em uma posição de objeto, ela deverá ficar calada por semanas, fazendo o mínimo de esforço, deixando, assim, que sua mãe fale por ela, aquilo que ela é incapaz de dizer.

Apenas quando estão prestes a entrar no palco é que Dee Dee entrega a prótese dentária à filha. Uma das assistentes comenta que além do prêmio de criança do ano deveria também haver um prêmio para a melhor mãe do ano. Quando estão no palco Gypsy canta a música que representa a história delas: *I'll be There* (Eu estarei lá). A plateia fica comovida.

No terceiro episódio, mãe e filha vão a um festival de quadrinhos, onde Gypsy conhece um homem fantasiado de Wolverine e começa a manter contato com ele. Dee Dee também conhece um homem, também fantasiado de Wolverine, ele faz várias tentativas de aproximação e Dee Dee vai até o banheiro e retira a maquiagem, ele gostaria de iniciar um relacionamento, ter uma companhia, porém, ela o nega, não há lugar para um homem. Gypsy foge de casa para se encontrar com seu Wolverine e horas depois, sua mãe a encontra na residência dele e a leva embora. Por Gypsy estar fora da cadeira de rodas Dee Dee só permite que ela desça do carro e entre em casa se estiver na cadeira de rodas. Gypsy então utiliza a cadeira.





*The Act E A Síndrome De Munchausen: Ensaio Sobre A Maternidade, Fetichismo E A Perversão Feminina A Partir Da Psicanálise*

Como andar com as próprias pernas? Como sustentar e escutar o próprio desejo? Como uma mulher torna-se mulher? Ao contrário do menino, que na fase fálica se encontra em uma posição edípica, tendo como objeto de amor a mãe e como rival o pai, dando solução ao seu Édipo pelo complexo de castração, para a menina, é a castração que a conduzirá ao complexo edípico. Ela reconhece o fato de sua castração, e, com ele, também a superioridade do menino e sua própria inferioridade (ALMEIDA, 2012).

O tornar-se mulher, enquanto dissolução do Édipo feminino apresenta-se como uma operação complicada para a menina, que se rebela contra esse estado de inferioridade. Diante dessa situação comitativa e de acordo com o modo pelo qual a menina significa sua castração, restam-lhe três saídas possíveis do complexo de Édipo: a inibição sexual, o complexo de masculinidade e a feminilidade, propriamente dita. A primeira saída – a frigidez e a inibição – leva a menina, assustada pela comparação com os meninos e sentindo-se inferiorizada com o seu clitóris, a abdicar de sua masculinidade pela renúncia à atividade fálico-clitoridiana e pela instalação de uma inibição sexual que se estende a outros campos. A segunda linha – o complexo de masculinidade – faz com que ela se agarre de forma desafiadora à sua masculinidade ameaçada, acreditando na possibilidade de obter um pênis, podendo resultar numa escolha de objeto homossexual manifesta. E a terceira via – tornar-se mulher pela maternidade e pela passividade – possibilita-lhe encontrar o caminho da feminilidade definitiva pela substituição de seu desejo masculino de ter um pênis do pai por um desejo feminino de maternidade (ter um filho do pai) e pela substituição do gozo ativo masculino do clitóris pelo gozo passivo da vagina (ALMEIDA, 2012).

Entretanto, este modelo fálico-edípico para a sexualidade feminina configura-se num paradoxo ao indicar, por um lado, o feminino como construção psíquica e, nesse sentido, desvinculado de uma ordem natural e, por outro, sustentar a maternidade como destino normal para as mulheres, sendo as demais alternativas consideradas desvios negativos e soluções patológicas.





*The Act* E A Síndrome De Munchausen: Ensaio Sobre A Maternidade, Fetichismo E A Perversão Feminina A Partir Da Psicanálise

Assim, no afã de deixar a mulher no lugar que ele supõe que lhe é predestinada, Freud aponta como única possibilidade normal para o sexo feminino uma trajetória bastante duvidosa. A ideia de maternidade como a única possibilidade de abrandar a inveja do pênis é, no mínimo, problemática, pois o bebê ficaria situado no lugar do falo, destituído de uma posição de alteridade em relação à mãe, o que certamente traria problemas para o seu desenvolvimento posterior. É como se, contraditoriamente, para situar a mulher numa posição faltosa, Freud reforçasse o lugar onipotente da mãe e na impossibilidade de reconhecer a falta, faz do bebê um objeto de recobrimento da castração (ALMEIDA, 2012). Dee Dee faz diversos comentários no decorrer dos episódios, como: “Nasci para ser sua mãe”, “Fomos feitas uma para a outra”; portanto, sua filha é objeto que recobre a castração, e a relação entre ambas é de um laço perverso.

A mãe onipotente e perversa, essa que pode fazer tudo com a filha, é apresentada a todo o momento e em diversos recortes do seriado. Gypsy não aparece ou demonstra suas vontades e desejos, a não ser a partir da fala ou autorização da mãe. É apenas quando outro passa a interpelar a vida de ambas que Dee Dee não tem mais controle sob a filha, vendo-se, assim, em uma posição faltosa novamente. Diante dessa posição faltosa Dee Dee precisa tomar o objeto para si, para isso amarra a filha na cama como uma forma de castigo, mostrando, assim, o laço perverso existente entre ambas, pois Gypsy não resiste ao aprisionamento.

Os primeiros episódios deixam evidente a relação abusiva entre mãe e filha. É apenas quando o outro passa a permear a vida de ambas que Gypsy pode falar sobre o que se passa dentro da casa. Ela inicia um namoro virtual com um adolescente, Nicholas, e a partir de então, a pedido de Gypsy, o garoto assassina Dee Dee. Com a mãe falecida, ambos fogem para “viverem juntos, sem ninguém os impedir”.

O casal se muda para a residência de Nicholas, em outro estado. O crime é descoberto após o casal realizar uma postagem em uma rede social que Dee Dee e Gypsy dividiam, com a frase: “A vadia está morta”. Um reboliço ocorre nos



*The Act E A Síndrome De Munchausen: Ensaio Sobre A Maternidade, Fetichismo E A Perversão Feminina A Partir Da Psicanálise*

comentários com colegas e vizinhos, tentando descobrir se está tudo bem com ambas e chamam a polícia para verificar a residência. Encontram o corpo de Dee Dee, os vizinhos presumem que Dee Dee não faria mal algum a ninguém, não poderia ter inimigos, alguém estaria atrás de Gypsy, já que ela havia desaparecido. A polícia descobre a localização por meio da postagem da rede social e encontram o casal na residência de Nicholas, onde são detidos.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A principal diferenciação entre a perversão masculina e feminina está na escolha de objeto fetichista, enquanto o homem se utiliza de um objeto-fetice para o recobrimento da castração, a mulher se torna seu próprio fetiche em uma relação perversa não fundada sob o registro da lei e vulnerável aos pactos perversos. Portanto, este artigo visou compreender a perversão feminina relacionando com a síndrome de Munchausen a partir da psicanálise.

Quanto à escolha do caso clínico utilizado para a análise, evidencia-se a necessidade de repensar a psicanálise abrangendo as questões contemporâneas, utilizando, assim, como caso clínico uma série recentemente lançada, fora do contexto da clínica tradicional, apenas possível de ser interpretada a partir da psicanálise extramuros e da ampliação das estratégias de produção de conhecimento e da concepção do fazer de um psicanalista.

Este artigo também visa desmistificar a mulher como um ser angelical, boa e santificada, apresentando como possibilidade uma mulher perversa com seus desejos, uma mulher e mãe má na perversidade dos seus atos a fim de possibilitar a escuta a esse sujeito do inconsciente, desmoralizando e desidealizando o lugar sagrado que o feminino ocupa.

Ainda assim, apontamos como questionamento e discussão que diante das diversas possibilidades do psiquismo, da variedade de fantasias ou dos caminhos para dissolução do complexo de Édipo, caberia apenas à maternidade e à homossexualidade como destino para perversão feminina?



*The Act E A Síndrome De Munchausen: Ensaio Sobre A Maternidade, Fetichismo E A Perversão Feminina A Partir Da Psicanálise*

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Ângela Maria Menezes de. Feminilidade: caminho de subjetivação.

**Estud. psicanal.**, Belo Horizonte , n. 38, p. 29-44, dez. 2012. Disponível em:

[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372012000200004&lng=pt&nrm=iso)

[34372012000200004&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372012000200004&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 27 nov. 2019.

CECCARELLI, Paulo Roberto. Perversões e suas versões. **Reverso**, v. 27, n. 52, p. 43-50, 2005.

DOR, JOËL. **Estrutura e perversões**. Artes Médicas, 1991.

FERRAZ, Flávio Carvalho. **Perversão (coleção Clínica Psicanalítica)**. Casa do Psicólogo, 2010.

FERRÃO, Ana Carolina Fernandes; NEVES, Maria da Graça Camargo. Síndrome de Munchausen por Procuração: quando a mãe adocece o filho. **Comun. ciênc. saúde**, v. 24, n. 2, p. 179-186, 2013.

FREUD, Sigmund. Batem numa criança: contribuição ao conhecimento da gênese das perversões sexuais. In: **Obras Completas**. São Paulo: Companhia das letras, Original publicado em 1919/2010 (Vol. 14).

FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: **Obras Completas**. São Paulo: Companhia das letras, Original publicado em 1905/2016 (Vol. 6).

FREUD, Sigmund. O Fetichismo. In: **Obras Completas**. São Paulo: Companhia das letras, Original publicado em 1927/2014 (Vol. 17).



*The Act E A Síndrome De Munchausen: Ensaio Sobre A Maternidade, Fetichismo E A Perversão Feminina A Partir Da Psicanálise*

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo, 2010.

IRIBARRY, Isac Nikos. O que é pesquisa psicanalítica?. **Ágora (Rio J.)**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 115-138. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-14982003000100007&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982003000100007&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 2 out. 2019.

KOBORI, Eduardo Toshio. Algumas considerações sobre o termo psicanálise aplicada e o método psicanalítico na análise da cultura. **Revista de Psicologia da UNESP**, v. 12, n. 2, p. 73-81, 2013. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/revpsico/v12n2/a06.pdf>. Acesso em: 2 out. 2019.

LEBRUN, Jean Pierre. **Um mundo sem limite**: ensaio para uma clínica psicanalítica do social. Rio de Janeiro: Companhia de Freud. 2004.

MATTERA, Patrick. Perversão nas mulheres ou perversão feminina. Uma questão de sexuação. **Revista Latinoamericana de Psicopatología Fundamental**, v. 17, n. 3, 2014. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/2330/233037803013.pdf>. Acesso em: 12 maio 2019.

MEZAN, Ricardo. **Freud, pensador da Cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

POLI, Maria Cristina. Pesquisa em Psicanálise. **Revista da Associação psicanalítica de Porto Alegre – APPOA**. N. 29, p. 42-47. 2005. Disponível em: <http://www.apboa.org.br/uploads/arquivos/revistas/revista29.pdf#page=42>. Acesso em: 2 out. 2019.

QUEIROZ, Edilene Freire de. A perversão no feminino. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, v. 5, n. 3, p. 92-108, 2002.





*The Act E A Síndrome De Munchausen: Ensaio Sobre A Maternidade, Fetichismo E A Perversão Feminina A Partir Da Psicanálise*

RIVERA, Tania. **Cinema, imagem e psicanálise**. Rio de Janeiro. Jorge Zahar, 2008.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

ROSA, Miriam Debieux; A pesquisa psicanalítica dos fenômenos sociais e políticos: metodologia e fundamentação teórica. **Revista Mal-Estar e Subjetividade**, v. 4, n. 2, p. 329-348. 2004. Disponível em: <https://periodicos.unifor.br/rmes/article/download/1509/3464>. Acesso em: 2 out. 2019.

ROSA, Miriam Debieux; DOMINGUES, Eliane. O método na pesquisa psicanalítica de fenômenos sociais e políticos: a utilização da entrevista e da observação. **Psicologia & Sociedade**, v. 22, n. 1, p. 180-188, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v22n1/v22n1a21.pdf>. Acesso em: 2 out. 2019.

SILVA, Heliane Maria; PRISZKULNIK, Léia. Síndrome de Munchausen por procuração, a Psicologia e a Psicanálise: conhecer para suspeitar. **Psicología, Conocimiento y Sociedad**, v. 3, n. 2, p. 155-170, 2013. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/4758/475847410008.pdf>. Acesso em: 24 ago. 2019.



## PSICANÁLISE, RELIGIÃO E POLÍTICA: UM ESTUDO PSICANALÍTICO A PARTIR DA OBRA “O CRIME DO PADRE AMARO”

Otniel Fernandes<sup>1</sup>

Gustavo Angeli<sup>2</sup>

**RESUMO:** Este artigo tem por objeto de estudo o discurso moral religioso expresso na obra “O crime do Padre Amaro”, pretendendo, por este, identificar as dinâmicas inconscientes que sustentam seu poder de dominação, bem como seus possíveis desdobramentos ideológicos e sociais, visto que a obra insere-se em um contexto de mudanças estruturais no final do século XIX, com a Igreja reforçando seu controle ao utilizar o discurso simbólico/religioso a fim de conservar seu poderio em Portugal, pois perdia espaço para a burguesia e temia a conscientização da massa expropriada. Pela via de uma psicanálise aplicada, alude-se à atual conjuntura política brasileira, marcada pela eminência pública do discurso moral/religioso atrelada ao avanço do projeto neoliberal e o recrudescimento do capitalismo dependente. Discute-se que, por intermédio da teoria psicanalítica, é possível rastrear em “O crime do Padre Amaro” os desencadeamentos inconscientes que subjazem à submissão de Amélia e, por sua vez, à submissão (in)voluntária das massas aos apelos do líder quando assume o lugar do pai/padre.

**Palavras-Chave:** psicanálise aplicada; literatura; religião; política; moral.

**ABSTRACT:** *This article has as its object of study the religious moral discourse expressed in the work “The Crime of Father Amaro”, intending to identify the unconscious dynamics that sustain its power of domination, as well as the possible ideological and social unfoldings, since the work is part of a context of structural changes at the end of the 19th century, with the Church reinforcing its control by the use of symbolic/religious discourse in order to preserve its power in Portugal, as it lost space to the bourgeoisie and feared the awareness of the*

<sup>1</sup> Acadêmico de Psicologia pelo Centro Universitário de Brusque – UNIFE. [E-mail: n.otniel@gmail.com](mailto:n.otniel@gmail.com)

<sup>2</sup> Psicólogo pela Universidade Regional de Blumenau. Doutorando em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina. Mestre em Psicologia pela Universidade Estadual de Maringá. Docente do curso de Psicologia do Centro Universitário de Brusque

<sup>3</sup> -UNIFE. E-mail: [gustavooangeli@gmail.com](mailto:gustavooangeli@gmail.com).

Psicanálise, religião e política: um estudo psicanalítico a partir da obra “o crime do padre amaro”

*expropriated mass. Through an applied psychoanalysis, the current Brazilian political situation is alluded to, marked by the public eminence of moral/religious discourse, linked to the dismantling of the welfare state and the resurgence of dependent capitalism. It is argued that, through psychoanalytic theory, is possible to trace in “The Crime of Father Amaro” the unconscious triggers that underlie Amélia’s submission and, in turn, the (in)voluntary submission of the masses to the leader’s appeals when he takes the place of the father/priest.*

**Keywords:** *applied psychoanalysis; literature; religion; politics; moral.*

## 1. INTRODUÇÃO

O presente artigo se destina ao exercício de uma psicanálise clínica, política e social que, ao estender seu escrutínio sob a obra “O crime do Padre Amaro”, discorre sobre a relação entre o exercício do poder político e religioso. O contexto histórico em que a obra “O crime do Padre Amaro” (1875/2002) se insere muito se relaciona com aspectos de nossa época, quando a mobilização de vertiginosas mudanças paradigmáticas põe em discussão modelos identificatórios estruturantes das subjetividades. Como pontua Freud (1921/1976), cada indivíduo é uma parte que compõem numerosos grupos, ligando-se por vínculos de identificação em muitos sentidos, construindo seu ideal de ego a partir de modelos variados, sobremaneira que cada sujeito partilha de variadas mentes grupais, podendo ultrapassá-las na medida em que possui vestígios de independência e originalidade.

A realização desta análise possui importância dupla, pois além de oferecer o aprimoramento teórico e prático dos componentes discursivos presentes na teoria psicanalítica, oferece à comunidade científica a reflexão em torno de temas de extrema importância em nossa atual conjuntura política brasileira. Sabe-se que a onda conservadora, advogada por determinados segmentos da sociedade, viabilizou a iminência pública do discurso moral religioso que, se atrelando ao projeto neoliberal e ao aprofundamento do capitalismo dependente, marcante na América Latina, resultou no agravamento das desigualdades de classe social, gênero e raça, bem como na manutenção de uma lógica antissocial que, conforme Fernandes (1980), faz





Psicanálise, religião e política: um estudo psicanalítico a partir da obra “o crime do padre amaro”

referência à expropriação do trabalho e à exportação do excedente econômico, elevados níveis de extração de mais valia, privatização de setores estratégicos da economia, privilégios exclusivos aos interesses privatistas, desprezo às demandas dos trabalhadores, oferecimento prioritário de auxílio e vantagem ao capital privado, diminuição do investimento público em políticas sociais, os quais desencadeiam, por essa via, ameaças ao caráter de garantias sociais fundamentais. O estado brasileiro, após a implementação do ‘teto de gastos’, reduziu drasticamente o investimento público no Sistema Único de Saúde, atravessando uma grave crise sanitária, demonstrada pelo enfraquecimento de medidas de enfrentamento à pandemia da SARS-CoV-2, o que gerou o óbito de mais de 671 mil brasileiros (CONASS, 2022). Atentando para o fato de a religião ser um importante componente discursivo, utilizado por proeminentes figuras políticas, pretende-se realçar as potentes dinâmicas subjacentes a este, usando como recurso a mencionada obra romanesca.

A obra ‘O crime do Padre Amaro’, escrito por Eça de Queiroz no ano de 1875, apresenta a Portugal o estilo literário chamado ‘realismo-naturalismo’. Seu conteúdo choca a sociedade do século XIX (COUTO *et al.*, 2005) devido à denúncia da hipocrisia moral e religiosa. O escopo dessa obra gira em torno de severas críticas à forma como os padres exerciam a vida sacerdotal e às desigualdades sociais perpetuadas sob a chancela do poder religioso. Para isso, utiliza o caso de um jovem padre chamado Amaro e seu trágico romance com Amélia, moça de Leiria, interior de Portugal.

Amparada por discussões teóricas e exames bibliográficos, a presente elaboração se dispõe a identificar as dinâmicas inconscientes que sustentam o discurso moral religioso presente na obra queiroziana, a articulação com as produções psicanalíticas que dizem da psicologia das massas, visando problematizar a correspondente relação do discurso moral analisado e seu entrelaçamento com dispositivos políticos e sociais, evidenciando o olhar crítico da psicanálise sobre as próprias instituições humanas, as artes, o conhecimento, a “racionalidade”, a atual noção de homem e o vasto tecido social.

Fica-se assim com a impressão de que a civilização é algo que foi imposto a uma maioria resistente por uma minoria que compreendeu como obter a posse dos meios de poder e coerção. Evidentemente, é natural supor que essas dificuldades não são





Psicanálise, religião e política: um estudo psicanalítico a partir da obra “o crime do padre amaro”

inerentes à natureza da própria civilização, mas determinadas pelas imperfeições das formas culturais que até agora se desenvolveram (FREUD, 1927/1990, p. 04).

Por conseguinte, sob a ótica psicanalítica, pretende-se tensionar articulações entre política, psicanálise e religião. Para isso, explicita-se o método de análise empregado, os textos psicanalíticos que fomentam a reflexão em torno dos temas, a contextualização da obra enfatizada, tal qual sua posterior análise, fruto do arranjo entre teoria e prática psicanalítica, intuindo apreender fragmentos da obra que evidenciam a psicologia das massas das quais somos suscetíveis e possíveis de vislumbrar na atual conjuntura social brasileira.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 2.1 SOBRE PSICANÁLISE E POLÍTICA

Freud (1925/2006), no prólogo destinado a elogiar o tratado de pedagogia de um amigo, escreve: “adotei o dito espirituoso dos três ofícios impossíveis, isto é, educar, curar e governar” (p. 307). Doze anos mais tarde, ao falar sobre as “pesadas exigências” às quais o psicanalista deve se sujeitar exercitando sua prática, reconhece que “quase temos a impressão de que analisar seja a terceira dessas profissões impossíveis, de cujo pouco sucesso podemos estar seguros. As duas outras, há muito conhecidas, são educar e governar” (p. 160). Ao atentar-se a esta declaração, vê-se as pistas do que Freud pensava sobre política e sobre o poder de maneira geral.

Quando Freud faz uso do adjetivo “impossível”, não está anunciando a impotência desses fazeres. Pelo contrário, está indicando as condições reais dessas tarefas que sempre se realizarão aquém das grandes ambições. Essa espécie de “esperança utópica”, no caso da política, pode ser origem da paixão que nos leva a procurar a mão do Salvador da Pátria, ou o sonho positivista de uma previsão exata do futuro. A valer, no passado o político era a expressão da ordem do divino e do mágico, atualmente é confiado às decisões técnicas dos profissionais da probabilidade ou entregue nas mãos das místicas caricaturas carismáticas (GOLDENBERG, 2006). Cabe ressaltar que, ao se



Psicanálise, religião e política: um estudo psicanalítico a partir da obra “o crime do padre amaro”

analisar o fenômeno político, faz-se relevante reconhecer que este se assemelha às artes, tornando necessária a precaução contra a postura inocente de objetividade do cientista político no seu afã de identificar leis formais que atuam sobre as massas humanas, em cujo arranjo se excluíam as paixões incalculáveis que movem os interesses mais contraditórios entre si (GOLDENBERG, 2006).

Desse modo, pontua-se que o olhar da psicanálise sobre a política se inscreve ao problematizar a ideia de “bem comum”, que visando amenizar o conflito de interesses e desejos individuais, traduz a necessidade de renúncias que os sujeitos devem consentir para ninguém sair lesado unilateralmente. As consequências dessas renúncias, são alvos da análise freudiana, que repensa a noção de felicidade e mal estar.

Quanto ao alcance do exame psicanalítico, Freud (1926/1996), em seu artigo intitulado “Podem os leigos exercer a psicanálise”, enfatiza que esta, ao ser a “psicologia das profundezas”, pode tornar-se indispensável para toda a produção de conhecimento que leva em conta a gênese da civilização humana e de suas grandes instituições, tais como: a arte, a religião e a ordem social. Mais tarde, ao reivindicar o direito de estudar as “ciências da mente” em “Novas Conferências de Introdução à Psicanálise” (1936/1996), diz ser a psicanálise uma potente contribuição para a arte, a história das civilizações e das religiões, a mitologia, a filosofia, a literatura, a sociologia e a pedagogia. Vemos nisso a concepção de Freud, que descreve a psicanálise como produto da cultura, mas também como ferramenta crítica das próprias produções culturais nas quais se inscreve.

Em “Psicologia das Massas e análise do eu” (1921/1976), Freud demonstra que toda psicologia individual é também psicologia social ao considerar a presença do outro, que se apresenta como modelo, objeto ou adversário. A oposição entre o individual e o coletivo se tensiona ao descrever os processos libidinais envolvendo o outro, também em considerações relativas ao narcisismo. No texto, o autor lembra do dispositivo clínico da hipnose, apresentando o conceito de ego — polo psíquico que surge do inconsciente como esfera de adaptação à realidade — e ideal de ego — polo psíquico que condensa a dimensão de um ideal de referência do ego. Partindo



Psicanálise, religião e política: um estudo psicanalítico a partir da obra “o crime do padre amaro”

desses conceitos, Freud teoriza sobre os fascínios coletivos, fenômeno existente na época que resultou no surgimento do nazismo e fascismo, discernindo que as multidões obedecem a uma perigosa organização que, caso estabilizada, poderia transformar o líder simplório de turba em guia da nação ou uma espécie de grande pai. Nesse contexto, Freud analisa o mecanismo de formação da Igreja e do Exército em torno de um líder, elevado ao lugar de ideal de ego pelos membros do grupo. Identifica-se, nessa dinâmica, a intensa similaridade entre o desenvolvimento da noção de eu individual na criança. (TELLES, 2015).

Freud assinala que o evidente fator de união das massas é o poder de Eros. Tal necessidade se manifesta tão intensamente nos grupos, que o sujeito se priva de questionamentos, rende-se ao contágio e à sugestão, para que a sensação de pertença prevaleça, reprimindo suas pulsões destrutivas, pontua Garrit (2021). Outro processo libidinal evidente na formação de massas é a identificação, que se manifesta na horizontalidade e verticalidade das relações. A identificação, segundo Freud (1921/1976), pode assumir três formas: (1) A forma primordial de ligação afetiva a um objeto; (2) como via regressiva que acomoda o objeto perdido investido libidinalmente, introjetando-o no Eu; (3) correspondente ao efeito de contágio e infecção psíquica na massa, que surge quando o Eu nota certa similaridade com outro sujeito que é objeto de pulsões sexuais sublimadas. Dessa forma, “quanto mais significativo esse algo em comum, mais bem-sucedida deverá ser essa identificação parcial, correspondendo, assim, ao início de uma nova ligação” (FREUD, 1921/1976, p. 49-50).

É importante frisar que a identificação, à semelhança do enamoramento e da hipnose, ao introjetar o objeto no Eu, pode gerar reações drásticas a fim de manter dada configuração narcísica. Como assinala Freud (1921/1976, p.56), “na cegueira do amor, o indivíduo pode se tornar, sem remorsos, um criminoso. Toda a situação pode ser resumida cabalmente numa fórmula: O objeto se colocou no lugar do Ideal do Ego”. Conforme Telles (2015), não podemos admitir a desconsideração do papel relativo que a política tem na condução de massas. O líder político desponta em três formas: autonomia pela introjeção da lei, regressão pela busca da proteção e





Psicanálise, religião e política: um estudo psicanalítico a partir da obra “o crime do padre amaro”

identificação com a onipotência do pai da horda. Isso leva a reflexões sobre o fundamento inconsciente da suscetibilidade do comando das massas a um líder, ideal ou projeto, remontando ao fenômeno religioso, elemento fundamental da obra ‘O crime do Padre Amaro’, bem como ao componente ideológico que recheia o atual discurso político brasileiro. Desse modo, prossegue-se o trabalho de pesquisa, investigando, sob os signos do divino, a dimensão íntima do homem que anseia por amparo — expressão do desejo infantil.

## 2.2 SOBRE PSICANÁLISE E RELIGIÃO

Conforme Morano (2003), a interpretação freudiana sobre a religião lança mão de dois eixos hermenêuticos, a saber: sua relação com a neurose e outra com o sonho. Cabe, nesse trecho, explicitar as produções psicanalíticas que fazem menção ao fenômeno religioso, imbricado nas formulações teóricas de Freud análogas à neurose.

Esse tema aparece inicialmente nas produções psicanalíticas associadas aos estudos sobre a neurose histérica. Pois Freud, ao compreender a dissociação da consciência, deparou-se com o processo de perversão da vontade, um querer inconsciente que, proveniente do recaiado, impõem sua manifestação. Nessa luta de vontades, a religião é entendida por Freud como uma força que luta pelo querer consciente e repressor, complementa Morano (2003), apresentando-se como um importante oponente ao mundo dos desejos do sujeito e, como consequência, um fator que contribui em muito para a escolha e desenvolvimento de neuroses.

Para Ésther Melo Shiga (2015), Freud, ao escrever o Projeto (1985), já estabelecia uma relação entre a prematuraçã do bebê humano, que necessita de cuidado e ajuda de outros, com o surgimento de motivações morais “[...] o desamparo inicial dos seres humanos é a fonte primordial de todos os motivos morais” (p. 370). A religião, então, articulava-se com o sentimento de desamparo, estruturante em nossa subjetivaçã. Shiga (2015) prossegue dizendo que a principal relaçaõ entre psicanálise e religião é a





Psicanálise, religião e política: um estudo psicanalítico a partir da obra “o crime do padre amaro”

descoberta, via análise: a criança, ao depender absolutamente do cuidado de seus genitores, em algum momento, experimenta a ausência destes; ela então se questiona, vivenciando a não garantia de proteção contra o vazio. Nessas condições, o ser humano desenvolveria religiosidade — saudade de um pai onipotente, colocado nos céus — advinda da dificuldade de ajudar a si e de sua clara fragilidade ante as dificuldades da existência.

Em “O Futuro de uma ilusão”, Freud (1927/1996) faz uma análise psicológica a respeito do desamparo e do sentimento religioso. Nesse ensaio, são abordadas diversas questões referentes às produções culturais, descrevendo os aparatos “sagrados” como frutos da elaboração cultural que auxiliariam a suportar o desamparo fundamental da condição humana. Para Freud (1930/1996), as fontes do sofrimento humano surgem ante o poder devastador e implacável da natureza, a ameaça de deterioração, a decadência que vem de nosso próprio corpo, e o sofrimento advindo das relações entre os humanos. Portanto, a religião surgiria como uma laboração inconsciente, que remontaria à proteção e aos cuidados dos genitores.

O desamparo do homem, porém, permanece e, junto com ele, seu anseio pelo pai e pelos deuses. Estes mantêm sua tríplice missão: exorcizar os terrores da natureza, reconciliar os homens com a crueldade do Destino, particularmente a que é demonstrada na morte, e compensá-los pelos sofrimentos e privações que uma vida civilizada em comum lhe impôs (FREUD, 1928/2006, p.26).

Quanto à relação entre religião e neurose, retoma-se os escritos de Totem e Tabu (FREUD, 1913/1996), em que ambas possuem a mesma identidade de origem. Nessa obra, o chamado complexo de Édipo ultrapassa definitivamente as categorias do simples psicopatológico para se tornar uma categoria antropológica fundamental. Freud (1913/1996), ao assentar uma nova perspectiva sobre a problemática edípica, sugere que religiosos e neuróticos estarão, na variedade de suas ações, perpetuando a mesma estrutura edípica, impossibilitados de sair dos atoleiros que esse conflito infantil comporta, atualizando o embate com o pai, que agora se eleva à categoria de Deus — conflito em que a ambivalência afetiva prossegue desempenhando papel crucial. No mesmo texto, Freud (1913/1996) descreve um relato mítico, tendo por base teorias étnicas e antropológicas de sua época, em que apresenta a existência do Deus da religião como o grande pai de uma



Psicanálise, religião e política: um estudo psicanalítico a partir da obra “o crime do padre amaro”

horda primeva. Este pai ciumento e onipotente é assassinado e devorado pelos filhos, sendo a única forma que estes encontram para ter acesso às mulheres que ele possessivamente preservara para si. O assassinato primevo, tipo de pecado original e criador, seria o alicerce das grandes instituições sociais — moral, direito e religião. Porém, na sequência, o assassinato torna-se um grande fracasso: os filhos percebem que ninguém poderia, agora, ocupar o lugar do pai, sob consequência de que o crime continuasse acontecendo. Este lugar deveria, então, permanecer vazio. É justamente nessa lacuna deixada pelo pai que a religião encontra seu solo frutífero. Freud (1913/1996) segue nos dizendo que, deste lugar vazio, o pai morto recuperou sua existência, primeiro tomando a forma do animal totêmico do clã, depois se apresentando em heróis, deuses e demônios, para finalmente ressuscitar na figura do Deus único judaico-cristão, que expressou com grande luminosidade a eminência do recalcado “protopai”.

Para Shiga (2015), o totemismo, além de se desenvolver como um sistema social, pode ser entendido como a primeira religião, já que o totem seria o primeiro substituto paterno e, a partir do culto e das cerimônias, o sentimento de culpa poderia ser abrandado, viabilizando uma nova relação com o pai. Nesse sentido, “[...] um sentimento de culpa surgiu, o qual, nesse caso, coincidia com o remorso sentido por todo o grupo. O pai morto tornou-se mais forte do que fora vivo” (p. 146). Portanto, o rastro psíquico que fundamentaria a suscetibilidade humana à religião, tal qual as aspirações ilusórias por um grande líder, estaria cravado na história ontogenética e histórico/cultural do homem. “Não consigo pensar em nenhuma necessidade da infância tão intensa quanto a da proteção de um pai” (FREUD, 1930/1996, p. 81).

Partindo dessas considerações teóricas, denota-se que a relação estreita entre política e religião se estende ao longo das culturas e sociedades, visto que há, inerentemente ao ser social, o ser desejante, que carrega as marcas de sua infância, atravessada por forças pulsionais, bem como pela demanda de cuidado e proteção ante o desamparo. Sob esse substrato psíquico, constroem-se expectativas e ambições que, não raro, utilizadas de forma perversa por aqueles que assumem o lugar do pai, propõem-se como solução do desamparo, tornando-se condição de alienação do próprio sujeito.



Psicanálise, religião e política: um estudo psicanalítico a partir da obra “o crime do padre amaro”

Destina-se, a seguir, uma breve descrição sobre a relação entre religião e o processo criativo, presente nos sonhos e nas artes, tal qual a contextualização da obra queiroziana, que expressa com clareza a sedução de um ente que encarna o lugar do pai/padre, sustentado pela sujeição desejante, produto do discurso moral/religioso entremeado na cultura e subjetivação da personagem Amélia.

### 2.2.1 A Religião como criação

Considerando a ligação estreita entre o processo criativo, fomento de formas, credos, mitos e dogmas, presentes nas expressões religiosas, diante do desamparo que os seres humanos estão expostos — natureza, destino e sociedade —, dedica-se neste íterim breves apontamentos sobre a potência criativa que habita a falta estrutural, deixada pelo pai — espaço supostamente tamponado por Amaro — no intercurso fantasioso de Amélia.

Sobre seu exame da cultura, pontua Freud (1932/1976), que existia uma óbvia deformação entre os fatos históricos e sua representação mítica, deformação esta da mesma índole, ou até mais violenta, do que aquela que enfrentava cotidianamente quando reconstituía o sonho dos pacientes e suas experiências infantis recalcadas. Apresenta, neste dito, a similaridade entre as descobertas psicanalíticas sobre a produção onírica, e as elaborações culturais, religiosas, artísticas e filosóficas, quais a psicanálise também estende seu olhar investigativo. No mesmo texto, Freud recomenda o escrutínio psicanalítico sobre esses produtos a fim de interpretar os conteúdos manifestos, tal qual os recalcados, que fundamentavam sua representação deformada no social. Portanto, haveria uma gama de transformações e disfarces, produzidos por determinadas tendências, às vezes antagônicas, que expressariam, marcadas por operações e mutilações, o seu sentido latente.

Compreende-se, a partir disso, que, pelo prisma da criação, a religião como processo inventivo se assemelharia à arte, porquanto seria uma forma de traduzir a falta estrutural que habita o homem, como também a tradução sublimada de anseios inaceitáveis/recalcados, estabelecendo laços no social com os quais, nessas expressões, se reconhecem. Desse modo, aqui estaria





Psicanálise, religião e política: um estudo psicanalítico a partir da obra “o crime do padre amaro”

a analogia da religião e o sonho, mencionado por Morano (2003), como produto de laborações inconscientes que, em última instância, exprimiriam sublimadamente o retorno de fantasias infantis, viabilizando a criação artística. Coadunando esse pensamento, Freud (1908/1996) se refere à criação na arte literária como o exercício da busca em fantasias infantis, elementos valiosos na composição de uma obra, pois esses fragmentos fantasmáticos substituiriam prazeres experimentados na tenra idade. Portanto, uma determinada ocasião excitaria os desejos do sujeito, cuja lembrança remeteria a uma situação passada em que tal desejo fora realizado, estimulando o artista a criar uma situação futura em que seu desejo possa se realizar. Ou seja, é na criação que o artista — e a plateia — satisfaz de maneira sublime seus desejos recalçados.

Para Green (1982/1994), a criação se vincula à tentativa de encontrar o objeto perdido, ligado a impressões originárias (as fantasias de origem), tentando criar algo, que rompa com os mestres e marque um início absoluto. Logo, a obra é tanto criadora como destruidora. Desse modo, podemos lembrar temas sugestivos da tradição cristã, como a morte/ressurreição, início dos tempos/fim dos tempos, ou a própria inscrição da obra ‘O crime do Padre Amaro’ em seu contexto social, marcada pela crítica ao romantismo e pela ascendência da escrita realista que espelhava as transformações filosóficas, políticas e culturais de sua época.

Em Laplanche (1992), vemos o processo criativo e, logo, a produção teológica, como uma resposta ao enigma da sexualidade. Esse enigma se apresenta como traumático, requerendo do psiquismo uma tradução, expresso pelas obras artísticas, tal como conhecemos — literatura, pintura, escultura, música e além. Entretanto, outros traumas, que não o originário, também dariam curso a tais produções no tecido social, como a morte de entes queridos, e outra variada gama de eventos.

Por conseguinte, verifica-se que habita, na falta estrutural do humano, a potência criativa de formular, à semelhança do processo onírico, deformações de desejos e marcas infantis, que se expressam, via sublimação, por construções culturais que se estendem ao plano das ideias, visões de mundo, crenças, dogmas, obras de arte, e até ambições de cunho político. Para Marcuse (1999), a potência da criação estaria ligada à 'imaginação', que expressaria a realização



Psicanálise, religião e política: um estudo psicanalítico a partir da obra “o crime do padre amaro”

das esperanças passadas, e não necessariamente o retorno a modelos antigos de satisfação. Esse movimento, em direção a transformações culturais, estaria vinculado à noção de progresso, que estimularia o poder criador, expresso em configurações sociais que superassem as estruturas ‘mais repressivas’ do modelo civilizatório, qual o paradigma do capital impõe.

Partindo das discussões sobre psicanálise, religião e política, explicitadas na atual produção, faz-se necessário inserir apontamentos sobre a inscrição da obra ‘O crime do Padre Amaro’ no contexto cultural que, como parte da vida do autor, se manifesta.

### 2.3 CONTEXTUALIZANDO A OBRA “O CRIME DO PADRE AMARO”

Propõe-se apontamentos sobre a obra “O crime do Padre Amaro”, escrito por Eça de Queiroz no ano de 1875, o qual, sob a corrente literária realista-naturalista, denuncia a hipocrisia moral religiosa existente em Portugal. Tecendo severas críticas à maneira como os sacerdotes exerciam a vida clerical, expõe as desigualdades sociais perpetuadas por esses poderes. Utiliza, para isso, a história do jovem padre Amaro e seu trágico enlace com Amélia, moça da cidade de Leiria.

O homem do século XIX vivia em um ambiente social atravessado por várias mudanças, pois a igreja perdia o controle político da sociedade para a burguesia. A industrialização tornava-se triunfante, fomentando uma série de protestos contra a opressão dos trabalhadores, bem como o aparecimento de invenções e descobertas que ampliaram o conhecimento dos homens nas esferas das ciências naturais (COUTO *et al.*, 2005). Tudo isso foi marcado por alterações no modo de vida dos cidadãos e na produção das subjetividades, pois, ressalta Guimarães e Jardim (2022), a posição que qualquer agente social ocupa nas relações é determinada por uma política — por um discurso —, embora a verdade sobre a distribuição de poder, imiscuído em cada interação, possa permanecer predominantemente inacessível à dita consciência.

Oliveira (2008) destaca que Portugal, vivendo a ascensão da burguesia e a consolidação de sua ideologia por meio do liberalismo econômico, acelerava o surgimento do capitalismo com todas as suas



Psicanálise, religião e política: um estudo psicanalítico a partir da obra “o crime do padre amaro”

implicações. Com o aumento da industrialização, os camponeses foram migrando para a cidade, indo ao encontro de más condições nas regiões industriais em expansão, acentuando contradições e vivendo à marginalização de uma massa expropriada que dava forma ao proletariado urbano, o qual não tinha mecanismos para se opor ao poder da burguesia crescente. Nesses âmbitos, as teorias políticas que deflagravam os regimes de opressão em que viviam os camponeses e trabalhadores ganhavam voz e espaço.

Inicialmente, pontua Oliveira (2008), Portugal se manteria resistente às mudanças ocorridas em outros países da Europa, porém isso muda com a disseminação do movimento realista que trouxe as novidades existentes no mundo. A sociedade portuguesa estratificada se mantinha com classes sociais diferentes que detinham meios distintos de exercer poder — aristocracia, a nobreza e o clero.

Somado a isso, Portugal vivia ainda a lógica colonialista herdada do século XVI, que tinha como principal fonte de exploração a América e a África, se restringindo a ações voltadas para o capitalismo mercantilista, complementa Oliveira (2008). Desse modo, Portugal usava como justificativa para as ações colonialistas a expansão da fé cristã, de forma que sacerdotes jesuítas seguiam as colônias, garantindo o domínio em nome de Deus (COTRIM, 1999). Nesse ponto, torna-se explícita a cooptação do discurso religioso a serviço de uma lógica capitalista e colonial e a idealizada forma de exploração política e social marcada pela obra.

### 2.3.1 Uma breve narrativa sobre “O crime do Padre Amaro”

Eça de Queiroz (1875/2002) descreve a história do jovem Amaro Vieira, menino pobre, filho de uma criada, que fora adotado pela rica marquesa de Alegros após a morte dos pais. Amaro tem sua educação voltada para o sacerdócio, embora não apresentasse inclinação alguma para exercê-lo, realizando-o como resultado da submissão às preferências de sua madrasta, a marquesa. No seminário, Amaro inveja os colegas que obtinham prazer nas práticas clericais. Aceita as funções, observações e cerimônias por conveniência, tendo em vista que antes do seminário vivia em situação





Psicanálise, religião e política: um estudo psicanalítico a partir da obra “o crime do padre amaro”

precária na casa de tios que o maltratavam. Durante seu período de estudos, vive momentos de devoção erotizada com coloridos lúgubres, experimentando desde cedo dificuldades em manter o celibato. Vide:

Na sua cela havia uma imagem da Virgem coroada de estrelas, pousada sobre a esfera, com o olhar errante pela luz imortal, calcando aos pés a serpente. Amaro voltava-se para ela como para um refúgio, rezava-lhe a Salve-Rainha: mas, ficando a contemplara litografia, esquecia a santidade da Virgem, via apenas diante de si uma linda moça loura; amava-a; suspirava, despindo-se olhava-a de revés lubricamente; e mesmo a sua curiosidade ousava erguer as pregas castas da túnica azul da imagem e supor formas, redondezas, uma carne branca... Julgava então ver os olhos do Tentador luzir na escuridão do quarto; aspergia a cama de água benta; mas não se atrevia a revelar estes delírios, no confessionário, ao domingo (QUEIROZ, 1875/2002, p.25).

Depois de ordenado sacerdote por influência política, Amaro fora composto pároco na pequena vila de Leiria, onde conhece Amélia — filha de Sá Joaneira, amante de Cônego Dias. Morando na residência ultra religiosa de Joaneira, participa intimamente de todas as rotinas e programações, aproximando-se da jovem inexperiente Amélia. Ambos se envolvem apaixonadamente, entre rezas, cânticos e flertes. Nessa etapa da história, Eça de Queiroz (1875/2002) descreve cenas repletas de devoções religiosas, em que a eroticidade, o narcisismo e o ódio dos párocos se manifestam, de maneiras indiretas e caricatas, por meio de signos “sagrados” e expressões devotas. O romance nos mostra que esses personagens, ao serem contrariados ou criticados por hipocrisia, revelam seu mais visceral sentimento de ódio em relação a todos aqueles que, de alguma forma, ousam desafiar sua autoridade e deslegitimar sua consagração sacerdotal. Isso se evidencia quando Amaro descobre que a jovem se tornara noivado escrevente João Eduardo e, na tentativa de afastar-se das tentações que vivia na casa, abandona o recinto, relativizando sua posição de sacerdote e ressentindo-se com Amélia, “acusando-a, com o punho fechado, das comodidades que perdera” (p. 95).

Amaro, quando magoado com Amélia, fantasiava formas de humilhá-la, desprezando-a como uma “cadela”, enterrando-a, cobrindo-a de lama, insinuando que a mãe era uma prostituta. Ao mesmo tempo, almejava “ganhar influência da sociedade devota de Leiria” (p. 95) e exercer poder político sobre a cidade, ser visto como “bispo, na vasta escadaria hierárquica que sobe até ao Céu” (p. 95). Desejava estar “muito para cima dos homens, na zona de luz que



Psicanálise, religião e política: um estudo psicanalítico a partir da obra “o crime do padre amaro”

faz a face de Deus-Padre!” (p. 95), ser “par do reino” (p. 96), ter os padres da sua diocese tremendo ao ver franzindo a testa. Amaro odiava o mundo secular por lhe ter roubado os privilégios e, como o sacerdócio o impedia de prazeres humanos e sociais, refugiava-se em ideias de superioridade espiritual sobre os homens, pensando em como “aquele miserável escrevente podia casar e possuir a rapariga — mas que era ele em comparação dum pároco a quem Deus conferia o poder supremo de distribuir o Céu e o Inferno?” (p. 96).

O padre, ao mesmo tempo que, em fantasias, imaginava a humilhação de Amélia e o estabelecimento de *status* e poder na comunidade, constatava que seu domínio só era “válido da região abstratas das almas” (p. 96), nunca podendo manifestar-se por atos exuberantes em plena sociedade. “Era um Deus dentro da Sé — mas apenas saia para o largo, era apenas um plebeu obscuro” (p. 96), lamentando que o mundo irreligioso reduzisse toda a ação sacerdotal a uma pequena influência sobre almas beatas. Observava a diminuição social da Igreja, e o poder eclesiástico limitado ao espiritual “sem direito ao corpo, a vida e a riqueza dos homens”(p. 96), como lemos:

O que lhe faltava era a autoridade dos tempos em que a Igreja era a nação e o pároco dono temporal do rebanho. Que lhe importava, no seu caso, o direito místico de abrir ou fechar as portas do Céu? O que ele queria era o velho direito de abrir ou fechar a porta das masmorras! Necessitava que os escreventes e as Amélias tremessem da sombra da sua batina... Desejaria ser um sacerdote da antiga Igreja, gozar das vantagens que dá a denúncia e dos terrores que inspira o carrasco, e ali naquela vila, sob a jurisdição da sua Sé, fazer estremecer, à ideia de castigos torturantes, aqueles que aspirassem a realizar felicidades — que lhe eram a ele interditas (QUEIROZ, 1975, p. 97).

O romance de Amaro e Amélia levanta grandes suspeitas quando João Eduardo, noivo desta, enciumado com as atenções que a moça oferecia ao padre, escreve um comunicado ao jornal da pequena província denunciando as relações hipócritas e abusivas que os sacerdotes mantinham com a comunidade. O artigo provoca grande polémica, e Amélia rompe o noivado para, então, entregar-se de corpo e alma ao padre.

Durante o caso que mantinham às escondidas, Amélia e Amaro constroem uma série de subterfúgios, ludibriando a comunidade de Leiria e ocultando seus momentos de prazer com pretextos religiosos e aparências de



Psicanálise, religião e política: um estudo psicanalítico a partir da obra “o crime do padre amaro”

devoção. Nesse tempo, Amélia torna-se subserviente ao poder de Amaro, que usa seu carisma e prestígio a fim de mantê-la presa sob seus encantos, tornando-se o dono de suas ambições, vontades e opiniões. Vide:

Ela concordou logo — como em tudo que saía dos seus lábios. Desde a primeira manhã, na casa do tio Esguelhas, ela abandonara-se lhe absolutamente, toda inteira, corpo, alma, vontade e sentimento: não havia na sua pele um cabelinho, não corria no seu cérebro uma ideia a mais pequenina, que não pertencesse ao senhor pároco. Aquela possessão de todo o seu ser não a invadira gradualmente; fora completa, no momento que os seus fortes braços se tinham fechado sobre ela. Parecia que os beijos dele lhe tinham sorvido, esgotado a alma: agora era como uma dependência inerte da sua pessoa. E não lho ocultava; gozava em se humilhar, oferecer-se sempre, sentir-se toda dele, toda escrava; queria que ele pensasse por ela e vivesse por ela; descarregara-se nele, com satisfação, daquele fardo da responsabilidade que sempre lhe pesara na vida; os seus juízos agora vinham-lhe formados do cérebro do pároco, tão naturalmente como se saísse do coração dele o sangue que lhe corria nas veias. “O senhor pároco queria ou o senhor pároco dizia” era para ela uma razão toda suficiente e toda poderosa. Vivía com os olhos nele, numa obediência animal: tinha só a curvar—se quando ele falava, e quando vinha o momento a desapertar o vestido (QUEIROZ, 1875/2002, p. 233).

A paixão de Amélia saturava-a, tornando-a estúpida e obtusa a tudo que não dizia respeito ao senhor padre ou ao seu amor. Amaro, por sua vez, não lhe consentia interesses e curiosidades alheias à sua pessoa, proibindo-a até de ler romances e poesias. Dizia: “Para que se havia de fazer doutora? Que lhe importava o que ia no mundo?” (p. 234). Porém, guardava um medo de a ver escapar de seu império, perder sua adoração muda e absoluta, porquanto imaginava às vezes que se cansaria, com o tempo, de um homem que não lhe satisfazia as “ vaidades ” e gostos de mulher. Amaro desenvolve um ódio a todo o mundo secular que poderia atraí-la, “arrastando-a para fora da sombra de sua batina” (p. 235), e utiliza de diversos pretextos para censurá-la de toda a comunicação com a cidade, convencendo até mesmo sua mãe que não a deixasse ir só a lugares corriqueiros. Sempre lhe apresentava os homens como monstros de injustiça, cobertos de pecados como uma crosta, estúpidos e mentirosos; contava-lhe horrores de quase todos os rapazes da cidade. Simultaneamente, martelava-lhe os ouvidos com elogios do sacerdócio, desenrolando com eloquência e erudição glorificações da função de superioridade do sacerdote. Amélia convencia-se, como vemos:

Era este poder divino do padre, esta familiaridade com Deus, tanto ou mais que a influência da sua, voz — que a faziam crer na





Psicanálise, religião e política: um estudo psicanalítico a partir da obra “o crime do padre amaro”

promessa que ele lhe repetia sempre: que ser amada por um padre chamaria sobre ela o interesse, a amizade de Deus; [...] e que na sua sepultura, como sucedera em França a uma rapariga amada por um cura, nasceriam espontaneamente rosas brancas, como prova celeste de que a virgindade não se estraga nos braços santos dum padre [...] (QUEIROZ, 1875/2002, p. 235)

Todo o romance muda quando Amaro descobre que Amélia engravida, e a partir disso, de forma cínica e perversa, orchestra planos para esconder a gravidez da comunidade, arquitetando o dia do parto de Amélia em um lugar distante, enclausurada, para assim, preservar as aparências e o sacerdócio intacto.

Após dar à luz, Amélia morre de hemorragia, notando que seu filho fora roubado por Amaro. Este leva a criança a uma “tecedeira de anjos”, que desaparece com o bebê de maneira não anunciada. O infante, posteriormente, é dado como morto, embora fosse uma criança aparentemente saudável.

No final do livro, Amaro surge em Lisboa, conversando com seu colega sacerdote e com uma figura política sobre a situação social do país, louvando as contradições que o clero e as autoridades, em conjunto, ajudavam a manter:

— Senão, vejam vossas senhorias isto! Que paz, que animação, que prosperidade!

E com um grande gesto mostrava-lhes o Largo do Loreto, que àquela hora, num fim de tarde serena, concentrava a vida da cidade [...] Entre o largo onde se erguiam duas fachadas tristes de igreja, e o renque comprido das casarias da praça onde brilhavam três tabuletas de casas de penhores, negrejavam quatro entradas de taberna, e desembocavam, com um tom sujo de esgoto aberto, as vielas de todo um bairro de prostituição e de crime.

— Vejam, ia dizendo o conde: vejam toda esta paz, esta prosperidade, este contentamento... Meus senhores, não admira realmente que sejamos a inveja da Europa!

E o homem de Estado, os dois homens de religião, todos três em linha, junto às grades do monumento, gozavam de cabeça alta esta certeza gloriosa da grandeza do seu país. (QUEIROZ, 1875/2002, p. 251)

Contextualizando a obra e apresentando esses recortes textuais, compreende-se que o autor, colocando-se sob a causa da república e da revolução, luta contra as instituições existentes na época — a monarquia, a igreja e a burguesia — admoestando a imprescindibilidade de ação e de ampla transformação social (OLIVEIRA, 2008). Sua escrita torna-se expressão de uma crítica tenaz à sociedade Portuguesa, revelando elaborações de seu inconsciente pessoal, tal qual o encontro com aspectos sociais como a



Psicanálise, religião e política: um estudo psicanalítico a partir da obra “o crime do padre amaro”

pobreza, a religiosidade, a desigualdade, a dominação espiritual e material das massas pauperizadas, o abuso psicológico e sexual, a representatividade social do padre, a representação social da mulher, o discurso da moralidade cristã, entre outros aspectos dignos de investigação.

Assim, a obra romanesca de Eça de Queiroz pode ser entendida como um instrumento de ação subversiva que ilustra aos leitores as circunstâncias da fé, religião e política quando cooptadas pela lógica colonialista, qual afeta âmbitos coletivos e individuais, pois, como comenta Gaiofatto (2022), a subjetividade se molda por quem (e o que) define a sua vida material. Desse modo, o escrito revela, no desenrolar das narrativas selecionadas, sentimentos, impressões e gestos que evidenciam fenômenos psíquicos, alvos do escrutínio psicanalítico, discutidos amplamente no desenvolver da teoria advinda da escuta clínica. Portanto, a análise de fragmentos da obra servirá de base para a discussão sobre as possíveis dinâmicas estruturantes que marcam a composição da atual conjuntura política brasileira, como também recursos inconscientes que fundam nossa própria constituição desejanse, servindo como base, em termos coletivos, à sujeição das massas ao poder simbólico da religião, categoricamente instrumentalizado a fim de manter certas correlações de poder.

### 3 MÉTODO

A presente formulação possui caráter exploratório e funda-se sob os pressupostos éticos e metodológicos da psicanálise extramuros, caracterizada pela investigação dos processos inconscientes que ultrapassam as dimensões individuais, estendendo-se para o âmbito das expressões coletivas e sociais, como a política, a literatura, o cinema, dentre tantas outras expressões artísticas. Pretende-se, por essa via, abordar o sujeito enredado nos fenômenos sociais e políticos, excedendo os limites da clínica. O próprio Freud (1933/1996) já chamava a atenção para a psicanálise aplicada, a qual, por intermédio de vários textos e elaborações, propôs-se a alargar o escrutínio analítico ao âmbito da sociologia, religião, história, literatura, antropologia, entre outros.



Psicanálise, religião e política: um estudo psicanalítico a partir da obra “o crime do padre amaro”

Faz-se importante salientar a concepção freudiana sobre o dispositivo psicanalítico, caracterizado como uma ferramenta de investigação subjetiva que leva em conta processos inconscientes. A pesquisa que lança mão desta pode ser definida como um conjunto de ações destinadas à produção de conhecimento, o qual faz uso de uma série de construtos metapsicológicos, como mecanismos de exame, pesquisa e compreensão dos diversos fenômenos sociais e psíquicos (FIGUEIREDO; MINERBO, 2006).

Recordemos que Freud pensava a psicanálise segundo três aspectos: um método de investigação do inconsciente, uma teoria e técnica de tratamento, mas também um corpo teórico que sistematiza os modos de funcionamento humano, tanto normal como patológico (DEBIEUX, 2004, p. 7).

Concernente à aplicabilidade da psicanálise em âmbitos não clínicos, expõem-se que Freud, ao fazer uso recorrente da análise de fenômenos coletivos para a compreensão de processos individuais, afirma que a psicologia individual é, ao mesmo tempo, social. Freud, então, recusa a divisão indivíduo-sociedade, ou a divisão psicologia social-individual, demonstrando como as instituições influenciam na modificação psíquica do sujeito e considera que a entrada na vida social impõe modificações a este (ROSA, 2004).

Para Plon (1999), a psicanálise aplicada pode destacar os elementos da subjetividade utilizados nas práticas sociais e, com esse foco, trazer luz ao funcionamento psíquico. No campo dos processos políticos, sugere que se examine os modos de relação transferencial e a disposição pulsional utilizados para governar, pelos modos de evitação da castração a serviço da boa gestão. Conforme Guimarães e Jardim (2022), faz-se interesse da psicanálise deflagrar a política que rege hegemonicamente as relações sociais, pois enquanto inserida nas diversas práticas políticas e comunitárias, nos movimentos sociais e na saúde pública, visa sempre a um processo de desalienação em relação à posição ocupada pelo sujeito que fala e das estruturas de poder que lhe cercam. Ao favorecer a percepção e nomeação das dinâmicas que condicionam o desejo, a psicanálise seria um exercício de denúncia estratégica das formas de colonização deste, pois o desejo é construído e significado por componentes históricos, culturais, raciais, econômicos e de gênero, emergindo em instituições e estruturas de poder





Psicanálise, religião e política: um estudo psicanalítico a partir da obra “o crime do padre amaro”

tipicidade daquele que produz. São aguardadas interpretações que partem da escuta, com o conhecimento psicanalítico surgindo a *posteriori*, resultado da experiência de pesquisa. Desse modo, a participação ativa do autor dará o corpo à sua produção, tendo por fundamento a teoria psicanalítica, que perpassa sua própria singularidade (MARSILLAC; BLOSS; MATTIAZZI, 2019).

A pesquisa ocorre pela contribuição de autores referenciados, ampliado pela análise pessoal do acadêmico pesquisador. Este, nascido em um lar religioso, conservador, heteronormativo, branco, pertencente à classe popular, desenvolve interesse pelo tema religião desde muito cedo. Vivendo por anos em convívio comunal o exercício da fé, desenvolve apreço pelos serviços sociais que a instituição religiosa propunha como prática. Após uma série de discordâncias teológicas com aspectos dogmáticos que lhe foram instruídos, busca outras formas de conhecimento e experiência, reconhecendo na psicologia e psicanálise uma possibilidade de reler o mundo à sua volta, bem como sua própria forma de lidar com a sexualidade, a espiritualidade e as relações humanas. Durante os estudos de Psicologia, tem interesse pelo pensamento crítico e pela clínica do social, observando as tendências políticas que abarcam boa parte do evangelicalismo brasileiro de onde emergiu. O fenômeno de massas, que culminou no desmonte do estado de direito orquestrado pela onda neoliberal que advogou a implementação de políticas antipopulares — teto de gastos, reforma da previdência, reforma trabalhista, privatização de estatais estratégicas, desindustrialização, enfraquecimento do poder de compra da população, desmanche de órgãos de proteção dos povos originários — tal qual, a eleição do atual presidente, expoente de um discurso de ódio, e a tragédia sanitária vivida sob seu mandato, serviram como componentes mobilizadores, trespassando a vida do acadêmico. Por meio do exame da obra “O crime do Padre Amaro”, volume III, escrito em 1989, viabilizado por olhares e releituras de seus próprios processos inconscientes — sujeito ao tratamento analítico —, desenvolveu transferência e interesse por explanar componentes discursivos que lançassem o olhar investigativo da psicanálise sobre os tópicos moral, religião e política, produzindo o atual artigo.



#### 4 AMÉLIA E A SUBMISSÃO (IN)VOLUNTÁRIA DAS MASSAS

A presente análise se destina ao exame de fragmentos da obra romanesca que fazem menção à apaixonada relação proibida de Amélia e do padre Amaro, aos subterfúgios que Amaro usa a fim de ocultar seu desejo tirânico de dominação — o discurso moral religioso —, tal qual à submissão cega de Amélia, que a faz perder de vista quaisquer que sejam as contradições inerentes ao intercuro amoroso desejado. O trágico destino da relação, apontado desde cedo, revela as circunstâncias danosas que o sujeito pode experimentar quando seduzido pelo fascínio de figuras que se propõem como solução fundamental do desamparo, lançando mão de signos religiosos a fim de promover dominação espiritual/material/psicológica. Com vistas a espelhar a fundamentação teórica elaborada, faz-se importante retomar o eixo principal que a análise seguirá, objetivando, por meio dele, interpretar “O crime do padre Amaro” como recurso metafórico que ilustraria com precisão os mecanismos inconscientes subjacentes à passividade de Amélia e, por conseguinte, à submissão (in)voluntária das massas ao grande líder. Em primeiro, retoma-se o conceito de narcisismo.

Conforme Freud (1914/2010), o termo “narcisismo” advém de considerações clínicas, servindo para designar certa dinâmica inconsciente em que o sujeito considera o próprio corpo como se fosse o de um objeto sexual, uma espécie de investimento libidinal ligada à constituição do eu. Quando bebê, o investimento libidinal derivado do narcisismo parental contribui para a elaboração de um Ego ideal — o bebê percebe-se como alvo do amor dos pais, compondo-se idealmente como falo (entendido simbolicamente como objeto de completude dos cuidadores). *A posteriori*, quando esta configuração narcísica se desmancha ao se chocar com as restrições anunciadas pelas figuras parentais — reconhecendo a sua falta -, passa a se identificar com os genitores, elaborando, por meio disso, um ponto de referência de seu eu chamado Ideal do Ego. Por essa via, persegue o amor a si mesmo que o Ego Ideal experimentou na primeira infância. Portanto, o infante renuncia à onipotência infantil — seus delírios de grandeza — pavimentando a elaboração de um Ideal do Ego, mecanismo que abarca a dimensão do narcisismo



Psicanálise, religião e política: um estudo psicanalítico a partir da obra “o crime do padre amaro”

primário e torna possível a operação do recalque. Essas mudanças se dão assim que a libido evita a renúncia de satisfação uma vez desfrutada — suposta infantil perfeição narcísica. O que o sujeito projeta adiante como ideal serve como substituição para o narcisismo perdido na tenra infância, quando era o próprio (FREUD, 1914/2010).

Se vê que em Freud (1914/2010), a constituição do Ideal de Ego se desenvolve sob influência crítica dos cuidadores, estendendo-se aos demais sujeitos que compõem as interações sociais. De modo que, para a construção do Eu, faz-se necessário um distanciamento da fase primária para o deslocamento da libido em direção a objetos externos ao Eu infante.

Considerando esses elementos conceituais, percebe-se que o movimento do sujeito em direção ao mundo expressa a tentativa do resgate de amor a si mesmo advindo do outro. O imenso depósito afetivo e expectante em membros específicos da sociedade apresenta rastro da nostalgia de seu ideal narcísico. Em outras palavras, é na interação com este outro que o sujeito é inscrito no mundo e se vincula aos lugares sociais. Para Dunker *et al.* (2022), esses lugares se alteram conforme condições materiais, históricas e linguageiras, atravessando a produção das subjetividades emergentes, formando discursos e dispositivos sociais nos quais constituem-se.

Em “O crime do padre Amaro”, Amélia, desde criança, ouvira histórias de amor que retratavam o romance proibido entre um padre e uma bela moça, romance que acabara pela decisão unilateral do padre em abandonar o vilarejo que morava, deixando apenas uma bela música, que nas teclas de um piano expressava de forma sublime a tristeza por não viver a paixão. A bela melodia, que aprendera de um velho professor de música, tocava-lhe profundamente quando se deixava carregar por sentimentos e devaneios, reproduzindo-a no instrumento de seu aconchegante lar. Aqui, vemos Amélia expressando-se artisticamente como forma de elaborar seus desejos sexuais infantis — a nostalgia do amor do outro —, criando formas sublimes de traduzir seus anseios, tecendo laços no social e abrindo espaços à invenção do belo. Entretanto, Amaro Vieira encarnara, *a posteriori*, este amor ideal, alimentado por anos no coração da moça, substituindo a fantasia pelo ato, com rastros do incestuoso. Amar um padre e ser amada por ele correspondia a um profundo





Psicanálise, religião e política: um estudo psicanalítico a partir da obra “o crime do padre amaro”

desejo de viver a grande paixão perdida, nostalgia da satisfação pulsional narcísica que desejava quando infante. O lugar do padre fora minuciosamente construído no aparato social de Leiria, tal qual nas fantasias inconscientes de Amélia, que desejava ser amada por tal representante divino.

Amélia, que “não conhecera papá” (p. 50), fora educada entre os padres, desejando ser uma “freirinha, muito bonita, com um véuzinho muito branco” (p. 50). Os padres a lembravam “sempre dos castigos do Céu; de tal sorte que Deus aparecia-lhe como um ser que só sabe dar o sofrimento e a morte, e que é necessário abrandar, rezando e jejuando, ouvindo novenas, animando os padres” (p. 50). Submeter-se aos apelos de Amaro Vieira servilmente, enaltecer as palavras, a presença, os toques e os beijos do padre, revelavam o lugar privilegiado que colocara a imagem deste no funcionamento de seu psiquismo — o Ideal de Ego. Quanto mais cega de paixão tornava-se, mais via-se como gozando de privilégios celestes a poucos reservados. Quanto mais servia, mais identificava-se com o prazer perverso do outro em se apossar de sua própria mente e corpo, pois “gozava em se humilhar, oferecer-se sempre, sentir-se toda dele, toda escrava”. Cabe pontuar o lugar edípico dessa cena, pois Amélia, ao amar o proibido padre/pai, se humilha, adotando uma posição passivo-masoquista como forma de lidar com a culpa inconsciente de profanar o sagrado e interdito. Essa configuração é explanada em “O problema econômico do masoquismo” (1923/ 1996), em que Freud, no desenvolvimento do conceito de Superego, discute o dinamismo inconsciente que se entremeia entre a pulsão de vida e morte, apontando a expressão do masoquismo sob três modos: (1) como condição para a excitação sexual; (2) como expressão da natureza feminina; (3) como norma de conduta na vida, ligando-se a um sentimento inconsciente de culpa. Quanto à terceira forma de masoquismo, Freud (1923/ 1996) a traduz como a necessidade de castigo nas mãos de um poder parental, traço da sexualização das imagos infantis anteriormente introjetadas na resolução do Édipo, atualizando o conflito sexual infantil. Em outras palavras, Amélia, ao encarar Amaro como representante do pai, tem a consciência moral rebaixada, substituindo seu superego pelos apelos de Amaro, sujeitando-se a ele de maneira masoquista a fim de diminuir seu sentimento de culpa excitado via intercurso sexual.



Psicanálise, religião e política: um estudo psicanalítico a partir da obra “o crime do padre amaro”

Cabe agora, a fim de estender o escopo de análise, apresentar a similaridade entre a submissão passiva de Amélia ao poder do padre — pavimentado pelo discurso moral/religioso — e as reverberações dinâmicas do pulsional nas massas, quando estas orbitam em torno de uma espécie de ‘grande pai’. Ao falar sobre o fenômeno de identificação, Freud (1921/1976) ressalva que, na dinâmica psicológica das massas, os sujeitos tendem a perder parte de sua independência psíquica, submetendo-se às impressões do grupo como que compartilhando de uma mente coletiva, agindo e pensando de maneiras distintas do que cada um sentiria e agiria isoladamente. Exemplificando esse processo por meio de duas grandes massas organizadas — a igreja e o exército —, propõe que “ambas as organizações só existem na medida que [...] prevalece a ilusão da existência de um chefe supremo” (ENRIQUEZ, 1990, p. 61), atualizando a ilusão do amor do chefe para com seus seguidores, representado pela mesma qualidade. Em *Psicologia das Massas*, Freud (1921/1976) compreende o surgimento destas, constituindo-se por laços libidinais que unem todos os membros entre si, orbitando em torno de um líder.

Aquilo que une o indivíduo ao grupo encontra seu fundamento num investimento amoroso e libidinal, em que um traço simbólico do líder funciona singularmente a cada sujeito como seu ideal de Ego, cimentando assim a coesão social horizontal (INDURSKY, 2020, p. 5)

Esse mecanismo, por sua vez, levaria os componentes do grupo a sacrificar facilmente seu interesse pessoal ao interesse coletivo, sustentando, desse modo, sua atual configuração narcísica. Com esse molde primário, é possível que a massa aceite, subalternamente, qualquer ordem vinda do líder, com poucas forças de contra argumentação, assumindo qualquer forma, admitindo a mais apaixonada cegueira, por mais nefasta que seja, para a defesa de seu projeto. O que fundamentaria a tendência das massas a “jamais viver sem um senhor” (FREUD 1921/1976, p. 21) e daria ao símbolo da autoridade o seu poder seria o germen do lugar da exceção e desmesura, aquela espécie de pai primitivo que se coloca a parte da lei para a fundar retomando Totem e Tabu.

Ainda sobre o enamoramento das massas e os ganhos secundários desse sintoma, faz-se interessante a leitura de Theodor Adorno (1977/2006), sobre a propaganda política do Terceiro Reich. Diante do contexto pós-guerra



Psicanálise, religião e política: um estudo psicanalítico a partir da obra “o crime do padre amaro”

de uma Alemanha vencida, cuja crise econômica se acentua trazendo declínio à figura paterna perante ao processo de industrialização que mobiliza novos atores sociais e fontes de identificação, Adorno (1977/2006) mostrou que o motivo de os cidadãos da Alemanha depositarem sua fé num líder tirânico, os quais não tinham fundamentalmente por ambição realizar um genocídio, era enfaticamente uma lógica do ressentimento que admitia o culto da pureza germânica a mecanismos de segregação racial, em nome do reestabelecimento da soberania e estabilidade perdida. Entretanto, o que a nova soberania promoveu não foram exatamente novas e melhores leis de proteção e segurança aos cidadãos, mas a possibilidade de que esses limites fossem suspensos e transgredidos controladamente à preferência da determinação do *Führer*. Pois, como pontuado acima, o fundamento simbólico do grande pai também guarda um germen do lugar de exceção e de desmesura. Portanto, a submissão de Amélia, observada no romance como a passividade das massas nos fenômenos religiosos e políticos apontados por Freud, pode ser utilizada como recurso alusivo ao fenômeno de massas vivenciado na atual conjuntura política do país, evidente no erigir de peculiares “messias”, que ao utilizarem de signos religiosos e discursos moralistas, apresentam-se como solução salvífica — escapando, desse modo, às contradições que o debate político impõem. Telles e Safatle (2015) comentam que a história da democracia ocidental é, muitas vezes, um retorno hesitante ao núcleo teológico-político do poder, quanto também às suas figuras fortemente religiosas e militarizadas. Quando essas figuras retornam, deflagra-se o fato de nunca termos conseguido abandonar essas concepções de liderança, e nunca termos nos livrado de uma realidade social que tem a guerra e a religião por matriz fundamental de relação.

Em “O crime do padre Amaro”, Amélia se permite gozar, ultrapassando os limites sociais impostos pela cultura e religião, em nome do padre. Porquanto “era este poder divino do padre, esta familiaridade com Deus, tanto ou mais que a influência da sua, voz — que a faziam crer na promessa que ele lhe repetia sempre: que ser amada por um padre chamaria sobre ela o interesse, a amizade de Deus” (p. 235). Similarmente, as massas permitem-se gozar de satisfação narcísica, tal como dar vasão a pulsões de morte, em





Psicanálise, religião e política: um estudo psicanalítico a partir da obra “o crime do padre amaro”

nome das causas do líder, em nome de ‘Deus’, da ‘família’ e da ‘pátria’. Tais massas podem até relativizar a morte de milhares de filhos sob o signo da ‘austeridade fiscal’ ou sob a chancela de uma certeza negadora, que obtusa o reconhecimento de, inclusive, constatações científicas envolvendo medidas de proteção ao contágio massivo de SARS-CoV-2, bem como a urgência de vacinações em massa, sustentando, desse modo, uma política de morte. Em Guimarães e Jardim (2022), há trágicas indagações sobre o que explicaria, do ponto de vista da racionalidade jurídica, econômica e constitucional, a ascensão de um projeto político de extermínio da nação, promovendo, em pleno século XXI, a reedição brasileira do horror eugenista. Perplexo, o autor pergunta-se sobre o destino dos ecossistemas brasileiros, entregue nas mãos dos ruralistas enquanto os protetores das florestas lutam até os limites contra a lógica do mercado sobre os territórios, indicando um movimento obscurantista e seu recuo cultural em direção ao medievo até negar a racionalidade iluminista, científica e acadêmica, cultuada como fundante da civilização, em plena pandemia mundial. Para Reich (1933/1974), o fascismo como fenômeno de massa, que com facilidade se capilariza nos diversos grupos sociais promovendo adesão, apresenta eficácia em possibilitar a catarse dos ódios, autorizando ao homem médio, o “Zé Ninguém”, a tentativa de recuperar um suposto mundo puro, branco e sem falha, gerindo a vida de alguns e a morte de outros.

Para Adorno (1977/2006), além do mecanismo inconsciente de satisfação narcísica e a temporária suspensão do juízo comum, as massas se tornam ligadas e subalternas ao líder por intermédio de vínculos eróticos reprimidos, de maneira que um dos fundamentos básicos da liderança fascista é manter a primária energia da libido em um nível inconsciente, transmutando suas manifestações a uma função adequadamente política. Quanto menor a objetividade de uma ideia — como a de salvação religiosa —, mais poderosa ela é na formação de massas. Quanto mais a manipulação da massa se torna o único objetivo, mais completamente o amor desinibido deve ser reprimido e transformado em obediência. Isso criaria nas massas uma atitude passivo-masoquista, visto que ao investir libidinalmente na figura do líder — substituto da instância reguladora de sua noção de “juízo” —, se sujeitariam às



Psicanálise, religião e política: um estudo psicanalítico a partir da obra “o crime do padre amaro”

exigências dele. Quanto mais seu comportamento político se tornasse incompatível com seus próprios anseios racionais enquanto ente privado, assim como com seu grupo ou classe à qual de fato faz parte, mais se sujeitariam ao líder. No romance, Amélia submete-se servilmente aos apelos de Amaro, pois “ela abandonara-se-lhe absolutamente, toda inteira, corpo, alma, vontade e sentimento: não havia na sua pele um cabelinho, não corria no seu cérebro uma ideia a mais pequenina, que não pertencesse ao senhor pároco” (p. 233), agindo, inclusive, contra a própria vida, para manter o sacerdócio intacto. Amélia amava e odiava Amaro, porém seu ódio — passível de repressão —, redirecionava-se contra si e contra todos aqueles que ousavam desestabilizar tal fantasia grandiosa. Quanto maior o sofrimento, maior o ódio reprimido que, revertido contra si, fundava um gozo masoquista e submisso.

Além de ser alvo das próprias agressões, Amélia decide seguir os conselhos de Amaro, escondendo sua gravidez de todos, atravessando a gestação em um lugar distante e sem o acompanhamento necessário para uma gravidez saudável. Amaro passa a ver o nascimento do filho como uma ameaça à sua imagem sacerdotal, assim como à série de privilégios que gostaria de manter naquela sociedade portuguesa. Articula, a partir disso, o sumiço da criança. Amaro, como representante de uma falsa moralidade e religiosidade, atenta contra aquilo que, caso desenvolvesse, poria em colapso o que tão tenazmente mantinha — seu poder simbólico atualizado na imagem do padre. Considerando que a imagem do sacerdote servia de fonte de identificação de Amélia, como também objeto erótico de seu desejo, Amaro só poderia lhe servir se continuasse sustentando esse papel social e simbólico.

Para Gaiofato (2022), a religião como um fenômeno social produziria a alteridade (Deus) que orientaria os sujeitos no mundo material, correspondendo às demandas estabelecidas por essa alteridade suprema. Isso serviria ao discurso dominante, pilar fundamental da constituição dessa alteridade, que impede certas formas de ação e pensamento, atribuindo a responsabilidade dos dominados de corresponder a esse poder, substituindo, dentro de determinadas conjunturas políticas, o poder divino pelo poder da classe que domina. Adorno (1977/2006) comenta que um dos traços mais



Psicanálise, religião e política: um estudo psicanalítico a partir da obra “o crime do padre amaro”

distintos do discurso fascista seria a ausência de um programa positivo e de qualquer coisa que ele pudesse dar, como também a prevalência contraditória de ameaça e negação, pois o líder só poderia ser amado se ele próprio não amar, reservando todo seu dispêndio amoroso à segurança do próprio narciso. Por consequência dessa constelação psíquica, haveria o dispêndio de impulsos sádicos àqueles que se apresentassem como risco à manutenção dessa ordem. No caso de Amélia, o filho cumpre a função de objeto dos impulsos hostis, na tentativa de manter Amaro como padre.

Pontua-se que, à semelhança do sentimento religioso, Amélia recusava-se a abandonar a ilusão do padre/pai, representante divino que lhe conferia lugar privilegiado no intercurso de suas fantasias, e que, o contexto político brasileiro, quando marcado pelo recrudescimento do sistema capitalista, recorre a signos religiosos como artifício de dominação, agindo, em certo sentido, como antipolítica. Esse discurso moral religioso, apresentando rastros de nostalgia do ‘grande pai’, carrega alusões de caráter regressivo, que assumidos por determinadas massas, tendem a neutralizá-las como movimentos críticos. Elas ao adentrarem o campo do embate político, marcado por interesses que se contrapõem, esquecem-se de elementos essenciais, como a defesa de condições fundamentais de sobrevivência, o reconhecimento de seus interesses de classe, gênero e raça. Por intermédio dessa forma de hipnose coletiva, engendrada pelos fartos aparelhos ideológicos, explanado por Merlin (2019), forma-se a base de uma configuração social que tem como fundamento a exploração em nome de abstrações imprecisas, imbuídas de forte apelo simbólico, como “Deus”, “família”, “valores” e “liberdade”

— condição de fuga da sua realidade material. Na medida em que a fantasia do grande pai serve como tentativa de aniquilação do desamparo constitucional — visto que se apresenta como inteiro — ou como resposta à demanda de amor do outro, cravada no desenvolvimento libidinal do sujeito, tende-se a neutralizar as expressões sublimadas do desejo, elucidadas pelas artes e mobilizações sociais, na construção de outros pactos civilizatórios. O desafio está em direcionar o caminho à emancipação, lidando com os imperativos que se apresentam adiante, permitindo-se encontrar os furos nos discursos





Psicanálise, religião e política: um estudo psicanalítico a partir da obra “o crime do padre amaro”

previamente fixados como norma absoluta.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por intermédio da teoria psicanalítica, “O crime do Padre Amaro” nos permite delinear as dinâmicas inconscientes que subjazem à submissão de Amélia, bem como toda uma comunidade, sob poder simbólico da religião cristã, instrumentalizada por figuras políticas e sacerdotais a fim de exercer dominação e controle, eximindo das próprias demandas os que a estes poderes se sujeitam, como entes políticos e desejantes. Destaca-se que esta dinâmica, concretamente danosa, oferece às massas ganhos secundários, como a satisfação inconsciente de fantasias infantis, configurações narcísicas que lhes permitem gozar impulsos sádicos e destrutivos, e a condição fundamental de fuga de sua realidade material e psíquica, obliterando a constatação fatídica da castração e desamparo — humanidade historicamente forjada. Cabe pontuar que o discurso moral religioso, peça do tecido social brasileiro, oferece elementos de identificação sugestivos, que, quando utilizados pelas classes sociais detentoras do poder — político, econômico, material e midiático —, ganham expressão por seus representantes políticos, os quais exercem competência de convencimento acrítico àqueles que, submetendo-se servilmente à sua influência, esquecem dos próprios interesses fundamentais. Em paralelo, a Amélia quando tenta preservar a ilusão do padre, sujeitam-se a condições de precariedade material brutal. Alude-se, a partir desta análise, a semelhança do atual contexto sócio/político brasileiro marcado por grave crise sanitária, boicotes constantes a medidas de proteção ao contágio massivo do vírus, atraso de compras de imunizantes, acentuamento vertiginoso da desigualdade de classes sociais, precarização do trabalho, índices trágicos de desemprego, tal qual o aprofundamento das marcas de um capitalismo dependente, que tem como característica a reprodução de uma lógica colonialista que sabota o desenvolvimento do próprio país, dando curso à desindustrialização, corte de investimentos públicos em saúde e educação, e o aprofundamento da superexploração do trabalho. Evidencia-se, para manutenção do atual estado de torpor, a



Psicanálise, religião e política: um estudo psicanalítico a partir da obra “o crime do padre amaro”

utilização de discursos repletos de suposta moralidade e de apelo ao imaginário religioso — pelos quais o país fora historicamente forjado e que encontram terreno inconsciente propício para sua germinação. Aponta-se, por fim, o desamparo, movimento disruptivo como condição fundamental para a subjetivação, elaboração e construção, elemento primordial na composição de novas formas de vida e organização coletiva.

## REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor W. **A teoria freudiana e o padrão da propaganda fascista**. Trad. Gustavo Pedroso. Margem Esquerda “ensaios marxistas”. São Paulo: Boitempo Editorial, v. 7, 2006. Original publicado em 1977.
- CONASS. **Painel Nacional: COVID-19**. Disponível em: <https://www.conass.org.br/painelconasscovid19/>. Acesso em: 30 jun. 2022.
- COTRIM, Gilberto. **Saber e fazer história**. São Paulo: Saraiva, 1999.
- COUTO, Fernanda Cristina. **Análise do romance realista o crime do padre amaro sob uma abordagem sociológica**. V Seminário Nacional de Literatura, História e Memória. Outubro de 2005.
- DUNKER, Christian Ingo Lenz *et al.*, (org.). **Marxismo, Psicanálise e Revolução**. São Paulo: Lavrapalavra Editorial, 2022.
- ENRIQUEZ, Eugène. Da horda ao Estado. **Psicanálise do Vínculo Social**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.
- FIGUEIREDO, Luís Claudio; MINERBO, Marion. Pesquisa em psicanálise: algumas idéias e um exemplo. **J. psicanal.**, São Paulo, v. 39, n. 70, p. 257-278, jun. 2006. Disponível em [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-58352006000100017&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352006000100017&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 12 Ago. 2021.
- FERNANDES, Florestan. **Brasil, em compasso de espera: pequenos escritos políticos**. Editora Hucitec, 1980.



Psicanálise, religião e política: um estudo psicanalítico a partir da obra “o crime do padre amaro”

FREUD, Sigmund. O ego e o id e outros trabalhos. **Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud.** Rio de Janeiro: Imago, v. 19, 1996. Original publicado em 1923.

FREUD, Sigmund. Escritores criativos e devaneio. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud.** Rio de Janeiro: Imago, v. 18., 1996. Original publicado em 1908.

FREUD, Sigmund. Psicologia das massas e análise do ego. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud.** v. 18. Rio de Janeiro: Imago, 1976. Original publicado em 1921.

FREUD, Sigmund. Totem e Tabu. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud.** v. 13. Rio de Janeiro: Imago, 1990, Original publicado em 1913.

FREUD, Sigmund. Introdução ao narcisismo. **Obras completas,** São Paulo: Companhia das Letras, 2010. Original publicado em 1914.

FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização. **Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud.** Rio de Janeiro: Imago, v.21, 1996. Original publicado em 1930.

FREUD, Sigmund. O Futuro de uma Ilusão. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud.** Rio de Janeiro: Imago, v. 21, 1996. Original publicado em 1927.

FREUD, Sigmund. A questão da análise leiga. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud.** Rio de Janeiro: Imago, v. 20, 1996. Original publicado em 1926.

FREUD, Sigmund. O caso de Schreber. Artigos sobre técnica e outros trabalhos. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud.** Rio de Janeiro: Imago, v. 13, 1990. Original publicado em 1913.

FREUD, Sigmund. Novas Conferências Introdutórias sobre Psicanálise – A





Psicanálise, religião e política: um estudo psicanalítico a partir da obra “o crime do padre amaro”

Questão de uma *Weltanschauung*. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, v. 22, 1996. Original publicado em 1933.

FREUD, Sigmund. O Futuro de uma Ilusão. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, v. 21, 1990. Original publicado em 1927.

FREUD, Sigmund. A aquisição e o controle do fogo. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, v. 26, 1976. Original publicado em 1932.

GAIOFATO, Gustavo Nassar. As coisas brutas e refinadas: Materialismo histórico e psicanálise. In: DUNKER, Christian Ingo Lenz *et al.*, (org.). **Marxismo, Psicanálise e Revolução**. São Paulo: Lavrapalavra Editorial, 2022. p. 202-221.

GARRIT, Marcio. **Freud e o perigo na formação das massas**. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano 06, Ed. 02, Vol. 07, pp. 111-127. Fevereiro de 2021. ISSN: 2448-0959, Link de acesso: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/psicologia/formacao-das-massas>

GOLDENBERG, Ricardo. **Política e psicanálise**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2006.

GREEN, A. A reserva do incrível. **O desligamento: psicanálise, antropologia e literatura**. Rio de Janeiro: Imago, 1994. Original publicado em 1982.

GUIMARÃES, Thessa; JARDIM, Raoni Machado M. Uma tarefa política para a psicanálise brasileira. In: DUNKER, Christian Ingo Lenz *et al.*, (org.). **Marxismo, Psicanálise e Revolução**. São Paulo: Lavrapalavra Editorial, 2022. p. 89-117.

INDURSKY, Alexei Conte. Psicanálise, fascismo e populismo: notas sobre a emergência do bolsonarismo no Brasil. **Teoría y Crítica de la**



Psicanálise, religião e política: um estudo psicanalítico a partir da obra “o crime do padre amaro”

**Psicología**, v. 14, p. 150-162, 2020.

LAPLANCHE, J. **Novos fundamentos para a psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1992. Original publicado em 1987.

MARCUSE, H. **Eros e Civilização: uma interpretação filosófica do pensamento de Freud**. Rio de Janeiro: LTC – livros técnicos e científicos editora S.A, 1999.

MARSILLAC, Ana Lúcia Mandelli de; BLOSS, Gerusa Morgana; MATTIAZZI, Thiciara. **Da clínica à cultura: desdobramentos da pesquisa entre psicanálise e arte**. Estudo, pesquisa e psicoogia., Rio de Janeiro, v.19, n.3, p.787808, set. 2019. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S180842812019000300014&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S180842812019000300014&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 12 Ago. 2021.

MERLIN, N. Colonização da subjetividade e neoliberalismo. **Revista GEARTE**, [S. l.], v. 6, n. 2, 2019. DOI: 10.22456/2357-9854.92906. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/gearte/article/view/92906>. Acesso em: 17 maio. 2022.

MORANO, Carlos Dominguez. **Crer depois de Freud**. Edicoes Loyola, 2003.

OLIVEIRA, Penha Heloiza de *et al.* **O mundo interior em O Crime do Padre Amaro De Eça de Queiroz**. 2006.

PLON, M. “**A face oculta da análise leiga**”, *Ágora*, v. II, n. 1, 1999, Rio de Janeiro, Contra Capa QUEIRÓZ, Eça de. **O crime do Padre Amaro**. São Paulo: São Paulo Editora S.A., 1875/2002.

REICH, Wilhelm. **Psicologia de massa do fascismo**. Porto: Escorpião.



Psicanálise, religião e política: um estudo psicanalítico a partir da obra “o crime do padre amaro”

(Original publicado em 1933), 1974.

ROSA, Miriam Debieux. A pesquisa psicanalítica dos fenômenos sociais e políticos: metodologia e fundamentação teórica. **Revista Subjetividades**, v. 4, n. 2, 2004.

SHIGA, Ésther Melo. **Reflexões Sobre o Desamparo**: A questão do pai na religião e na psicanálise. Orientador: Maria Rita Salzano Moraes. 2015. 91 p. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2015.

TELLES, Sérgio. **Refletindo sobre grupos e massas**. *Jornal de Psicanálise*. São Paulo. v.48, n.88, p.315-322, 2015. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/jp/v48n88/v48n88a25.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2021.

TELES, Edson; SAFATLE, Vladimir Pinheiro. **O que resta da ditadura**: a exceção brasileira. Boitempo Editorial, 2015.

